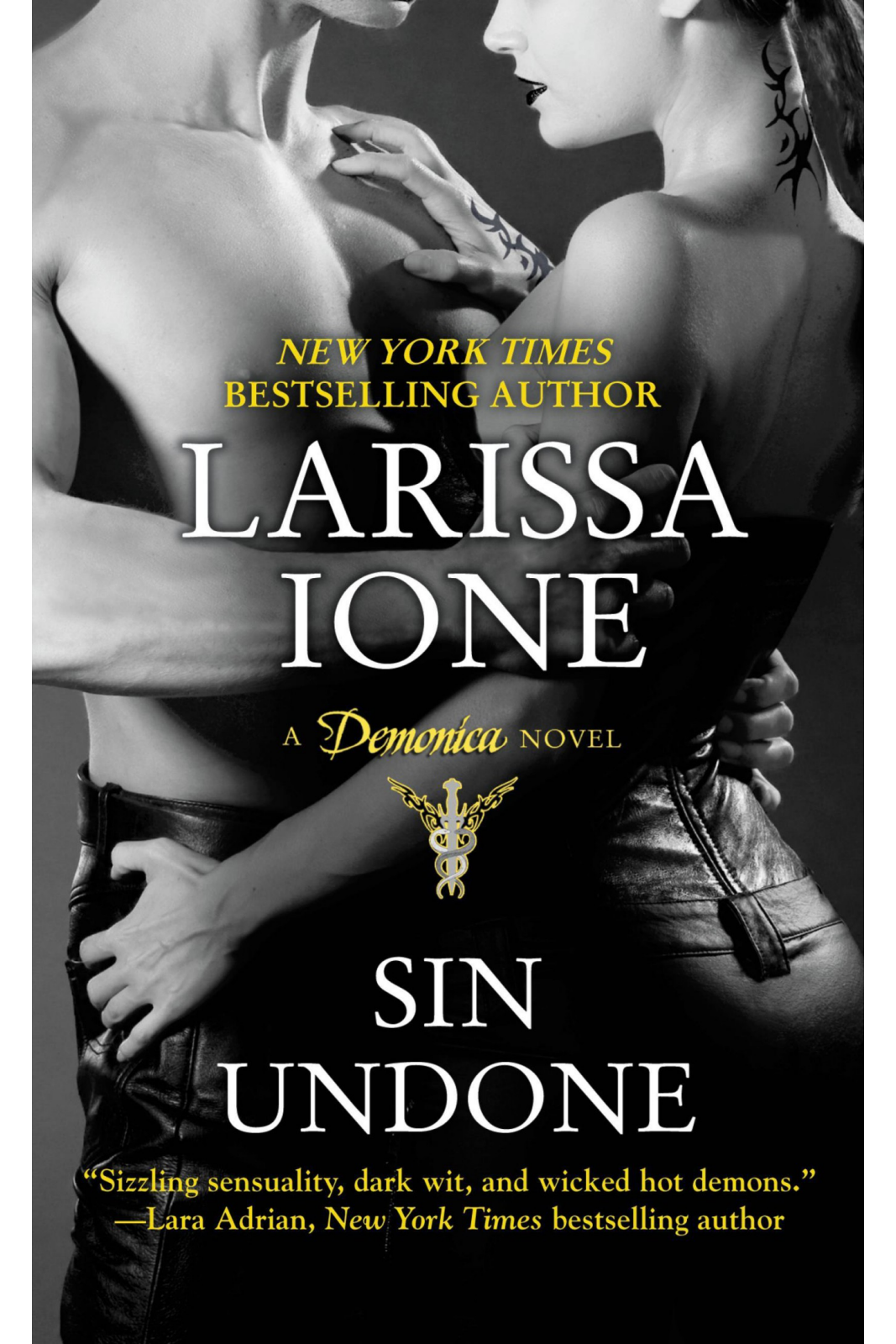




NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

LARISSA IONE

A *Demonica* NOVEL

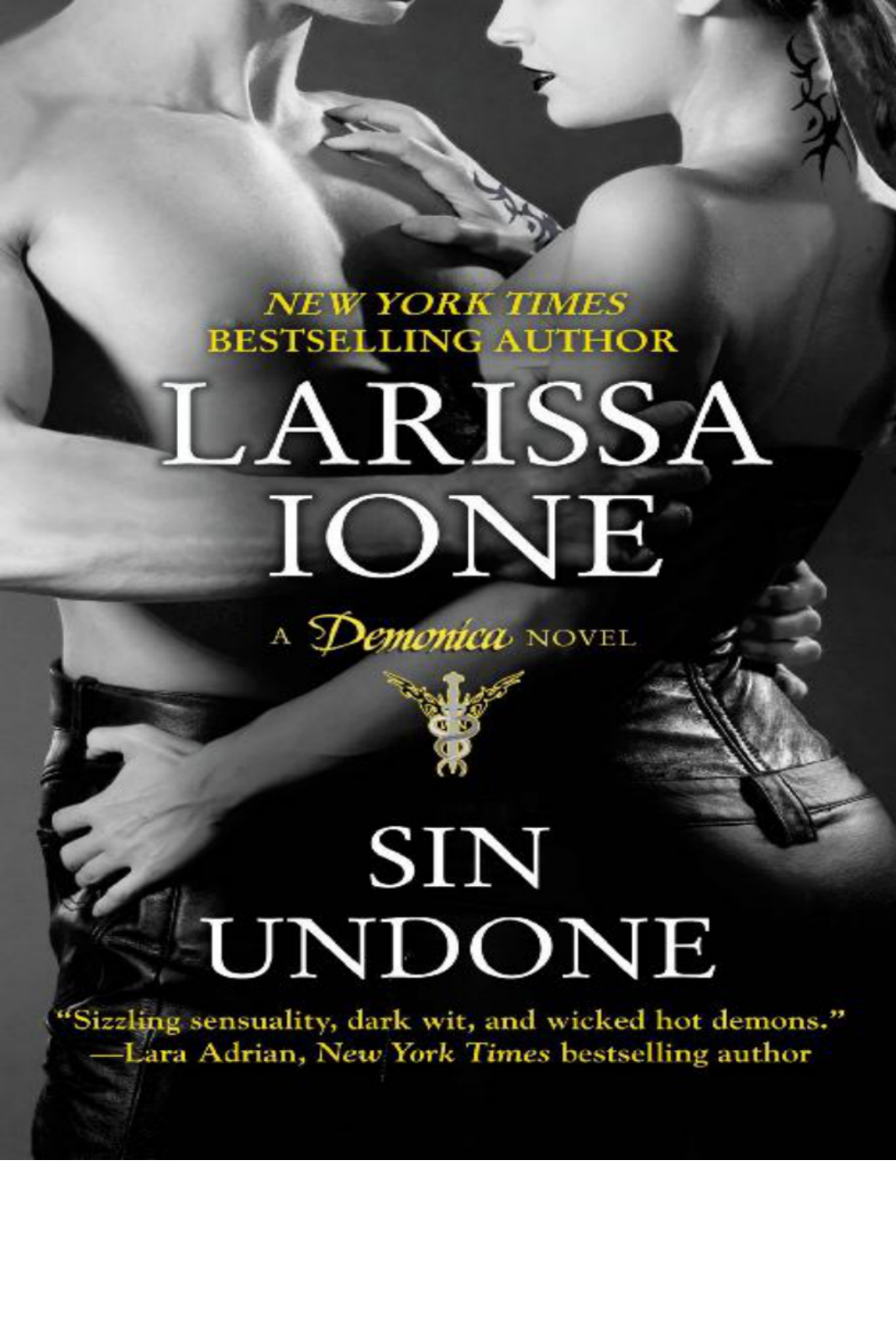


SIN UNDONE

"Sizzling sensuality, dark wit, and wicked hot demons."
—Lara Adrian, *New York Times* bestselling author

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

LARISSA IONE

A *Demonica* NOVEL



SIN UNDONE

"Sizzling sensuality, dark wit, and wicked hot demons."
—Lara Adrian, *New York Times* bestselling author

Larissa Ione

Demonica 05

Sin Undone

Como a única demônio Seminus fêmea já nascida, a mestre assassina Sinead Donnelly está acostumada a ser tratada como uma pária. Ela passou décadas escravizada e, agora, jura que morrerá antes de renunciar a sua liberdade novamente. Então a habilidade inata de Sin para matar seus inimigos dá errado: ela cria um novo vírus letal que ataca os lobisomens e que gera uma tempestade de pânico e violência. Meio lobisomem, meio vampiro, Connall Dearghul é encarregado de fazer com que Sin encare a punição pela praga. E ela não é uma estranha: ele está unido a ela pelo sangue e um encontro sexual que tiveram e que o deixou faminto pela crua sexualidade dela. Pior, Sin é a procurada número um do submundo e Con logo descobre que ele é o único que pode ajudá-la... e que salvar a vida dela pode significar sacrificar a sua.

Glossário

O Aegis – Sociedade de guerreiros humanos dedicados a proteger o mundo do mal. Veja: Guardiões, regente, Sigil.

Carceris – Os carcereiros do submundo. Todas as espécies de demônios enviam representantes para servir no Carceris. Os membros do Carceris são responsáveis pela apreensão de demônios acusados de violar a lei dos demônios e por atuar como guardas nas prisões dos Carceris.

Conselho – Todas as espécies e raças de demônios são regidas por um Conselho, que faz as leis e aplica a punição para cada membro de sua espécie ou raça.

Dresdiin – O equivalente a demônio dos anjos.

Guardiões – Guerreiros para o Aegis, treinados em técnicas de combate, armas, magia. Após a introdução no Aegis, todos os Guardiões são presenteados com um pedaço encantado de jóias contendo o escudo Aegis, que, entre outras coisas, permite a visão noturna e capacidade de ver através do encantamento de invisibilidade demoníaca.

Harrowgate – Portais verticais, invisível para

os seres humanos, que os demônios usam para viajar entre locais na Terra e Sheoul.

Infadre – A fêmea de qualquer espécie de demônio, que tem sido fecundada por um demônio Seminus.

Maleconcio – Mais alto nível de regras de demônio, servido por um representante de cada uma das espécies do Conselho. Como as Nações Unidas, do mundo dos demônios.

Orgesu – A escrava sexual demônio, muitas vezes tomada de raças criadas especificamente para a finalidade de fornecer sexo.

Regente – Chefe de uma célula Aegis local.

S'genesis – Ciclo de maturação final de demônios Seminus. Ocorre com cem anos de idade. Os machos S'genesis são capazes de procriar e possuem a habilidade de mudar de forma para qualquer espécie de demônio masculino.

Sheoul – Reino Demoníaco. Localizado nas entranhas da terra, acessível somente por Harrowgates.

Sheoulic – Língua universal dos demônios, falada por todos, embora muitas espécies falem sua própria língua.

Sigil – Junta de doze humanos conhecidos como Anciães, que servem como os líderes supremos do Aegis. Com sede em Berlim, supervisionam todas as células Aegis por todo o mundo.

Ter'taceo – Demônios que podem se passar por humanos, porque sua espécie tem a aparência naturalmente humana, ou também porque eles podem se transformar na forma humana.

Therionidryo – Termo que uma besta usa para uma pessoa que ele/ela mordeu e se transformou em outra besta.

Therionidrysi – Qualquer sobrevivente de um ataque de uma besta. Termo usado para explicar a relação entre o pai e seu therionidryo.

Ufelskala - Um sistema de pontuação para os demônios, com base no seu grau de maldade. Todas as criaturas sobrenaturais e todos os humanos do mal podem ser categorizados em cinco Tiers, com o Quinto Tier composto pelo pior dos perversos.

Classificação dos demônios, enumeradas por Baradoc, demônio Umber, utilizando a raça demônio, Seminus, como exemplo:

Reino: Animalia

Classe: Demônio

Família: Demônio Sexual

Gênero: Terrestre

Espécie: Incubus

Raça: Seminus

Ptólogo

— Os wargs devem morrer.

Sin andou para frente e para trás na toca de seu assassino, sua mente trabalhando horas extras para processar as palavras de Baltazar. O mensageiro da Associação dos Assassinos estava em pé perto do seco buraco de fogo, mão estendida segurando um rolo de pergaminho. Sin arrebatou o macho Neethul, que devia ter dois metros de altura mesmo sem a plataforma das botas Goth que usava. Com elas, pelo menos, ele estava uns sessenta centímetros mais alto que ela. Ainda assim, o criado da Associação não a intimidava. Ela matou demônios muito maiores que ele.

— Oito deles? — Sin perguntou. — Oito lobisomens ao mesmo tempo?

Ele assentiu, seu ombro enorme, seus cabelos nevados agarrando suas orelhas pontiagudas. Os Neethul eram, externamente, de qualquer maneira, uma raça bonita, elfos na aparência.

— Uma matilha inteira.

Que incluía um filhote de dois anos de idade. Ela lançou um olhar oculto para o macho em pé na esquina, saturado na sombra e em silêncio. Lycus, seu único assassino warg, poderia muito bem ser uma estátua de pedra. A notícia de que o contrato terminaria a vida de vários indivíduos de seu próprio povo não o perturbava de qualquer forma. Não que ela esperasse isso. Ele era um profissional. Frio, eficiente e implacável.

Mordendo de volta uma maldição, Sin parou de andar. Ela não se poderia permitir mostrar nervosa ou relutante. A Associação a observava atentamente para detectar sinais de fraqueza, poderia aproveitar qualquer desculpa para esmagá-la e levar seus assassinos para eles. Ela precisava ser muito mais cruel do que nunca agora, especialmente porque ela já recusou ofertar em quase uma dúzia de contratos e ela tem sido uma assassina mestre por apenas três semanas.

Ela examinou os detalhes rabiscados no pergaminho em Sheoullic.

— Quem mais está ofertando nesse contrato?

— Você sabe que não lhe posso dizer isso. — Os lábios rubis de Baltazar despiram um lascivo sorriso. — Mas se você usar alguns de seus talentos súcubus em mim, eu posso deixar escapar alguns nomes em um momento de paixão.

Por mais triste que fosse, ela estava atualmente tentando apertar o bastardo para ele buscar a informação que ela precisava. Ela precisava ofertar neste trabalho, mas precisava garantir que alguém cobriria o lance e ela não ganharia o contrato. Saber quem mais estava ofertando dar-lhe-ia uma vantagem.

— Eu diria para você ir para o inferno, Baltazar, mas sem dúvida você possui um grande pedaço dele — Os Neethul eram ricos comerciantes de escravos cujas ações incluíam sólidas fatias de Sheoul e, como um assassino mestre menor, Baltazar estava definitivamente no mesmo caminho.

— Deth teria me tomado na oferta — ele ronronou.

— Eu não contaria vantagem disso. — Ela estudou o anel em seu dedo indicador esquerdo que pertenceu a seu chefe morto. — Deth teria parafusado um espinhoso rato do inferno se ele pudesse pegar um.

Baltazar riu enquanto andava em sua direção, sinuoso como uma serpente.

— Seus escravos assassinos estão ficando inquietos, mestiça. É sua moral humana interferindo em sua capacidade de gerenciá-los?

Ela bufou.

— Eu não tenho moral — Talvez tivesse no início, antes de ela descobrir que era um demônio, mas todas as coisas que fez em sua vida, tanto forçada como de sua livre vontade, desfalcaram seu coração e sua alma, e não havia muito o que abandonar.

Pelo menos não até ela começar uma praga que estava

matando lobisomens em todo o globo. Algo sobre aquelas ações descartara suas cruas emoções, revelando uma pepita de remorso que ficava dentro dela como uma pedra em um sapato.

E agora havia um aumento misterioso no número de assassinatos anunciados a lobisomens (wargs, como gostavam de ser chamados) e ela estava tendo momentos difíceis ofertando em contratos que poderiam colocar seus assassinos contra eles.

Ela já os estava matando as dúzias, sem nunca os ter tocado.

Distraidamente, ela esfregou seu braço direito, sua palma registrando a diferença de temperatura entre sua pele nua e as nítidas linhas da tatuagem que apareceu quando ela estava com vinte anos. A *dermoire*, uma herança paterna de sua história demônio, viera com uma libido feroz e a capacidade de infectar qualquer um que ela tocasse com uma doença que matava em poucos minutos. Por mais chato que aquilo fosse, seu irmão gêmeo, Lore, saiu muito pior. Ela poderia, pelo menos, controlar seu dom. Ele não poderia tocar ninguém além de seus irmãos e sua companheira sem matá-los.

— Bem? — Baltazar estalou seus dedos, um som irritante que ecoava nas paredes de pedra lisa da câmara. — Você dará o lance, ou deixará seus escravos revoltarem-se?

Graças ao vínculo que a ligava a seus escravos assassinos através da ligação assassino-mestre, eles não poderiam levantar a mão contra ela, não enquanto ela permanecesse no refúgio ou na sede da Associação de Assassinos, ou em um lugar protegido da violência, como o General Underworld. Mas eles poderiam atacá-la em qualquer outro lugar em Sheoul ou na superfície, no reino humano, razão pela qual os assassinos-mestres raramente saíam de seus refúgios.

Pela milionésima vez desde que ela aceitou a posição de assassino-mestre, ela amaldiçoou sua situação. Ela não queria isso, mas ela nunca deixaria seu irmão saber que ela o aceitara para impedir que sua companheira angelical fosse forçada a entrar no trabalho, o qual ganhara por matar Detharu. Idess teria perdido sua alma ao longo deste trabalho e já que Sin percebera que ela já tinha perdido a sua...

Sim. Não é grande coisa.

Pegando um canivete duplo do moderno bolso de suas calças de couro, ela rabiscou um dígito monetário absurdamente alto sobre o

pergaminho. Ela assinou, em seguida virou a caneta para cima e cortou seu polegar com a lâmina afiada. Uma gota de sangue espirrou na página e, instantaneamente, o fluido vermelho pulsando de suas veias brotou e teceu seu caminho através do documento. Em segundos o pergaminho passou de um quadrado de couro seco translúcido e de cor de cadáver para uma sucata de carne dobrável e quente que se tornaria um contrato vinculativo se o indivíduo por trás dele aceitasse sua oferta.

Desgostosa, Sin entregou a coisa de volta para o Neethul, seu estômago virando enquanto ele perambulava até a saída.

— Isso foi difícil para você — Lycus disse, depois que a enorme porta se fechou. Atrás dela, mãos desceram até seus ombros, seus dedos massageando, mas o toque dele apenas a deixou mais tensa. — Leve-me até minha oferta. Vincule-se comigo. Governaremos o covil juntos.

— Você é surdo, ou apenas realmente estúpido? — Nem uma única vez desde que assumiu este trabalho ela cometera violência contra um de seus subordinados, mas ela estava realmente tentada a virar-se e introduzir seus joelhos nas bolas dele. — Quantas vezes tenho que dizer não?

Seus lábios roçaram o topo da orelha direita dela.

— Posso dizer não, também.

Ela enrijeceu.

— Chantagem, Lycus? — Ele era um de seus poucos, preciosos compa-nheiros de cama agora; desde que se tornou mestre do covil, a maioria de seus assassinos, aqueles que compartilharam sua cama por anos, tornaram-se cautelosos ou ficaram com medo dela. Apesar de ser direito dela forçá-los a servi-la, ela nunca faria isso. Lycus permitiu-lhe pleno uso de seu corpo, mas isso não era porque ele sabia que ela morreria sem sexo.

Ele queria o trabalho dela, queria-a como sua companheira para que ele pudesse assumir o controle compartilhado do covil. Mas por melhor que fosse transferir as decisões difíceis para outra pessoa, ela não poderia dar a Lycus o que ele queria. Ela nunca poderia, nem mesmo ser companheira de alguém. Nunca poderia pertencer a alguém.

Engraçado como ela considerava dormir com Baltazar por informação, mas tinha problemas com vínculos com machos a fim de passar tarefas desagradáveis, mas necessárias, que mantinham o covil funcionando e seus assassinos felizes.

Alguma coisa estava para mudar em breve.

Então, enquanto ela afastava Lycus, ela fez algo que não fazia desde que descobriu que era um demônio.

Ela rezou.

“Há noites em que os lobos estão em silêncio e há apenas os uivos da lua.”
George Carlin

— Seu maldito filho da puta!

Con latiu uma risada para o insulto de Luc, mesmo quando ele bateu os ossos da coxa na neve dura o suficiente para destruir um ser humano. Mas Con era um dampiro, uma rara união entre um lobisomem e um vampiro, e ele era feito de coisas mais fortes. Como um lobisomem, Luc era igualmente forte, mas não era tão rápido, como Con provara por ter carregado as cargas para fora do helicóptero antes de Luc ter sequer abaixado seus óculos de esqui sobre seus olhos.

Con pulou com seus esquis duas vezes para soltar-se da neve nos congelados picos dos Alpes Suíços e então foi ziguezagueando para baixo da montanha. O céu estava claro e azul, e aqui, acima das árvores, o silêncio foi quebrado apenas pelo som das lâminas e o farfalhar de seus Rossignols[1], enquanto cortavam a neve fresca.

O silêncio durou somente até Luc atingir a neve e proferir insultos a Con novamente. Os sons do helicóptero desapareceram, assim como o piloto que os chamou de todos os nomes feios, mas aceitou (pelo quádruplo de sua taxa usual de heli-skiing[2]) levá-los até a montanha mais alta, transportando-os até lá. O cara quase pirou quando Con disse para pairar aos 30 metros ao invés dos centímetros no qual normalmente deixava os praticantes desse tipo de esqui.

Mas não, Con não faz o caminho mais fácil, ou da mesma maneira duas vezes. A última vez que ele e Luc esquiam, a queda foi mais curta. E o risco de avalanche foi muito, muito menor.

O pó era espesso em cima de uma camada de neve instável, a encosta íngreme e o esforço que levou para Con atravessar tudo o fez tremer de exaustão no momento em que atingiu o Harrowgate no vale abaixo.

À frente, a face da montanha tornou-se um penhasco e ele saltou pegando ar sob seus esquis. O terreno incrivelmente distante dele e repleto de pedras, mas o vento estava em seu rosto, o cheiro de pinho estava em seus pulmões e a adrenalina estava bombeando quente em seu corpo.

Esta era a melhor maneira de viver, ou morrer, dependendo de como ele aterrisasse.

Às vezes, ele não se importava de qualquer maneira.

Ele aterrisou com força e uma explosão de neve quase o levou a cair de cabeça, mas conteve-se um pouco antes e o vento fez com que batesse em uma crosta enviando-o ao voo.

Atrás dele, ouviu os esquis de Luc riscar voltas... e depois vinham os sons de algo mais sinistro.

Con virou a tempo de ver Luc saltar de uma pedra coberta de neve, mas por trás dele, uma folha gigante de neve começou a rachar e deslizar, uma avalanche estava nascendo.

— Luc! — Com o coração batendo dolorosamente contra as costelas, Con virou e apontou seus esquis para descer a colina, em direção a Luc e a uma enorme fenda no canto da montanha. Luc não podia ver o potencial abrigo, estava muito perto da extremidade principal da avalanche, da morte branca que vinha com ele.

Luc, que nunca usou manobras delicadas de qualquer maneira, deixou de lado a sutileza quando disparou diretamente para baixo da encosta, correndo através de desvios, como um navio petroleiro através do mar, mas porra, ele não conseguiria.

A avalanche atrás dele estava ganhando e, embora Con pudesse virar à esquerda e evitá-la, ele dirigiu-se diretamente para seu caminho. O vento quei-mava seu rosto enquanto ganhava velocidade, aproximando-se de Luc... para mais perto da pedra... mais perto da

porra da parede de gelo e neve. Eles tiveram uma chance e a mente dele desligou-se, levando-o a um lugar de calma quando acertou Luc no último segundo, levantando-os do chão e jogando-os na pedra enquanto a onda monstruosa de neve passava sobre eles.

Con caiu em cima de Luc, agarrou seus ombros duramente e desviou seu rosto do ataque de pedaços congelados que se quebraram contra a pedra. O barulho era ensurdecedor, o estrondo tão feroz que fez com que o corpo de Con vibrasse e seu coração parecia estar em um ritmo novo e frenético.

Sessenta segundos depois, ele levantou a cabeça. Excelente. Eles ainda estavam vivos.

— Saia de cima de mim, seu maldito pervertido! — Luc murmurou.

Con afastou-se do lobisomem e tirou a neve do espaço entre sua jaqueta e seu pescoço.

— Boa maneira de agradecer a um cara que salvou sua miserável vida.

Luc sentou-se e deu tapinhas para baixo como se verificando se faltava algo.

— Foda-se, — Ele respirou. — Isso significa que eu devo a você.

— Condenadamente certo — Con levantou a perna e descobriu que uma bota saiu do lugar, mas felizmente tinha uma correia para esqui, de modo que o esqui não saiu. — Eu mal posso esperar para descontar.

— É melhor que não me obrigue a fazer nada estúpido. Como correr com touros. — Luc cavou dentro de um dos bolsos de sua jaqueta e tirou um frasco. — Pelado.

Con fez uma careta.

— Cofie em mim, não tenho desejo de ver sua bunda pálida e nua.

Ele pegou o frasco das mãos de Luc e tomou um gole,

saboreando o rum queimar ao descer por sua garganta.

— Mas eu não me importaria de vê-lo sendo pisoteado por um touro. Você é um babaca.

— Idem. — Luc agarrou o licor e tomou um impulso profundo. — Você está pronto para ir?

Con estava encaixando a bota no lugar.

— Sim.

— O que vamos fazer depois?

Um surto de arrependimento revirou o estômago de Con. Eidolon enviara todos os funcionários do hospital que eram Wargs ao isolamento para evitar que contraíssem o vírus que atacava a população dos lobisomens e Luc ia ficar louco.

Embora Con e Luc nunca tenham sido exatamente amigos (eles se conhe-ceram em uma briga de bar com os outros), eles eram parceiros paramédicos e saíam juntos ocasionalmente, principalmente para ver quem ganhava em qualquer coisa que fizessem.

Mas desde que Luc foi colocado em isolamento, ele estava ainda mais ansioso para fazer merda. Con sempre foi parceiro, mas ele tinha um emprego e estava trabalhando mais do que nunca para compensar a ausência de Luc.

— Tenho que trabalhar. Mas vamos saltar na próxima semana.

Luc assentiu e embora sua expressão fosse tão de pedra como sempre, Con não perdeu o flash de decepção nos olhos castanho-escuros do cara.

— Quando foi a última vez que você transou? Quando estava no Egito? Aquela garota Guardiã? — Con levantou-se. — Você precisa de uma mulher.

Luc bufou.

— As mulheres são um pé no saco — disse ele, mas não era essa a verda-de.

Na verdade, a mulher mais pé no saco que ele já conhecera era a respon-sável pela epidemia que estava matando Wargs. Doutor *E* pedira (bem, ordena-ra) uma reunião esta tarde e ele teve uma sensação doentia de que a mulher pé no saco, também conhecida como Sin, estaria lá.

Foda-se. Mais uma vez, Con pegou o frasco de Luc, colocou-o entre os lábios e tomou. Em seguida desceu a montanha.

Ah é. Rum e adrenalina se misturavam bem. Muito, muito melhor do que ele e Sin nunca fariam.

†††††

Sin foi convocada.

Lá estava ela, a louca chefe de um covil de assassinos, mestre de mais de três dúzias de assassinos, dezenas deles altamente qualificados, e ela foi convocada como uma canalha à audiência com seu irmão.

O grande doutor demônio.

Ela já dera a ele seu sangue, seu DNA, seu xixi, seu líquido espinhal... Quaisquer que fossem as amostras que o doutor quisesse para sua pesquisa, ela entregara. Afinal Sin era a responsável pela doença que estava exterminando a raça de lobisomens.

Poderia reivindicar para ter fama.

Dois dias atrás, ela entrou no Underworld General (UG) para canalizar seu poder no homem infectado em uma tentativa de matar o vírus, mas ela só acelerou a propagação.

E não pensou que poderia piorar.

Sin murmurou para si mesma enquanto atravessava os corredores escuros do UG em direção ao escritório de Eidolon. Suas botas estalaram no chão de pedra negra que excepcionalmente necessitava de uma limpeza das boas. O eco saltou em vibrações estranhas pelas paredes cinzentas. Ela arrastou um dedo sobre a escrita na parede que dizia “feitiços de proteção antiviolência

rabiscados no sangue”. Ela precisava dar crédito a seus irmãos pelo fato do hospital servir a quase todas as espécies de demônios, muitos dos quais eram inimigos mortais.

Ela virou à esquina para entrar na área administrativa, apenas para amaldiçoar fortemente. Wraith, o único de seus quatro irmãos com cabelos loiros e olhos azuis (nenhum dos quais eram originais), estava na porta como se esperasse por ela. Seus braços estavam cruzados sobre o peito largo, a *dermoire* em seu braço direito misturando-se com sua camisa do celtic dando a impressão de que foi inteligentemente concebido para formar as palavras FUCK OFF[3].

— Bem se não é Mary Tifóide[4].

— Leia sua camisa — Ela empurrou-o para entrar no escritório, desequei-librando-se quando ela viu não só Eidolon, o Doutor, mas também Conall, o Paramédico.

Ótimo. Quando ela viu o vampiro-lobisomem pela primeira vez, há algumas semanas, eles separaram-se em termos de merda. Ele assumiu o pior dela, ameaçou-a, foi totalmente um pé no saco. Ah claro, ela levou-o a intencio-nalmente acreditar que foi ela quem começou a epidemia que estava matando seus parentes Wargs, mas se ele não tivesse sido tão idiota, ela poderia ter dito a verdade.

Não que a verdade fosse muito melhor.

— Sin. — Eidolon manteve-se em sua mesa, seus olhos expressamente emoldurados por olheiras. Seu curto cabelo preto despenteado, provavelmente devido ao passar de seus dedos repetidamente. Praticamente parecia que o próprio inferno havia lançado toda a merda sobre ele. — Sente-se.

O comando agradou suas pernas, mas ela enganchou uma cadeira com o pé, afastou-a o quanto pôde de Conall e plantou sua bunda.

— E agora? Eu não tenho nenhum sangue e, se você acha que vai receber uma amostra de fezes, você pode...

— Eu não preciso de uma amostra de fezes — Eidolon interrompeu. — Eu preciso de sua ajuda.

Ela sentiu os olhos prata de Con perfurarem-na e, para seu

abhorrecimen-to, seu corpo foi lavado com calor como para lembrar-se de outra perfuração que ele deu-lhe. Isso não estava acontecendo novamente.

— Olha, você deve saber que a Associação dos Assassinos foi inundada com pedidos de batidas a Wargs. Eu não sei se o súbito aumento está relaciona-do, mas eu percebi isso e estou repassando a você.

Wraith lançou um olhar afiado para Eidolon.

— Eu ouvi a mesma coisa. A palavra na rua é que algumas espécies estão preocupadas que os lobos possam transmitir a doença para eles, então eles estão sendo um pouco... pró-ativos.

Ambos, Eidolon e Con, proferiram uma maldição crua.

Sin recostou-se na cadeira e obrigou-se a manter a calma, quando tudo o que ela queria fazer era gritar para este desastre que criara.

— Você disse que precisava de minha ajuda. Que tipo?

Eidolon pegou a garrafa de água em sua mesa e tomou um gole antes de falar.

— Graças ao Harrowgate e à capacidade de viajar instantaneamente, o vírus já se espalhou em todos os continentes, exceto na Antártida. O número de mortos está subindo. A doença tem uma taxa de cem por cento de mortalidade, um período de incubação praticamente inexistente e nenhuma vítima viveu mais de setenta e duas horas depois de infectada. Basicamente, no momento em que um paciente chega, não temos muito tempo para o tratamento.

Jesus. Era pior do que ela pensava.

— Você não fez nenhum progresso?

— Um pouco. — Couro rangeu quando Eidolon se recostou na cadeira. — Descobrimos uma meia dúzia de wargs que foram expostos, mas não contraíram a infecção. O R-XR está tentando determinar o que os torna imunes.

A Unidade Paranormal do Exército dos EUA estava envolvida

agora? E Eidolon estava trabalhando com eles? Ela sabia que Runa, a cônjuge de seu irmão, Shade, costumava ser um membro e que o irmão de Runa, Arik, ainda estava lá, mas *puta merda*, apenas não parecia certo o governo estar envolvido de alguma forma com Underworld General.

Especialmente uma unidade militar que matava, capturava e fazia experi-ências com demônios.

Então, novamente, UG teve vários laços fortes com o Aegis, uma organi-zação civil que matava demônios do inferno. Eidolon era ainda acoplado a um Guardião Aegis e até agora a associação beneficiara tanto o UG quanto o Aegis.

— Então, eu estou aqui por quê? Você necessita de meus serviços de assassina, ou o quê? — Ela falou isso apenas para obter uma tensa reação de seu irmão sempre no controle, mas para sua surpresa foi Con quem fez o barulho.

— Você está aqui porque Wargs estão morrendo e é sua culpa — Ele rosnou, uma pitada de um estranho sotaque britânico aprimorando suas pala-vras. Isso acontece quando ele fica todo irritado e é estranhamente... quente.

Mas ela ainda não gostava dele e virou a cabeça para encará-lo. O que poderia ter sido um bom plano se ele não parecesse tão gostoso em seu unifor-me preto de paramédico, o qual destacava sua pele profundamente bronzeada pelo sol e seu tão lindo cabelo loiro. Mirou nos olhos prateados brilhantes e olhou para ele. Apenas admirando.

— Por que mesmo você está aqui? — Ela retrucou, mais irritada com sua reação para ele do que qualquer outra coisa. — Eu não acho que os vampiros sejam afetados pela doença.

— Eu estou no Conselho Warg. Estou mantendo-os informados.

— Bem, bom para você.

Eidolon pigarreou imperiosamente.

— Na verdade, ambos estão aqui por uma razão. Sin, é hora

de colocar-mos um grande esforço para trabalhar com seu dom. Temos que determinar uma maneira de usá-lo para tratar a doença.

— Nós tentamos isso antes. Meu *dom* mata. Ele não cura — Seu *dom* era algo que ela realmente gostaria de devolver para seu pai Seminus. Pena que ele estava morto.

— Sim, bem, tecnicamente, você não deveria existir, então eu não estou pronto para escrever o impossível.

Ah, ela amava os lembretes sobre como ela era uma aberração da nature-za, o único demônio Seminus feminino já nascido. A Smurfette[5], como Wraith gostava de chamá-la.

— Então, qual é seu plano?

— Você pode usar seu dom para determinar que tipo de doença reside dentro de um corpo? Se você tocar em alguém que está doente, você pode dizer qual a doença deles?

— Mais ou menos. Eu posso sentir o arranjo do vírus ou bactéria ou o que for. E depois que eu aprender, eu posso replicar a doença específica. — Ela atirou a Conall um sorriso. — Khileshi cockfire[6] é minha favorita.

Wraith riu. Conall empalideceu. Eidolon olhou para ela como se ela fosse responsável por cada caso excruciante de doença venérea que ele já tratara. O cara estava tão tenso que provavelmente engomou a cueca de pânico.

— Tão perturbador quanto possa ser, — Eidolon disse, sem rodeios, — é exatamente o que eu queria ouvir.

Houve uma batida na porta e Lore passou por Wraith, que ainda estava brincando de sentinela no batente. Lore carregava uma pasta em sua mão com luva de couro e Sin não achou que se acostumaría a ver seu irmão gêmeo em uniforme.

— Eu li o relatório inicial do R-XR sobre os wargs imunes e uma coisa chamou minha atenção. Os wargs que não desenvolveram a FS após serem expostos foram aqueles que nasceram wargs. Então, examinei os corpos em nosso necrotério e fiz alguns testes. Eu não sei se todos os wargs que foram infectados vieram ao hospital, mas os que

vieram? Wargs *transformados*.

Sin franziu a testa.

— FS?

— Febre Sin — Wraith interrompeu um pouco entusiasmado demais.

Febre Sin? Eles deram seu nome à doença? Bastardos.

E virou animadamente o relatório que Lore lhe dera.

— E eu pensei que nunca encontraria um link entre as vítimas. Vou ligar para o R-XR e informá-los. Excelente trabalho Lore.

Apesar do tema sombrio, Sin não poderia deixar de estar feliz por seu irmão, que como um assassino conhecera apenas morte e solidão até poucas semanas atrás, agora estar casado, feliz e trabalhando no necrotério do hospital, onde seu toque de morte não poderia acidentalmente matar ninguém.

— Espere — disse Sin. — Como você pode dizer a diferença entre os que viraram lobisomens e o que nasceram lobisomens?

— Os que nasceram Wargs geralmente têm uma marca de nascença em algum lugar de seus corpos, mas nem sempre podemos confiar nisso. — Antes de Sin perguntar por que, Eidolon terminou. — Os excluídos são obrigados a removê-las e alguns wargs que foram transformados aplicam-nas artificialmen-te, por isso temos que realizar testes genéticos para determinar se eles são nasci-dos ou transformados.

Huh. Quem iria imaginar?

— Então, o que você queria comigo?

Eidolon olhou por cima da papelada e os círculos sob seus olhos pareciam ter aliviado um pouco.

— Sobre isso... Veja, foi por isso que chamei Con para esta reunião.

Apoiando seus braços musculosos nos joelhos, Con inclinou-se

em sua cadeira. Quando falou, suas presas brilharam tão ferozmente quanto os olhos.

— O que você está dizendo?

— Seus exames de sangue semanais para FS estavam voltando negativos — disse Eidolon. — Até ontem.

— *O quê?* Eu tenho a doença? — Con explodiu fora de sua cadeira, mas Eidolon ergueu as mãos pedindo calma.

— Não exatamente. Está em seu sangue. Seu corpo não a está atacando, nem ela o atacou e você não está produzindo anticorpos. Mas quando introduzi-dos no sangue de Sin para misturar no laboratório, seus glóbulos brancos e os dela uniram-se para atacar o vírus.

A pele de Sin arrepiou com um mau pressentimento. Eidolon estava dan-çando em torno de algo.

— Vá direto ao ponto e ao fim da história. Ponto principal, o que você quer de nós?

— Eu preciso que Con se alimente de você — disse ele com uma estranheza incomum. — E eu preciso que isso aconteça agora.

†††††

Eu preciso que Con se alimente de você.

Con amaldiçoou em voz baixa.

— Tanto quanto eu gostaria de ajudá-lo, doutor, eu não posso fazer o que você está pedindo — Sim, ele sentiu o gosto do sangue de Sin antes e era conde-nadamente bom, mas era exatamente por isso que ele não podia fazê-lo nova-mente. Ele já fora viciado em sangue de uma fêmea antes e nunca iria permitir que isso acontecesse novamente.

— Eu aceito que ela não é sua pessoa favorita...

— Ele disse que não pode fazê-lo — Lore interrompeu. —
Deixe-o ir.

Eidolon bateu um lápis sobre a mesa, o baque surdo da borracha na madeira pontuando suas palavras.

— Infelizmente, não há esta opção. Esta pode ser nossa única chance de uma solução imediata.

— Eu não entendo — disse Sin. — O que quer dizer, uma solução?

Eidolon virou um dos trabalhos para mostrar a Sin e a Con onde ele rabiscou uma longa coluna de números.

— Eu não posso injetar a quantidade necessária de sangue de Sin para destruir o vírus em Conall sem matá-lo. Ele precisa ingeri-lo. Como dampiro, ele tem um estômago com dupla câmara, a segunda câmara funcionando da maneira que trabalha em um vampiro, entregando o sangue da vítima quase que diretamente para a corrente sanguínea do vampiro. Então, se meus cálculos estiverem corretos, uma alimentação normal permitir-lhe-á ter no sangue o suficiente para começar a atacar o vírus. Uma vez feito isso...

— Eu posso controlar o sangue para saber como o vírus morre e, em seguida, usar meu poder para eu mesma tentar destruí-lo — Sin terminou.

— Exatamente. — Eidolon sorriu. — Você realmente deveria trabalhar aqui em vez de como um assassino.

Em algum ponto, Sin surgiu com uma faca e agora brincava, virando-a entre os dedos, e Con tinha um sentimento que a velocidade estava diretamente relacionada a seu nível de agitação. A faca estava girando como uma lâmina de helicóptero.

— Morda-me.

Eidolon fez um gesto para Conall.

— Isso vai ser trabalho dele.

— Não — Con disse severamente. — Não vai. Tem que haver outra ma-neira.

— Eu concordo. — Sin levantou-se, seu cabelo preto-azulado balançando furiosamente em volta da cintura. — Eu não deixo qualquer um colocar a presa em mim.

Você permitiu-me, sua pequena mentirosa. Pequena mentirosa, gostosa. Cara, Con queria gritar exatamente como ela fez, mas pelo menos dois de seus irmãos no quarto eram um pouco superprotetores e o outro não precisa de uma desculpa para matar coisas. Pensando bem, nenhum deles precisava de uma desculpa. Nem Con.

— Se houvesse qualquer outra forma — Eidolon disse, — eu encontraria. Mas não há. — Ele amassou uma folha de papel e jogou no lixo transbordando no canto. — Você tem o vírus, ele só não está atacando você e eu não sei ainda o porquê. É uma tensão ligeiramente diferente da que está atacando os wargs... É adaptado suas espécies, mas pode tentar se transformar em algo que pode atacá-lo, razão pela qual é preciso eliminá-lo o mais rapidamente possível. Quanto aos wargs... Isso é o que era tão estranho sobre as amostras de sangue tomadas pelo R-XR. Era como se os wargs não infectados fossem uma espécie diferente e incapaz de pegar o vírus.

— Você quer dizer da mesma maneira que os cavalos não pegam sarampo a partir de seres humanos — disse Sin e Eidolon assentiu.

— Exatamente. Eu ainda não sei o que faria os wargs nascidos tão diferentes dos transformados. — A frustração na voz Eidolon foi ecoada em sua expressão quando ele se virou para Con. — E você, mesmo com o status de vam-piro, é de algum modo mais intimamente relacionado com os wargs transforma-dos do que com os nascidos.

Um tremor de desconforto passou por Con. Isso era apenas um dos pequenos segredos sujos da raça dampira, mas era um que ele teria que comparar-tilhar com o médico. Qualquer coisa para ajudar a parar esta maldita epidemia. Bem, não tudo. Ele deixaria de fora os pequenos detalhes. Embora acreditasse que não devia a seu povo a cortesia de manter seus segredos, pois foi exilado por todos eles. Oh, eles não o perderam de vista, afinal, ele era muito valioso para jogar completamente fora, mas ele tinha vergonha deles e eles se divertiram

punindo-o por isso.

— Dampiros não nascem exatamente desta forma.

Eidolon fez uma careta.

— O que você quer dizer?

Con inclinou-se para frente e colocou seus antebraços nas coxas.

— Quero dizer que quando atingimos nossa adolescência, surgem nossas presas, começamos a desejar sangue... e depois ficamos doentes. Na primeira noite de lua cheia após as presas estarem plenamente desenvolvidas, temos que ser mordidos por um warg ou morremos.

— Interessante — Eidolon murmurou. — Então dampiros são básica-mente lobisomens transformados que bebem sangue. Acho que isso explica por que você acabou com uma forma do vírus, mas há outra coisa a considerar.

Con não gostou de seu tom. Nem um pouco.

— O que mais?

Eidolon fez uma pausa, como se seu cérebro procurasse as palavras certas e o intestino de Con esvaziou.

— É provável que o vírus dentro de você não deseje atacá-lo. Ele quer sair.

— Então o que você está dizendo — Con cuspiu, — é que eu sou portador. Eu poderia ter infectado pessoas.

— Infelizmente, sim. A doença parece ser transmitida tanto via contato direto como indireto, bem como por via aérea, mas como um portador assintomático, você pode transmiti-la de forma diferente. Eu testei sua saliva e está definitivamente presente. Nós precisamos realizar testes para ter certeza, mas como Luc não teve o vírus, você provavelmente não o transmite pela respiração ou pelo toque casual. Mas é preciso evitar o contato íntimo com lobisomens e outros dampiros.

Oh, diabos. Quantas mulheres o alimentaram e dormiram com ele desde o último mês? Sua mente correu enquanto contava e eliminava aquelas que não eram lobisomens. Apenas uma paciente era um warg... Uma warg transformada. E, ironicamente, uma mulher que ele evitara dormir por anos porque se preocupava com ela e ela merecia mais do que uma única noite com ele. Merda.

— Espere, doutor. — Con cavou seu celular do bolso, discou e Yasashiku, um membro do Conselho Warg, respondeu no segundo toque.

— Con. Você está perdendo a reunião. Valko está prestes a ter um filhote de um maldito cachorro. Onde você está?

— Eu estou no trabalho. Eu estarei lá assim que puder. — Caminhando para um canto, ele baixou a voz. — Você soube de Nashiki ultimamente?

O silêncio de Yasashiku fez Con, de repente, dolorosamente consciente do som das batidas de seu coração em seus ouvidos.

— Você não soube?

— Saber de quê? — *Não diga isso. Não faça isso. Foda-se. Diga.*

— Ela pegou o vírus — disse Yas, seu leve sotaque japonês com emoção. — Ela morreu ontem à noite.

Con nem sequer respondeu. Entorpecido, ele fechou o telefone. Ele fizera sua parte de matar em seus mil anos de vida, algumas delas justificadas, outras não. Mas havia algo verdadeiramente obscuro sobre matar alguém com prazer. Especialmente porque, anos atrás, ele salvou a vida de Nashiki após ela ser atacada por um bando de homens-leões e, embora ele normalmente não mantivesse contato com seus pacientes, ela era especial, espumante e brilhante, uma das poucas pessoas que ele conheceu em sua vida que nunca deixou que nada a levasse para baixo.

Então ele a salvou... só para matá-la.

Claro, não havia prova que *ele* dera o vírus para a linda warg de pele cor de mel, que não merecera ele ter se alimentado dela enquanto fantasiava sobre Sin, muito menos ele ter dado a ela uma doença que transformou seus órgãos em mingau. Nenhuma prova, mas

o tempo estava certo, dado o tempo decorrido entre o início e a morte.

Carmesim coloria sua visão tanto como náusea por ele ter matado uma mulher inocente, quanto como raiva porque a pessoa responsável, em última análise, estava bem ali na sala com ele. Isso precisava acabar e, neste ponto, os riscos de alimentar-se novamente de Sin era a menor de suas preocupações. Especialmente desde que todo o risco seria de Sin.

— Con? — A voz profunda de Wraith era um zumbido simples entre os outros ruídos na cabeça Con. — Cara. Você está bem? Parece que você está prestes a tomar uma pancada.

— Então é melhor eu me alimentar. — A voz de Conall era fria quando ele se virou para Sin. — E parece que você será o almoço.

[1] Roussignols quer dizer Rouxinol em Francês, mas no caso se refere ao esqui que Con usava <http://www.skiset.com.br/equipamento-esqui/skis-rossignol-2011.html>

[2] Esqui realizado a partir de um helicóptero e não de um teleférico.

[3] Fuck = Foder, Off = fora. Mas também pode ser traduzido como “vai tomar no cú” que é o que Sin insinuou logo abaixo.

[4] Mary Mallon, também conhecida como Maria Tifoíde, nasceu na Irlanda do Norte em 1869 e emigrou sozinha para os Estados Unidos em 1883, foi o primeiro caso de pessoa aparentemente saudável a ser identificada como portadora de febre tifóide nos Estados Unidos. Seu organismo conseguiu deter os efeitos nocivos da bactéria que causa a doença, mas continuou capaz de transmitir a doença para outras pessoas. Maria se tornou famosa por sua obstinação em negar que ela era a causadora da aparição da enfermidade, negando-se a deixar de trabalhar e com isto continuou a propagar as bactérias mortais.

[5] Única Smurf feminina entre seus vários irmãos e seu pai. Saiu no cinema o filme Smurfs; vocês sabem qual é.

[6] Algo como “pinto flamejante ou pinto pegando fogo”. Pelo contexto é algum tipo de doença sexualmente transmissível.

Dois

Isso era uma merda completa.

Sin entendeu que esta podia ser a resposta à epidemia, mas Con não precisava olhar para ela como se fosse um bife suculento. Ele poderia ao menos tentar ser tão repulsivo quanto ela.

— Sente-se — A voz de Con aprofundou-se, ficando rouca, praticamente fazendo-a cumprir sua exigência como um cão bem treinado.

— Nós vamos fazer isso aqui?

Ele levantou uma sobrancelha.

— Você prefere fazê-lo em um quarto de paciente? Ou talvez um armário fosse mais a seu gosto?

Oh, o bastardo. Eles não iriam a um quarto de paciente, onde uma cama tornaria muito fácil fazer mais do que a coisa do sangue, e a observação do armário era uma sátira ao primeiro (e último) lugar em que estiveram juntos.

Ela afundou-se numa cadeira.

— Ótimo. Vamos acabar logo com isso.

— Tão doce — disse Wraith. — Vocês soam como um velho casal.

Ela virou-se, assim como Con virou-se para seus irmãos.

— Poderíamos ter um pouco de privacidade?

— Não. — Sin apontou um dedo para Eidolon. — Você. Fica.

— Princi-palmente, ela estava sendo uma puta, mas também, a vibração em sua barriga com o pensamento de estar sozinha novamente com Con foi um sinal perigoso que ela não deveria ficar a sós com ele.

Lore deu um passo à frente.

— Eu vou ficar.

— Está tudo bem, mano — disse ela. A última coisa que ela precisava era de Lore. Ele vem fazendo isso há 30 anos e parecia estar tendo dificuldades para quebrar o hábito. — Isto será estritamente um procedimento clínico. Eidolon pode fiscalizá-lo.

Clínico? Isso foi uma piada, porque ela sabia que ter as presas de Con em sua carne seria agradável, não importava o quanto ela quisesse negar.

Por um longo momento, Sin tinha certeza que Lore argumentaria. Punhos cerrados, ele estava ali carrancudo, sua *dermoire* contorcendo-se com raiva. Como a dela, era uma imitação fraca das marcações de seus irmãos de raça, mas ainda se comportava da mesma maneira, parecendo mover-se durante períodos de emoção elevada. Ele finalmente concordou e, depois de encarar Con um olhar de advertência fraternal mordaz, saiu.

Ela fez um movimento enxotando Wraith.

— Você também. Desapareça.

— Smurfy. — Wraith saiu, assobiando a música tema de *Os Smurfs*.

— Nós não precisamos de Eidolon — Con disse. — Eu venho fazendo isso por mil anos. Eu sei quando parar.

Sin não estava preocupada em ser drenada, mas ela não estava disposta a admitir que o medo real fosse que sem um acompanhante, ela acabasse fazendo muito mais do que brincar de McLanche Feliz.

Felizmente, ela não teve que dizer nada, porque Eidolon, com

uma expressão severa no rosto, fechou a porta e colocou um ombro contra ela, longas pernas cruzadas casualmente na altura dos tornozelos. Ele não iria mover-se e aparentemente Con chegou à mesma conclusão, porque ele murmurou algo em voz baixa e caiu de joelhos ao lado dela.

Com ele de joelhos, eles estavam ao nível dos olhos e ela engoliu seca-mente quando ele trancou seu olhar ao dela.

— Dê-me o pulso — disse e, quando ela hesitou, seu sorriso frio estava em desacordo com o bramido de calor que exalava de seu corpo. — Você prefere a garganta? Ou na virilha? Claro, seria mais rápido dessa maneira, mas eu não acho que você queira que a intimidade seja muita. — Seus olhos despertaram com divertimento, zombando dela.

Ela enfiou o braço esquerdo nele.

— Claro que não.

Ele tomou seu pulso cautelosamente, como se o simples pensamento de tocá-la causasse nojo a ele. E talvez causasse em algum nível. Mas ela nunca conheceu um vampiro que não admitisse ficar pelo menos um pouco, enquanto acelerava a alimentação.

Um sussurro de dor veio com a penetração de seus dentes, seguido por faíscas de prazer tão intensas que teve que segurar um gemido.

— Sin — Eidolon disse suavemente, — você vai precisar monitorar os níveis de vírus em seu sangue agora e depois. Você deveria obter uma linha de base agora.

Sim, uma linha de base. Qualquer coisa para arrancar a atenção de como é bom sentir os lábios de Con sobre ela, os dentes nela. Concentrando-se, despe-di-u-se de seu dom e sua *dermoire* começou a brilhar, em seguida, segurou o om-bro de Con. Sob seus dedos, seus músculos amontoaram-se como se em protes-to, mas ela pegou os sinais de excitação que aumentavam: o som de sua frequência cardíaca, elevando-se rapidamente no subir e descer do peito, o aumento da temperatura de sua pele.

Seu próprio corpo respondeu com uma onda de calor líquido, mas ela cerrou os dentes e concentrou-se na leitura de seu sangue. Seu

poder entrou em um feixe focalizado e enfiado em suas veias e artérias. Quando ela usava seu dom para criar uma doença, suas vítimas não sentiam nada, mas nunca sondou assim antes.

— Você está bem? — Perguntou ela e quando os olhos cintilantes de Con piscaram, ela arrependeu-se de perguntar. Quem se importava se ele estava bem? Ela era a única sendo sugada. A pessoa que estava começando a ver man-chas.

Ele deu um aceno lento e voltou a tomar longos goles de seu pulso. Fe-chando os olhos, em parte porque o quarto começou a girar, concentrou-se em torno de sentir Con dentro de suas veias. Sombras preto-e-branco, imagens for-madas em sua cabeça. Ela podia ver as células sanguíneas individuais correndo através dos vasos estreitos e, com elas, o vírus. Novas células juntaram-se à cor-rida; dela, ela tinha certeza. Quase como se a presença de células frescas cutu-casse as de Con, as células dele atacaram o vírus, como uma matilha de lobos derrubando um veado ferido.

— Está funcionando — Ela sussurrou, esperando que os rapazes não per-cebessem a maneira como seu discurso foi um pouco arrastado.

A sucção de Con começou a diminuir.

— Continue. Você precisa de mais de meu sangue para juntar-se à luta.

Ele grunhiu um som de recusa e suas presas começaram a deslizar de sua carne. Ela agarrou sua cabeça e obrigou-o a ficar, apesar de ter tomado muito mais esforço do que deveria.

— Quase, Con. Podemos matá-lo...

— Sin! — Os fortes dedos de Eidolon puxaram seu cabelo, afastando-a de Con. E talvez ela não devesse ter notado quão sedoso era seu cabelo loiro, mas por alguma razão, ela notou. — Ele tem que parar.

— Só um pouco mais...

Retornando a si, Con rasgou longe dela. Seus olhos agitados como poças de metal derretido, com medo de que a fome carnal o tivesse feito ir longe demais e seu desejo ainda mais longe. Eidolon

bateu uma palma em seu pulso que ainda sangrava mesmo quando ela pulou para frente, desesperada para fazer Con tomar mais sangue. Ela precisava de mais tempo para estudar como o vírus sobrevivia, como ele morria...

— Nós não podemos parar agora!

Con jurou, agarrou a mão dela e por um momento ela pensou que ele ia continuar, mas em vez disso, ele tirou a mão de seu irmão e, enquanto Eidolon despedia seu próprio dom para curá-la, ele passou sua língua ao longo dos furos. Diante de seus olhos, eles selaram e uma fúria irracional agarrou-a.

— Seus idiotas! — Mais sombras reuniram-se em sua visão e sua cabeça girava enquanto ela cambaleava a seus pés. — O vírus vai correr nele. Vai...

— Merda! — Con fechou os braços em volta dela quando o chão ficava mais próximo dela.

†††††

— Então, você está se alimentando por mil anos, hein? — O sotaque sar-cástico de Eidolon tocou em cada um dos nervos de Conall, enquanto ele carre-gava Sin para a sala de exame mais próxima e colocava-a gentilmente na cama.

O fato era que Con não tinha desculpa. Claro, Sin encorajou-o, dizendo que estavam quase lá, mas pior do que isso, terrivelmente pior, foi que a fome por ela substituiu o bom senso e ele alimentou-se por mais tempo do que devia.

Ele estava apenas feliz por não ter lutado com ela no chão e tentado dar muito mais do que sangue.

— Cure-a — Ele arrebentou sua raiva de si mesmo colocando uma nota cáustica em sua voz que Eidolon não merecia. Ainda assim, o médico apenas deu de ombros enquanto preparava uma intravenosa

ao lado da cama. — Meu poder une os tecidos aos ossos. Não faz sangue. — Ele alinhou os produtos em uma bandeja e aproximou-os de Sin. — Precisaríamos de Shade para isso. Ele pode usar seu dom para forçar a medula a produzir sangue mais rápido.

Con afastou o brilhante cabelo do rosto, que estava muito pálido.

— Então chame Shade — Ele pressionou. Sin não estava em perigo, mas ele não gostava de como sua vida fora literalmente sugada para fora dela. Mas era a primeira vez que ela estava calma. Ele deveria ser grato.

— Ele está fora por alguns dias. — *E* fez um gesto para os armários atrás de Con. — Traga um soro para mim.

Con foi buscar um saco de soro fisiológico e arremessou-o ao médico.

— Então, chame-o de volta.

— Runa está doente e ele não pode deixar os trigêmeos.

A respiração de Con ficou alojada em sua garganta. A companheira de Shade era um lobisomem transformado.

— Não é FS, certo?

Eidolon inseriu uma agulha em uma veia do lado esquerdo de Sin.

— Graças a Deus, não. É um leve vírus estomacal.

— Bom. — Con odiaria ver alguma coisa acontecer com a fêmea que fez de Shade uma pessoa muito mais agradável para se trabalhar. E por falar em trabalho... — Você vai chamar Bastien de volta agora que sabe que o vírus não está afetando o *pricolici*? — Bastien, um warg nascido que foi excluído décadas atrás porque nasceu com um pé torto, dedicou sua vida ao UG, e saber que Con forçou suas *férias* matava-o tanto quanto a Luc.

— Claro que sim. — Eidolon fez um gesto para invólucros de

gaze no chão. — O departamento de zeladoria está caindo aos pedaços sem ele.

Enquanto Eidolon ligava a bolsa de soro fisiológico em um suporte, Sin gemeu e seus olhos abriram-se.

— O que... O que você está fazendo?

— Espere — disse Eidolon. — Nosso menino aqui ficou um pouco entusi-asmado com sua refeição.

Ela sorriu fracamente.

— Isso é porque eu sou tão doce e irresistível.

Con bufou.

— Não são essas as palavras que eu usaria para você — Bem, irresistível, talvez, mas havia um monte de elogios inferiores que se encaixavam nela, também.

— Burro — Ela murmurou. Ela levantou a mão e franziu a testa para a linha conectada a ela. — Ei, pare com isso. Eu não preciso disso.

Con agarrou seu pulso e empurrou-o de volta para o colchão.

— Sim, você precisa. Eu tomei muito sangue.

Eidolon lançou um olhar severo a ele.

— Se você tivesse entregado mais de seu sangue, como eu pedi para você fazer, eu poderia estar colocando-o em vez de soro em suas veias.

— É, é. Que seja. Eu curo rápido.

— Um dos benefícios de ser um demônio Seminus — Eidolon disse em-quanto levantava a cabeceira da cama para que ela pudesse sentar.

— Há mais? — Sarcasmo pingava da voz de Sin, mas Eidolon ignorou para verificar seu bip.

— Eu tenho um trauma entrando. Con, fique com ela até que o soro aca-be. Quando puder, vá ao laboratório. Eu quero uma amostra de seu sangue. Quero ver se já há quaisquer anticorpos em seu sistema agora. E você — Ele apontou o dedo para Sin, — seja boazinha.

Sin revirou os olhos, mas pelo menos ela não retrucou de volta. Em vez disso, ela esperou até que o médico saísse e então se virou para Con, com furio-sos olhos cor de ébano.

— Seu idiota!

Ela era sexy quando estava irritada.

— Eu disse que estava arrependido por ter tomado muito sangue — Na verdade, ele não disse, mas ele sentia-se um pouco mal com isso, então achava que contava.

— Você deveria ter tomado mais. Você ainda pode ser contagioso.

— Não vale a pena matar você. — Não que matá-la não fosse tentador.

— Bem, duh. Mas outro litro de sangue não me teria matado.

— Sim, teria. — Ele cavou através de uma das gavetas um kit de fleboto-mia[1]. — Por que você não entregou seu sangue como *E* queria?

— Quem é você? Meu pai? Não é assunto seu — Ela mexeu-se na cama, o raspar sedutor de sua apertada calça de couro contra o lençol fazia seu pau con-trair. Con podia não gostar dela, mas seu pau não ligava para seu julgamento.

— Se você tivesse feito isso, eu poderia beber agora ao invés de esperar você produzir mais sangue — Ele puxou uma cadeira com um puxão frustrado, sentou-se e arregaçou a manga da camisa.

— Vou ver se consigo acelerar as coisas só para você — disse ela irônica-mente. — E enquanto isso, tome cuidado para não espalhar a doença por aí.

— Irônica coisa a dizer, vindo de você, você não acha? — Ele bufou. — Eu acho que posso gerenciar não morder ou foder um warg por alguns dias. E você realmente se importa?

Manchas vermelhas em suas bochechas e ele sentiu o cheiro de irritação que vinha dela.

— É. Você está certo. Estou emocionada que o vírus esteja matando as pessoas. Parabéns para mim.

— Por que você o começou, então?

— Eu estava entediada. Não houve uma boa pandemia desde a gripe espanhola em, o que, 1918?

— Filha de uma... — Enrolou um torniquete de borracha em torno de seus bíceps. — Só uma vez, você pode dar-me uma resposta direta? — Trabalhou com raiva e com movimentos bruscos fixou uma extremidade do tubo em seus dentes e puxou forte.

Sin apertou os olhos e, por um instante, uma sombra assustadora de vulnerabilidade escureceu sua expressão. Mas foi tão depressa que Con duvidou do que viu, ela abriu os olhos e olhou para ele como se o raio da morte fosse sair dela.

— Matar é o que eu faço. Você realmente acha que eu preciso de um mo-tivo para iniciar uma epidemia?

Jesus Cristo. Ele nunca encontrou uma fêmea (ou macho) com um muro tão grande ao redor. Jurando para si mesmo, ele inseriu uma agulha na veia situada na dobra do cotovelo.

— Eu realmente acho que você precisa de um motivo. Você pode ser uma assassina, mas eu ainda não encontrei um assassino que não planeje cada morte com muito cuidado.

Surpresa cintilou em seus frios olhos negros em sua avaliação.

— A maioria das pessoas acha que corremos por aí matando tudo, quer queira quer não.

— A maioria das pessoas são idiotas. — Ele pegou um

vacutainer[2], um tubo para coleta de sangue. — A maioria dos caçadores, seja humano, animal, ou demônio, são seletivos e cuidadosos sobre suas presas. Você fica preso ou ferido e você está morto. A caça é uma questão de vida ou morte se você precisa comer.

— Como você.

— Como eu. — Ele olhou para ela, queria que ela parasse de contorcer-se e fazer sons obscenos ao esfregar-se no lençol. — Mesmo em forma warg, tenho cuidado com o que eu pego.

— Eu pensei que lobisomens matavam todos à toa — A maneira como um canto de sua boca transformou-se em um sorriso travesso disse a ele que ela estava brincando.

— Wargs *pricolici* e dampiros mantêm o controle. É com os lobisomens transformados que você precisa tomar cuidado, mas normalmente só os mais novos. Os wargs mais velhos conseguem controlar-se durante a fase da lua. Wargs mais jovens tendem a matar sem muita habilidade ou premeditação.

Wargs jovens eram os que tendiam a ser presos por Aegis e os que deram a todos os lobisomens a reputação de serem monstros. Na outra pata, quanto mais velho um warg era, menos *humano* ele ficava. Havia definitivamente uma compensação. O controle enquanto em forma animal vinha com a perda da conexão com os seres humanos enquanto no corpo humano.

Ele empurrou o vacutainer no suporte e o sangue começou a encher o tubo. Sin franziu a testa.

— Uh... Você precisa de ajuda com isso?

— Nah. Eu sou bom com uma mão.

— Sem dúvida você é.

Ele sorriu, divertindo-se com sua presunção.

— Não tenho necessidade de ser. As mulheres caem a meus pés — Sin não tinha exatamente caído a seus pés, não, ela tentou chutar sua bunda quando eles se conheceram. Mas ela finalmente cedeu. Claro que, como um súcubo, ela poderia muito bem abrir-se

para todos os homens que cruzaram seu caminho. E porque, de repente, o pensamento o deixou mal-humorado ele não tinha ideia.

— O dia que eu cair a seus pés — ela disse com voz arrastada, — será o dia que eu desistirei de pizza.

— Pizza?

— Mmm, amo. Todos os tipos. Massa fina, massa de pão, apenas queijo... hum. — Ela esfregou sua lisa e esbelta barriga e Con teve que cerrar o punho para não alcançá-la e juntar-se à ação. — Estômago roncando. Preciso de pizza.

— Fale comigo. Você explica-me por que começou a epidemia e eu vou trazer-lhe uma pizza quando voltar da reunião do Conselho — Ele também fez uma nota mental para chamar Luc com uma atualização sobre a FS. Con prometeu ao warg que o manteria a par das últimas notícias.

Ela hesitou, então deu de ombros.

— Foi um golpe errado. Eu deveria matar este lobisomem, então eu cana-lizei meu dom para ele. Geralmente mata rapidamente, mas fui interrompi-da por Idess.

— A companheira de Lore? Por que ela interrompeu-a? — Con lembrou-se da primeira vez que ele viu o lindo anjo que deu um brilho de pura bondade, apesar dos rumores que corriam de que ela era humana agora. Idess foi trazida para o hospital por Lore depois de uma batalha em que tentaram matar um ao outro.

Agora eles estavam casados, felizes e praticamente inseparáveis.

Sin acenou com a mão.

— É uma longa história. Mas, basicamente, ela era um anjo-caído no momento e ela estava protegendo o cara. — Ela lançou um olhar de soslaio para ele. — Foi a primeira vítima que você trouxe para o hospital. Lembra quando eu estava esperando ao redor da emergência?

Inferno, sim, ele lembrava-se. Ele trouxe Chase e Sin havia pairado. Ele deixara o lobisomem morrer em uma sala de trauma e parou fora da porta para escrever a papelada. Sin estava lá.

Ela limpou a garganta.

— *Ei, como está o warg?*

Con olhou para cima, surpreso ao ver a posição incrivelmente quente da fêmea parada na frente dele.

— *Morrendo. Por quê?*

— *Nenhuma razão. — Ela esfregou os braços, que estavam cobertos pelas mangas de sua jaqueta jeans. — O que há de errado com ele? Foi um aci-dente? Ele está doente com alguma coisa?*

— *Você é do tipo intrometida.*

Ela encolheu os ombros.

— *Apenas uma cidadã interessada.*

Viu-a por um momento, deixando seu melhorado sentido vampiro e warg detectar sua espécie. Sua temperatura alta e baixa frequência cardíaca indicavam sangue de demônio, mas ela cheirava um pouco a humano.

Então demônio e humana, mas que tipo de demônio? Aparentemente, ela sangrava como todo mundo. O perfume veio a ele em uma bolsa de ar, dando água na boca e suas presas caíram. Como um paramédico, ele treinou-se a ignorar o cheiro tentador e o doutor E franzia a testa para seus médicos quando atacavam pacientes para o alimento, mas por alguma razão, ele esta-va reagindo a esta criatura sexy.

— *Você deve conseguir alguém para olhar sua perna.*

Franzindo a testa, ela olhou para a mancha de sangue que vazou atra-vés de seus jeans.

— *Não é grande.*

Ele não esperou que ela terminasse. Fome havia sequestrado seu corpo, e se ele não se afastasse um pouco da sedutora, ele logo estaria

sentindo os efeitos da magia Haven quando pulasse em cima dela. Rapidamente, ele entre-gou a área de transferência para uma enfermeira e dirigiu-se ao estacionamento.

— Então — ele disse, — você tentou matar o warg com seu dom e ele sobreviveu tempo suficiente para infectar outras pessoas.

Sin dobrou os joelhos contra ela e envolveu seu braço marcado pela *dermoire* em torno deles, dando a ele uma tentadora visão da redonda bunda dela. Não que ele estivesse olhando.

— Sim.

— Por que não cortar suas gargantas ou matá-los? Por que seguir a rota da doença?

— Por que não?

De volta às respostas negativas. *Fêmea impossível.*

— Você quer a pizza, ou não?

— O que, pizzas são racionadas agora e só pode conseguir uma? Eu estou fora daqui. — Ela puxou o catéter de sua mão e saltou para fora da cama com uma graça sinuosa e o leve baque das botas no chão. — Eu tenho coisas para fazer, pessoas para matar e eu posso pegar minha própria pizza. — Sangue escorria de sua mão e, embora Con estivesse saciado, sua boca ainda encheu d'água.

— Venha cá — Sua voz era baixa e áspera e Sin virou, seu olhar furioso queimando um buraco no meio dele.

— Vá se danar.

— Estive lá, fiz isso — ele rosnou. — Agora, venha aqui.

Ela atirou-se como um pássaro e seguiu para a porta.

— Eu não respondo bem a ordens.

Ele estava lá em um segundo, o tubo de sangue pendurado em seu braço, e teve-a apoiada contra a parede.

— Então o que você responde, pequena demônio? Porque agora, eu tenho em mente colocá-la sobre meu joelho e bater em você para ver como você responde. — Seu suspiro de indignação foi um ponto brilhante em seu dia de merda. — Oh, sim — ele sussurrou, enquanto se colocava entre as coxas dela. — Você não responde a mim. Você respondeu muito bem ao que eu derramei dentro de você.

Quando ela disse a ele que não poderia atingir o clímax até que seu par-ceiro atingisse primeiro, ele ficou surpreso. E então ele fez vir. Difícil. Ele ainda podia ouvir o som de suas respirações ofegantes, ainda podia sentir seu interior apertado, os músculos apertados ao redor dele.

Ela estendeu a mão, mas antes que o punho pudesse atingir alguns de seus dentes, ela sussurrou e pegou a cabeça com as duas mãos quando a dor do encantamento antiviolência que protegia o hospital a atingiu. Ela e seus irmãos eram imunes, mas somente se eles lutassem um com o outro.

— Esqueceu do feitiço Haven, hein?

— Eu odeio você — Ela respondeu asperamente e, por que isso o fez sorrir, ele não tinha ideia.

Mais suave do que ela merecia, ele afastou a mão sangrando de sua cabeça e passou sua língua sobre a punção da agulha. Deus, ela tinha um gosto decadente, com uma mordida como bom brandy, e ele não podia evitar deixar sua língua permanecer em sua pele. Ela estava tensa, liberando lentamente a outra mão da cabeça.

Sob seus dedos, a pulsação batia em seu pulso, combinando sua batida para uma batida louca. O ar entre eles crepitava com o calor repentino e seus quadris aumentaram quando ele pressionou a palma da mão à garganta delicada, querendo absorver a sensação de sua força vital que fluía em ambas as mãos.

Ah... nada. Poder inundou-o como se tivesse completado um circuito. Ela era a vida. Ela era a morte. Ela era a mulher mais perigosa que ele já conhecera e, se ele fosse inteligente, ele correria como o diabo. Lambendo os lábios, Sin tomou uma respiração profunda, tremendo, que terminou com, “Liberte-me”.

Agora, isso era a última coisa que ele queria fazer, mas ele fez seu ponto. Ela poderia odiá-lo, mas ela o queria. A cabeça um pouco

confusa e ainda sen-tindo o zumbido de seu sangue dentro de suas veias, ele recuou, mas ela o sur-preendeu quando pegou seu pulso.

Sua *dermoire* iluminou-se e o calor espalhou-se por seu braço.

— Basta verificar seus níveis de vírus — disse ela, sua voz grossa com o mesmo desejo que corria através dele como xarope. — Você realmente deveria ter bebido mais.

Ele fixou o olhar em sua garganta e só foi meio sério quando ele murmurou: — Ainda posso.

Seus olhos brilharam com malícia quando ela aproximou-se mais e aper-tou todo seu corpo contra ele. Todas suas partes moles encaixaram-se perfeita-mente com seus entes rígidos, mas então ele sabia disso.

— Vá em frente — disse ela, expondo sua garganta e fazendo seu blefe.

Ela conhecia-o bem e sabia que ele não podia arriscar levando mais sangue dela, especialmente dada a forma como ele perdeu o controle anterior-mente. E ele não estava prestes a tirar de sua garganta. Muito íntimo, muito contato e Sin demais para ele.

Engraçado. Muito *pecado[3]*. Aquilo nunca foi uma preocupação antes. Ele passou a maior parte de sua vida cometendo todos os pecados e inventando novos.

Mas essa pequena súcubo estava matando seu povo, tinha feito dele um portador da doença e seus irmãos eram superprotetores filhos de demônios que colocariam suas bolas num espeto se ele a mordesse e batesse nela aqui, agora.

Você transou com ela em um armário de merda.

Sim e falar sobre um erro. Um que não se importaria de repetir. Claro, ele desprezava, mas deixariam as coisas interessantes, não é?

Imagens dela arranhando suas costas, mordendo seu pescoço, lutando com ele mesmo quando abriu as pernas para ele inundar seu cérebro. Um sexto sentido disse que sendo tão boa como ela foi, não teria dificuldades em manter-se com ele mesmo durante o pior da febre da lua, quando acasalamentos violen-tos podiam matar.

Cai fora... cai fora... Ele respirou de forma irregular, desesperado para manter o controle, porque, embora a lua cheia fosse daqui a duas semanas, o sangue de Sin forçou uma maré alta em suas veias e todo desejo primal estava começando a se enfurecer.

Além disso, não havia uma raça de súcubos lá fora que não roubasse algo. Se era sua semente, sua alma, sua força vital, ou seu coração, sugavam algo fora de você e raramente devolviam.

Sin definitivamente não o agrediu do jeito apropriado

A porta abriu-se com um estrondo. Con saltou com instintos selvagens, articulado, dentes arreganhados, para enfrentar a ameaça.

Wraith caminhou para dentro, seu andar solto enganosamente relaxado. Enganoso, porque seu olhar brilhante era predatório, ele estava plenamente consciente do que acontecia quando entrou e Con sabia que o bastardo era suficientemente cauteloso para arquivar as informações e usá-las quando tivesse a vantagem.

— Smurfette — Wraith demorou, com os olhos focados em Con. — *E precisa de você na emergência.* Warg entrou, circulando o ralo.

Sin fez uma careta.

— Circulando o ralo?

— Morrendo — Con rangeu para fora. — Ele está morrendo.

Wraith assentiu.

— Chegou a hora de ver se você pode salvar vidas em vez de apenas tomá-las.

[1] A flebotomia é uma incisão praticada na veia, com objetivos diversos. É o método de sangria onde ocorre extração de sangue através de sistema estéril com agulha, equipo e bolsa de coleta, semelhante ao procedimento para doação de sangue.

[2] Vacutainer é uma marca registrada de tubos para coleta de amostras.

[3] Ele compara a tentação que Sin representa usando o significado do nome dela. Sin é pecado em inglês.

Três

Karlene Lúcio não sabia o que viria primeiro: congelar até a morte ou sangrar até a morte. Havia outra possibilidade também, mas ela recusou-se a considerar a ideia de que seria decapitada por caçadores Aegis.

Alguns dos caçadores Aegis eram os mesmos com quem ela vinha trabalhando há anos.

Dor irradiava através de seu ombro direito, onde a bala entrou, e neve picava seu rosto enquanto ela tropeçava através da densa floresta, deixando um rastro de sangue que um homem cego poderia seguir. Maldito deserto canadense. Quem vivia aqui?

A pessoa que você precisa encontrar era quem vivia.

Tremendo, apesar das camadas de roupa que usava, ela tropeçou em um galho caído e caiu de cara em uma planta na crosta de gelo. Uma fenda abriu-se e pedaços de madeira explodiram a um centímetro de seu rosto. Um grito abafado escapou enquanto rolava e escondia-se atrás de um tronco grosso. Sua mão tremia quando ela cavou no bolso de sua capa de chuva procurando sua pistola – não que ela pudesse atingir o amplo demônio Gargantua com sua mão esquerda.

Vazio. Sua arma havia desaparecido.

Freneticamente, ela olhou em volta, cavou através da neve, rasgando as unhas e pontas dos dedos, deixando manchas sangrentas na neve intocada. Ela nem sequer ouviu o segundo tiro que meteu uma bala em seu braço e alojou-se em seu lado. Ela sentia como se um ferro quente a golpeasse com a força de um caminhão e ela voou para trás, batendo em um tronco de árvore, forte o suficiente para faltar ar em seus pulmões. Enquanto estava deitada no chão, aturdi-da, o fogo

atingiu suas veias, espalhando-se por seu corpo, e ela quase o saudou. Qualquer coisa para não sentir mais frio.

A neve e as árvores começaram a diluir-se ao mesmo tempo. Algo foi esmagado ao lado dela: passos. Fracamente, ela olhou para Wade, o Guardião do sexo masculino em pé diante dela, o cano de sua pistola visando sua testa.

— Sinto muito que precisou chegar a isso — disse ele rispidamente. Seus olhos eram tristes, mas decididos. Ela não esperaria nada mais de um guardião que fora forçado a destruir alguém que havia enganado e traído o Aegis durante anos. Não importava que eles tivessem lutado lado a lado, trabalhado em um objetivo comum (livrar a Terra do mal).

Ela agora era considerada uma inimiga... e uma traidora, para começar. A nova postura do Aegis, mais branda com criaturas do submundo, era mais uma piada do que uma política de sem-perguntas-sem-respostas.

Ela poderia implorar por sua vida, mas não faria nenhum bem. E, na verdade, ela nunca pediu nada e não estava prestes a começar agora. Além disso, talvez fosse o melhor.

— Feche os olhos — disse ele.

— Vá para o inferno — A morte dela poderia ser o melhor, mas isso não queria dizer que ela facilitaria para seu assassino. Wade teria que olhar em seus olhos quando terminasse com sua vida.

Desta vez, ela ouviu o tiro. Mas não o sentiu. Sangue pulverizou em todos os lugares, espirrando nas árvores, na neve, no rosto dela. Wade caiu no chão, o topo de seu crânio desaparecido. E de pé, onde estava o corpo de Wade, estava agora o lobisomem por quem ela percorreu todo o caminho no meio do nada.

E apesar de sua visão estar sumindo, ela poderia dizer que ele não parecia feliz em vê-la.

Filho da puta.

Luc olhou para a Guardiã do sexo feminino cujos pálidos olhos azuis estavam vítreos e ele sabia que ela estava prestes a perder a consciência. Tão certo como ele apontou a coronha de sua espingarda para a neve, ela contorceu-se como um besouro morrendo, o rosto pálido pela perda de sangue e pelo frio e ela sangrava um rio quente na neve.

Karlene.

Jesus. A última vez que a viu foi no Egito, onde a conheceu. E transaram. E então se separaram sem uma palavra e Luc não esperava vê-la novamente.

Então o que diabos ela estava fazendo aqui? E por que seu companheiro Aegi estava tentando matá-la? Será que eles sabem seu segredo?

Agora, isso não importa. Ela estava sangrando até a morte, a anormal nevasca do final da primavera estava piorando e havia, sem dúvida, outro Aegi aqui em algum lugar. Os caçadores de demônios raramente trabalhavam sozinhos.

Praguejando, ele pendurou o fuzil no ombro, pegou Karlene em seus braços e forjou seu caminho de volta para sua cabine. Ela estava sangrando muito, mas não podia arriscar ser seguido por um Guardiã e, assim, teve que tomar um longo caminho de volta, um caminho que o levou ao longo de um leito que poderia esconder seus rastros, se a tempestade não o fizesse.

Finalmente, molhado, gelado e exausto, ele chegou sua cabine. No interior, o fogo ardia e o cheiro de coelho guisado permeava o ar. Em seus braços, a mulher gemeu. O som era esganiçado, fraco e ele precisou apressar-se.

Cuidadosamente, ele deitou-a perto da lareira e, em seguida, retirou o tapete de pele de urso perto do canto sul da sala. Noz e grãos de madeira natural escondiam a escotilha que ele instalara e que foi oculta por uma feiticeira, mas com uma batida bem colocada com a lateral de seu punho sobre um nó especial a porta abriu-se. Instantaneamente, uma rajada de ar gelado soprou seu cabelo na altura do queixo preto para longe de seu rosto e secou os olhos. Ele teria que ter uma fogueira lá em baixo ou Kar iria congelar até a morte antes que tivesse uma chance de sangrar completamente.

Gentilmente, ele pegou-a e levou-a, descendo os íngremes degraus. A sala estava escura por baixo, roubando luz apenas a partir das ripas no andar de cima. Ele deitou-a no leito de palha, acendeu um fogo na lareira que foi habil-mente exalado pela chaminé acima e correu de volta para as escadas.

Depois de pegar seu material de saltar e um par de cobertores, ele ajoe-lhou-se ao lado dela e colocou luvas nela. Seu rosto levemente sardento estava pálido, seu curto cabelo loiro morango emaranhado em sua cabeça e ela já não parecia a maldita resistente Guardiã que foi de igual para igual com ele durante a batalha de luxúria induzida de sexo entre lobisomens. Ela parecia vulnerável e frágil e, agora, ele era sua única esperança de sobrevivência.

Trabalhando rapidamente e com precisão, ele passou pelo ritual ABC padrão (vias aéreas, respiração, circulação) e não ficou muito feliz com os resultados. Seu pulso era rápido e filiforme, sua respiração custosa e, caramba, ele desejava que fosse um médico em vez de um paramédico.

Ele pegou uma tesoura para cortar seu casaco, a camisola por baixo e a camisa térmica de seda. A menina estava definitivamente preparada para o frio. Pena que ela não estava preparada para as duas balas que dilaceraram seu ombro e braço.

A carne estava desconfigurada, perfurada pelo osso, feio, como hambúr-guer. Rastros negros espalharam-se como cipós das feridas, através de seu om-bro e no peito, alongando e ramificando enquanto observava.

Bala de prata. Então, o Aegis definitivamente sabia o que ela era, um warg nascido. Ele viu a marca de nascença em forma de lua crescente na sola de seu pé quando foi despida. Se não fosse por isso, Luc a teria deixado morrer na neve. Ele não correria nenhum risco, sorte dela que ele havia acabado de receber uma chamada em seu telefone por satélite de Con, dando a ele a mais recente atualização da FS. Apenas Wargs transformados foram afetados. Isso era uma sorte para os bastardos nascidos.

As feridas estavam ruins. Kar precisava ir para a UG, mas o Harrowgate mais próximo era a dois quilômetros de distância e na nevasca levaria horas para chegar lá, se conseguisse chegar lá. Ele tinha um snowmobile[1], mas não faria muito bem neste tempo e o barulho poderia atrair qualquer Aegi nas proxi-midades.

E eles ainda estavam há duas semanas da lua cheia, o que significava que não havia esperança para Kar transformar-se e curar suas feridas.

Se ele não buscasse ajuda médica real, essas feridas iriam matá-la.

No entanto, ele poderia ganhar tempo. As balas de prata precisavam sair. O veneno espalhava-se por seu corpo e já havia atingido seu abdômen e, nesse ritmo, ela estaria morta dentro de uma hora.

— Kar? — Ele falou em um tom baixo e suave enquanto vasculhava o kit médico em busca de seus fórceps. — Isto vai doer. — Ela não respondeu e ele esperava que ela estivesse muito longe para sentir o que ele estava prestes a fazer.

Puxando um fôlego revigorante, ele cavou ao redor aprofundando-se no buraco que a bala fez ao atravessar seu braço e inseriu entre a quarta e a quinta costelas. Ele tirou a bala de seu corpo e jogou-a no lixo. Esses bastardos Aegis.

Ele desprezara-os por mais de noventa anos, desde o dia que quase o mataram quando ele mudou para sua forma de lobisomem. Mas seu ódio atin-giu um novo patamar três anos atrás.

Ula.

Maldição. Ele não teve nem tempo de tentar viver com a mulher que queria tomar como parceira. De qualquer maneira, ela estava morta e sua morte nas mãos dos assassinos Aegis tomou muito tempo em seus pesadelos.

A segunda bala estava mais difícil de remover. Ele foi forçado a fazer uma incisão para alargar a ferida e Kar, embora não tenha acordado, gemeu. A bala de prata fixou-se em seu úmero e tudo em torno dele estava escurecido com o veneno.

Praguejando, ele trabalhou a bala com a pinça e, enquanto puxava, Kar gritava em agonia. Seu corpo tremeu e ele teve que usar seu peso para segurá-la.

— Quase pronto — ele grunhiu, enquanto ele a prendia e esperava ela se acalmar. Levou um minuto, mas ela acalmou-se e acalmou-se, misericordiosa-mente perdeu a consciência novamente.

Luc trabalhou rapidamente ao fim, mas demorou uma eternidade para conseguir costurar as feridas e tampá-las. Não foi o suficiente. Ela perdeu muito sangue, provavelmente tinha uma hemorragia interna e se ele não a levasse rápido ao UG, ela morreria.

†††††

Kynan Morgan não podia acreditar que estava fazendo isso. Nenhum ser humano em sã consciência iria conscientemente andar no prédio que abrigava o Conselho Warg. Especialmente se você fosse um membro do Aegis.

Mas então Kynan não era completamente humano, provavelmente não estava em seu juízo perfeito e ele definitivamente não estava sem defesas. Não, o amuleto no pescoço, Heofon, poderia ter colocado o peso do mundo em seus ombros, mas vinha também com um legal encanto de invencibilidade que não significava nada, mas um anjo caído poderia prejudicá-lo.

Muito legal.

Ok, Lore poderia matar Ky, mas eles trabalharam suas diferenças um tempo atrás. A maioria delas. O demônio ainda gostava de agulhá-lo, mas era recíproco.

Kynan ficou no limiar da antiga ruína de um prédio que, provavelmente, abrigara, ao mesmo tempo, a nobreza russa. Agora ele estava destruído e quando uma mulher de cabelos escuros com olhos desconfiados gesticulou para ele segui-la para dentro, ele percebeu que o interior estava em pior forma do que o exterior.

Pisos de pedra em ruínas e paredes lascadas o cumprimentaram, apesar dos tapetes em tons vibrantes de vermelho e ouro estarem do lado de fora. Vasos de plantas e árvores que cresceram no chão deram ao ambiente uma sensação de estar ao ar livre, o que fazia sentido, dado que wargs, especialmente os nascidos, eram basicamente animais selvagens.

A fêmea parou diante de uma sala que poderia ter sido uma vez uma grande biblioteca. Ela ainda abrigava livros, mas a maioria deles estavam ama-relados com a idade e a poeira. Dois homens estavam no centro da sala e enquanto Kynan entrava na casa,

percebeu o movimento atrás dele.

Ele não se precisou virar para saber que acabara de ser cercado e preso. Os wargs definitivamente não queriam correr nenhum risco.

O maior dos dois, um com o nariz largo e cabelo desgrehado avermelha-do, estreitou os olhos para Kynan.

— Você deve saber que nenhum Guardião nunca pôs os pés na sede do Conselho Warg. Como você nos encontrou?

— O Aegis tem maneiras. — Na verdade, eles procuravam este lugar há décadas e eles ainda não sabiam onde ele estava. Kynan e Wraith rastrearam ontem, o demônio poderia encontrar qualquer coisa, especialmente agora que ele estava tão encantado como Kynan.
— Quem é você?

Red zombou.

— Valko. — Ele acenou para o branquelo. — Este é Raynor. E seu nome para que possamos notificar o parente mais próximo?

Cara engraçado.

— Eu sou Kynan.

— E por que está aqui, Kynan? — Raynor perguntou. — Você tem informações sobre a praga que está matando nosso povo?

— Se ele tivesse, você acha que nos diria? — Valko zombou.
— O Aegis não quer nada mais do que nos ver extintos.

— Isso não é verdade. — Kynan tirou os óculos e pôs no bolso. — O Aegis tem matado menos lobisomens ultimamente e você sabe disso. — Graças a Tayla e Kynan, o Aegis passou por diversas mudanças, que incluíam uma política de captura em vez de morte para a maioria dos lobisomens. Contanto que não prejudicassem os seres humanos, os lobisomens eram deixados em paz. Pelo menos, eles deveriam ser. Nem todos no Aegis concordaram com as novas políticas que tentavam evitar a morte das espécies não nocivas do submundo e era difícil para as células individuais da polícia Aegis.

— Então, por que você está aqui?

— Porque eu preciso de informações sobre uma nova espécie de lobiso-mem.

Valko franziu a testa.

— Raça nova?

— Uma que muda durante a lua nova em vez da lua cheia.

Ambos os wargs arregalaram os olhos. A expressão de Valko transfor-mou-se em pedra.

— Não há tal coisa.

— Há. — Kynan estalou os dedos, preparado para também quebrar cabe-ças, se fosse necessário para conseguir algumas respostas. — Um deles está fugindo de Guardiões que estão atrás dela e estou tentando salvar sua vida.

E então algumas cabeças iam rolar por isso. O pai da Guardiã, ele mesmo um Aegis, entrou em contato com o Sigil em pânico, temendo que sua filha estivesse em perigo. Com certeza, depois de um pouco de instrução, Kynan descobriu que, ao invés de trazer o assunto ao Sigil, a célula da Guardiã decidiu ignorar as novas políticas e fazer justiça de acordo com as leis antigas.

— Nós já perdemos o contato com o Guardião que a caçava — Kynan continuou. — Então, eu quero saber o que diabos está acontecendo com ela e por que ela foi para os Territórios do Noroeste.

— Independente do que ela seja, você precisa matá-la — disse Valko, pegando Ky de surpresa. — Abominações são sempre perigosas.

Raynor endureceu e uma corrente de tensão correu pela sala.

— Você acha que quem não nasceu warg é uma abominação.

— Isso não foi o que eu disse — Valko disse em uma agradável voz zom-beteira. — Vocês *varcolac* são muito sensíveis.

Nem tudo é sobre vocês. — Ele voltou-se para Kynan. — Não sabemos nada sobre wargs que podem mudar durante a lua nova. Eu sugiro que você mate a mulher e esqueça isso.

Valko estava mentindo, mas claramente, ele não ia desistir de nada. E já que ninguém havia falado com ele, nem mesmo Eidolon ou o R-XR ouviu falar de qualquer tipo de warg que se transformava na lua nova, Kynan estava em um beco sem saída.

[1] Uma moto de neve, também chamada de motoneve, mota de neve ou snowmobile, é um veículo misto entre uma motocicleta e um carro desenvolvido para andar em lugares com neve, possui tração traseira por esteira com cravas para melhor estabilidade e pás na parte dianteira.

Quatro

— Nossa espécie enfrenta a extinção.

O Primeiro Executor do Conselho Warg fez seu pronunciamento severo enquanto se inclinava sobre a mesa onde nove outros membros estavam sentados, seus punhos plantados firmemente no tampo de carvalho manchado. Como tantos outros wargs nascidos, Ludolf tinha cabelo negro, olhos castanhos e uma queda pelo drama.

— Isso é um exagero — Con disse calmamente, apesar de que por dentro ele estava tudo, menos calmo. Ainda em seu uniforme de paramédico, ele viera direto para o esconderijo em Moscou depois de deixar Sin e enquanto ele antecipa o temperamento flamejante comum entre os wargs nascidos e transformados, ele não esperava que eles o atacassem da maneira que eles fizeram. Ansiosos por informação do Underworld General do único membro do Conselho com informações internas, eles praticamente o arrastaram para dentro da sala, que era uma câmara grande em um porão de um prédio que o Conselho possuía desde que mudou de seu reduto romeno há mais de um século.

O interrogatório, de todos os lados, começara no momento que ele tomou seu assento como o único representante da raça dampira.

— Um exagero? — Valko, o líder do Conselho, bateu seu punho na mesa. — É isso que seu chefe lhe falou? Eu acho que ele falaria qualquer coisa para proteger a preciosa irmã dele.

Sem dúvidas a respeito disso. Mas Eidolon também estava trabalhando demais para achar uma cura. Conall ficou de pé para enfrentar os outros.

— Eidolon está fazendo progressos...

— Que tipo de progressos? — Isso veio de Raynor, um dos quatro membros do Conselho de wargs transformados. — E Sin deveria ter sido morta há muito tempo pela participação dela nisso.

Por alguma razão, um rosnado começou no peito de Con, mas ele conse-guiu esmagá-lo.

— Sin pode ser uma resposta para a cura — ele atirou de volta. — Eidolon está fazendo experimentos com as habilidades dela enquanto falamos.

— Eidolon — Valko cuspiu. — Eu não confio nele. Ele é um traidor para todos os seres do submundo. Qualquer um que tome como companheira uma Aegis é somente merecedor de desprezo. — As sobrançelas dele despencaram para enquadrar um olhar assassino. — Falando de Aegi, você trabalha com um chamado Kynan no hospital?

— Eu costumava trabalhar — Con disse. — Ele pediu demissão há um tempo. — Demitiu-se para tornar-se um Ancião, um dos doze membros do Sigil que comandava o Aegis, mas Con não achava que Valko precisava saber disso. — Por quê?

— Porque ele acabou de sair alguns minutos antes de você chegar. Você contou para ele como nos encontrar?

Con piscou.

— Kynan esteve *aqui*?

— Sim. Aparentemente o Aegis está caçando um warg Feast e ele queria informação.

Isso causou um tumulto entre a multidão. Originalmente criado há milhares de anos por uma aberração de acasalamento entre um demônio e um warg, as abominações resultantes foram escravizadas e criadas por demônios para matar outros wargs. Embora eles não sejam mais escravizados, os Feasts ainda possuem um instinto inato para matar lobisomens. Eles eram tão despre-zados e temidos que nem

sequer possuíam um representante no Conselho. Provavelmente porque seriam mortos na hora.

Sem exceções.

Os lábios de Ludolf descascaram-se de seus dentes.

— Você não contou nada para ele?

— Claro que não — Valko estourou, porque era realmente uma pergunta idiota. Ninguém queria que o Aegis soubesse sobre os wargs Feast. O medo de que os caçadores usassem os Feasts para caçar *varcolac* e *pricolici* era muito grande. — Eu dei a entender que tal warg é bem único e disse para ele matá-la. Mas eu dispensei uma equipe para caçá-la.

— Eu também — Raynor disse e sim, agora haveria uma competição entre os transformados e os nascidos para ver quem conseguiria a cabeça da mulher primeiro. Que pena para ela, mas no momento o Conselho tinha proble-mas mais sérios.

Con prendeu o olhar com cada membro do Conselho um por um, sete homens e três mulheres, começando com o warg transformado de mais baixo escalão até Valko.

— Nós descobrimos que o vírus afeta apenas os *varcolac*.

Silêncio caiu como um machado. Por um momento, ninguém nem ao menos respirou. Em seguida, bem repentinamente, a sala explodiu em xinga-mentos dos wargs transformados e os não tão sutis “*Graças aos deuses*” dos wargs nascidos.

Raynor ficou de pé com tamanha violência que a cadeira dele voou para trás e arrebentou-se contra a parede.

— *Graças aos deuses*? Seus bastardos racistas!

Valko ficou de pé.

— Acalme-se. Ninguém está feliz sobre esta virada de eventos, mas isso significa que os wargs não estão fadados à extinção.

— Não — Raynor rosnou. — Somente nós, cidadãos de segunda classe, mas quem liga para isso, certo?

— Basta! — Con gritou. — Discutir não irá resolver nada. O importante é que nós sabemos quem está em risco.

— E isso nos ajuda como, *maldito dampiro*?

Con odiava esse insulto, somente o tolerava vindo de Luc porque eles já tinham um relacionamento antagônico de qualquer forma. Seu temperamento flamejou e ele mostrou suas presas para a mulher que atirara a ofensa a ele. Sonya devolveu a demonstração de agressão, seus dentes deslumbrantemente brancos contra sua pele escura e rica que ele sentiu sob as mãos em uma noite, não muito tempo atrás.

— Significa que os wargs nascidos não precisam mais se isolar

— Ludolf disse alto, arrastando a atenção de todos de volta para ele.

— Nós podemos reunir os *varcolacs*...

— E dar a vocês *puros-sangues* uma desculpa para nos tratar ainda pior? Você irá nos colocar em algum tipo de campo de concentração? — Raynor zombou. — Eu não descartaria os *pricolici* terem começado esta praga em primeiro lugar como uma maneira de se livrar de nós.

Valko deu a volta na mesa, o aroma amargo de ameaça o seguindo.

— Isso é ridículo.

— É? — Raynor moveu-se para encontrar o homem maior, um plano que poderia terminar com a garganta dele arrancada.

— Isso não foi um plano para exterminar os wargs transformados. — Conall colocou-se entre os dois homens. Se eles queriam derramar sangue, ele não estava nem aí, mas uma batalha agora iria requerer sua participação e, se *ele* sangrasse, ele poderia colocar os transformados na sala em risco por causa do vírus que carregava. — Mas uma coisa é certa: nós não podemos deixar isso vazar. Se os membros do Conselho, pessoas *que deveriam* ter mentes equilibra-das, acreditam que há uma conspiração, pense a respeito do público em geral. Poderíamos ter uma guerra civil em nossas mãos.

— Então você está sugerindo que continuemos a deixar os

cidadãos *pricolici* viverem com um medo desnecessário? — O tom enojado de Ludolf deixou claro o que ele pensava da ideia.

— Oh, sim, nós não queremos que os preciosos puros-sangues sofram juntamente com nós vira-latas, não é? — Yasashiku disse.

Merda. Esta reunião iria terminar em uma grande luta de cachorros em um minuto. Cada pessoa na sala era um alfa e, apesar de haver uma hierarquia dentro de cada uma das sociedades *pricolici*, *varcolac* e *dampira*, a classe não significa nada fora a sociedade individual. E pela maneira que a agressão estava voando através do ar cheio de tensão, isso não iria ser um pequeno tumulto. Pelos iriam voar.

— O que você acha, Conall? — Valko perguntou. — Já que sua raça não é afetada por nada disso, qual é sua opinião?

— Eu já te falei o que eu acho. Nós precisamos ficar em silêncio por ago-ra. Não podemos deixar que a histeria nos separe mais do que já estamos — Ele também deveria manter silêncio a respeito do fato que a raça dele aparentemente *era* afetada.

— Nós? — Raynor zombou. — Ninguém persegue vocês dampiros. Você nasceu dessa forma. Não foi feito contra sua vontade.

— Pelo amor de Sirius, pare com a reclamação! — Ludolf gritou.

Sonya circulou Ludolf.

— Você nos culpa?

Era verdade. Os wargs transformados eram desprezados como seres inferiores. *Varcolacs* eram sub-representados no Conselho, suas palavras e opiniões pesavam menos do que as dos wargs nascidos e seus problemas eram tratados como triviais. O direito de voto foi dado a eles há apenas dois anos, o que ainda incomodava a maioria dos membros *pricolici* do Conselho. Somente os wargs *Feast* eram desprezados com ainda mais desdenho.

— Colocaremos isso em votação. — Con apertou seus punhos para evitar bater algumas cabeças juntas se alguém discordasse. Ele não era um diplomata. — Aqueles a favor de manter isso embaixo

dos panos, por enquanto?

Todos, menos dois membros, ambos *pricolici*, ergueram suas mãos, selando a decisão.

— Está acertado, então. — Con arrancou sua jaqueta de couro das costas da cadeira. — Nós podemos nos encontrar novamente em uma semana, ou mais cedo se Eidolon fizer alguma descoberta.

— Espere, dampiro — Valko disse. — Ainda há o problema do que se fazer com Sin.

Con eriçou-se.

— O que você quer dizer com “*o que se fazer com Sin*”?

— Ela deve ser responsabilizada. Você irá trazê-la até nós.

Con controlou sua expressão para esconder sua surpresa. Valko exigindo justiça por algo que era um problema dos wargs transformados era extrema-mente incomum.

— Sin não começou essa epidemia intencionalmente.

— Um motorista bêbado não quer causar um acidente, mas na corte humana ele será responsabilizado.

— Desde quando você se preocupa com os problemas humanos? — Con perguntou. — As leis humanas não se aplicam a ela e por Sin ser um demônio Seminus, ela não está sujeita a lei warg também.

Valko mexeu seus dedos, sua expressão estranhamente neutra.

— Nós iremos apresentá-la ao Conselho Seminus para punição.

Opa. Ok, já era estranho o bastante que Valko quisesse justiça, mas fazer isso através dos meios oficiais, ao invés de matar Sin, era quase inacreditável. Algo estava errado.

— E se eles decidirem que ela não fez nada de errado?

— Então nós envolveremos os Negociadores de Justiça e o *Maleconcieo*.

Ah, ok. Momento lâmpada acesa. Eidolon foi criado pelo *Judicia*, demo-nios cujo único propósito era medir a justiça dos demônios, e por anos ele serviu da mesma maneira que eles, como um Negociador da Justiça. Se os Negociado-res e o *Maleconcieo*, a autoridade máxima dos demônios que presidia todos os outros Conselhos de demônios, estavam envolvidos, Eidolon seria trazido para o meio e ele poderia muito bem ser forçado a executar a punição de Sin... prova-velmente na forma de morte.

Valko desprezara Eidolon por anos, desde o dia que o doutor falhou em salvar o filho de Valko após ele levar um tiro de prata de um Aegi. Eidolon juntar-se posteriormente com uma Aegi apenas aumentou o ódio de Valko. Valko amaria ver Eidolon forçado a matar sua própria irmã.

Con observou a sala. Antecipação brilhava nos olhos de todos os wargs, como se eles já estivessem sentindo o cheiro de sangue no ar.

— Eidolon precisa dela para encontrar uma cura ou para desenvolver uma vacina.

— Então talvez devêssemos envolver os Negociadores de Justiça agora — Raynor falou. — Se ela estiver presa, ela não terá escolha a não ser se submeter aos testes e tratamentos de Eidolon.

— Você está sugerindo que ela fugirá? — Con perguntou. — Ela não vai fazer isso. Ela está comprometida a terminar com esta epidemia.

Ceticismo misturava-se à voz de Valko.

— Você tem uma semana.

— Uma semana não é o bastante...

Valko ficou de pé.

— Você irá grudar nela como cola por uma semana e, depois disso, você a trará. Se Eidolon ainda estiver procurando uma cura, nós deixaremos o Conselho Seminus decidir o que fazer com ela. Mas ela

irá enfrentar a justiça por isso.

Xingando, Con seguiu para a porta, recusando-se a ficar naquela sala por nem mais um minuto. Aquelas duas sociedades eram bombas-relógio. E com esta doença se espalhando mais rápido do que a Peste Negra fizera, a última coisa que o mundo necessitaria era uma guerra civil warg.

†††††

Valko e Ludolf permaneceram para trás na sala de conferência após todo mundo ter ido embora. Valko confiava em todos os membros *pricolici* do Conselho, mas ele foi criado com Ludolf no clã Botev e não havia ninguém que ele confiasse mais do que um bastardo implacável que havia matado o líder do clã deles e então entregado o controle como alfa do clã para Valko.

Ludolf recostou-se em sua cadeira de couro, seu olhar de pálpebras pesadas varrendo tudo entre a porta fechada e Valko.

— Você acha que eles acreditaram?

— Acreditaram no quê, Dolf? — Valko perguntou inocentemente.

Ludolf fungou.

— Não brinque dessa forma comigo. Eu conheço você muito bem e você é muito ardiloso. Quando você ouviu que somente os *varcolac* eram afetados pela praga, suas engrenagens começaram a rodar. — Ele colocou seus pés em cima da mesa. — Então? Eles acreditaram?

Houve um longo silêncio enquanto Valko considerava o nível de inteligência de cada membro. A maioria dos wargs transformados eram débeis mentais com instintos patéticos, mas não podia subestimá-los, especialmente Raynor. E Con, como um dampiro, definitivamente não era estúpido.

— Os *varcolac* não querem acreditar que podemos nos importar com a condição deles, mas sim, eu acho que eles acreditaram que minha proposta foi genuína. Eles estão cientes que eu *quero* Eidolon no chão, afinal de contas — Ah, sim, o ódio de Valko por Eidolon era bem conhecido, então ninguém suspeitaria que a sugestão dele de envolver os Negociadores de Justiça e o Conselho Sem era bem mais do que apenas punir Eidolon e a irmã dele.

— E Sin?

Valko não tinha nada contra Sin. Não no momento, de qualquer forma. Na verdade, ele gostaria de agradecer a ela por iniciar a epidemia que estava matando os *varcolac*. Mas ele tinha um plano para ela.

— Você ainda está em contato com seu irmão?

Um lento sorriso esticou-se nos lábios finos de Dolf. Seu meio irmão estava escondido pelas últimas três décadas por crimes contra outros wargs, mas eles não perderam contato completo.

— Eu posso estar.

— Bom. Diga a ele que se ele enviar a cabeça de Sin para Eidolon sem ninguém descobrir quem foi responsável pela morte dela, o Conselho Warg irá perdoar suas transgressões passadas e dar a ele um lugar no conselho. Se Con for pego no fogo cruzado, ainda melhor.

— Você é maléfico. Os transformados irão ser culpados por se vingarem.

— E nós vamos sentar e vê-los serem destruídos, se não pelo vírus, então por nós, com a total cooperação do Conselho Seminus. — Valko não conseguia conter o tom de expectativa em sua voz.

— Você realmente acredita que os Sems irão para a guerra por causa da morte de uma fêmea mestiça?

— Claro que não. Mas eles ficarão bravos o bastante para ficarem de nosso lado quando a guerra começar.

— E por que uma guerra vai começar?

— Porque — Valko disse — nós iremos vazar o fato de que a doença afeta somente *varcolacs* e uma vez que os canalhas transformados começarem com suas teorias de conspiração e presumirem que nós somos os responsáveis pela doença...

— Eles nos atacam. — Dolf sorriu — E nós finalmente teremos a desculpa que precisávamos há séculos para destruir aquelas abominações.

— E — Valko adicionou — dependendo de que lado os dampiros fiquem, nós poderemos ser capazes de acabar com eles também. O mundo de metamor-fos caninos será finalmente purificado.

†††††

Quando ele saiu pela parte traseira do edifício do Conselho Warg, Con sentiu a presença de outro dampiro. O terreno tipo parque espalhava-se por meio acre, o bosque de árvores próximas da parede mais distante da propriedade ocultando o único Harrowgate em um raio de três quilômetros. O cheiro de warg era forte ao redor do portal; qualquer espécie com um decente senso meia boca de cheiro iria segui-lo de volta para o Harrowate ou para longe do prédio do Conselho imediatamente.

A menos que eles estivessem lá por uma razão e enquanto Bran emergia das sombras da floresta, Con sabia que isso não iria ser agradável.

Bran era, como muitos dampiros gostavam de dizer, um assustador filho da puta.

De pé ele tinha mais de dois metros de altura e uma estrutura igual à de um touro, o cara não precisava fazer nada para as pessoas saírem de seu caminho. Mas era seu olho direito que ele já não tinha mais e a cicatriz que percorria desde sua têmpora direita até o lado esquerdo de seu queixo o que completava tudo. Bem, isso e o tanque cheio de loucura que brilhava em seu olho bom.

Ele manteve sua longa e prateada juba presa em um rabo de cavalo para que nada obscurecesse a bagunça que era seu rosto.

— Conall — a voz rouca de Bran vibrou profundamente no peito de Con. — Nós precisamos conversar.

Con cruzou seus braços por cima do peito.

— Eu não acho que você veio até Moscou porque a vodka é muito boa. — Provavelmente não era a maneira mais inteligente de falar com um membro veterano do Conselho Dampiro, mas Con não se curvava e bajulava ninguém há um longo tempo.

— Aisling foi para a noite.

Um arrepio percorreu a pele de Con. O que acontecia com os dapiros quando eles morriam era mantido em um forte segredo entre seu povo... O maior segredo, na verdade. Falar sobre isso era proibido, mesmo dentro de nossa própria espécie. Fora de nosso povo, eles eram compelidos a permanecer em silêncio.

Compelidos, no sentido místico da palavra. Cada dampiro possuía uma incapacidade inata de falar detalhes sobre, *ir para a noite*. As palavras simples-mente não vinham e nenhuma quantia de tortura poderia forçar um dampiro a discuti-la.

— Aisling era tão jovem — Con murmurou. Ele gostava de sua prima de segundo grau de três séculos de idade, uma voz forte na comunidade diminuta de dapiros que tivera dois bebês e carregava um terceiro. — O bebê...

— Morto.

— Como isso aconteceu?

— Acidente de carro. — A virada viciosa do lábio superior de Bran disse que o motorista provaria a justiça dampira. — Nós tivemos sorte em ter recupe-rado o corpo dela... Seu carro passou por cima de um penhasco e caiu no ocea-no.

— Sinto muito sobre a Aisling, mas por que entregar as notícias pessoal-mente?

— Porque eu queria ser aquele a lhe dizer que você irá ocupar o lugar dela no Conselho e que você irá participar da próxima época

de reprodução.

O xingamento de Con puxou uma longa respiração e, droga, ele desejava ainda fumar. Mas fumar tornara-se enfadonho, não importava o quanto ele colocasse no cachimbo ou enrolasse a seda.

Por quanto tempo ele quis isso mesmo? Assumir os deveres de seu pai, guiar o clã para a prosperidade e boas caçadas? Mas não dessa maneira. Não porque eles tinham um assento para preencher e ele era o último adulto na linha real de seu pai. Eles deviam pedir a ele para voltar porque queriam a opinião dele, sua experiência. Não porque precisavam de seus genes.

O estômago dele deu alguns pulos enquanto ele erguia seu olhar para Bran.

— Não.

O punho de Bran estalou, pegando a mandíbula de Con. Foi um golpe leve, uma pequena punição para os padrões dos lobos, mas doeu.

— Seu filhote! Você não diz *não* para seu alfa.

Muito lentamente, para não provocar Bran, Con baixou os braços para os lados e ampliou sua postura.

— Eu tenho um assento no Conselho Warg, um trabalho no Underworld General...

— Você desistirá deles — Bran latiu. — Yordan tomará seu assento no Conselho Warg e eu duvido que aquele hospital de demônios sinta sua falta. — O grande macho aproximou-se, tão próximo que se Con respirasse muito profundamente, seus peitos iriam tocar-se. — Você *irá* voltar para casa e tomar seu lugar na sociedade dampira. Nós fomos pacientes contigo, deixando passar suas abstinências durante as temporadas de acasalamento, deixando você sair por aí, fora de nosso alcance, mas é hora de você acomodar-se e cumprir com seus deveres como realeza dampírica.

Deixando-o sair por aí? Acomodar-se?

— Eu acho, velho, que você me confunde com algum juvenzinho filhote. Você expulsou-me do clã. Foi somente o pedido de

Aisling que convenceu o Conselho a permitir que eu voltasse durante as marés de lua cheia. Agora você de repente quer que eu volte e nunca vá embora novamente, exceto para conduzir negócios e alimentar-me?

E já que os dampiros homens eram propensos a viciar-se em sangue se eles se alimentassem do mesmo indivíduo muitas vezes, eles definitivamente precisavam deixar o santuário dampírico para encontrar sua alimentação.

Con tinha mais do que experiência suficiente com isso agora para saber.

Bran rosou e Con preparou-se. A batalha verbal era algo que ele podia ganhar. Mas se Bran atacasse...

Con encontrou-se no chão, deitado por um punho carnudo. A dor serpen-teou através de seu rosto, sinos tocaram e estrelas de verdade rodopiaram em sua visão. Bran acertou Con nas costelas e, filho da puta, isso doeu.

Rolando para evitar outro ataque, ele chutou, pegando a parte de trás dos joelhos de Bran e derrubando-o ao chão. Enquanto o outro dampiro atingia o chão, Con deu um soco que mandou Bran derrapando em sua bunda por vários metros. Con mergulhou, conseguindo outro golpe, o barulho ressoando pelo ar fresco da noite.

No final, Con teria que perder esta briga. Oh, ele podia derrubar o dampiro de três mil anos de idade, mas ganhar seria interpretado como derrotar um alfa e Con teria que se encontrar não somente de volta no clã, mas no comando dele.

Fúria acendeu o fusível para a situação de perder ou perder e, depois de ter conseguido mais alguns socos bem colocados, ele virou de costas e permitiu que Bran, cuja boca enchia-se com seu próprio sangue, o imobilizasse. Bran prendeu sua mão em torno da garganta de Con e apertou, cortando sua respiração.

— Seu vira-lata insolente — ele sibilou. — Você é um desgraçado mimado que deveria ter sido derrubado do salto a séculos atrás. Nós tivemos pena de você depois da morte de sua mãe, mas você não aprendeu com isso, não é?

“Foda-se”, Con balbuciou, mesmo com seus pulmões começando a queimar pela falta de oxigênio.

— Não te incomoda nem um pouco? — A voz de Bran era um ronronado grave, como se ele estivesse gostando e odiando atormentar Con. — Você se arrepende de ter se deixado dominar pelo vício em sangue? Você ao menos pensa na mulher que morreu porque você não tinha controle? Você já pensou em *como* Eleanor morreu?

“Vá. Para. O Inferno”.

Lentamente, Bran soltou seus dedos e Con puxou uma golfada grata de ar.

— Você *irá* retornar e você *irá* tomar seu lugar no Conselho. Você vem comigo *agora*.

— Não posso — Con começou a debater-se contra o corpo pesado de Bran e a mão que apertava seu pescoço de novo.

— Eu levar-te-ei a força, Conall. — O joelho dele acertou a virilha de Con, efetivamente colocando um fim a luta. E talvez aos futuros filhos também. — O que vai ser?

— A doença que está matando os wargs é uma ameaça para todos nós — Con botou para fora. — Você pode ter-me quando a crise acabar.

— Mostre-me sua garganta.

Maldito. Não era o bastante que Con tivesse perdido de propósito a luta; Bran iria fazê-lo suportar a completa rendição. Rangendo os molares com tanta força que eles doíam, Con virou sua cabeça para o lado, deixando sua jugular exposta. Por um longo momento, Bran não fez nada. O pulso de Con pontuava os segundos e quanto mais Bran mantinha Con submisso nesta humilhante posição, mais Con começava suar.

— Você fez seu ponto — Con grunhiu.

— Não — Bran disse, com uma risada sádica. — Eu acho que não. — Ele abaixou sua boca até o pescoço de Con e o coração de Con pulou lá para se juntar a festa.

— Não. O vírus está em meu sangue.

A respiração quente de Bran sussurrou pela pele de Con.

— Que conveniente.

Muito. Servir de alimento em uma demonstração de dominância nunca era agradável.

A raspagem dos dentes ao longo da jugular de Con o deixou tenso porque, igual a Con, Bran nunca foi cuidadoso com sua própria vida e Con não descartaria que o bastardo louco fosse mordê-lo apesar de a infecção viral nadar nas veias de Con.

Finalmente, Bran saltou fluidamente e ficou de pé.

— Você tem até a epidemia ser contida ou a época de acasalamento começar. O que ocorrer primeiro — Ele entrou no Harrowgate e a cortina cintilante solidificou-se, deixando Con sozinho no pátio.

Sozinho com o conhecimento de que seus dias de liberdade estavam numerados e com as palavras “*Tenha cuidado com o que você deseja*” percorrendo sua cabeça.

Cinco

— *Deixem os corpos baterem no chão.*

Bodies[1], do Drowning Pool, estourava do iPod Shuffle de Sin e ela cantava a plenos pulmões enquanto caminhava com Wraith para o PS. Depois que Con partiu, sem nem mesmo um “*Obrigado pela refeição*”, Wraith fê-la parar na cafeteria para um lanche rápido para reabastecer seu açúcar no sangue ou alguma porcaria assim. Aparentemente, Eidolon, o Grande, insistira. Algo sobre desmaiar outra vez.

Agora, Wraith estava silencioso como pedra, embora um sorriso arrogante levantasse um canto de sua boca.

— Então — ele disse, puxando seus fones de ouvidos, — você está traçan-do o paramédico?

Muito para o silêncio sepulcral. Ela adoraria fazer o corpo *dele* bater no chão.

— Não que isto seja de sua conta, mas não — Não recentemente, de qual-quer maneira.

— Mas você quer. — Quando ela abriu a boca para negar, ele a cortou. — Você não pode mentir para um incubus sobre sexo. Você devia saber disso.

— Tanto faz — ela murmurou e enfiou os fones de volta no lugar.

As botas de Wraith soavam como minibombas batendo no chão obsidia-no mesmo através do som estridente da música e, a cada passo, seus nervos se contraíam. Sem dúvida, o efeito era calculado, porque ela sabia que ele podia se mover como um maldito fantasma quando queria. Mais uma vez, ele puxou o cabo do fone de ouvido.

— Ele quer você, também.

— Bem, gee[2], não é mais esperto do que parece. — Sabendo que a bata-lha estava perdida, ela desligou o pequeno MP3 player. — Olá, ele é um cara. E um vampiro. Ele estava respondendo à alimentação. — E aos feromônios succubus dela, que tinham uma tendência de atrair a atenção de todos os homens não incubi, mesmo que apenas subliminarmente. — Qual é seu ponto, afinal?

Ele encolheu os ombros.

— Apenas puxando conversa.

Besteira. Ele tentava obter o máximo de informações possíveis sobre ela. Todos seus novos irmãos respondiam de forma diferente sua existência (Eidolon aceitava isto como se ela estivesse por ali há anos, Shade fazia esforços extras para construir um relacionamento e Wraith... Ele a mantinha ao alcance e ela tinha a sensação de que ele o faria até que aprendesse a confiar nela). Ela entendia; ela era do mesmo jeito. Só porque alguém era biologicamente relacionado não os tornava família. Definitivamente não os tornava agradáveis.

Pior, a família tinha o potencial de ferir uma pessoa muito mais do que um estranho jamais poderia.

— Você não gosta de mim, não é? — Ela perguntou.

— Eu não conheço você.

Ela parou no meio do salão.

— Corta o papo furado.

Ele sorriu.

— Você é uma atiradora direta. Eu *realmente* gosto disso.

— Mas?

Os olhos azuis de Wraith ficaram vidrados enquanto olhavam para o corredor, indo para algum lugar que ela não podia seguir.

— Mas nós temos uma história de algumas direções realmente fodidas na família, começando com nosso pai e terminando com Roag. Lore provou-se, mas você... Você é um coringa. — Seu olhar deslocou-se para ela e era tão frio quanto a tundra ártica. — Eu não vou deixar você ferrar com meus irmãos.

— Ferrar com eles? Talvez você possa ter em mente que eu salvei a vida de dois dos filhos de Shade. E eu nunca quis conhecer vocês de jeito algum. A única razão para eu passar tanto tempo com vocês como estou é porque Eidolon e Shade não me deixam em paz.

Eidolon ligava para ela ir ao hospital sobre as coisas relacionadas à epidemia e Shade sempre a convidava para jantar com sua família para agradecer o que ela fizera por seus filhos. E com certeza, os trigêmeos, Rade, Stryke e Blade eram fofos e tudo, mas lidar com criancinhas babonas estava muito fora de sua zona de conforto.

— Mas você está aqui agora e está em nossas vidas. Então, o que acontece quando a praga acabar e você não precisar mais vir ao hospital? — Wraith se aproximou, usando seu tamanho em uma tentativa de intimidá-la. — Você vai desaparecer?

Ela torceu o pescoço para olhar para ele, mas de maneira nenhuma ela recuaria.

— Esse é o plano.

Um rosnado baixo retumbou em seu peito.

— Eu não conseguiria dar a mínima, mas meus irmãos? História diferente. Lore preocupa-se com você. *E* aceitou você na família e ele não vai deixar você partir. Shade... Ele perdeu uma irmã que amava e agora precisa de você para ajudá-lo a curar-se. Ele provavelmente não vê isso, mas mesmo tão estúpido quanto eu sou às vezes, eu vejo. Então, adivinhe, irmãzinha? Acostu-me-se a ter-me por

perto, porque eu vou ser sua sombra até que tenha certeza que você não vai ferir nossa família.

Sin praticamente tremeu de raiva.

— Você não me pode dizer o que fazer — ela cuspiu. — E eu não sou sua *irmãzinha*. Eu sou mais velha do que você, idiota.

— Duh, os anos que passou como uma humana sem noção não contam. Todo mundo sabe disso. — Ele estreitou os olhos para ela. — Basta lembrar-se do que eu disse. Não tente fugir, porque não há lugar na Terra ou em Sheoul onde eu não possa encontrá-la. — Sua voz era um murmúrio ressoante e mortal. — E confie em mim, você não me quer em seus calcanhares. — Ele deu uma rápida meia-volta próximo a ela e partiu pelo corredor, deixando-a cuspindo como louca e tentada a ir atrás dele, embora não tivesse ideia do que faria se o alcançasse.

— Sin! — Eidolon fez um gesto para ela das portas duplas balançando para o PS[3]. — Eu preciso de você. Agora.

Sin mentalmente mostrou o dedo médio para Wraith e correu atrás de Eidolon, que nem sequer esperou para ver se ela o seguia. Ele cruzou para uma sala perto das portas do estacionamento e arremessou a cortina pesada para trás.

Lá, deitado em uma cama, estava um homem de cabelos alourados, um adolescente, talvez, sua pele pálida nos poucos lugares onde não estava manchada por contusões pretas, sangue vazando pelo nariz, olhos e ouvidos. Máquinas respiravam por ele, bombeavam fluidos para dentro de suas veias, monitorando seus sinais vitais. Uma jovem enfermeira humanoide (uma metamorfa de algum tipo, de acordo com a marca em forma de estrela atrás de sua orelha) checava o estado dele, seu rosto comprimido com preocupação.

Sin queria vomitar.

— Ele sofreu um acidente?

— Isso é o que esta doença faz. — Eidolon levantou o prontuário do paciente de um gancho na ponta da cama. — É uma FVH, uma febre viral hemorrágica. Ela provoca insuficiência

multissistêmica, incluindo do sistema vascular. Órgãos sucumbem e as veias, basicamente, dissolvem-se. O paciente sangra de todos os orifícios...

— *Pare* — Horrorizada, Sin cambaleou para trás, batendo em um armário atrás dela. Deus, o que ela fizera?

Eidolon fez um gesto para a enfermeira.

— Vladlena, podemos ter um minuto?

— Claro, doutor.

Uma vez que ela se fora, Eidolon agarrou os ombros de Sin.

— Sin — Eidolon disse, seu tom muito mais amável do que ela merecia. — Eu preciso de sua ajuda. Eu preciso que você canalize seu dom nele e veja se pode forçar o vírus a uma conformidade.

— Eu já tentei com outros wargs há poucos dias. Não funcionou e ele não estava nem perto de tão ruim quanto esse cara.

— Eu sei. E pode não funcionar com este também. Mas você teve uma chance de ver como o vírus no sangue de Con foi morto. Se você puder causar uma reação similar no interior deste warg, ele poderia ter uma chance.

— Droga — ela respirava. — Okay. Sim. — Ela enrolou as mãos em punhos, em um esforço para não tremer. Passaram-se décadas desde que qualquer coisa a afetara tão fortemente e ela não tinha certeza de como lidar com isso, além de enterrando suas emoções profundamente, a maneira que ela sempre fez.

Tentando se animar, ela gentilmente segurou a mão escurecida e inchada do warg.

— Por que está tão machucado?

— Ele está sangrando subdermicamente enquanto seus capilares se rompem.

Querido Deus. Ela fechou os olhos, escavando por cada grama de distanciamento frio como pedra que possuía. Ela tem sido uma

assassina há anos, fora ao inferno e voltara, literalmente, e ela já viu muito, muito pior do que isso.

Ela apenas não o causara.

— Por que ele não pode beber meu sangue como Con fez? — Ela abriu os olhos e moveu seu olhar para Eidolon, as paredes, o chão, porque qualquer coisa era melhor do que observar o garoto morrer. — Quero dizer, eu sei que wargs normalmente não bebem sangue, mas isto não forneceria algum tipo de defesa?

— Funcionou em Con, porque ele é parte vampiro e o sangue que ele tomou de você foi quase que imediatamente para sua corrente sanguínea. Para qualquer outra pessoa, o sangue vai para o estômago e é digerido ou regurgita-do.

Eca.

— Pode injetar meu sangue neles?

— Mesmo se seu tipo sanguíneo humano fosse o mesmo da vítima, você é parte demônio. Injetar seu sangue diretamente em um lobisomem iria matá-lo.

Entorpecida, ela assentiu. Forçando-se a olhar para o garoto, porque ele merecia isto, pelo menos. Lentamente, muito lentamente, suas barreiras mentais finalmente se colocaram no lugar, bloqueando o horror, a tristeza, a culpa. Oh, tudo sairia novamente, dolorosamente assim, mas neste momento ela precisava levantar os escudos que lhe permitissem lidar com isso.

Concentrando-se, ela abriu-se sua habilidade e calor rasgou por seu braço abaixo do ombro para as pontas de seus dedos, seguindo as curvas e linhas de sua *dermoire*. Ela brilhava enquanto seu dom se canalizava para o lobisomem.

A doença rolou sobre ela, uma lama suja de informação que deixou seu braço e mente pesados. Em sua cabeça, o visual rodou, ela podia ver os torcidos e irregulares tentáculos do vírus envolvidos em torno das células do sangue, espremendo a vida para fora delas. A forma dos filamentos do vírus era diferente daqueles em Con, mas ela visualizou o modo como o vírus de Con fora destruído e então ela inundou o warg com poder. Arrepios ferroantes formiga-ram de seu ombro para as pontas de seus dedos, enquanto ela imaginava reverter

a doença, levando-o de volta para seus estágios iniciais.

Nada aconteceu.

Ela concentrou-se mais forte. Gotas de suor em sua testa.

Ainda nada.

Respirando profundamente, ela desencadeou toda a força de seu poder, até que parecia que seu braço estava embrulhado em cercas elétricas. Dentro de seu crânio, uma colmeia de abelhas furiosas zumbia. Distante, ela ouviu Eidolon chamando seu nome. Seus olhos ardiam enquanto suor pingava sobre eles.

Resposta fluiu de sua *dermoire* para sua cabeça... Alguma coisa estava acontecendo. As células do sangue do lobisomem vibraram e tudo à volta delas, os filamentos do vírus, partiu-se. Primeiro, foram apenas alguns, mas de repente, eles explodiam como pipocas. Pequenos pedaços de vírus corriam através dos vasos.

Encorajada, Sin sondou a rede de veias e artérias do macho e, em toda parte, o inimigo estava sendo destruído. *Sim!* Estava sendo tão fácil, uma dose tão boa, enquanto sua mente rodava a cena em alta definição, ela sorriu.

Os pedaços dos vírus corriam espessos através de sua corrente sanguínea... Tão espessos que começaram a se amontoar, agarrando-se nas paredes das artérias... Entupindo os estreitamentos.

Oh, merda. Sin recolheu seu poder e moveu o visual para a área em torno do coração dele. De repente, os alarmes sonoros e uma enxurrada de atividades cercaram-na. Ela pegou um vislumbre do coração do warg apertando-se, então parando, as veias e artérias em torno dele achatando-se enquanto ficavam entupidas.

Alguém a arrancou dali e ela ficou lá, atordoada e em descrença, enquanto meia dúzia de funcionários e Eidolon trabalhavam para salvar o warg. Idess, companheira de Lore e uma ex-anjo, a quem fora dada a tarefa de acompanhar as almas humanas para fora do hospital, entrou na sala, o que era um sinal muito, muito ruim. Os lobisomens transformados possuíam alma humana, por isso, se Idess estava ali...

Enjoada e trêmula, Sin não sabia quanto tempo observara, mas quando Eidolon praguejou violentamente e indicou a hora da morte, ela saiu da sala como um zumbi, sem saber para onde ia ou o que

estava fazendo. Tudo que sabia era que seu braço direito coçava, um aviso de que ela estava prestes a sangrar.

— Sin! Pare! — Eidolon entrou na frente dela e quando levantou a mão, ela preparou-se para um golpe de punição. Mas, em vez de golpeá-la, ele agarrou seus ombros, forçando-a a parar. — Não foi culpa sua. Ele ia morrer de qualquer jeito.

Ela não quis salientar que ainda assim era sua culpa.

— Você pode me dizer o que deu errado?

— Sim — Ela disse, enquanto se torcia para fora de seu agarre. — Minha mãe psicótica fodeu um demônio e aqui estou eu. — Ela riu amargamente. — Ela sempre disse que ela era um erro. Acho que herdei isso, hein? Quero dizer, ela sequer pôde nos abortar depois de comer uma erva demoníaca que crescia apenas para matar erros. Culpe-me por não ter morrido direito.

— Ei. — Eidolon estendeu a mão para ela novamente, mas quando ela deu um passo atrás, ele desceu a mão. Ainda assim, havia compaixão em seus olhos, compaixão que ela não queria ou precisava. — O que aconteceu com você quando criança, o que está acontecendo agora... Sinto muito. Eu fui duro com você...

— Tanto faz. — Ela cortou-o, desconfortável demais com o momento piegas e impaciente para encontrar privacidade para que quando sua culpa irrompesse, ninguém testemunhasse sua dor ou tentasse fazê-la parar. — Vamos apenas descobrir uma maneira de acabar com isso.

Seu irmão era intuitivo o suficiente para saber que ela precisava mudar de assunto e ele seguia a deixa como se nunca tivesse tentado ficar todo apologético.

— Diga-me o que aconteceu lá com o warg.

— Havia muito do vírus em seu sistema — disse ela. — Quando o vírus morreu, entupiu suas veias.

Eidolon pareceu considerar isso.

— Você acha que se chegasse a alguém antes de tanto do vírus estar em seu sangue, você poderia matar o vírus sem acontecer a mesma coisa?

— Talvez. Mas como isso o ajudaria? Não tem como eu curar cada warg infectado dessa maneira.

— Não, mas poderíamos ser capazes de usar o vírus morto para criar uma vacina ou uma cura, estudando como o vírus jovem foi realmente destruído com seu poder.

Ela franziu a testa.

— Você não pode usar o vírus do lobisomem que acabou... —
De morrer.

Felizmente, Eidolon a poupou de ter que dizê-lo.

— Eu vou pegar amostras, com certeza. O problema é que enquanto a doença progride em um paciente, o vírus se degrada. No momento em que o paciente morre, não há muita estrutura restante para estudo ou uso. Nenhum dos pacientes desenvolveu anticorpos, também. O R-XR tem obtido algumas amostras de wargs recém-infectados, mas o problema é que o R-XR não consegue matar o vírus, mesmo em laboratório. Nada o destrói. Ele tem que envelhecer e morrer por conta própria. Isto não é um vírus humano, Sin. É um vírus demônio, o que significa que pesquisas em seres humanos e os procedimentos estão falhando com a gente. Enormemente. Ele não se comporta como qualquer outro vírus humano ou animal que eu já vi. Poderíamos muito bem estar trabalhando com uma doença de outro planeta.

O interfone grasniu e ela quase pulou para fora de sua pele quando Eidolon foi chamado para a mesa de triagem.

Ele gesticulou para Sin segui-lo ao redor da esquina.

— Eu vou cuidar disso. Espere no... — Ele parou e ela seguiu seu olhar para onde uma enfermeira, um slogthu de pelo desigual, observava dois homens vestindo o macacão preto do uniforme dos Carceris (carcereiros do submundo que não eram conhecidos por seus métodos gentis). O primeiro, um vampiro com cabelos castanhos na altura da cintura, moveu-se para encontrar seu irmão. O outro, humanoide e de espécie desconhecida, olhou em volta com

curiosidade.

E, como se o departamento de emergência não estivesse lotado o suficiente, Con saiu do Harrowgate.

— Eidolon — O vamp estendeu a mão e Eidolon a apanhou com um aperto firme.

— Seth. Como posso te ajudar?

Os olhos azul gelo de Seth moveram-se para Sin, lançando um formigamento de presságio por sua coluna.

— Esta é sua irmã? Sin?

Eidolon enrijeceu.

— Por quê?

O outro demônio deu um passo à frente, lábios excessivamente grandes abertos para revelar os dentes afiados e uma língua bifurcada.

— Porque — ele disse, — estamos aqui por ela. Ela está presa.

†††††

Estamos aqui por ela.

Alguém no Conselho havia mudado de ideia. Filho da puta. Primeiro, Con fora emboscado por Bran e agora isso. Ele não podia dar uma pausa, caramba. Sin não podia, também.

Con estivera dentro de uma prisão Carceris e não era a Disneylândia. As celas encantadas neutralizavam os poderes especiais de todas as espécies e seus requisitos específicos, de modo que os vampiros não precisam de sangue, incubi não precisam de sexo, Cruenti não precisam matar. Mas eles também deixavam os demônios sem poderes, incapazes de se defender de quaisquer punições que os carcereiros distribuíssem.

Se Sin fosse levada, ela poderia ser mantida assim por anos. O sistema de justiça demoníaco operava na premissa de que todos eram culpados até que se provasse inocente, arrastar-se significava anos, até décadas, de tortura atrás das grades.

Con sabia por experiência própria.

Ele deslizou casualmente em direção a Sin, que olhou para os oficiais Carceris, um vamp, o outro, *drake albino*, em descrença. Eidolon colocou-se entre o vampiro e a irmã, sua expressão glacial.

— Do que ela está sendo acusada? — Eidolon perguntou.

— Iniciar uma epidemia que está destruindo wargs. — A voz de Seth espalhou-se através do departamento de emergência como se ele tivesse usado um alto-falante e todos ao alcance da voz pararam em seus caminhos para ficar de queixo caído. Mesmo Bastien, que, obviamente, não perdeu tempo em voltar ao trabalho, congelou, sua vassoura pairando sobre uma pilha de lixo.

Sin aprumou os ombros, enfrentando os caras do Carceris sem um traço de medo quando qualquer pessoa normal estaria cagando tijolos.

— E quem é meu acusador?

— Não nos deram essa informação. — Seth arrancou um conjunto de algemas Bracken do bolso. Desenvolvido pela *Judicia* para negar habilidades à espécie, estas algemas em particular apresentavam minúsculas pontas serrilhadas no interior para evitar que o usuário se debatesse. — Você virá.

Con pegou o braço de Sin.

— Ainda não — Ele sussurrou em seu ouvido. — Mas não lute. Eles não são afetados pelo feitiço Haven. Eles vão bater em você como o inferno e não há nada que possa fazer.

— Eu não vou deixar que me levem — ela atirou.

— Nem eu — Con disse e da ameaça que Eidolon emanava, nem ele. O *drake albino* moveu-se para bloquear o Harrowgate, deixando a Con e Sin apenas uma saída. A abertura da ambulância.

— Eu estou indo para o estacionamento. Dê-me dez segundos e depois corra para a primeira ambulância do lado esquerdo. Tente evitar o olhar do *drake albino*. Ele pode reduzi-la a um saco de pele enrugada em cerca de dez segundos. A reconstituição não é divertida.

Para crédito de Sin, ela não discutiu. Ela simplesmente assentiu e moveu-se para trás de *E*, colocando-a mais perto das portas deslizantes de vidro do estacionamento.

— A quem eu tenho que responder? — Ela perguntou a Seth, que deu a ela um olhar longo e avaliativo.

— Ao Conselho Warg.

— Esta é uma questão do Conselho Seminus — Eidolon disse, mas o vampiro balançou a cabeça.

— Você conhece as leis, demônio. Se dois Conselhos não podem decidir sobre uma punição...

— Eu não fui levada diante de qualquer Conselho — Sin interrompeu.

— Os wargs não são obrigados a levar suas questões para o Conselho de sua espécie — Seth disse. — É recomendado, para evitar o desperdício de tempo do Negociador da Justiça com processos frívolos, mas a escolha é deles.

— Você tem sorte dos wargs não tê-la abatido diretamente — A voz do *drake albino* era monótona, entediada e Con suspeitou que ele estivesse esperando que Sin resistisse à prisão. O cara iria obter seu desejo. E então desejaria que ele não tivesse.

Gelo formou-se nas palavras de Eidolon.

— O Conselho Seminus teria problemas com a morte de Sin.

— Apenas se pudessem provar que o Conselho Warg estava envolvido.

Verdade. Se algum warg solitário matasse Sin, nada seria feito a menos que a família de Sin se vingasse em um nível pessoal ou contatassem os Negociadores da Justiça, que provavelmente

decidiriam em favor de um único warg, apesar da história de Eidolon como Negociador. Con não achava que os irmãos Sem eram realmente do tipo de seguir a rota legal de qualquer maneira. Eles eram muito mais do tipo, *caçá-los e matá-los dolorosamente*.

Con entendia.

— Bom, Sin — Con disse em voz alta, — boa sorte. *E*, eu estou saindo para uma corrida. — Ele pegou o olhar sombrio de Eidolon por apenas um segundo, tempo suficiente para entregar sua mensagem silenciosa, “*Eu vou tirar Sin daqui*”.

Ele dirigiu-se para as portas deslizantes de vidro, onde Wraith esperava, corpo grande apoiado casualmente contra a soleira, mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans enquanto observava. Antecipação brilhou em seus olhos azuis. Con não fazia ideia de quando o demônio chegara, mas estava feliz pelo músculo extra. Wraith amava uma boa luta.

Con passou por Wraith com um aceno de cabeça, subiu na mais nova das três ambulâncias pretas e deu a partida. Como se girar a chave fosse um sinal, Sin explodiu para fora do hospital. Wraith saiu também, seu sobretudo de couro levantando em torno de seus tornozelos e então os oficiais da Carceris estavam lá, Eidolon em seus calcanhares. Ele não teria sido capaz de fazer muito para detê-los dentro do hospital, mas o estacionamento não era protegido pelo feitiço Haven.

Sin lançou-se para a ambulância, enquanto Wraith sem esforço derruba-va o vamp Carceris com um punho na garganta. Eidolon agarrou o *drake albino* pelo braço, mas não a tempo de impedi-lo de lançar um dardo-tranca (uma arma que, uma vez que perfurasse seu alvo, paralisava a vítima até que ela chegasse a uma prisão Carceris).

Movendo-se rápido, Wraith bateu no dardo de esgueira com a mão, mas ele desferiu um golpe de raspão na coxa de Sin quando caiu rodopiando. Sangue espirrou e, embora ela tenha gritado, não desacelerou. Enquanto Eidolon cobria o demônio, Wraith prendeu o vampiro antes que ele pudesse se levantar e Sin pulou para o banco do passageiro do veículo.

— Vai! — Ela gritou, enquanto fechava a porta de uma vez.

Con apertou um botão no painel e a parede traseira do estacionamento brilhou, revelando uma garagem humana do outro

lado.

Os pneus do veículo guincharam enquanto eles giravam para fora da cobertura. Uma vez que passaram através do portal, ele fechou novamente, transformando-se em uma parede sólida de concreto. Nenhum humano, se alguma vez fosse atravessá-la, veria a porta pelo que ela realmente era.

Ele virou-se para Sin, que olhava para trás para ter certeza que os caras do Carceris não estavam de alguma forma avançando pela barreira.

— Você está bem?

— Sim. Por quê?

— Você está sangrando.

Ela bateu a mão sobre a ferida.

— Já tive piores.

O coração ainda martelando, ele retirou-se ao tráfego de Manhattan de início da manhã, seu movimento agressivo causando mais de umas poucas buzinas.

— Mantenha pressão sobre ela. Vamos encostar em um minuto e remendá-la.

— Eu disse que estou bem.

— Não seja uma idiota teimosa. — Ele bateu o pé no freio para evitar colidir com um táxi que saiu na frente dele, embora Con deixasse, intencionalmente, a ambulância trocar tinta com o outro veículo, só para fazer o motorista mijar nas calças. — Você não pode se dar o luxo de ter uma infecção neste momento. — Além disso, o cheiro iria enganar seu interruptor de loucura se eles não cobrissem a ferida dela.

Ela revirou os olhos.

— Em quantos problema *E* e Wraith estão?

— Interferir com os oficiais Carceris e o dever deles? — Ele perguntou-se se deveria mentir, decidiu então que ela poderia lidar com isso. — Muito. — Ele não se incomodou em dizer que ele estava entrando em um bom tempo com chicotes, bastões e rodas d'água nas mãos de torturadores, também, porque duvidava que ela se importasse.

— Droga — ela respirou.

— Eles vão ficar bem. *E* tem experiência com o sistema e Wraith é... O Wraith.

— Eu não quero dever a eles. Eles estão em minha merda o suficiente como está.

— Ah.

— Ah, o quê? — Ela virou-se de olhar pela janela do passageiro para olhar para ele. — O que é que isso deveria significar?

Ela deve ter soltado a pressão sobre seu corte, porque um cheiro particularmente forte de sangue fez suas presas pulsarem. Ele respirou contor-nando a situação do jeito que sempre fazia quando falhava em alimentar-se e estava tratando um paciente sangrando. Mas ele alimentou-se, de Sin, apenas algumas horas atrás e não deveria ter essa reação.

Um arrepio rasgou por sua medula quando um pensamento feio o invadiu. E se o vício já estivesse começando a se estabelecer? Não devia começar até por volta da sexta alimentação, mas ele estava rapidamente aprendendo que, com Sin, muito pouco era previsível.

— Terra para Con. — Sin acenou com a mão na frente de seu rosto, tirando-o tanto do piloto automático quanto dos pensamentos que não queria pensar. — O que *ah* significa?

— Apenas imaginando o que a faz reagir. — Ele parou lentamente em um semáforo e obsevou os primeiros raios do sol da manhã espreitar entre dois edifícios de escritórios. — Você não perguntou por preocupação se eles estariam em apuros. Você perguntou, porque você não quer *dever* a seus irmãos. Por que isso?

Surpreendentemente, ela não disparou um tiro contra ele. Em vez disso, ela ficou imóvel e em silêncio, e o aroma irresistível de seu sangue (e *dela*) engrossou na cabine. Ele olhou para a perna dela, onde um fluxo carmesim fluía entre os dedos e seu controle sobre o volante deixou suas juntas brancas quando seu lado médico, que queria consertá-la, lutou com o lado dampiro que queria prová-la. Talvez houvesse um saco de O+ na traseira.

Ela moveu-se, jogando a cabeça para trás contra o banco, o que teve o efeito infeliz de fazer seus pequenos seios projetarem-se para frente, testando a elasticidade da regata preta que ela usava por baixo da jaqueta de couro.

O volante gemeu sob a força de seu aperto, enquanto o macho nele pulava na briga com o lado médico e dampiro. Maldita súcubos. Ele deu um puxão no volante e, com um guincho de pneus, a ambulância chicoteou a um estacionamento.

— O que você está fazendo? — Ela retrucou. — Oh, meu Deus, você sabe mesmo como dirigir?

Ele tirou um bilhete da máquina, encontrou uma vaga de estacionamento e desligou o motor, despreocupado que os humanos notassem-nos. A ambulância enfeitiçada não era invisível aos olhos humanos, mas registrava-se apenas em seu subconsciente. Humanos evitariam o veículo, reagiriam a ele na estrada, mas não pensariam nele ou em seus passageiros como qualquer coisa estranha ou interessante.

Não, sua preocupação agora eram demônios.

E seu próprio desejo, que era totalmente outro tipo de demônio.

— Suba na traseira — Ele disse firmemente. — Eu vou tratar de sua ferida.

— Eu disse...

— Eu não me importo. — Sua voz era fria, seu corpo quente e a mistura fazia estragos sua paciência. — Você está em *meu* território, em *meu* veículo, então você seguirá *minhas* regras.

Ela olhou.

— E se os Carceris nos encontrarem?

— Eles não vão. — Ele alcançou entre os dois bancos e empurrou a pequena porta para a seção da caixa do veículo. — Eles estarão procurando por você nos lugares óbvios primeiramente. Não em estacionamentos da cidade.

— E depois que você terminar de remendar-me?

Boa pergunta e ele não pensara tão longe assim. Provavelmente porque seu cérebro estava inundado com o aroma dela.

— Vou levá-la para casa — Ele disse finalmente. — Você vai voltar para casa comigo.

[1] *Corpos* em inglês.

[2] Abreviação de *geesus*, uma forma de falar *Jesus*.

[3] No original em inglês, ER (Emergency Room, que significa sala de emergência). Também conhecido como Pronto Socorro (PS).

Seis

— Eu não vou para casa com você.

— Nós falaremos sobre isso enquanto eu estiver remendando você. — Con empurrou seu polegar para trás. — Vá.

Relutante, Sin subiu entre os bancos da frente evitando-o através da porta que separava a cabine da seção da ambulância. Uma luz vermelha maçante iluminou o espaço e os mesmos símbolos do feitiço Haven do UG foram rabiscados nas paredes, mas fora isso, ela poderia ter sido uma ambulância humana.

Sua perna protestou quando ela fez seu caminho pelo corredor estreito entre o banco corrido e a maca, mas a ferida não era nem de perto tão ruim quanto a dor ao longo de seu braço. Ela não teve que olhar para saber que um grande corte dividira sua *dermoire* em seu bíceps. A dor atingiu-a subitamente, mas ela aguentou em silêncio, da maneira como ela sempre fez. Como uma assassina, ela nunca deu suas vítimas o luxo de um grito, então ela percebeu que ela não merecia mais do que eles mereciam.

Da mesma forma que ela não merecia que o corte fosse tratado. Permitiria que Con remendasse seu pé, mas seu braço estava fora dos limites.

Con abaixou as máscaras pretas de borracha dos rolos sobre cada janela. Não se via uma tira de luz exterior, obviamente uma necessidade ao transportar vampiros e outros demônios sensíveis à luz durante o dia.

— Tire suas calças.

— Uau. Não gosta de preliminares, não é?

Girou para ela com a benevolência letal apesar das limitações do compar-timento abarrotado.

— Eu passo horas nas preliminares — Disse, sua voz uma fala arrastada, lenta, *sexy*. — E você?

O calor inundou seu rosto. De algum modo, soube a resposta, soube que nunca teve sexo com preliminares em sua vida. Para ela, o sexo era um lanche rápido, não uma culinária gourmet.

Oh, apreciou-o com os parceiros adequados, mas o desejo de atrasar-se na cama, tomando o prazer em um corpo de macho foi tirado dela há muito tempo. Agora, o sexo era sobre permanecer viva. Nos últimos trinta anos especialmente, virou rotina escapadelas rápidas com um par de assassinos de seu antro, com apenas o rolo ocasional no feno com machos como Con para agitar as coisas.

E agora que era mestre dos assassinos, raramente saía do covil, exceto para ir às matrizes da sociedade ou ao hospital, de forma que suas escolhas foram ainda mais severamente limitadas, na maior parte a Lycus. Seria provavelmente dessa maneira para o resto de sua vida.

— Preliminares são supervalorizadas — O rasgo em seu braço gritou com dor enquanto tirou suas calças e colocou acima do esticador. Deixou seu coldre da coxa e do tornozelo no lugar, embora não houvesse um porquê, suas armas não iriam a qualquer lugar.

— Então você não está fazendo direito. — Con pegou algumas luvas cirúrgicas, de algum modo fazendo o som e a ação eróticos. — Você teve aman-tes preguiçosos.

— Você foi um de meus amantes — Indicou, mas ele não mordeu a isca.

— Uma vez. E há algo a ser dito sobre uma foda dura, rápida. — Sua voz transformou-se num timbre de fascinação. — Mas não há nada como o tempo gasto para tirar lentamente cada peça de roupa, para beijar cada polegada da pele de seu amante. Para lambe-los todos os lugares sensíveis até que fique louca. Para explorar todas as texturas do corpo de sua companheira, com seus dedos, sua boca. — Suas presas saíram quando terminou — Seus dentes.

A fome prendeu-a tão ferozmente que teve que se esforçar para

respirar. Contudo, de algum modo, controlou sua fala calma, como se as palavras gráficas de Con não a afetassem.

— O resultado final é o mesmo. Um orgasmo. Assim por que desperdiçar todo esse tempo? Todo esse tempo para lamber alguém da cabeça ao dedo do pé — Deus, sério? *Queria...* — Eu poderia ter tido meia dúzia de orgasmos. — Supondo que fosse com algum macho imaginário que pudesse gozar muitas vezes, ou um demônio Seminus, cuja ejaculação deixasse as fêmeas gozando repetidamente, mesmo se saísse do quarto.

— Confie em mim — ele murmurou, — a espera vale a pena. Você leva todo esse tempo, mas será melhor. Mais quente. Uma foda fantástica...

Sin estava totalmente molhada e pronta. Mesmo se suas necessidades de súcubo não estivessem rastejando em cima dela, Con começou as coisas.

— Aplique uma pressão sobre sua dilaceração — A mudança abrupta do tom e do assunto a fez piscar, mas ele afastou-se para retirar suprimentos dos armários de vidro e lançar sobre a maca ao lado dela.

Ainda tonta com as imagens que pôs em sua cabeça, agarrou uma toalha de papel do distribuidor atrás dela e prendeu a ferida sangrando. Um gotejamento de calor começou abaixo de seu braço e em sua palma, e dobrou secretamente outra toalha de papel sob a manga de seu casaco. Então, prestou atenção no traseiro de Con sob as calças pretas de BDU[1]. Quando ele girou de volta para ela, começou a afastar-se e seu olhar foi para suas coxas descobertas e cueca de seda preta que estava agora umedecida com sua excitação.

Quanto mais olhava, mais rápido seu coração batia, mais sua barriga vibrava.

Mais quente começou a ficar o interior da ambulância.

Quando seus olhos de prata finalmente se elevaram, estavam escurecidos, suaves, a fome neles austera e incontestável, o que não era nenhuma surpresa dado ao que estavam falando. Por apenas um momento, quis saber se atuaria de acordo com sua necessidade e ficou decepcionada e aliviada quando ele sentou no banco acolchoado transversalmente ao dela.

— Isto é inútil — disse, mesmo que a toalha sob seus dedos embebesse completamente. — Eu curo rapidamente.

— O dardo com o qual o Carceris a golpeou foi revestido com um anticoagulante. Mantém o sangramento, assim podem segui-lo caso o dardo não permaneça.

Inteligente.

— Como você sabe tanto sobre eles?

— Eu tive meu quinhão de experiência com eles — Prendeu seus braços com ambas as mãos, espalhou seus pés e puxou-a para frente, de forma a colocá-la entre suas coxas, os joelhos dela descansando de encontro a um ou outro lado de suas costelas.

Sin tentou ignorar a posição íntima, mas seu corpo não poderia e enrijeceu, sentindo-se presa, embora fosse ele quem estivesse preso entre suas pernas.

— Você foi preso? O que você fez?

— Como eu disse, eu tenho experiência com eles.

— Ooh — ela brincou, afastando-se para trás. — Um menino mau. Vamos lá, conte-me.

— Talvez eu tenha matado súcubos irritantes para me divertir — Suas palavras eram ásperas, mas seus dedos eram delicados quando levantou a toalha para inspecionar sua ferida no pé.

— Eu espero que antes você tenha dado a elas um monte daqueles orgasmos de preliminares. — Roncou, mas não ofereceu mais detalhes sobre seu tempo com o Carceris. Claramente, não iria falar, então estudou o interior da ambulância, com seus armários, bancos e uma estação perto da parte dianteira que parecia com um pequeno laboratório para mistura de poções. — Então, como os vampiros fazem este trabalho, em todo o caso? A vista e o cheiro do sangue deixam-no com fome?

— Se você se empanturrar na festa de ação de graças, você quer comer um sanduíche?

Isso foi uma piada. Não tivera uma festa de ação de graças desde que seus pais estavam vivos. Mas de repente, queria o peru, comer a torta e rolos caseiros. Nostalgia, algo que proibira há muito tempo, enchendo-a com o mesmo calor que sentira quando sua família reuniu-se em torno de uma velha mesa deteriorada no feriado de ação de graças. Como uma criança, previu o futuro, que envolvia um marido, crianças, tio Loren e sua família, todos reunidos nos feriados com seus parentes. Agora ela sabia que seria melhor abandonar esses sonhos infantis e cruelmente flexionou seu braço e permitiu que a dor a trouxesse de volta ao presente, onde nunca comemoraria feriados felizes, sentimentais outra vez.

— Eu não quero comer mais após uma grande refeição, mas... Oh, então você se alimenta bem antes de trabalhar?

— E durante. Nós mantemos petiscos no refrigerador. Todos os médicos fazem, dependendo de sua espécie. Trabalhei com um sócio que moeu os ossos da equipe inteira.

Bruto.

— E se o problema para vocês não for só a dieta? Se for algo mais?

— O quê? Como a necessidade matar ou absorver a dor?

Deu de ombros.

— Ou sexo.

Uma perfeita sobrancelha foi levantada.

— Espécies que matam incontrolavelmente não podem ser médicos, mas nós tivemos alguém que se alimentava da dor de outra pessoa. Este era o trabalho perfeito para ele, até que decidiu que um pouco de dor não faria mal aos pacientes. A coisa do sexo... Eu não sei. Suponho que depende da raça dos incubos ou dos súcubos. Shade administra muito bem em turnos curtos. Por quê? Você está pensando sobre como se inscrever? Porque eu aposto que você não teria nenhum problema em achar um parceiro que poderia, ah, ajudá-la entre as corridas.

Oh e essa conversa com Shade, sobre quem administrava os paramédicos, seria divertida?

— Eu agradeço, mas já tenho um trabalho.

Agitou sua cabeça, desaparafusou um frasco de algo molhado, uma almofada de gaze e colocou sobre seu corte.

— Este é um tipo do coagulante desenvolvido da saliva de um vampiro. É mais eficaz em feridas sobrenaturais do que qualquer coisa que os seres humanos inventaram.

— Eew.

— Você quer que eu lamba um pouco? — A nota escura, sensual em sua voz envolveu em torno dela como uma fita de seda.

Como responder a isso? Porque sim ou não, ambos seriam verdade ou mentira. No final, ela conseguiu um sussurrado, — Não — que ela só poderia esperar ter soado mais convincente para ele do que soou para ela. Limpou sua garganta e mudou o assunto.

— Olha, você pode dirigir agora? Eu preciso chegar minha associação de assassinos.

Olhou-a divertido, com o olhar de “*sem chance*”, como se ela não tivesse absolutamente nenhuma palavra em seu futuro.

— Eu disse que você irá para minha casa. — Terminou de lavar a dilaceração, que, graças ao vampiro que cuspiu o remédio, escorria agora em vez do jorrar. — O Carceris está procurando você. Baterão em todos os lugares óbvios primeiro.

— Bem, capitão Mandão, o covil tem seguranças. — Quando Con tomou seu tempo para torcer a parte superior de um frasco pequeno do antisséptico para lhe dar um olhar de você-está-falando-fudidamente-sério, ela suspirou. — Eu sei que não podem parar o Carceris, mas, pelo menos me avisarão.

— Você tem certeza disso? Pequena picada... — esguinchou o líquido no corte em sua coxa e rangeu seus dentes de encontro à dor. — Ajudar e acobertar você são ofensas sérias. Seus guardas amam-na a este ponto?

Não, não amam. Um lento deslizar de culpa a deixou

ruborizada quando pensou sobre como Eidolon e Wraith vieram em seu auxílio, mesmo cientes do risco que corriam.

E Con, também. Estudou-o enquanto trabalhava em sua ferida, suas mãos rápidas e firmes, devido à prática. Ela não esperara isso. Desde que encontrara o lindo macho, ele não foi nada, senão intenso. Duramente. Jogou-a para a lateral da ambulância que estavam. Apostou com seu companheiro paramédico, Luc, que poderia entrar em suas calças.

E ele conseguiu.

Agora atendia com cuidado sua ferida e tentava levá-la à segurança.

— Por que você está me ajudando? — Soltou.

— Você ainda me deve dez dólares.

Ela lançou um sorriso falso.

— Engraçado. Mas você não está me ajudando porque eu descobri a aposta que fez com Luc e tomei mais do que a metade do lucro.

— Certo. Como é isso? Você é responsável pela epidemia dos wargs e se você for morta, Eidolon não terá acesso a você se precisar de sua ajuda para desenvolver uma cura — disse. — E, além disso, eu devo a seus irmãos.

É lógico. Não a ajudava porque gostasse dela ou qualquer coisa. O que era bom, porque tampouco ela gostava dele. E aquilo não poderia soar mais infantil, poderia?

— Por que você deve a eles?

Ele deu um grande encolher de ombro.

— Eu estava em um mau caminho. Autodestrutivo. Começou com uma luta em um bar com Luc e ambos terminamos no UG.

— Então, Eidolon salvou sua vida?

— Nah. Outra pequena picada. — Limpou a dilaceração com

algo que, sim, picou. — Você encontrou Vladlena? É uma enfermeira. Metamorfo-hiena. Há poucos anos, seu pai, um doutor chamado Yuri, cometeu um erro sobre alguma merda que caiu sobre mim e seu filho mais novo, e colocou o Carceris atrás de mim. Eidolon disse que se eu fosse colocado na prisão, não poderia pagar minha conta do hospital, assim tiraram-me da prisão. O pagamento era eu trabalhar para ele por dois anos.

— Suponho que você ficou ao redor?

— Suponho que sim. Acabou sendo um trabalho legal. As chamadas nunca são as mesmas, sem rotina. Mantém-me em meus pés.

Sin entendeu isso. Tampouco gostava muito da rotina.

— Então, você já acabou?

— Por que está tão ansiosa?

— Porque estou vulnerável em qualquer lugar fora do covil, a sede dos assassinos, ou o hospital. O que é o porquê preciso ir ao covil em vez de sua casa, mesmo que o Carceris procure-me lá. — Era igualmente necessário encontrar um de seus parceiros de sexo. Rápido. Antes que ela atacasse Conall.

— Vulnerável a quê?

— Meus assassinos.

Ele piscou.

— Seus próprios assassinos são um perigo para você?

— Alguns deles cobiçam minha posição. Quem me matar consegue tomar o covil.

— Como você permanece segura quando fica com eles?

— Os assassinos e seus mestres são ligados, assim não podem prejudicar o mestre dentro de nenhum covil de assassino ou filial, ou de nenhum lugar protegido por um feitiço Haven. Mas fora daquelas áreas... todas as apostas são válidas. Alguns dos assassinos mais velhos

podem realmente detectar a localização de seus mestres.

Con soltou uma maldição.

— Você é um pé no saco, não é?

— Sua postura médica é uma merda.

— Oh, eu tenho um inferno de uma postura médica — ele falou vagarosamente rouco, lembrando-a que seu corpo doía e não de dor. Alisou uma grande atadura sobre a ferida, seus dedos vagueando lentamente sobre a tela e sua pele, transformando um procedimento médico em uma das experiências mais sensuais de sua vida.

Falando de coisas patéticas.

Deixou suas mãos onde estavam, envolvendo as coxas dela, e olhou para cima, seu olhar esterlino encontrando o dela. O ar na ambulância pareceu ficar mais espesso e quente. Será que mataria Shade instalar ar-condicionado nessas coisas?

— Tire seu casaco — ele murmurou.

O coração de Sin trovejou.

— Eu não vou transar com você.

— Você quer. — Um sorriso fácil, sedutor, girou acima de sua boca pecadora. — Mas não é por isso que eu quero você tire o casaco.

— Mentiroso. Você amaria entrar em minhas calças.

Ele olhou para ela como se ela fosse uma completa idiota.

— Você ainda está sangrando.

Oh. Humilhação. Ela fungou.

— Não, eu não estou.

— Eu posso cheirá-lo.

Malditos vampiros.

— Dê-me minhas calças.

— Tire seu casaco. Eu não direi outra vez.

— E eu não o deixarei tratar a ferida — Ficou de pé e afastou-se de seu aperto, mas ele estava em pé imediatamente, arrancando seu casaco para revelar o largo corte em seu bíceps.

Tentou afastar-se, mas ele prendeu-a facilmente, sem mais divertimento.

— Como isto aconteceu? Quem fez isto? O Carceris?

— Eu o fiz — disse e afastou-se.

— Você se corta? — Alcançou uma almofada de gaze, mas ela prendeu seu pulso.

Não, não se cortava. Mas não iria explicar qualquer coisa a Con.

— Não se meta com isto — disse com voz nivelada. — Eu cuidarei disso, e nisso, não vou mudar de ideia.

Con considerou, suas características angulares endureceram com raiva e ouviu o ranger de seus dentes e o queixo endurecer.

— Você não pode deixar sangrar desse jeito.

— Eu posso e eu vou.

— Eu estou na borda agora, Sin — Sua voz era gutural, com um tremor ligeiro que se estendesse à mão não o prenderia.

Merda. Seu sangue tentava-o. Ela fechou seus olhos, maldizendo silenciosamente. Permitiu que Eidolon costurasse seu braço uma vez, em vez de usar seus poderes de curas. Talvez desta vez...

Uma quente respiração ventilou sobre seu braço e ela abriu seus olhos. A boca de Con estava próxima, tão próxima... Sim, apenas uma vez...

— Faça — ela sussurrou e, com isso, ele hesitou.

Seu tremor agravou-se e alcançou para o cuspe de vampiro. Sem pensar, Sin segurou a parte traseira de sua cabeça e trouxe seus lábios a seu braço. A ferida era uma dor profundamente pessoal e não estava a ponto de deixar alguma estranha mistura médica perto dela. Então outra vez, deixaria que Con melhorasse uma parte dessa dor?

Suas emoções vacilaram e expirou lentamente, incerta se poderia lidar com tal intimidade. Não, ela tinha certeza. Não poderia.

Então, quando estava a ponto de afastá-lo, ele gemeu, soltou um suspiro trêmulo e afundou seu corpo de encontro ao dela, e em um piscar de olhos, sua preocupação pareceu distante. Sua excitação era uma presença maciça de encontro a seu centro e suas mãos, ainda envoltas nas luvas cirúrgicas, deslizaram sob a parte superior de seu corpo para prender sua cintura. Como o inferno do látex correndo em sua pele poderia ser tão erótico estava além dela, mas desejou que movesse suas mãos até seus peitos ou descesse até seu sexo, assim poderia ver o quanto mais de erotismo poderia obter. Infelizmente, ele se manteve mansamente imóvel, sob rígido controle, como se estivesse receoso de soltar-se e fazer exatamente o que ela estava esperando que ele fizesse.

Lentamente, tentativamente, varreu sua língua da base do corte ao ápice. A carícia reconfortante diminuiu a dor e com cada lenta lambida, diminuía mais, até que não foi deixado nada, a não ser uma picada suavemente agradável. E uma luxúria pulsante que penetrava até seu núcleo. Sob a pele de Con, seus músculos estavam tensos em todo seu corpo e detectou algo no interior escuro, algo que estava tentando conter.

— Con? — Colocou sua mão em seu braço e, sob sua palma, seus músculos ondularam e saltaram. Expressou algo em uma língua que não conhecia, mas estava consideravelmente certa que era uma maldição desagradável. Abruptamente, pulou para trás e, no mesmo momento, alguém bateu na porta traseira. Uma voz estrondosa veio do outro lado. — Traga a súcubo para fora, ou todos no interior morrem.

Con não parou para pensar. O instinto rugiu a superfície e ele empurrou, jogando Sin para baixo da plataforma de equipamento, cobrindo o corpo dela com seu. Dez segundos atrás, quando lutava contra a sede de sangue, ele teria escapado da sensação de seu corpo duro de encontro a seu mais duro, de suas coxas envolvendo-o, mas agora, seu interesse era somente manter Sin viva.

Se ela morresse, acabaria com a única esperança de se livrar do vírus em seu sangue.

E para completar, seus irmãos iriam matá-lo. Muito.

— Quem é? — Sussurrou.

— Eu não sei — ela sussurrou como resposta. — Eu não reconheço a voz. Deve ser o Carceris.

— Não poderiam ter nos encontrado tão rapidamente. Não sem um cão do inferno ou um rastreador de sangue. Deve ser um assassino.

Amaldiçoou.

— Deixe-me levantar.

Não havia bastante espaço no corredor entre o assento do banco e a maca para deixá-la levantar, mesmo se ele quisesse.

— Eu vou ligar o motor e tirar-nos daqui. Fique abaixada.

Ela não discutiu, milagre dos milagres, ele afastou-se dela, apoiando-se lentamente em suas mãos e joelhos em direção à abertura entre a plataforma e a cabine. Pausou na entrada minúscula e escutou, permitindo que sua audição superior procurasse qualquer coisa fora do comum. Tudo que ouviu eram os sons normais de uma cidade. Pneus no asfalto, buzinas, seres humanos conversando enquanto entravam e saíam das estações de metrô. Não havia nada que pudesse indicar o número de assaltantes fora da ambulância.

Ele olhou para o táxi e viu um demônio masculino do lado de fora da janela do motorista. Merda. Ele voltou para trás.

— Nightlash na parte dianteira.

— Tem um anel cor-de-rosa brilhante em seu nariz?

Con olhou novamente.

— Yeah. Realmente viril.

— É Zeph. — Levantou em suas mãos e joelhos. — Aquele lá atrás é um Ramreel, chamado Trag. São sócios. Nunca trabalha sozinho.

— Seus assassinos?

Pegou suas calças e colocou seus pés nelas.

— Bastardos.

— Então é um sim. — Con soltou uma respiração. — Eu pensei que você não havia reconhecido a voz.

— Trag é perito em disfarçá-la. Mas a boa notícia é que conheço meu trabalho. — Fez surgir uma faca e segurou-a frouxamente em seus dedos, pronta para jogar. — Provavelmente não sabem sobre o feitiço Haven, mas de qualquer maneira, não planejam entrar e matar-me. Se você não me colocar para fora, arrebentarão as portas e usarão armas variadas para matar-me.

— Armas de fogo?

— Não acredito. É mais provável usarem dardos ou bolas de fogo venenosas.

— Você tem quinze segundos — o macho perto da porta traseira gritou e Sin ficou de pé.

— Eu sairei pela porta lateral. Posso deslizar ao redor da parte dianteira e pegar Zeph de surpresa, se você puder abrir a porta traseira...

— Eu tenho uma ideia melhor. — Con disse. — Qual deles é o mais perigoso? O mais forte?

— Trag — ela respondeu e desapontamento o atravessou. Con

lutara com Ramreels antes, mas um assassino Nightlash seria algo novo. — Por quê?

— Eu matá-lo-ei. — Ele olhou para o fino teto que Shade instalara precisamente para situações como esta. O demônio pensou em tudo. Embora Con fosse sugerir uma instalação de armas externas na ambulância quando isto acabasse. — Você pega o outro.

— Espera...

Muito tarde. Deslizou a porta, abrindo-a, silenciosamente passou por ela. Lentamente, levantou-se e avançou para a parte traseira da ambulância. Atrás dele, silenciosa como um sussurro, Sin apareceu, graciosa em seus músculos flexíveis. Abaixo, Trag golpeou na porta.

— O tempo acabou.

Con abriu a porta, pulando no Ramreel e jogando-o no chão duramente. Os chifres do demônio causaram uma rachadura satisfatória no pavimento. Legal. Distante, ouviu o grunhido de dor de Zeph, mas então Con tomou um soco na cara e a dor trouxe sua atenção inteiramente de volta a seu oponente.

— Você não me pode derrotar, paramédico — zombou Trag.
— Eu sou um assassino treinado.

— Errado. — Con atolou seu joelho no intestino de Trag. — Como um paramédico, eu sei *exatamente* como matá-lo. — Uma vida de luta ensinou-lhe muito, mas aprender como o corpo funciona o fez muito mais letal.

Nesse pensamento de energização, Con colocou sua mão no pescoço do Ramreel, esmagando sua laringe. Trag fez um som frouxo, agonizado, que Con eliminou com outro golpe em seu nariz largo. O demônio balançou para trás, mas recuperou-se imediatamente, dobrando sobre ele e usando seus chifres maciços, ondulados, para forçar Con para trás, na porta da ambulância.

Merda, isso dói.

Con desviou, mal evitando ser empalado pelo punhal de Trag. Virando para direita, prendeu o braço do demônio atrás e lançou-o. O

Trag caiu e Con deu outro soco devastador em sua garganta, um que acertou a direita, na artéria carótica do macho, matando-o imediatamente. O corpo desintegrar-se-ia, como fazia a maioria dos demônios quando morriam fora do Sheoul ou de uma estrutura construída por demônios no reino humano e Con não esperou ao redor para ver.

Espreitando na parte dianteira da ambulância, onde Sin estava presa de encontro à porta da janela do motorista pelo Nightlash. Prendeu uma faca em sua garganta, mas teve sua mão no ombro do demônio, a *dermoire* brilhando ferozmente e antes que Con pudesse despachar o bastardo, ele caiu no chão, sua pele queimando e rachando, olhos afundando para dentro.

A doença que Sin bombeara no demônio o trouxe de volta à realidade duramente. E grotescamente.

O lembrete do que era e do que fizera golpeando-o na cara, trazendo seu cérebro de volta ao lugar necessário para tratá-la: distância profissional.

— Você está bem? — Perguntou.

— Sim — Ela chutou o demônio morto nas costelas e fez uma careta segurando sua coxa.

Con praguejou.

— Deixe-me verificar sua perna...

— Está muito bem. — Afastou-se e chegou à parte traseira da ambulância, onde o corpo do Ramreel já não era nada, apenas uma mancha gordurosa no asfalto. — Filho de uma cadela... — respirou e Con jurou que ouviu um traço de pesar. — Era um maldito bom assassino.

— Não tão bom com o corpo a corpo.

— Era sua principal fraqueza. — A brisa da manhã jogou seu cabelo em seu rosto e Con mal resistiu ao impulso de escová-lo para trás. — Confiou em seu alvo e não se centrou bastante sobre o combate físico.

— E qual é sua fraqueza?

Guardou seu punhal em seu carregador.

— Eu não tenho.

— Se você acredita nisso, então desilusão é sua fraqueza.

—Você não é um par de calças esperto — disse cansada. — Certo. Minha fraqueza é que sou um súcubo. Mas muito raramente é uma dificuldade quando estou trabalhando.

Ele duvidou disso e agora queria chutar a si mesmo por não considerar que poderia desejar tanto seu sangue por ela ser um súcubo. Pode não ser apenas o sangue dela, talvez seus feromônios estivessem conduzindo sua fome, não um vício iminente.

A menos que...

— Qual é sua necessidade de súcubos? — Perguntou.

Suas sobrancelhas negras levantaram.

— Uh... sexo?

— Não, eu quero dizer... O que você rouba ou causa?

Ela colocou suas mãos em seus quadris.

— Bem, eu não roubo almas, se é isso que você está perguntando. Eu não faço nada.

Oh, ela não diria nada, mesmo se soubesse.

Um silvo, como o som de um pneu aplainando, atrás dele o corpo do Nightlash dissolveu-se. Esperou até que o ruído morresse antes de perguntar: — Quanto tempo antes de você precisar de sexo?

— Não por muito tempo. E todos meus companheiros regulares estão no covil.

Um sentimento... de algo... procovou nele uma contração muscular. Não podia ser inveja. Nunca experimentara aquilo antes. Não com uma fêmea. Mas algo definitivamente torceu seu

temperamento e colocou-a no assento de passageiro com seu maxilar cerrado tão apertado que praticamente teve que erguê-lo para abrir e iniciar a conversa após se estabelecer atrás do volante.

— Nós encontraremos uma solução, mas não ficaremos muito tempo em minha casa. — Pôs em marcha o motor. — O Carceris estará procurando você em todas suas casas, mas pode apostar seu traseiro que me estão investigando. Não demorará muito para encontrarem onde eu vivo. — Ele tinha duas residências, esperava que verificassem seu apartamento primeiro. — Nós devemos ter tempo para limpar e programar nosso próximo passo. — Como talvez entregá-la para um de seus irmãos. Sin não pareceu ouvi-lo. Olhava fixamente para fora e ausentemente friccionava seu esterno. — Hey, você está bem?

Piscou.

— É claro que estou.

Certo. Nenhuma fraqueza. Mas não a comprava. Seus próprios assassinos estavam tentando matá-la, tomar seu trabalho e, a menos que ela tivesse gelo em suas veias em vez de sangue, isso deveria incomodá-la.

E ele sabia malditamente bem que seu sangue corria quente e não frio.

— Tem algum dano no peito?

— Um pouco. É uma dor maçante perder dois assassinos com quem estive ligada.

Ele fez caretas, incapaz de imaginar poder sentir a morte de alguém assim. Começou a dirigir a ambulância enquanto Sin pegou um telefone celular de seu bolso e discou.

— Para quem você está ligando?

— Um de meus companheiros. — Pausou, disse no telefone, — Lycus. O que está acontecendo?

Com a audição de dampiro aguçada, Con ouviu a conversação.

“Você está exposta. O que faz de você um alvo, Sin”. A voz do macho soou claramente a Con, como se estivesse sentado no assento de passageiro com Sin.

Foda-se. O cara deveria sentar-se na seção de trás do equipamento. Amarrado à maca.

— Não brinca. — Sua voz abaixou e ela afastou-se, como se não quisesse que Con ouvisse. — Onde você está?

“No covil. Esperando você”.

Okay, amarrado à maca e morto. Con cerrou seus dentes, irritado com sua própria reação. Não havia nenhuma razão para ser ciumento, não importa quão desprezível este idiota de Lycus soasse.

— Quem está atrás de mim?

Houve uma pausa e então um rugido baixo retumbou sobre os meios de telecomunicações. “Volte ao covil, Sin. Jure acasalar-se comigo e eu assegura-rei que a ordem seja cancelada”.

Filho de uma... Con mordeu de volta uma maldição enquanto seu corpo inteiro sacudiu e a ambulância com ele. Os carros buzinaaram quando ele chicoteou a ambulância de volta na pista, ignorando o brilho de Sin. Ele não dava uma merda para o que Sin fazia, ou com quem ela se “acasalava”, nem o que ela fazia com seu negócio de assassino. Mas esse merda de Lycus a chantageava, o que o irritou muito. A repentina imagem dela nua, debaixo de um corpo bem musculoso não o incomodou. Absolutamente. Em. Nada.

Sin encheu-se de raiva e Con esperou ela cortar o bastardo com sua habitual língua aguda. Então ele quase caiu quando ela disse cansada: — Eu disse não.

Con podia praticamente ouvir o sorriso na voz do macho. *Você está enfraquecendo, súcubo. Não demore muito para ter sexo.*

Muito lentamente, Sin apertou a tecla para encerrar a chamada, ainda olhando a tela do Blackberry.

— Estúpido — murmurou.

Con viu que segurava o volante forte o bastante para por uma curvatura nele e forçou-se a relaxar.

— Quantos mais de seus assassinos podem estar atrás de você?

Seus dedos formaram um punho em seu colo e girou para encará-lo com um olhar fixo e penetrante.

— Todos — disse. — Todos estão atrás de mim.

†††††

Luc vigiara alternadamente através de suas duas janelas minúsculas, mantendo um olho para o problema em potencial, quando ouviu a frágil voz de Kar levantar-se do porão.

Desceu as escadas para o quarto abaixo e encontrou-a no pallet[2] onde a deixara, embora tenha rolado para seu lado ileso e olhasse fixamente as correntes presas em seus braços e na parede de pedra.

— Onde... Onde estou? — Raspou, seu sotaque mal discernível por causa de sua dor.

Agachou-se ao lado dela.

— Você está em meu quarto da lua. — Não que o usasse mais. Já não se importava com o que fazia nas noites de Lua cheia. Ele recusou a acorrentar-se, preferindo correr livre. Eventualmente o Aegis o mataria, ou talvez um caçador, ou, mais provável, Wraith. O demônio jurou matá-lo quando o último pedaço de humanidade saísse dele e, realmente, isto aconteceu quando Ula morreu. — Do que você lembra?

Kar moveu-se, rosnando quando tentou mover seu braço.

— De ser perseguida pelo Aegis.

— Obviamente descobriram a verdade sobre você.

Um fogo cintilou em seu rosto, a luz e a sombra fizeram sua expressão dura de ler, mas havia uma nota de divertimento em sua voz.

— Suponho que você não me possa chantagear mais.

Quase sorriu com isto. Ficaram juntos em uma fortaleza do Aegis em Alexandria, Egito, enquanto esperavam a batalha apocalíptica entre o bem e o mal começar e, neste conflito particular, Luc, os irmãos Seminus e muitos outros demônios estiveram lá para lutar pela Equipe Boa e Irritantemente Justa. Realmente estiveram trabalhando com o Aegis em uma trégua frágil que era carregada com tensão e desconfiança.

Kar estivera lá como guardiã, toda mais-santa-que-você, e ela detectara então o lobisomem nele.

E ele detectara-o nela.

Já que dever vem primeiro na guerra pendente, seu apetite sexual rugiu à vida. E ele não era o indivíduo mais agradável no mundo, então ele propôs um acordo a ela. Dez minutos despidos e ele manteria seu segredo.

Ela xingou e rosnou, mas depois que a Equipe Boa reivindicara a vitória em Jerusalém, ela dera-lhe meia hora. Seu corpo endureceu-se mesmo agora, apenas pensando sobre como a tomara três vezes naqueles trinta minutos. Ao lado do edifício. No chão, estilo do missionário. De joelhos, ele atrás dela. Todos os acoplamentos foram rudes e crus, os wargs faziam dessa maneira, especialmente após uma batalha incondicional. Ele veio embora cheio de arranhões e feridas, e mais saciado do que estivera em um longo tempo.

— Eu estou certo que posso encontrar algo para fazer chantagem — disse, enquanto colocava sua palma sobre a testa dela para medir sua tempera-tura. — Você está com febre. — Deslizou seus dedos para baixo em seu pescoço. — E seu pulso está muito rápido. Eu irei buscar gelo e medicamentos.

A mão boa dela disparou para capturar seu pulso em um aperto surpreendentemente forte.

— Sem medicamentos.

— Nós temos que baixar sua febre.

Lambeu seus lábios, fechando seus olhos, mas não o liberou.

— Certo, mas nada que possa ferir o bebê.

Ele olhou fixamente para ela.

— Você está grávida?

— Sim.

Ela deve ter entrado no cio poucos dias depois que ele estivera com ela. Graças a Deus que não detectara que se aproximava. Seria compelido a permanecer e lutar com todos os outros machos que aparecessem para reivindicá-la. O vencedor acoplar-se-ia com ela os três dias e noites da Lua cheia, na forma humana e da besta, e se ficasse grávida durante esse período, sua ligação seria permanente.

— Onde está seu companheiro?

— Morto — Os olhos dela ainda estavam fechados e ele desejou que ela os abrisse, assim poderia tê-la lido.

— O Aegis matou-o?

— Sim.

— Era nascido ou transformado?

— Transformado — disse suavemente.

Um calafrio percorreu sua coluna.

— O filhote poderia nascer humano.

Abriu finalmente seus olhos.

— Eu estou ciente disso.

— Você matá-lo-ia? — As leis dos wargs nascidos eram ásperas com respeito às crianças humanas; deviam ser destruídas no nascimento. Embora Luc tivesse ouvido algumas mães que deixaram os bebês em hospitais ou em locais onde as crianças poderiam ser adotadas.

Ela hesitou e, por um momento, ele pensou que diria sim. Mas

então seus olhos piscaram, o brilho férreo neles sugerindo que tipo de mãe seria. Feroz. Amorosa.

— Eu protegerei meu bebê com minha vida. É por isso que eu estou aqui. O vírus...

— O que tem ele?

— Eu estou com medo. Você sabe o que está acontecendo, você tem acesso...

Ele bufou.

— Caso não tenha observado, eu estou escondido no meio do nada. Mas eu sei que afeta somente wargs transformados, portanto você está segura. — Por qualquer motivo, não pareceu estar aliviada, mas então, estava tão doente com seus ferimentos e envenenamento de prata como estaria se tivesse FS. Pôs a mão em sua testa outra vez, sabendo bem que a febre não teria diminuído. —Então é por isso que você está aqui? A única razão?

Deslocou seu olhar à chaminé, olhando fixamente para ela em branco.

— Eu não tinha nenhum lugar além desse para ir, uma vez que o Aegis sabe de meu segredo.

— Você não devia ter vindo aqui — Era uma coisa estúpida a dizer, mas de qualquer forma, ele era um estúpido. Desde o dia que foi atacado por um lobisomem, tudo era apenas para si mesmo e não se importava com mais ninguém.

— Claramente, foi um erro — Sua voz era tão suave que quase foi afogada pelo crepitar do fogo.

— Sim, foi. — Ele atizou uma seção do fogo com um pouco mais de força do que era necessário e faíscas voaram, estalando com raiva. — A última coisa que eu preciso é cuidar de uma fêmea grávida que tem assassinos perse-guindo-a. Como souberam o que você é de qualquer maneira? — Quando ela não respondeu, ele virou-se. Os olhos dela estavam fechados, sua respiração regular. Desmaiara outra vez.

E ele estava em um inferno de uma confusão.

[1] Marca de calças.

[2] Pallet é um suporte geralmente de madeira feito para servir para cargas pesadas serem transportadas com mais facilidade.

Sete

Ficaram em silêncio por bons trinta minutos. Sin ficou grata pelo silêncio no início, até que seus pensamentos começaram a rodar e ela perceber em quantos problemas estava verdadeiramente. Lycus, esse panaca enganador e pegajoso. Sabia que não poderia confiar nele, mas esperou que ele usasse alguma de sua considerável influência para manter a maioria de seus assassinos longe dela, sem que ela jurasse transformar-se em sua companheira.

E ele estava errado; ela não estava enfraquecendo. Tão agradável quanto seria compartilhar das cargas de ser um mestre assassino, não poderia se ligar a qualquer um, especialmente não um cabeça oca como Lycus.

Merda. Entre seus próprios assassinos que quiserem sua cabeça em uma bandeja e o Carceris que a quer amarrada em uma pilha, ela estava começando a se sentir como um cervo durante a estação de caça. Assim quando seu telefone celular começou a tocar constantemente (ligações e mensagens de textos de Eidolon, Shade, Lore e mesmo de Wraith) seu último nervo se partiu como a extremidade de uma corda e ela desligou o telefone.

— Estão preocupados com você. — Con olhou de relance no Blackberry. — Você deveria atender.

— Eu não preciso da preocupação deles.

Sua resposta era afiada.

— Muito egoísta?

Certo, sim, era egoísta. Desde o dia em que ela e Lore atravessaram a transição que lhe dera tatuagens, necessidades sexuais incontrolláveis e habilidades para matar, ela fora forçada a deixar o mundo humano para trás. O que significou deixar a suavidade, a piedade e o amor em um lugar onde não a ferissem. O violento mundo para o qual fora levada por um comerciante de escravo de demônio após Lore abandoná-la endureceu-a rapidamente.

Passou um século com demônios que respiravam a crueldade como o ar e acumulou cicatrizes físicas e emocionais, era o único modo de sobreviver. Então, há trinta anos encontrara Lore e a devoção dele manteve afastado, apenas um pouco, seu escudo. E agora, sua razão para não responder a seus irmãos, não era porque não precisasse de sua ajuda, embora não precisasse. Era porque não importava o quanto ela odiasse, encontrou-se preocupando-se sobre a punição de Wraith e de Eidolon por ajudá-la.

Mas não ia dizer isso a Con. Dizer isso era pedir para ouvir a piedade e um convite a frases inúteis como *“Eu sinto muito”* e *“Tudo ficará bem”*.

As colisões picavam e formigavam sua pele. Sua avó, que criara Sin e Lore desde o dia que nasceram, dizia muito isso. *“Tudo ficará bem, Sinead. Sua mãe os ama. Ela é doente, isso é tudo”*. E *“Tudo bem. Todos podem ser cruéis, mas você me terá sempre”*.

A avó havia mentido. A mãe não a amava, Sin não tivera sua avó sempre, e definitivamente não estava tudo bem.

O rádio da ambulância gritou e a voz tensa de Eidolon perfurou o silêncio.

— Con. Pegue o telefone.

Con apertou uma tecla no painel.

— E. Nós estamos bem.

— Graças aos deuses. — O alívio de Eidolon foi transmitido sobre as ondas radiofônicas. — Não me diga onde você está indo. Esta frequência pode ser monitorada. E Sin, fique longe de cada lugar que você já esteve.

— Sim. Ficarei. — Um alargamento estranho de culpa

acendeu em sua barriga e apertou sua garganta. — Hey, o uh... Você e Wraith... Eu quero dizer... O que fizeram...

— Não se preocupe com a gente — Eidolon disse. — Apenas siga em frente e falaremos mais tarde. — Desligou, deixando Sin e Con no tenso silêncio outra vez.

Por outra maldita longa hora. Passou o tempo olhando os carros passando pela janela, desejando poder estar atrás do volante de um deles, conduzindo a um destino escolhido por ela em vez de ter um motorista dâmpiro arrogante que não a queria.

Um dâmpiro arrogante cujos longos pés flexionavam enquanto mexia os pedais do acelerador e freio. Cujo grosso bíceps relaxava e tencionava enquanto dirigia. Os ombros largos encheram o espaço do motorista e as imagens de suas mãos tocando-a enquanto bombeava entre suas coxas encheram sua cabeça. Estava tão ciente dele, tão hipersensível a seu calor, seu perfume, mesmo o som de sua respiração, que não importava o tempo que passasse olhando o mundo lá fora, seus olhos acabavam voltando para ele. Sentindo seu corpo inclinar-se para ele.

Era um tremendo pé no saco.

Finalmente, quando os subúrbios transformaram-se em pastos e em terra, Con tirou a ambulância da estrada principal e seguiu em um cascalho alinhado por fileiras das árvores.

— Eu vou supor que você não dirige para trabalhar muito frequentemente — ela falou.

— Há um Harrowgate a menos de um quilômetro depois das árvores, então não, eu não dirijo frequentemente. Umas duas horas de viagem seriam de matar.

A ambulância triturou o cascalho durante uns poucos metros até que Con direcionou para uma garagem de uma casa velha, mas conservada, estilo rancho, de encontro a uma colina e profundamente dentro de uma floresta que parecia ter sido cultivada para a privacidade. Saiu e fez uma varredura do perímetro e depois tirou seu GTO preto da garagem para dar espaço a ambulância. Possuía também uma motocicleta, um carro de neve e um ATV. O cara gostava de brinquedos com motores.

Con colocou a ambulância dentro. Era grande e quase não coube, e ela pensou ouvir o raspar do metal em algum ponto. Shade iria ficar muito irritado pelos arranhões que o veículo sofreu hoje.

— Passeio agradável — disse, porque arrastou um dedo ao longo do pára-choque lustroso do GTO. A coisa ainda tinha placas da concessionária nela.

Con encolheu de ombros.

— Servirá até o próximo ano.

— Próximo ano?

— Eu compro um novo todo ano.

Ela espreitou através do vidro matizado o interior de couro.

— Gosta do cheiro de carro novo, huh?

— Nah — disse, apertou a tecla da porta da garagem. — Eu fico cansado de dirigir a mesma coisa repetidamente.

— Talvez você devesse pilotar um avião — murmurou e ele assentiu como se ela estivesse falando sério.

— Eu estou trabalhando nisso. Eu já tenho a licença de piloto.

É lógico que ele tem.

Uma vez que a porta da garagem rolou para baixo, desarmou o sistema de segurança e a conduziu para casa, a qual era uma verdadeira casa de solteiro. A mobília era velha, mas bem conservada. Havia roupas jogadas sobre as cadeiras e sofás, e quis saber se as janelas alguma vez foram limpas. Parecia com a casa de Lore, somente mais nova. E maior. Definitivamente mais pessoal.

Suas prateleiras e paredes eram carregadas com um material que parecia ser cerâmica antiga, esboços moldados das catedrais de pedra, armas. Seguiu para uma parte magnífica, um arco pendurado entre um bastão e uma katana japonês.

— Impressionante. — Arrastou um dedo sobre a superfície lisa do teixo[1]. — Embora eu não o tomasse por um tipo de pessoa

de casa.

— Onde você achou que eu morasse? — Falou com divertimento em sua voz. — Em uma barraca?

Encolheu os ombros e virou-se para ele.

— A maioria das pessoas mora em apartamento. E a maiorias dos wargs vivem em casas um pouco mais rústicas.

Era sua vez de encolher de ombros.

— Os wargs nascidos preferem o ar livre e a região selvagem, mas muitos wargs transformados são humanos o suficiente para gostar de viver com outros seres humanos.

— Até que descubrem que os seres humanos são alimentos e que se acorrentar em um apartamento é muito ruidoso.

— Verdade — Lançou as chaves da ambulância na mesa da sala de jantar.

— E sobre os vampiros? Vocês têm sorte de nascerem dessa maneira... e depois se transformarem.

Suas mãos foram para seus botões da camisa enquanto ele a prendeu com um olhar frio e distante. Cara, desejava poder lê-lo melhor.

— Qual é seu ponto?

Havia uma vibe estranha de fuga em sua resposta, mas não poderia determinar o que era exatamente.

— Aonde você cai na escala do warg? O que você faz? Sobre a Lua cheia, eu quero dizer?

Tirou sua camisa de paramédico e a língua dela quase caiu de sua boca ao ver seus músculos agudamente definidos e afiados, carne dura. Ela foi usada por machos que se mantiveram em forma (nenhum assassino se deixou ficar fora de forma), mas Con tinha uma carne sem gordura, corpo de corredor poderoso, o tipo que foi usado bem e frequentemente. Foi feito para maratonas.

Eu passo horas nas preliminares.

Oh, sim. Maratonas.

— Eu garanto que não me acorrento. — Lançou a camisa sobre a parte traseira de uma cadeira. — Eu vou para casa. Onde eu nasci.

Ela teve que forçar seus olhos para longe de seu tórax para encontrar os dele.

— Onde é isso?

— Scotland. É onde os dampiros se originaram. O clã de Dearghuls (o único clã que resta) tem um santuário lá. Acres de propriedade onde nós pode-mos caçar durante a febre da lua.

Nível dos olhos... nível dos olhos...

— Quantos de vocês estão lá?

— Nossos números são pateticamente poucos. Tão poucos que durante a estação de acoplamento, todos os machos e fêmeas não acasalados devem participar.

Sin mordeu sua língua para evitar lamentar na palavra, *acoplamento*.

— Assim você não se acopla como outros wargs? Eu quero dizer, deixar uma fêmea grávida durante seu calor não te liga para sempre?

— Não — disse com voz rouca e ela quis saber se o assunto o afetara da mesma maneira que a afetou. — De fato, os machos muito raramente tomam companheiros permanentes.

Seu tom arrepiou sua pele.

— Por que não?

— Porque nós tendemos a matar as fêmeas.

Ah, bem, está bem. Isso não era legal.

Vagueou em torno da sala de visitas e saiu do salão para verificar os quartos. Yep, era a Nellie Nosy[2], mas Con não pareceu se preocupar.

— O que você faz com todo este espaço? Você dá festas e o enche?

Ele, que verificava a secretária eletrônica, olhou para cima.

— Não. Muitos de meus amigos são humanos. Fariam perguntas demais.

— Humanos? Você é próximo dos *humanos*?

— Atualmente não. — Foi à janela e fechou as cortinas. — Apenas preci-sei deixar meu último grupo de amigos. Quando começam a mencionar como você nunca envelhece, é hora de partir para *um trabalho permanente* em algum lugar remoto sem comunicações. Agora, eu estou estudando nemátodos[3] no Continente antártico.

— Bem, você é um nerd. — Mas seriamente... como é estranho ele convi-ver com seres humanos. Ele parecia ser um típico cara do submundo.

Seu telefone celular tocou e ele tirou-o da parte inferior do bolso lateral da perna de suas calças de BDU.

— E. Sim. Onde você está?

Con ficou perto e aproximando-se da porta da rua estava Eidolon, ainda em seu uniforme. Shade estava ao lado dele, coberto ate à garganta de couro preto, de suas botas de motociclista a sua roupa, os óculos de sol que escondem seus olhos escuros. Parecia o assustador exterminador.

— Como você sabia onde estávamos? — Sin perguntou.

— Eu sou um bom rastreador — Eidolon disse, enquanto ele e Shade entraram. Lançou uma mochila para Sin. — Roupa. Imaginei que podia precisar depois dos tiros que recebeu.

Con fechou a porta, mas não antes de fazer a varredura da área exterior.

— Runa está melhor?

— Não boa o bastante. — Shade dobrou seus óculos de sol em seu bolso. — Disse-me para sair. Disse que eu a deixo louca. Além do mais, eu preciso comprar alguns mantimentos.

Sin quase riu da imagem do demônio grande e mau, todo em couro, empurrando um carro de compras através dos corredores de um supermercado.

— Eu acho difícil acreditar que você a deixou sozinha, doente, com os três bebês.

— Eu não deixei. Gema e Tay estão com ela. — A companheira de Eidolon Tayla e sua irmã gêmea, Gema, eram ambos demônios metade Soulshredder, os mais maus dos maus, mas eram marshmallows derretidos quando se tratava de seus sobrinhos. Gema estava grávida e Sin imaginou que não demoraria muito para Tayla entrar para esse trem louco.

Shade aproximou-se de Sin.

— Você está bem? *E* disse que você foi ferida por um tiro.

— Eu viverei. — Deixou cair a mochila e marchou de volta à cozinha, falando enquanto seguia. — Con remendou antes que os assassinos atacassem.

Shade e *E* focalizaram nela, lasers escuros de um olhar muito irritado, e soube que cometera um enorme erro dizendo isso.

— Assassinos? — Ambos rosnaram.

— Sim. — Con pegou um engradado de cerveja da geladeira e jogou uma garrafa para cada um deles. Sin se atrapalhou com a dela. Ela estava distraída, muito ocupada para pensar em pegar a cerveja. — Sua irmã não pode dar um maldito passo sem causar algum tipo de desastre.

Shade retirou o lacre de sua garrafa e arremessou a tampa na pia.

— Quem eram eles?

— Eram meus. Eu estou andando por aí com um alvo em minha bunda. — Sustentou sua mão esquerda e balançou os dedos, onde o anel de prata de Detharu brilhou na luz. — O assassino que me matar e tomar meu anel herda meu trabalho. Eu sou a pessoa mais querida no submundo agora.

— Sinos do inferno — Shade murmurou. — Que tipo de defesa você tem contra eles?

Ela franziu sua testa.

— Além de minha superincrível habilidade de luta e defesa?

— Sim — Shade disse categoricamente, o indivíduo não tem nenhum senso de humor. — Além disso.

Eu poderia me ligar a Lycus para poupar minha vida. Deu de ombros.

— Tudo que eu posso fazer é permanecer à frente deles. A maioria não poderá me encontrar, mas alguns podem me detectar. É possível que eles coloquem um aviso a cada célula empregada no submundo. Eu preciso me manter em movimento.

— Você terá que fazer isso enquanto foge do Carceris, também — Eidolon adicionou.

— Você permanecerá na caverna com Runa — Shade anunciou como se tivesse tomado a decisão e Sin tivesse que aceitar. — A entrada é escondida e mesmo se te seguirem, nunca conseguirão entrar.

— Você não conhece meus assassinos. Confiem em mim, eles encontrarão uma maneira. Eu não vou colocar sua companheira e suas crianças em risco.

Eidolon ajuntou sua mão através de seu cabelo.

— Então nós revezaremos com você.

— Revezar?

— Há quatro de nós — Eidolon indicou, como se ela não pudesse contar. — Um de nós estará sempre com você.

— Sem chance. — Torceu o tampão em seu frasco de cerveja. — Eu posso tomar conta de mim mesma. Eu não preciso de vocês bancando os irmãos mais velhos. Além do mais — disse alegremente enquanto ligava seus braços com Con, — eu tenho este inteligente dampiro para me manter segura.

Con ficou tenso, seus braços e músculos do tórax virando ferro de encontro a ela. Por um segundo pensou que discutiria, mas chocou-a dizendo: — Eu não tenho escolha. Eu preciso de seu sangue para eliminar o vírus dentro de mim.

— Bem, idiota, não soe tão excitado.

— Confie em mim — disse em um tom duro. — Eu não estou. Eu tenho outras obrigações.

Shade bebeu a metade de sua cerveja.

— Con pode ficar com você. Isso vai lhe dar dois guarda-costas.

Sin afastou-se de Con, fingindo precisar olhar para Shade, mas a verdade era que Con sem camisa era uma distração que não precisava.

— Você não compreende a palavra não? Eu não quero ser responsável por você.

— Responsável? — Shade parou em sua cerveja. — Responsável por nós?

— Sim. E se meus assassinos o usam para me encontrar? Ou, e se o matam?

— Eu acho — Shade disse quietamente, — que você nos subestima.

Não, ela realmente sabia que seus irmãos eram mais do que capazes de se defenderem. Mas ninguém era invencível.

— Há também o problema com o Carceris — ela lembrou a eles.

— Nós não estamos nos preocupando com isso — Eidolon disse, mas Sin agitou sua cabeça.

— Eu estou. Eu disse não.

Shade estava tão perto dela tão rápido que não teve tempo para piscar. Ao lado dela, Con enrijeceu outra vez, e ela queria saber se, possivelmente, estava se preparando para defendê-la.

— Isto não está aberto para o debate — ele rosnou. — Nós cuidamos um do outro nesta família e não deixaremos você se expor.

Ela ficou nas pontas dos pés, mas ainda alcançou somente seus ombros.

— Eu. Disse. Não. Se eu fosse um irmão em vez de uma irmã, você não estaria tão louco assim sobre minha proteção e você sabe disso. Eu não vou ser tratada diferente apenas porque não tenho um pênis.

— Sin...

Ela cortou Eidolon de forma decisiva, batendo bruscamente sua cerveja e pulverizando espuma por toda parte.

— Eu não vou por você em risco — Ela fez isso aceitando a ajuda de Lore com seu ex-mestre, Detharu, e custou anos de sofrimento a seu irmão. Ela não faria isso para um irmão novamente e nem permitiria que ela mesma se apegasse a eles. Se ela ficasse presa com eles vinte quatro horas por dia...

Ela estremeceu. Eles eram dominantes e protetores o bastante. Se deixasse, ficaria presa.

— Você não tem que fazer isto sozinha. — Os dedos de Shade circunda-ram seu pulso, seu aperto delicado, mas tão inflexível quanto grilhões. — Você é nossa...

Vocês são meus. A voz de seu primeiro mestre, aquele que a tirou das ruas onde ela esteve morrendo de fome, almejando as coisas que não entendia, veio em sua mente. Ele controla um anel de crime do submundo que operava principalmente no mundo humano (jogo, prostituição, assassina de aluguel, drogas e escravo para o tráfico). Ele foi o primeiro mestre dela, mas ele não foi o último.

Vocês são meus. Vocês pertencem a mim. Vocês são nossos. As palavras dos mestres do passado ressoaram em sua mente até que sua garganta apertou e seu coração bateu loucamente contra suas costelas.

— Seus? — Sin quebrou o aperto de Shade e tropeçou para trás até que colidiu com Con. — Eu não pertenço a ninguém. — Deus, todo seu corpo tremia e sua respiração ficou presa em seus pulmões enquanto a ansiedade a inundava.

— Whoa. — Shade levantou as mãos. — Hey, está tudo bem.

Con descansou suas mãos em seus ombros, seu aperto foi estranhamente consolador quando deveria ter feito ela se sentir mais presa ainda.

— Meninos, eu acho que vocês deviam recuar.

Eidolon e Shade olharam Con, reflexos de ouro quebrando as superfícies de seus olhos escuros como a raiva que provocou.

— Eu aprecio o que você fez por ela — disse Eidolon, sua voz grossa, — mas ela é nossa irmã e podemos lidar com isso.

Tensão saía da pele de Sin como chumbo grosso. Ela abriu a boca para mandar todos embora, mas Con falou primeiro.

— Ela precisa de vocês — ele disse, com sua voz calmante de paramédico, a mesma que usou com ela na ambulância. — Você sabe disso. *Ela* sabe disso. — Ele apertou o ombro dela, uma mensagem silenciosa para confirmar o que ele estava dizendo. — Mas talvez seja melhor me deixarem permanecer a seu lado enquanto organiza as coisas do UG.

Todo mundo olhava, imóvel, até que Eidolon finalmente tomou um longo gole de sua cerveja e acenou com a cabeça.

— Você vai ligar a cada par de horas.

Sin apertou seus punhos na voz de comando, mas ela resistiu ao impulso de falar. Confrontar *E* e Shade agora seria estúpido, e ela não iria brigar para fazer Eidolon mudar de ideia.

— Eu poderia ter apenas uns dois dias, talvez horas, antes eu preciso cuidar de alguns negócios do clã, mas vamos fazer o que nós pudermos até então — Con prometeu.

— Bom. — Eidolon apoiou o quadril contra a bancada da ilha da cozinha e amaldiçoou o fato da cerveja ter derramado e molhado suas calças. — Já que vocês vão se mover muito você poderia levá-la para as áreas onde os wargs foram infectados? Podem nos dar as localizações dos bandos de onde meus pacientes vieram.

Con olhou com as sobrancelhas franzidas.

— Por quê?

— Porque antes do Carceris nos interromper, estávamos trabalhando em reverter a doença em um dos wargs infectados. Sin falhou, em parte porque muito do vírus estava no sangue do warg e o que estava lá degradara muito para ser útil no laboratório. Se ela puder tentar a mesma coisa com alguém que foi infectado por apenas algumas horas, ela pode ter uma chance de sucesso. Eu preciso de uma amostra intacta de um vírus morto recentemente.

— Interessante. — Con disse num ápice, que foi quase como aprovação, e por algum motivo, ela se sentiu como um feliz filhote de cachorro que foi elogiado por fazer xixi fora ao invés de no tapete. Chato. — Sim, nós podemos fazer isso.

— Lore ligou todos os casos em um programa de computador desenvolvi-do pelo R-XR para controlar surtos e cruzá-los com populações conhecidas de seres caninos com base no submundo...

— Eu pensei que só wargs transformados tivessem sido afetados — Sin interrompeu. — Por que monitorar qualquer outro?

— Apenas uma medida de precaução, caso a doença sofra mutações. Como aconteceu com Con. — Eidolon entregou a Con um

papel com um recado de Lore rabiscado nele. — É o login e a senha.

O coração de Sin saltou em seu peito.

— Como está Lore?

Shade levantou uma sobrancelha escura.

— Louco com isso tudo.

Ela passou uma mão em seu rosto. Deus, o que ela não daria para tudo isso acabar.

— Eu percebi. Olha, por que vocês não vão fazer tudo o que vocês fazem. Con e eu vamos ficar bem.

Ambos os irmãos olharam com dúvidas e, em seguida, com fixaram os olhos em Con dizendo, “*se alguma coisa acontecer com ela, você está morto*”.

Con reconheceu a ameaça não dita com um aceno preguiçoso que trans-mitiu que ele também não estava preocupado. Mas se isso era porque confiava em suas habilidades para mantê-la segura ou se era porque não estava com medo de seus irmãos, ela não sabia.

— Dê-me sua mão. — Shade estendeu para Sin. — Já que Con vai preci-sar alimentar-se de você, eu irei ajustar seu sistema para aumentar sua produ-ção de sangue. Depois disso, você precisará se manter hidratada. Beber litros de água.

Sin colocou sua mão na dele. Instantaneamente, uma quente sensação de formigamento fluiu dele para seus ossos. Ela cedeu, e Eidolon e Con mexeram-se para pegá-la. Con foi mais rápido e enquanto a puxava em seu grande corpo, tensão surgiu no quarto novamente.

Deus, esses caras eram impossíveis. Lore nunca foi tão mau assim, mas também, ele pisou em ovos a seu redor porque ele se sentia tão culpado pelo que aconteceu uma noite, há muito tempo.

Ele também percebeu que ela tinha necessidades súcubos, algo que o trio parecia não entender. Bem, já era hora deles entenderem.

Ela apoiou longe de Shade e em um movimento deliberadamente sensual, ela chegou e agarrou a parte traseira do

pescoço de Con.

— Olhe meninos, vocês parecem pensar que eu sou algum tipo de boneca virginal, suave e pequena. — Ela raspou suas unhas na pele de Con e ele asso-biou. As presas eram tão sexy. — Mas eu não sou. Eu sou um demônio Seminus. Pensem sobre o que isso significa.

Shade adquiriu uma interessante cor cinza. Eidolon estremeceu.

— Sim. Eu preciso de sexo ou morro. Então, parem com a merda desa-gradável de me verem como uma dama, porque eu realmente não quero vocês em qualquer lugar nas proximidades enquanto eu estiver fazendo isso e não acho que vocês querem isso também. — Ela deu a eles o sorriso mais doce. — E saibam que no segundo em que vocês se forem, eu vou montar Con até que ele venha implorar por piedade.

Eidolon suspirou. Shade jurou. E Con murmurou algo que parecia estranhamente com “misericórdia”.

†††††

Um tipo de tensão deixou a casa com Shade e Eidolon. Mas outra perma-neceu, um sabor menos violento no ar, mas que não era menos perigoso. Sin era uma ameaça do caralho e ninguém estava a salvo a seu redor. Especialmente Con.

Vou montar em Con até que ele implore por piedade. Jesus. Foi sorte Shade e Eidolon não eviscerarem ele lá mesmo. Inferno, apenas suas palavras fizeram isso. Agora seu sangue bombeava vapor através de suas veias, sua pele quente e tensa, e seu pau estava tão duro como um tubo de aço.

Ela estava na cozinha, a mão envolta de sua garrafa de cerveja.

— Foi divertido — ela disse.

— Qual é seu problema? — Seu latido deveria fazê-la saltar, mas não, a senhorita “eu vou conquistar o mundo” estava pronta para

a batalha.

— Perdão?

Ele foi em sua direção e, quanto mais perto ele ficava, mais o queixo se erguia, de forma desafiadora.

— Você me ouviu. — Tirou a garrafa de sua mão e bateu com ela no balcão. Ela fez um som de indignação quando ele a prendeu contra o armário e falou com seus punhos plantados em cada lado dela. — Qual é seu problema com seus irmãos? Por que é tão hostil?

Ela empurrou contra seu peito nu, mas ele não se moveu.

— Fique longe de mim.

— Responda — Ele colocou mais peso sobre ela, o que colocou mais pele na pele. Ele também colocou seus quadris em contato com seu estômago e não demoraria muito para ela perceber que ele estava muito feliz em estar perto dela.

— Eu não sou hostil. — Ela se contorcia, mas assim que percebeu que tudo o que fazia o aproximava mais e provocava um interessante atrito, ela parou e disse aborrecida, — Eu simplesmente não os conheço.

— Por que não?

Ela esticou o pescoço para olhar para ele.

— Você não sabe?

— Saber o quê?

— Eu nem estava ciente que Shade, Eidolon e Wraith existiam até algu-mas semanas. Eles não sabiam sobre mim até o mês passado. — Ela empurrou de novo, com tudo que podia. Agora que estavam colados um contra o outro, ela não tinha muita força. — Afaste-se.

Agora por que diabos sua imaginação tem que tomar essas duas palavras pequenas e fazer um filme erótico delas?

— É uma oferta? Você vai cumprir esse anúncio encantador feito a seus irmãos? Porque você é aquela que vai implorar por misericórdia.

Claro, ele estava, principalmente, tentando hostilizá-la, mas ele sabia o que era estar dentro dela. Ele conhecia seu sabor. E, como todos os pecados, este era viciante.

Literalmente.

A realidade pôs um amortecedor muito necessário sobre sua luxúria, esfriando alguns graus.

— Isso *não* era uma oferta — ela disse. — Eu estava brincando com esses dois machos dominantes porque eles precisavam de uma maldita chamada para acordar.

— Concordo, mas da próxima vez, coloque as bolas de outra pessoa em risco.

— Mas colocar as suas é muito mais divertido — disse ela, com uma batida de seus cílios. Em seguida, ela franziu as sobrancelhas. Sua *dermoire* iluminou e um tremor correu através de seu peito. — Você precisa se alimentar.

— Eu não.

— Talvez não de fome. Mas o vírus está construindo-se de novo.

— Isso pode esperar. Você ainda não se recuperou da última alimenta-ção, para não mencionar a perda de sangue de suas feridas.

— Shade perfurou-a com poder para aumentar a produção de sangue, mas Con não queria pressio-nar. E quanto menos tempo ficasse com a boca na dela, melhor.

Ela encolheu os ombros, fazendo a cortina de seus longos e sedosos cabelos pretos caírem contra seu peito.

— Tanto faz. Só vamos viajar para os bandos de wargs. Mas não é minha pele que vai arriscar. Só não me culpe por todas as infecções que você causar.

Uma súbita raiva substituiu a luxúria residual em suas veias e com um grunhido, ele se afastou, colocando vários metros de distância entre eles.

— Eu a culpo por todas elas.

Seus olhos se estreitaram em fendas de ébano furioso.

— Sim, eu sou a culpada. Você nunca vai me deixar esquecer?

— Talvez quando meus amigos pararem de morrer. —
Cerrando os punhos com tanta força que os dedos doíam, ele girou, assim não teria que olhar para ela, não teria de ser lembrado o quanto ele a queria e odiava. Seu corpo pulsava enquanto lutava contra o impulso de agarrá-la, sacudi-la até que seus dentes batessem e então despi-la e reivindicar seu direito lá no chão da cozinha.

De repente, seus punhos estavam esmurrando as costas.

— Seu estúpido filho da puta! Eu fodi e infectei uma pancada de pessoas, mas você não precisa fazê-lo.

Ela empurrou-o com força suficiente para derrubá-lo na geladeira, cor-tando o último fio de controle sobre seu temperamento, borrando a linha entre a luxúria e a ira. Uma quente e potente adrenalina subiu em suas veias enquanto ele virava ao redor, agarrava seus braços e levantava-a. Ele sabia que seus olhos estavam totalmente espelhados, então ela veria seu próprio terror neles. Suas presas abaixaram e seu pau ficou duro, e merda, ele estava no limite.

Mas em vez de terror, ele viu apenas o desafio enquanto ela olhava de volta: — Faça isso, idiota. Morda-me. Porra, o que você está esperando?

Con bateu-a contra a parede e mordeu seu pescoço. Ela engasgou, mas o som foi seguido por um gemido baixo. Com seu sangue derramado como mel em sua garganta, sua libido estava frenética, do jeito que esteve no escritório de Eidolon, exceto que desta vez estava multiplicada por cem. Talvez fosse porque estavam sozinhos. Talvez fosse porque tiveram contato físico, sua ira atirara todo seu bom senso pelo telhado.

Talvez porque com cada mamada, o vício aumentava.

— Con... — o nome dele saiu em um sussurro de ar contra seu ouvido e foi sua vez de gemer.

Especialmente quando as pernas dela enrolaram em torno de sua cintura, colocando seu eixo ardente em contato com seu núcleo.

As unhas cavaram seus ombros.

— Foda-me — ela murmurou.

Para a maioria dos dampiros e vampiros alimentação ia de mãos dadas com o sexo e era por isso que ele preferia tomar seu sangue de fêmeas. Poucos de sua espécie eram exigentes sobre o sexo de seus companheiros de cama e de sangue, mas Con há muito tempo determinou que uma mulher suave e doce era mais adequado para ele.

Exceto que não havia nada de suave ou doce sobre Sin e por algum moti-vo, esse fato tinha um efeito muito mais poderoso sobre ele. A luta, a intensida-de... o abalou como nada (e nenhuma outra pessoa) fez.

Sim. Não. Ah, porra, seu corpo gritava por ela, mas sua mente girava com dúvidas. Um envolvimento mais profundo com ela seria uma coisa ruim em muitos níveis. Ele iria mantê-la segura porque ele devia a seus irmãos e porque ela poderia ser a chave para encontrar uma resposta à epidemia, mas era o máximo que a relação entre eles poderia chegar.

— Con. — Seus lábios acetinados escovaram sua bochecha e o desejo cru em sua voz pulverizou sua determinação. — Eu preciso disso.

Certo. Dãhh... Súcubo. Ele precisava mantê-la saudável e em segurança. Justificar o sexo nunca foi tão fácil.

Ele não poderia abrir sua calça rápido o suficiente.

Sin envolveu um braço em volta do pescoço e deixou cair o outro entre eles para que ela pudesse abrir sua própria calça. Não suavemente, colocou-a em cima do balcão, soltou suas presas, tirou suas calças e o fio dental. Ele rosou com impaciência, rasgando suas calças enquanto as tirava.

— Depressa — ela respirava.

Agora definitivamente não era hora de delicadeza e ele não a poupou enquanto agarrava suas coxas, abriu e mergulhou profundamente em seu núcleo de cetim. Seu grito de paixão juntou-se ao dele. Ele a sentia em toda parte (em sua pele, em seu sangue). Era como se afogasse em êxtase e ele já não podia lembrar por que havia resistido a ela.

— Rápido — ela gemeu e inferno sagrado, ela era um fudifo sonho se tornando realidade.

Ele plantou suas palmas das mãos na parede acima de sua cabeça e ela se inclinou de volta, apoiando-se em seus braços atrás dela, suas pernas enroladas firmemente em sua cintura, da forma que todos os machos amavam. Uma gota de sangue correu para baixo em sua garganta das perfurações em seu pescoço e ele mergulhou sua cabeça para rolar sua língua sobre ele. Ele quase gozou só com isso.

— Eu amo seu sabor — ele rosnou contra sua garganta. — Eu quero pro-var você em todos os lugares. — Ele a queria nua e, em seguida, passar horas beijando-a completamente. Lamber e morder. Sugar cada centímetro de pele, com uma forte ênfase naquele lugar suculento entre as pernas.

— Sim. — A palavra saiu em um sussurro duro. — Venha Com, agora.

Uma vez que o sêmen era o gatilho para ela, a ideia de torturá-la retendo um pouco era atraente como o inferno, mas ele estava demasiado longe para esse tipo de controle, não quando seu sexo era como uma luva, apertando e massageando até que ele estivesse à beira.

Ele bombeou nela, duro e rápido, muito mais selvagem do que foram no armário do almoxarifado, quando eles eram dois estranhos escondidos em uma rapidinha antes de seus irmãos os pegarem e chutar seu traseiro.

Seu quadril friccionou em seu coldre da coxa, em uma sensação estranhamente erótica e quando flexionaram seus músculos, seu núcleo apertou sua carne, catapultando-o para o clímax. Bateu-o como uma onda quente de lava, espalhando acima de sua coluna e em cada membro. Gozou dentro de seu núcleo e ela apertou em torno dele enquanto se juntava em uma liberação evidente, mas silenciosa. Estava retendo, apenas como na primeira vez.

Quando acabou, desmoronou em seus cotovelos de encontro à parede e apoiou sua testa na dela em uma tentativa desesperada de travar sua respiração. Ela respirava duramente, também, seu sexo ainda se contraía e tomava cada última gota.

Ela mexeu-se, sentando-se, e ele deslizou para fora dela. Ela segurou seu biceps e por um segundo pensou que o impediria de sair, mas sua *dermoire* iluminou e soube que estava verificando para ver se havia o vírus. Quando amaldiçoou, soube que a notícia não era boa.

— Você não tomou bastante sangue. Quase desapareceu. Apenas outro sorvo, talvez...

— Não — pisou para trás e abaixou para pegar suas calças.
— Nós dare-mos um dia para você se recuperar.

— Em um dia pode fazer com que o vírus retorne para níveis incontroláveis.

— Vamos ver. — Ele olhou para suas coxas cremosas, molhadas na junção brilhante entre elas e, inacreditavelmente, seu pau inchou de novo. Rapidamente, ele afastou o olhar. — Vou tomar banho e trocar de roupa. Você pode usar o banheiro de convidados, se quiser. Se não, por que você não faz login nos registros do hospital e obtém um mapa dos focos virais. O computador está em meu escritório. Vamos sair depois disso. — Ele saiu sem esperar por uma resposta.

Após o banho, ele vestiu jeans e uma camisa branca. Encontrou-a em seu escritório, cabelo molhado e vestida com as calças de couro e blusa de manga curta preta que Eidolon trouxera.

— Eu imprimiri a localização de todos os wargs infectados registrados — disse ela, sem se importar em afastar-se da tela do computador. A impressora cuspiu um par de páginas.

— Excelente — Ele tocou os pés em suas botas, pegou os papéis e consi-derou fazer uma refeição rápida. Ele fez uma omelete do sudoeste de matar.

Sin veio por trás dele enquanto mexia na geladeira.

— Você sentiu isso?

— Sentir o que... — os cabelos da nuca arrepiaram.

— Abaixe-se! — Sin mergulhou sobre ele, levou-o para o chão em um emaranhado de membros quando o mundo inteiro explodiu. A explosão maciça perfurou sua audição e uma lufada de chama ardente explodiu em sua pele. Rolando, ele a cobriu com seu corpo, cerrando os dentes contra a torrente de madeira e gesso que caíram sobre suas costas. Outra explosão enviou uma onda de choque, calor e pressão em ambos, e quase como se fossem pegos por uma mão gigante, invisível, que os levantou e os atirou contra o fogão. Dor irradiou através de seu ombro, mas ele ignorou enquanto agarrava a mão de Sin e a arrastava em suas mãos e joelhos, em direção à garagem.

— Eu tenho um túnel de fuga — ele gritou e então parou quando a fumaça preta encheu seu pulmão.

Em algum lugar da casa, vidro quebrou e os rápidos pops de armas automáticas perfuraram o rugido das chamas. Alguém estava muito interessado em ter certeza de que eles estavam mortos.

A garagem já estava queimando, mas Con protegeu seu rosto das chamas enquanto descia ao porão. Tossindo, escalou para dentro, saltou e agarrou um saco. Pulou para fora e olhou de relance para a ambulância enegrecida através da fumaça. Shade ficaria malditamente irritado sobre a ambulância nova. Não havia nem rodado muito ainda.

Sin agachava-se onde a deixou, segura no refrigerador feito sob medida próximo à parede traseira. Rapidamente apertou o código de segurança e girou a roda para abrir a porta. Não havia nenhuma arma dentro, mas a parte inferior era uma porta escondida, ele abriu.

— Legal — Sin disse entre tosses.

— Depressa. — Indicou a abertura. — Há uma escada abaixo.

Deu um olhar saudoso em sua casa que queimava em torno dele. Gostara deste lugar, mas supôs que não havia nenhum sentido lamentar, uma vez que teria que se desfazer dela para se juntar ao clã em Scotland de qualquer maneira. Apenas esperou que tivessem tempo para ajudar com a situação da doença dos wargs.

Chamas na forma de uma mão gigante dispararam pela parede e Con lançou um grito mudo, que congelou sua medula em seus ossos.

— Que porra é essa?

— Nada bom, o que quer que seja — Sin gritou. — Vamos!

Ele começou a descer o túnel, mas enquanto ele fez, alguma coisa fora da janela estilhaçada chamou sua atenção. Ele piscou e foi embora.

— Con? O que você está fazendo?

Ele balançou a cabeça.

— Eu poderia jurar que vi um cara grande em um cavalo. E ele estava vestindo uma maldita armadura.

[1] Árvore pequena de 10 a 15m, usada para queimar em lareiras.

[2] Pessoa que gosta de bisbilhotar

[3] Chamados de vermes cilíndricos, são considerados o grupo de metazoários mais abundante na biosfera

Oito

Sin escalou a escada, sua pele chamuscada parecia ter sido queimada de sol. No fundo, a escuridão fechou em sua volta, tornando-se um completo blecaute quando Con fechou a porta do cofre de armas e a escotilha sobre o buraco. Ela ouviu seus grandes pés ressoarem nos degraus e então ele colidiu com ela na base, com o cheiro de uma estranha combinação de fumo, sabão pinho e seu próprio aroma, escuro e natural. Foi estranho ela ter notado e ainda mais confuso o que isso provocou com ela, mesmo que tivessem acabado de suprir o acúmulo de sua necessidade.

Mas então, ela sempre ficou excitada pelo perigo e eles estavam nele até seu pescoço.

Ela ouviu alguns ruídos e uma lanterna foi acesa na escuridão.

— Você é um pequeno dampiro preparado. Rota de fuga bem útil que você tem aqui.

Ele apontou para baixo do túnel com a lanterna.

— Você nunca sabe quando precisará de uma fuga rápida.

— Você faz muitas escapadas rápidas? — Ela começou a se mover, seus pés mal fazendo um sussurro no chão macio e sujo.

— Provavelmente não mais do que você — disse ele secamente.

— Provavelmente. — Ela sempre encontrou um jeito de escapar de situações apertadas. Ela pegou uma curva em S bem à frente do círculo de luz atrás dela e sua demoníaca habilidade de visão noturna finalmente veio para ajudar. — Para onde isso vai?

— Termina perto de um Harrowgate — Sua voz, ampliada pela passagem estreita, parecia que estava ao lado de sua orelha, mesmo que ele estivesse a poucos metros atrás.

— O portão estará vigiado para impedir nossa fuga.

— Sem dúvida.

Ele não disse mais nada enquanto corriam como ratos para o fim do túnel, que estava habilmente disfarçado por uma grande pedra em um emaranhado de arbustos e árvores. O som da água corrente ajudou a mascarar o barulho deles saindo à medida que rastejavam para a beira do mato. Eles ficaram em silêncio por alguns instantes, sentindo os arredores, ouvindo os inimigos. Sin sentiu o Harrowgate ao sul, muito próximo.

Uma vez que Con ficou satisfeito que não estavam sendo observados, ele se arrastou para fora da folhagem e gesticulou para o riacho que serpenteava através da floresta.

— O Harrowgate está logo depois da curva.

Sin sacou uma faca de sua bota.

— Quer uma? — Ela sussurrou.

— Não. Eu sou bom com minhas mãos — disse ele e seu corpo se aqueceu com uma entusiasmada concordância.

— Você pode fazer aquela merda de longo alcance.

Usando as árvores e os arbustos espinhosos como cobertura, moveram-se rio abaixo. Perto da beirada, onde as corredeiras caem com uma crescente violência, a entrada do Harrowgate brilhou entre dois carvalhos maciços. Nas proximidades, parcialmente escondido por sombras e uma cobertura folhosa, estava um loiro homem-leão, um dos próprios assassinos condenados de Sin.

— Filho da puta — Ela começou indo em sua direção, mas Con a segurou pelo braço.

— Deixe-me.

— Vá para o inferno. Ele é meu.

Os lábios de Con fecharam-se novamente em um rosnado silencioso.

— Ele é o aquele que quer que você seja sua companheira?

Ela ouviu isso?

— Não, Marasco já tem seis mulheres em seu clã. Ele definitivamente não precisa de outra. Dê-me cobertura. — Ela encolheu seus ombros, saindo do aperto de Con e jogou a faca no ar.

Seu objetivo era mortal e perfeito... Mas seus assassinos eram bem treinados e Marasco saltou do caminho enquanto a lâmina zumbiu, passando por seu ouvido.

Sorrindo, o macho agachado virou, puxando sua arma característica, um dardo paralisante, em sua mão direita e uma pistola em sua esquerda. Ele carregava a arma de fogo porque andava com gangues humanas, mas poucas criaturas sobrenaturais realmente as usavam. Elas não poderiam ser usadas no Sheoul, mas mais do que isso, as armas eram consideradas armas humanas e a maioria dos demônios as desprezavam.

Além disso, muitos dos demônios não eram tão afetados por uma bala como a maioria dos seres humanos seriam por picadas de abelhas.

Sin não era um desses demônios.

— Marasco — ela gaguejou, com uma batida de cílios. — Depois de tudo que passamos você ainda quer me matar?

Seu nariz largo e queimado, provavelmente procurando o cheiro de alguém que a acompanhava. Com esperança Con estaria a favor do vento.

— Nada pessoal, amor. Apesar de sempre ser uma pena quando uma súcubos morre. Elas são muito raras como você é.

Rindo, ela se aproximou pela direita e ele foi para a esquerda, então estavam circulando a apertada área entre o rio e o Harrowgate.

— Eu sou a mais rara de todos. Única de uma espécie. Seria uma lástima me matar.

Ele olhou para o anel em seu dedo.

— Tenho certeza que a troca irá valer à pena.

— Não para mim. Eu gosto de respirar. — Ela manteve contato com os olhos, mas conservou a visão periférica em suas mãos. Sabiamente, ele as manteve afastadas e sempre em movimento, tornando difícil acompanhar todos seus movimentos. — Com quem você está trabalhando? Eu sei que não está sozinho e você não tem sido um assassino tempo suficiente para sentir minha presença.

— Isso realmente importa? Todo o covil quer você morta.

Ele avançou e a ponta de um dardo de prata brilhou na luz do sol. Ela se jogou no chão e rolou, deslizou sua adaga de osso de Gargantua da bainha em sua cintura e ficou de pé. O barulho de tiros a ensurdeceu quando o sussurro de uma bala roçou em seu ombro. Ela cortou com o punhal, jogando a pistola no chão. Marasco rosou e, de repente, um leão de quase duzentos quilos estava vindo para ela. Ela bloqueou com um braço e enterrou o punhal de um lado ao outro, mas caiu debaixo da besta. Sua coluna bateu duramente sobre uma rocha e sua bunda gigante ficou presa sobre seus ombros.

Então, de repente, ele estava no ar. Conall ao lado dela, os punhos cerrados, dentes alongados. Ele tinha um sorriso leve e satisfeito no rosto e, se ela não estivesse com tanta dor, ela teria pensado que isso era sexy.

Marasco bateu em uma árvore com força suficiente para lascar o tronco, mas ele caiu de quatro e se recobrou novamente. Sin lançou a adaga que provaria o sangue dele e passaria a procurá-lo, e nunca erraria. Ela atingiu o centro de seu peito para matar. Choque brilhou nos olhos de Marasco enquanto ele tropeçava. Ele ficou de pé, ainda se empurrando para frente, mas perdeu seu ímpeto e, cambaleando, perdeu também seu poder sobre sua forma de leão.

Agora humano, ele desmaiou, rolando para o lado, sangue jorrando de seu peito e sua boca. Deixando cair sua bolsa de médico, Con se ajoelhou a seu lado. Sin amaldiçoou. Não acreditando que Con iria tentar salvá-lo.

Ele girou a faca. Marasco gemeu entre os dentes, muito bem treinado e condicionado para reagir a qualquer tipo de tortura.

— Diga-me com quem você está trabalhando — Con disse friamente, mas Sin sabia que o leão não daria nenhuma informação, pela mesma razão ele não gritava em agonia.

— Vá... para... o inferno — Os olhos dourados de Marasco vidraram e seu peito parou de se mover, e imediatamente algo estalou dolorosamente em seu peito quando o vínculo assassino que tinha com ele se quebrou.

Con puxou a lâmina para fora do corpo do homem-leão.

— Temos que ir.

— Nós dois precisamos voltar para casa. — Ela tirou a espada dele e a limpou sobre as calças jeans do metamorfo morto. — Eu quero ver com quem ele estava trabalhando...

Ela ficou de pé com o som de... cascos?... Trovejando em seus ouvidos.

Con amaldiçoou.

— *Agora.*

Ele a arrastou pelo braço para o Harrowgate. Ela mal teve tempo para se firmar, antes dele a jogar dentro da sala tipo cápsula e mergulhar atrás dela. Enquanto se formava a cortina nebulosa para selá-los dentro, uma flecha perfurou através do véu endurecido, sussurrou perto do rosto de Sin e perfurou a parede entre Austrália e Nova Zelândia no mapa da Terra.

— Quem diabos fez isso? — Ela gritou, enquanto Con bateu sua palma no mapa brilhante. Ele explodiu uma dúzia de cores neon em linhas que foram gravadas em todas as quatro paredes de obsidiana.

— Não é um de seus caras? — Ele bateu na Europa e o continente cresceu e os outros desapareceram. Ele continuou tocando-o até que identificou algum lugar na Romênia. A porta brilhou aberta e ela virou para pegar a flecha (as armas muitas vezes dão pistas sobre as identidades de seus donos), mas já havia desaparecido. Filho da

puta. Quem diabos utiliza flechas que se dissolvem? Ela nunca ouviu falar delas.

— Nenhum de meus assassinos dispara flechas em seus cavalos que desaparecem — O que poderia significar que o bom e velho Rei Arthur era de outro covil de assassinos. Caramba! Ela sabia que havia uma possibilidade de seu pessoal ter outros envolvidos, mas a realidade... Bem, ela odiava admitir, mas o forte desejo de vê-la morta doía. E agora ela estava realmente fodida.

Ela saiu do Harrowgate em um sombrio e cinzento dia frio. Ela pensou que poderia ser tarde, mas era difícil dizer, pois o sol estava escondido atrás das nuvens espessas do nevoeiro.

— Para onde vamos?

— A fortaleza warg. — Con virou. — Teste meus níveis de vírus.

Ela se irritou.

— Um “por favor” seria bom. — Pelo seu olhar, ela bufou. — Ótimo. — Apertou o pulso dele, calibrando seu dom, e sondou seu sangue. — Você acabou de se alimentar, portanto, os níveis estão muito baixos.

— Eu ainda vou ter cuidado. — Seu tom irônico ligado. — Portanto, sem mordidas desnecessárias, transas, ou ferir alguém.

— Costuma ferir as pessoas?

Ele largou sua bolsa de médico junto ao Harrowgate.

— Você é um novelo de risos, você sabe disso, né? — Ele partiu por uma longa trilha de gramado desgastado, deixando-a para trás.

— Hey — ela o chamou. — Sou conhecida em toda a comunidade assassina como uma pessoa engraçada. — Con tropeçou. — Vê? Isso foi engraçado. — Melhor se ele tivesse caído de cara no chão, mas ela pegou o que poderia obter.

Ele a ignorou continuou andando, apesar de não ir muito longe. Eles estavam, aparentemente, perto da base de uma cadeia de montanhas e abaixo havia um vale encoberto de névoa. Sin pôde notar uma cidade murada, onde a névoa diluía. De onde estava, via apenas uma estrada mal conservada que ia para a aldeia. Claramente, aqui só aparecia quem estivesse perdido ou procurando ativamente a cidade.

— Que lugar é esse?

— Estamos perto de Moldavia. O berço ancestral dos wargs nascidos. — Os largos passos de Con comiam o chão, um passo para ele, dois para ela. — Esta vila é o lar da maior matilha *pricolici* do mundo.

— Encantada?

— Claro.

Como muitos seres sobrenaturais que vivem no reino humano, os wargs enfeitiçaram sua cidade com o mesmo tipo de mágica usada nas ambulâncias do UG. A maioria dos seres humanos passaria pela cidade sem percebê-las, ou seriam repelidos por um sentimento de profunda tristeza. Os poucos que entraram provavelmente não ficaram lá por muito tempo.

— Então, somente *pricolici* vivem aqui?

— A maior parte. *Varcolac* podem ir e vir, mas eles não podem viver na cidade como um *pricolici*, a menos que sejam companheiros de um membro da matilha.

Sin e Con se aproximaram do portão principal, uma entrada em arco na parede, e Sin não ficou surpresa ao ver um homem alto, com ombros largos, de pé do lado de fora, sua posição casual, quase letárgico, mas seus olhos astutos não perdiam nada. Este seria um olheiro, um membro da matilha atribuído para alertar os outros sobre um intruso. Embora ele não tivesse parado Sin e Con, ela sabia que ele transmitiria sua chegada no momento em que saíssem de sua visão, se já não o tivesse feito.

Antes de chegarem ao portão, Con interrompeu.

— Você já esteve dentro de uma aldeia *pricolici*?

— Não. Por quê?

Ele olhou para baixo para o que parecia ser a rua principal, que estava praticamente deserta. Mas Sin sentiu atividade por todos os lados e ela não acreditou nem por um momento que as ruas não estavam sendo vigiadas.

— Você tem algumas das mesmas limitações que os Sems do sexo masculino? Se você sentir excitação em alguém, você se sente obrigada a aliviá-la?

— Graças a Deus não — Isso foi uma revelação interessante sobre seus irmãos de raça pura. Antes de eles terem suas companheiras, eles eram escravos do desejo sexual em uma escala que fez seus problemas parecer minúsculos. Como ela, eles precisavam de sexo para sobreviver, mas também eram obrigados a satisfazer o desejo de uma fêmea, sempre que as sentia, o que significava que em locais públicos, como pubs, eles poderiam ser presos por dias.

— Bom. Desta forma fique por perto e não faça contato visual com ninguém a menos que eu a apresente a eles. Ninguém, entendeu?

— Eu posso cuidar de mim mesma.

— Não há dúvida sobre isso. Mas eu não acho que sozinha você possa lutar contra um bando de homens excitados, ou as fêmeas que a veriam como uma ameaça. Uma vez que eles forem capazes de sentir o demônio em você, você terá um jogo justo.

— Eu disse...

— Sim, você disse. Mas eu já vi os wargs rasgarem os outros pelo meio com suas próprias mãos. Se você perturbar a matilha, ambos estaremos mortos.

†††††

Então, Con acabou por estar certo.

O cheiro de sexo entrou nos pulmões de Sin como um

afrodisíaco, aquecendo-a por dentro, enquanto a sensação no ar tremeluzia sobre sua pele. Ela se sentia drogada, solta, completamente sonhadora. Os tentáculos da neblina giravam em torno de seus pés enquanto caminhavam até o centro da cidade medieval, que só contribuía para a textura surreal do mundo em que entraram.

— Con? — Ela roçou contra ele, intencionalmente, e gemeu ao sentir seu corpo duro contra o dela. — Talvez eu devesse esperar do lado de fora da pare-de. — Ela já esteve dentro de bordéis, haréns e orgias, e nunca encontrou algo tão cru, tão intenso. Era como se a própria aldeia fervilhasse com os instintos primitivos e de fome que nunca foram saciados.

Con deve ter sentido, também, a evidência estava na protuberância impressionante na parte da frente de sua calça jeans.

— Você estará vulnerável lá fora — ele murmurou. — Vamos nos apressar.

Ele pegou sua mão e a levou ao longo das vias principais, onde algumas pessoas estavam nas calçadas e as fachadas de vidro das lojas revelaram pessoas dentro de pubs, lojas e restaurantes. Estranhamente, Sin percebeu que passa-ram por apenas um par de veículos. Ainda mais estranho, era que de vez em quando ela avistava casais se enroscando em becos e em ruas laterais. Alguns estavam vestidos, alguns nus, outros em vários estágios sem roupas. E...

— Isso é uma aldeia gay?

— Não.

— Então por que a maioria da ação é homem com homem?

— *Pricolici* estão com tesão — ele disse rudemente, enquanto a arrastava passando por um casal que parecia fazer seu melhor para provar o ponto de Con. — Especialmente durante sua adolescência humana que equivale há anos e que se estendem até por volta dos 50 anos. Você sabe como os cachorros machos sobem em qualquer coisa?

Agora mesmo ela subiria em qualquer coisa... Ela engoliu em seco.

— Sim.

— É praticamente a mesma coisa com os machos wargs jovens e não acasalados. As fêmeas são menos insanas com a luxúria nessa idade, assim os machos queimam seu excesso de testosterona com brigas e sexo. Geralmente ambos ao mesmo tempo.

— O que explica por que muitos deles estão sangrando.

— O vencedor pega o perdedor.

Falando nisso, ela assistiu com uma fascinação mórbida enquanto dois jovens do sexo masculino batiam um contra o outro até que um caísse no chão e o outro montasse nele. O perdedor imediatamente parava de lutar e a expressão súbita de prazer em seu rosto, assim como o endurecimento de seu pau, dizia que isso não era uma situação de estupro.

— Existem regras aqui?

Ele puxou-a para que continuassem a se mover.

— Não pode foder, lutar, ou andar nu nas ruas principais ou em locais como restaurantes, onde os seres humanos possam acidentalmente encontrar o caminho para a cidade.

O lado humano que havia nela apreciava a necessidade de regras, mas seu demônio do sexo queria fazer bem sujo, ali no meio da praça, só para causar um pouco de impacto e agitar as coisas. Ela estremeceu com o pensamento, sentiu uma onda molhada entre as pernas e se moveu em direção à fonte. Como se Con soubesse o que ela estava fazendo, ele soltou um rugido, baixo e erótico, apertou sua mão e a arrastou da praça.

Enfiaram-se por uma rua lateral e se depararam com três homens lutando. Fascinada e imaginando como isso iria acabar, Sin parou, equilibrando-se em seus calcanhares, quando Con tentou forçá-la a ir embora. Ela não conseguiu uma oportunidade de ver como os homens iam resolver a batalha e o sexo, porque Con agarrou sua cintura e puxou-a para fora de lá. Ela teria lutado com ele, mas... Sim, sentiu-se muito bem por ter seus braços a seu redor.

Ela estremeceu com o desejo quase incontrolável quando ele a colocou no chão a meia quadra de distância do combate do trio, embora por apenas um segundo ele tenha hesitado, seus dedos cavando seus quadris, sua respiração ofegante correspondia à dela.

— Por que você está tão fortemente afetado com tudo isso?

— Ela agarrou seus pulsos, segurando-o lá, desejando que ele chegasse mais perto. — Você é... velho.

Ele riu, uma nota profunda e clara a tocou como uma onda agradável.

— Eu sou jovem pelos padrões dapiros. — Ele ficou sóbrio enquanto olhava para ela, então respirou fundo e se afastou. — Normalmente não sou afetado desta forma. É você. Você está pondo para fora algumas vibrações infernais de foda-me.

— Não o suficiente, aparentemente — ela murmurou.

Ou ele a ignorou ou não a ouviu, mas ele pegou de novo sua mão e a levou para baixo por mais um par de ruas de paralelepípedos até chegar aos arredores da cidade e da estrada mais estreita, na qual corria ao lado da muralha da cidade.

Mais uma vez, ela desacelerou com um som distante e estranho que chamou sua atenção.

— O que é isso? Soa como uma briga de cão. Uma grande.

Con acenou, mas continuou andando.

— Quando a agressão cria faíscas em um grande grupo de wargs, eles se transformam, não importa a hora do dia ou mês, para que possam lutar na forma de besta.

Ela assobiou baixa e longamente.

— Vocês lobisomens tornaram a luta uma forma de arte. Viver com vocês deve ser muito divertido.

Por alguma razão, ele ficou tenso.

— Nós *lobisomens* podemos ser muito gentis com nossas famílias.

Bastante verdade. Pelo que Sin viu, Runa era um perfeito exemplo.

O final da rua era um beco sem saída, com quatro pequenas

casas com telhados de palha, separado por alguns metros de terra e matas espessas de árvores. Quando se aproximaram, um macho musculoso vestindo nada além de calça jeans saiu de uma das casas, o olhar fixo em Con. Ao lado dela, o cheiro de agressão flutuava sobre Con.

— O que está acontecendo? — Ela perguntou baixinho.

Con não respondeu de imediato e, à medida que se aproximava, o homem de cabelos escuros inclinava sua cabeça, embora com uma óbvia relutância.

— Ele é um alpha — Con, finalmente, respondeu. — Mas eu sou mais velho, mais forte e mais alfa. Nós decidimos isso alguns anos atrás.

Então... Con já havia batido muito nesse cara. Isso deve ter sido interes-sante.

— Você fez amor selvagem e apaixonado com ele depois que você saiu vitorioso? — Ela estava parcialmente apenas provocando, imaginando a luta, o sexo e, novamente, uma resposta primitiva cresceu, e Deus, seus ossos derrete-riam se ela não tivesse Con entre suas pernas. Em breve.

Um canto da boca de Con, exuberante e linda, virou para cima.

— Eu passei por isso. — O macho não levantou sua cabeça até que Con parou em sua frente. — Dante. Bom ver você.

Dante deu um breve aceno.

— Sable está lá dentro. — Ele desviou o olhar para Sin, sua expressão escureceu. Perigosa. — Quem é a fêmea? Ela não é uma warg.

— Ela é uma amiga.

Os lábios de Dante se levantaram em um rosnado silencioso. Claramente, ele não a queria em nenhum lugar perto de sua família, mas Con não deu a ele uma chance para protestar. Ainda segurando sua mão, ele entrou na casa, onde o cheiro de carne assada deixou Sin com água na boca, e uma vez que a porta se fechou, sua luxúria

diminuiu de forma tão abrupta que ela se afundou contra Con. Ele a pegou, segurando-a firme, até que ela pôde ficar sozinha de novo.

— Você está bem?

Ela assentiu, grata pelo alívio temporário.

O riso das crianças veio de algum lugar da casa e uma mulher alta de cabelos vermelhos vestindo um agasalho verde e uma camiseta veio pelos cantos, sorrindo quando viu Con.

— Pai! — Ela correu para ele, mas caiu de joelhos aos seus pés. Ele a levantou em um grande abraço.

— Pai? — Sin perguntou e ele deu de ombros.

— Tecnicamente, eu sou tatatatata-avô de Sable, mas nós fingimos que não existem tantos tataravôs nisso tudo.

— O que traz você aqui? — Sable deu um sorriso caloroso a Sin antes de abraçar Con novamente, dando a seu pescoço um pouco de carinho e beijo, muito parecido com a maneira que filhotes cumprimentam os mais velhos. Por alguma razão, a exibição de afeição colocou um caroço estranho na garganta de Sin. — Gostaria de ficar para jantar?

— Estou aqui só por um minuto — disse ele. — Não há tempo para sequer sentar.

Franzindo a testa, Sable recuou.

— Do que se trata?

— Você já ouviu falar da FS.

— Claro. — Acenou a mão com desdém. — Temos guardas no portão para impedir que wargs estrangeiros possivelmente infectados entrem.

— Você precisa levar sua família para outro lugar. Para algum lugar isolado.

— Mas por que, se...

Con agarrou os ombros de Sable e a forçou olhar em seus olhos sérios e mortais.

— Porque daqui a pouco se tornará de conhecimento que só os wargs transformados são suscetíveis à doença e a segurança a sua porta não será mais necessária.

Por um momento, a confusão rodeou os olhos de Sable, certamente correspondendo ao da própria Sin, e em seguida o sangue do rosto de Sable, que já era pálido, desapareceu, fazendo com que suas sardas se destacassem como manchas de uma dálmata.

— Oh, deuses.

— Vai ser apenas uma questão de tempo antes que uma guerra civil entre wargs aconteça — disse ele severamente. — Leve sua família para um local seguro.

Ela deu um aceno trêmulo.

— Só um minuto — Ela correu para a porta, deixando Sin e Con sozinhos na porta de entrada.

— Eu não entendi o que acabou de acontecer — disse Sin, ainda olhando a abalada figura feminina. — Por que as notícias sobre os wargs transformados podem ser ruins? Sua... filha... não é um dampiro?

— Nem perto disso. — Uma criança gritou em algum lugar da casa e Con sorriu com carinho. — Antigamente, quando nosso número era muito maior, as fêmeas dampirãs, muitas vezes se acasalavam com os wargs. Oitocentos anos atrás, minha única filha o fez. Seus filhos seguiram o exemplo, a maioria com o sangue dampiro. Sable é uma *pricolici* e seu companheiro também.

— Agora eu estou ainda mais confusa...

— Um de seus filhos é *varcolac*.

Oh, merda.

— Como isso aconteceu? — Ela esperou por uma resposta. E

esperou. — Con?

— Isso não é importante — disse ele sem rodeios, a flagrante omissão foi suficiente para irritar Sin.

— Se não é importante, então não deve ser um problema para você me dizer, certo? — Ela cruzou os braços sobre o peito. — E não é como se nós tivéssemos algo melhor para fazer.

— É um segredo muito perigoso Sin. Algo que poderia destruir minha família.

Sua raiva desviou bruscamente para ferir, o que a fez voltar de novo à ira, por qual motivo de merda ele era capaz de afetá-la desse modo.

— Ah. Então você acha que eu iria usar a informação para prejudicá-los. Boa. Deve ter sido um inferno você manter seu pau em alguém tão repugnante.

Raiva, palavras guturais caíram de seus lábios. Bom. Ele merecia estar tão irritado quanto ela. À medida que as maldições cessaram, ele lançou seu olhar como raio laser sobre ela, sua expressão firme, sombreada com um inconfundível aviso.

— Quando um warg nascido dá à luz a um bebê humano, eles são geralmente mortos antes que possam proferir um grito. Mas Sable não pôde fazer isso. Ela mordeu a criança e tatuou uma marca nela como se fosse um warg nascido.

— Então, eu estou supondo que ela pode entrar em uma série de proble-mas se a criança for descoberta?

— Sob a lei dos wargs tanto ela quanto a criança poderiam ser executa-das.

Sin fez uma careta, apesar dela não ter se surpreendido. Depois de cem anos no mundo dos demônios, muito pouco a surpreendia. Mas agora ela entendia sua relutância em contar o segredo.

— Se ambos os pais são wargs nascidos, como o garoto saiu humano?

Con hesitou, seus olhos encapuzados e ilegíveis. Finalmente, soltou um suspiro e respondeu ríspidamente.

— Sable entrou em temporada enquanto estava em um período sabático privado. Ela acasalou com um warg transformado, mas foram interrompidos pelo Aegis. Ele foi morto. Poucas horas depois, Dante a encontrou, a levou durante o que restou do calor, e quando acabaram eles estavam unidos. Ela veio a mim quando foi a hora do nascimento e confessou que pensava que os filhotes podiam ser do macho morto. Ela deu à luz a gêmeos fraternos, um warg e outro humano. Ela mordeu o humano, fez a marca e voltou para a matilha. Nem mesmo Dante sabe a verdade.

Jesus. Isso era um inferno de segredo.

— Então, eles precisam levar o garoto para um lugar onde ele não possa pegar a doença uma vez que a cidade se abra e wargs transformados possam estar livres para ir e vir.

— Exatamente.

Sin ponderou o que ele disse e depois desabafou: — Onde está sua filha? Você sabe, sua filha, filha.

Um triste sorriso tocou seus sensuais lábios.

— Ela morreu no parto. Eu não a conhecia bem. Eu havia deixado o clã quando ela nasceu, mas eu a senti morrer.

Ela não teve tempo de pronunciar uma estranha condolência, porque a porta se abriu e Dante passou por ela, sua mão grande envolvida em torno do pescoço de Sable. Seus olhos verdes estavam avermelhados, seu rosto riscado de lágrimas.

— É verdade o que minha companheira me disse? Roman nasceu... humano? — Ele disse *humano* como se dissesse *verme imundo*.

Con olhou para Sable, que assentiu.

— Sim — ele disse, seus olhos tão frios quanto sua voz. — E se você ferir a criança ou Sable, eu vou pendurar você pelas entranhas e fazer você sofrer por um mês antes de morrer.

Tremendo com uma emoção tão forte que Sin poderia cheirá-la como uma fumaça amarga, o macho warg liberou Sable e fechou os olhos. Quando os abriu, lágrimas de cristal brilhavam em seus cílios.

— Eu teria matado a criança, se eu soubesse naquela época — ele disse e o choro doloroso de Sable trouxe um arrepio e um silvo de Con. — Mas eu não sou mais esse macho. Esse filho é meu e vou defendê-lo com minha vida.

Com um soluço, Sable voou para os braços de Dante e ele a segurou firmemente, suas lágrimas se juntaram às dela.

Um respeito guardado suavizou a linha dura da mandíbula de Con.

— Você levará Roman para algum lugar seguro?

— Nós vamos embora dentro de uma hora.

Sin ficou do lado de fora enquanto os arranjos foram feitos e despedidas foram ditas, e mesmo que eles tivessem que deixar a paz do lar, Sin estava mais do que feliz em ir embora. Ela podia lidar com a luxúria muito mais facilmente do que lidar com fortes emoções.

— Vamos. — Con fechou a porta atrás deles. — Eu quero sair daqui antes...

— Tarde demais — ela respirou. Alta voltagem de luxúria, ainda mais intensa do que antes, inundou seu corpo, fazendo sua mente distorcer e seu sexo doer.

— Merda — Ele pegou sua mão e forçou-a a correr pelas ruas, usando as vias principais, tanto quanto possível.

Alucinadamente, quanto mais rápido se moviam, mais quente ela ficava. Era como se cada passo aumentasse ainda mais e, no momento em que chegaram à praça da cidade, ela já havia desabotoado seu top e estava pronta para que as mãos de Con estivessem sobre ela. Incapaz de esperar mais um segundo, ela o puxou para uma parada. Os aromas potentes de desejo e perigo que saíram dele, giravam dentro dela e ela balançou, chegando a preparar-se contra ele.

— Sin... Não. Não me toque. — Seus olhos estavam selvagens, brilhando com cacos de luxúria. — Eu vou perder... o controle. Vou ter você aqui mesmo.

Ofegante, seu corpo formigou consciente, ela correu com as palmas de suas mãos até seu estômago, deslizando sobre seu peitoral até que ela atingiu seus ombros largos.

— Eu não me importaria...

Um som áspero irrompeu de sua garganta e muito rápido ele enlaçou seus pulsos e os manteve longe dele e contra seu próprio peito.

— Eu não vou desvalorizar você.

Ela riu, mas o som foi rouco.

— Desvalorizar? Sério? Com as coisas que eu já fiz, eu não posso ficar mais desvalorizada. — Surpresa cintilou em seus olhos e ela percebeu que revelara um inferno de coisas sobre si mesmo que não pretendia. Mais do que ela jamais dissera a alguém. Ela passou seu pé até sua panturrilha, tanto por uma distração, quanto por estar à beira de saltar sobre ele. — E por que diabo, você me teve em uma merda de armário de suprimentos devido a uma aposta. Como isso é diferente?

Uma sombra cruzou seu rosto, quase como se a lembrança trouxesse vergonha e sem dúvida ele sentia; na época ele insinuou que ele baixara seus padrões para atender suas necessidades. Ele se deslocou para longe de seu pé.

— Você é um pequeno e amargo demônio. Seu passado deve ter sido um inferno para lhe estrangular dessa forma.

— Foda-se — ela disse, mas até mesmo para suas próprias orelhas soou mais como uma oferta do que uma rejeição. — Você não sabe de nada.

Cerrando os dentes, ele a afastou dele.

— Eu sei que eu nunca vou ter você em público, mesmo em um lugar onde sexo em público é normal e aceitável.

Ela ergueu o queixo.

— Talvez seja normal para mim.

— Eu não duvido que seja. — Seu tom de voz estava nu, totalmente desprovido de um tipo de julgamento que deveria ter acompanhado o que disse. — Mas eu duvido que seja o que você quer.

Maldito seja. Maldito seja ele por de alguma forma olhar para sua alma e a ler como um maldito livro. Seus olhos arderam quando ela virou e se dirigiu para o portão da cidade.

— Sin. — Ela o ignorou. — *Sin!*

Desta vez, seu tom de voz afiado penetrou, junto com um arrepio de seus pêlos e ela parou. Todos a seu redor, os jovens machos estavam assistindo, seus olhos brilhando de fome. De onde teriam vindo? E por que eles a estavam olhando desse jeito, enquanto poderiam estar fodendo uns aos outros?

— Con — ela perguntou com a voz baixa. — O que está acontecendo?

— Eles sentiram sua excitação — ele murmurou. — E sua raiva. Eles pretendem tê-la.

Nove

Isso não era bom. Sin poderia muito bem ser uma fêmea warg no cio e poucos machos recuariam nessa situação.

Descobrimo suas presas em alerta, Con envolveu sua mão ao redor da parte de trás do pescoço de Sin. Ao contrário de quando Dante segurou Sable, isso não era uma coisa de dominação; era um sinal para os homens avançando que ela era dele e eles teriam que passar por ele para pegá-la. *Dele*. Não, ela definitivamente não era dele e nunca seria. Mesmo se ele não estivesse destinado a uma vida isolada com seu clã, ele não se poderia ver vinculado à ela, ao menos, não de uma forma não-erótica. E, no entanto, ele estava vibrando com uma fúria surpreendente e ele ainda se estava afogando em uma fome tão intensa que mal conseguia enxergar direito.

Alguns dos homens mais jovens hesitaram, mas os machos mais agressivos e dominantes continuaram a vigiá-los, o brilho da luxúria (e luxúria por sangue) incandescendo nos olhos deles. O ar estava espesso, encharcado com antecipação violenta e a pele de Con apertou, preparando-se para uma mudança indesejável para sua forma animal.

— Volte lentamente em direção ao portão. — Con disse, sua voz arrastada tanto por necessidade quanto pelo fato de que suas presas encheram a boca. — Não pegue uma arma. E por tudo que é profano, abotoe sua camisa.

Droga, ele estava com medo disso. Sin era um imã para problema. Como ela conseguiu sobreviver todo esse tempo?

Um dos mais novos avançou. Con bateu, mandando-o para trás com um poderoso golpe no queixo. Latindo, o garoto rodou de volta para a multidão. A exibição incutiu um pouco de respeito nos outros e a distância entre Con e Sin e a multidão aumentou.

Eles estavam quase chegando à parede quando o sussurro áspero de Sin cortou através da névoa.

— O portão está fechado.

Filho da... Con arriscou um olhar sobre o ombro para o sentinela, cujo olhar faminto estava fixo em Sin.

— Eu entro em pânico com a mentalidade de ódio do bando
— ele murmurou.

— Eu tenho uma ideia. — Sin afastou-se dele antes que ele pudesse pará-la. Um par de machos começou a persegui-los, seus instintos de caça ativando com a visão de seu alvo correndo para longe. Con pulou na frente deles com um rosnado de gelar o sangue que os trouxe para perto. Ele mataria-os e sabiam disso.

Ele inclinou seu corpo de forma que poderia manter um olho nos machos com tesão enquanto checava o que Sin estava fazendo e ele estava malditamente perto de engolir sua língua.

A forma como o sentinela estava engolindo Sin.

O cara fixou-a contra a parede, seus quadris triturando-a enquanto suas mãos agarravam seu top. Uma ira selvagem e primitiva vomitou como lava derretida através das veias de Con. Ver qualquer mulher ser atacada o irritava, mas ele ainda podia sentir o sangue de Sin correndo por ele, ainda podia senti-la como parte dele e a palavra *minha* era um zumbido fraco em sua cabeça.

Mas ele queria-a, ou queria o sangue dela? Ambos eram desejos perigosos e ele precisava superar-se realmente rápido.

De repente, o sentinela afastou-se. Sin manteve um aperto no pulso dele, sua expressão calma, serena... mas seus olhos brilharam fogo negro. Ela disse alguma coisa e ele dobrou-se, perdendo seu café da manhã no calçamento.

Apesar de seus movimentos serem bruscos, ele retirou uma chave de ferro de seu bolso, cravando-a em um painel na parede, e o portão grosso de madeira e ferro bateu aberto, suas dobradiças rangendo em protesto.

O bando de machos correu para o portão, bloqueando a saída, mas do nada, um rugido furioso cortou através da névoa.

— *Deixe-os ir!*

Con soltou uma maldição, olhando para cima para ver Valko caminhando de pé na parede. O líder do Conselho Warg apontou para o grupo de machos e eles dobraram o rabo e escapuliram como vira-latas repreendidos. Con poderia estar grato a Valko por salvá-lo, mas ele não precisava do cara fazendo perguntas sobre porque ele estava lá.

Felizmente, Valko deu apenas um aceno lento e significativo a Con, que deixou claro que Con o devia, e então saiu em direção à parede da torre norte.

Rapidamente, Con agarrou a mão de Sin e saíram rapidamente da cidade e continuaram até que alcançaram o Harrowgate.

— Quem era o camarada na parede? — Ela perguntou quando eles pararam.

— O presidente do Conselho Warg. Aquela era sua cidade. Seu bando. — Con ainda não gostou do *momento* do aparecimento de Valko na parede, mesmo que não tivesse nada fora do comum. Valko teria sido alertado pela chegada de visitantes. — Então o que você fez ao guarda?

— Eu dei a ele Khileshi cockfire. — Um sorriso travesso iluminou sua expressão. Deuses, ela era deslumbrante quando sorria assim. — Disse a ele que seu pau ia murchar e queimar se ele não abrisse o portão.

— Pensei que você não podia curar uma doença uma vez que você a dá.

— Eu não posso. — Seus olhos brilharam com malícia que combinavam com o sorriso que ela deu enquanto fazia um show de estudar as unhas. — Ele estará fazendo uma viagem de emergência para UG.

Foi sua vez de sorrir.

— Legal.

Ele bebeu na visão dela em pé orgulhosa na colina, seu olhar

selvagem, feroz, seu cabelo negro e lustroso pegando vento e rodando em volta de seu rosto e ombros. Como uma demônio do sexo, ela não foi criada para lutar, mas havia algo dentro dela que era um guerreiro. Talvez sua descendência humana desse a ela essa vantagem, ou talvez tenha sido sua vida difícil, mas alguma coisa chamou o sangue dele de guerreiro e o consumiu de dentro para fora.

Ele queria levá-la ao chão, dirigir-se para ela em um acasalamento que seria tão selvagem quanto as montanhas ao fundo. Ele a marcaria com seu cheiro, seu gozo, seus dentes...

Santo inferno, ele precisava parar de pensar sobre suas presas na garganta dela. Ele procurou na memória, tentando lembrar se havia sido assim com Eleanor, a única fêmea que ele bebeu e levou-o ao vício. Ele lembrou sua obsessão com o sangue dela, tão faminto que doía, mas por sua vida, ele não se podia lembrar da necessidade insana por sexo. Lentamente, o sorriso de Sin desapareceu e ela cuspiu no chão.

— Eu não acho que aquele guarda escovara os dentes em um ano.

Ele tinha o estranho impulso de colocar sua boca na dela, beijá-la até que ela queimasse e provasse somente Con.

Claramente, eles estavam muito perto da vila de warg e ele ainda estava sentindo os efeitos da natureza animal dos habitantes.

— Porque eles são assim mesmo? — Ela perguntou. — Eu pensei que wargs eram um pouco mais... civilizados.

Ele olhou de volta para a aldeia, onde o portão foi aberto novamente e a sentinela estava em pé, do lado de fora, observando-os através da neblina fina.

— Wargs nascidos realmente são lobos em roupa de humanos. É por isso que eles vivem afastados dos humanos. Você nunca encontrará *pricolici* vivendo em uma cidade com eles. Eles também são plenamente conscientes do que fazem enquanto estão em forma animal e eles geralmente não matarão humanos porque são espertos o suficiente para não se querer expor para a raça humana. É uma das razões deles quererem exterminar os wargs transformados. Os *varcolac* são um risco.

— Bem, eles não pareciam ter qualquer problema em matar-

me.

— Você não é humana.

— Obrigada pelo lembrete — ela murmurou.

Ele não podia ajudar, estendeu a mão e colocou um cacho de seu cabelo rebelde atrás da orelha dela.

— Você não aceita o que é, aceita?

— Eu não sei o que sou — ela disse, pisando fora de seu alcance.

Ele deixou sua mão cair de volta para seu lado.

— Como você pode ser tão velha quanto é e não saber? — Con sabia muito bem o que ele era e há muito tempo aceitara isso, mesmo que nem sempre tenha sido feliz com isso.

Ela encolheu os ombros.

— Eu pensei que sabia. Antes, nós éramos apenas mestiços vira-latas sem nenhuma ideia de que tipo de demônio realmente éramos. Nós não tínhamos nenhuma expectativa. Então Lore e eu encontramos nossos irmãos. Agora nós conhecemos nosso demônio, mas não o que isso significa. Nós sabemos o que demônios Seminus são, mas isso não faz nenhum bem porque as regras não se aplicam para nós.

Ele não havia pensado nisso dessa forma. Mas então, ele cresceu muito consciente do que era: um dampiro de uma linha que estava diminuindo da realeza, que arrogantemente esperou para assumir o clã um dia, até que a chamada para despertar disse “não, o mundo não gira a seu redor”. Ele poderia não gostar do papel que nasceu para atuar, mas ao menos soube sobre isso sua vida toda.

— Você pode fazer suas próprias regras.

— Oh — ela disse sedosamente, — eu realmente faço minhas próprias regras. E eu nunca as quebro.

— Como o quê? Qual é uma de suas regras? — Ele estava começando a pensar se uma tinha alguma coisa a ver com deixar

dampiros loucos.

— Ninguém *nunca* me dominará novamente. — Ela ergueu o queixo naquela posição teimosa que ele estava começando a admirar. Especialmente porque isso descobria a coluna delgada de sua garganta e a forçava a arquear as costas da maneira que fez quando ele estava dirigindo entre suas pernas. — Eu nunca mais vou pertencer a ninguém, eu morrerei antes de permitir que isso aconteça.

Ele lembrou-se de como ela pirou quando Shade disse que ela pertencia à eles e ele perguntou-se quão abrangente era sua regra auto-imposta.

— Sobre o que estamos falando, Sin? Você não quer que ninguém lhe domine... em seu coração?

Ela riu amargamente e entrou no Harrowgate.

— Eu não tenho um coração para alguém tomar.

†††††

Con pendurou sua bolsa sobre o ombro e seguiu Sin para dentro da gruta do Harrowgate.

Eu não tenho um coração para alguém tomar.

Besteira. É certo que ela não parece dar a mínima para ninguém, exceto para si mesma, e talvez Lore, mas Con testemunhara uma vez a maneira como ela envolvia seu corpo ao redor das crianças de Shade e Runa para proteger o garoto de um anjo caído do mal. Ela usou-se como um escudo e a preocupação com o bebê escureceu sua expressão quando ela viu o sangue na pele dele, sangue que acabou por ser o dela.

Sin pode se fazer de durona, mas definitivamente tinha um coração. E alguma coisa dentro dele estava louco para incitá-la até ver quão errada ela estava. Mas porque provar que ele estava certo era tão malditamente importante?

Porque ela testa você. Porque ela é selvagem e imprevisível, e você

aceitará qualquer desafio que pareça impossível.

Sim, tudo bem, era por isso. Ele estava facilmente entediado, sempre à procura de novas aventuras.

Nem sempre foi bem sucedido. Sua busca por emoção quase conseguiu matá-lo algumas vezes, levou-o para baixo em alguns caminhos escuros e, de uma maneira indireta, levou-o à situação em que estava atualmente.

Ele tornou-se um paramédico em parte porque Eidolon forçou a mão, mas também havia um fascínio por fazer algo que ele nunca fizera. Ele foi parceiro de Luc, que estava tão ansioso para arriscar seu pescoço quanto Con e que instigara a aposta que teve Con nas calças de Sin. Deuses, a vida dava umas voltas estranhas e irregulares. Con tocou com a palma o mapa da América do Norte e Sin amontoou-se perto. Ele podia cheirar o fodido macho warg nela e seus músculos contraíram-se com a necessidade de virar o rabo de volta à cidade para matá-lo.

— Onde agora? — Ela perguntou e ele bateu no mapa.

— Montana. Montanhas rochosas do norte — ele disse, mais agudamente do que ele esperava. — Era um dos lugares que Lore indicara no gráfico da epidemia.

— Bem. — Ela deu um puxão forte no ombro dele. — Você não é um grumpalufagus?

A porta brilhava aberta e ar fresco que cheirava a pinheiros inundou o espaço pequeno. Ele praticamente pulou para dentro da floresta banhada pelo crepúsculo, precisando afastar-se dela.

— Você quase nos matou — ele disse, sabendo que não era justo culpá-la, mas a imagem dela beijando aquele bastardo não ia embora.

— Eu também consegui abrir o portão — ela apontou e ele cerrou os punhos. — Nós poderíamos ter saído da cidade mesmo sem seu companheiro líder do Conselho.

— Foi imprudente e estúpido, e você não fará isso novamente.

— Não farei? — Ela cravou os punhos nos quadris. — *Não farei?* Você não tem nenhuma palavra em qualquer coisa que eu faça.

Sua mandíbula apertou-se.

— Quando se tratar de wargs, você me *ouvirá*. Eu os conheço. Eu sei como eles reagem, eu sei como eles brigam e eu sei como eles têm luxúria...

— Oh, pelo amor de Deus, coloque um plug anal na porcaria do macho valentão. Eu sei o que estou fazendo. Eu estou malditamente bem em matar e foder, e eu usarei ambas essas armas...

Cego pela fúria, ele agarrou-a pelos braços, puxou-a contra ele e tomou sua boca. Não havia nada gentil no beijo afinal. Tratava-se de limpar o outro macho para fora da imagem. Era sobre dominação e toda aquela merda de macho valentão. Tratava-se de garantir que todas suas intimidades com ela eram sobre raiva ou pura luxúria, porque ele não se podia dar o luxo de suavizar.

Não que ela tenha permitido que isso acontecesse. Ela gritou de indignação e pisou no pé dele. Bateu contra seu peito. Então mordeu o lábio dele com força suficiente para tirar sangue. Quando o sangue bateu em sua língua, ela estremeceu, mas a dor aguda de prazer deixou-o mais duro e ele enfiou a língua contra a dela, acariciando, lambendo, forçando-a a prová-lo.

E então ela não estava mais lutando. Ela não precisava. O fio da navalha de uma espada estava mordendo sua virilha e ele congelou tão solidamente como uma escultura de gelo.

— Beije-me novamente sem minha permissão — ela sussurrou contra os lábios dele, — e eu castrarei você e venderei suas bolas em um mercado Ruthanian de carnes especiais. Entendeu?

— Você não vai fazer isso — ele sussurrou de volta. — Você sentiria muita falta delas.

Sin bufou e fez a lâmina desaparecer dentro do bolso enquanto dava um passo para trás.

— Os homens estão sempre superestimando o valor de seus genitais.

Tão rápido, a raiva dele se foi e ele jogou a cabeça para trás e riu.

— Vamos lá — ele disse. — Nós temos trabalho a fazer.

Dez

Eles seguiram mais de uma dezena de metros ao longo de uma gasta trilha de jogo quando um tiro ecoou, silenciando os grilos e enviando os esquilos que saíram para sua última incursão antes do anoitecer deslizando em seus buracos nas árvores. Sin e Con correram em direção ao som e em apenas alguns metros seguiam ruídos de batalha mais violentos e o fedor de sangue.

Muito sangue.

O cheiro aumentou enquanto rodearam um afloramento de rocha e encontraram duas pessoas mortas, provavelmente lobisomens, sob um arbusto.

— Wargs — Con sussurrou, confirmando suas suspeitas.

— Nascido ou transformado? — Ela não via nenhuma marca para indicar que eles eram *pricolici*, mas as marcas poderiam estar cobertas por suas roupas. Ou sangue.

— Não sei.

Um grito rasgou através do ar e eles caíram pelo arbusto, sem se preocupar com discrição, nem mesmo quando romperam em uma trilha no meio de uma matança.

— Oh, Deus — Sin derrapou até parar. Havia duas cabines pequenas escondidas longe na floresta, mas elas devem ter abrigado várias famílias. Eles estavam lutando, alguns em forma warg e alguns ainda em forma humana, usando machados e facas. Um macho estava disparando uma espingarda em um lobisomem pulando.

O chão estava encharcado de sangue e uma criança estava morta em uma varanda. *Uma criança*. Um grande macho girou seu braço, cortando a cabeça de uma mulher com suas garras enquanto ela implorava por misericórdia.

— Escória *varcolac* doente — As palavras foram deformadas por seu focinho animal, mas o ódio era tão claro quanto o sol acima.

Fúria irracional explodiu em Sin e ela lançou-se nos wargs nascidos, cuja batalha engranada os separou dos outros. Atirando suas facas matou um e sua adaga Gargantua terminou com outro. Ela perdeu a noção do tempo, do contro-le e embora soubesse que Con estava rasgando através do *pricolici* como um tor-nado através de um estacionamento de trailers, sua concentração estava total-mente centrada em causar dor.

Finalmente, nada se movia. Sin ficou em pé no meio do pequeno campo, entorpecida. Con ainda estava saltando na batalha, suas presas tão largas quanto leões da montanha, seus músculos contraindo. Sin sentiu a escuridão nele, a batalha e a luxúria por sangue que devia ter provocado sua própria, mas por uma vez, ela estava apenas entorpecida.

Os wargs nascidos conseguiram tirar todos antes que eles caíssem vítima das lâminas de Sin e das mãos de Con.

— Filho da puta — Con disse asperamente. Seu peito ainda arfando com o esforço da luta. — Eles fizeram isso. Alguém vazou o fato de que apenas os *varcolac* são afetados.

— Você acha que foi um membro do Conselho? Provavelmente há mem-bros do UG que sabem. — Ela não mencionou que a neta dele e seu companhei-ro sabiam também.

Ele varreu a área com seu olhar prata, seu corpo todo tenso, sua expres-são ameaçadora.

— É possível que tenha sido alguém do UG, mas eu apostaria minha bola esquerda que foi alguém do Conselho. Os *varcolac* estavam furiosos na reunião. Não tenho certeza se o líder deles, Raynor, estava convencido de que a FS não é uma conspiração para matá-los. E Valko... Ele tomará qualquer desculpa para deixar os *pricolici* matar os *varcolac*.

— Toda essa coisa apenas continua ficando pior — Uma dor súbita provocada por disparo em seu braço direito. Ela bateu a mão sobre o ombro onde um de seus glifos, uma marca redonda em forma de um quadrante solar, tinha se dividido em dois. Estranho. Os cortes que geralmente apareciam em sua *dermoire* eram linhas retas, mas esse era um zig zag, um Z perfeito que não se estendia além das linhas negras desbotadas do círculo.

Con franziu a testa.

— Você está ferida?

— Não — Ela mentiu, porque a verdade era que ela não se importava. Sua pequena picada não era nada comparada ao sofrimento que ela causou.

A mão de Con levantou para pegar sua bochecha e a carícia suave dos dedos dele em sua pele poderia muito bem ter sido uma bola de demolição, do jeito que rachou seu escudo de entorpecimento. Seu peito apertou e a garganta fechou como todas as mortes empilhadas em sua consciência. Tudo isso era sua culpa e ela de repente se sentiu como se estivesse se afogando em sangue.

— Eu tenho que consertar isso — ela sussurrou. — Tenho que terminar isso, Con. Minha vida não pode ter sido sobre morte.

— Isso *terminará*, Sin... — Ele pausou, suas sobrançelas morenas se juntando. — Você ouviu isso?

Ela começou a balançar a cabeça, mas então um pequeno choro quebrou o silêncio. Ela não esperou por Con. Ela correu em direção ao som e seu coração quase parou quando ela viu uma mulher deitada na soleira da porta aberta de um balcão atrás das cabines. Ela sabia imediatamente o que era: uma cabana cheia.

Para wargs morrendo.

A fêmea encolheu-se ante a aproximação de Sin, seu olhar aguçado cheio de terror.

— Hey — Sin disse suavemente, enquanto afundava em seus joelhos. — Está tudo bem. Eu não vou machucar você.

Con afundou em seus calcanhares ao lado de Sin, derrubando

sua bolsa médica no chão.

— Você está ferida?

— Doente. — Ela tossiu e sangue espirrou no chão. — Minha família... eles estão...

— Desculpe-me. — Con puxou dois pares de luvas cirúrgicas para fora da bolsa e ofereceu uma para Sin, mas ela balançou a cabeça. — Eles não fizeram isso. — Em seu áspero soluço, Con agarrou o pulso da mulher gentilmente com uma mão enluvada, provavelmente para checar seu pulso. — Quando os primeiros sintomas apareceram?

— Hoje de manhã.

Con encontrou o olhar de Sin e ela assentiu.

— Pode ser cedo o suficiente para eu tentar. — Sin afastou o cabelo da fêmea de seu rosto tão suavemente quanto ela pôde. Sua pele estava quente, provavelmente sensível e ela não queria causar mais nenhuma dor. — Qual seu nome?

— Pamela.

— Pamela, vou tentar curar você. Fique tranquila, ok?

Um tremor veio através de seu corpo delgado, mas ela assentiu. Deixando sua mão na bochecha de Pamela, Sin colocou poder em seu dom. O formigamento familiar feriu enquanto todo o caminho por seu braço até as pontas dos dedos e, no momento que entrou no lobisomem, Pamela ofegou.

A voz calmante e profunda de Con assegurou a Pamela de que tudo estava bem e, apesar de Sin não estar tão certa sobre isso, ela apreciou a forma como ele estava tão calmo, tão certo, tão... complacente. Ele poderia ter pegado o trabalho porque Eidolon forçou a mão, mas Con pertencia ao campo médico e ela perguntou-se se ele percebia isso.

Sin socou seu poder pelo corpo de Pamela, buscando o vírus. Comparado ao outro warg que Sin tentara curar, essa tinha níveis muito baixos e tirar os fios individuais do vírus não foi tão difícil

quanto ela achava que seria.

Eventualmente, o vírus estava morto. Desaparecido. Uma emoção e excitação cavalgaram-na tão duro quanto a exaustão e ela sorriu quando soltou Pamela e ela caiu contra o lado da cabana.

— O vírus se foi — ela respondeu asperamente. — Eu acho que você está bem.

Con olhou para cima enquanto escavava por seus equipamentos médicos.

— E você?

— Eu poderia dormir por um mês, mas estou bem. — Sin estendeu a mão e ajudou a outra fêmea a sentar-se. — Como você está se sentindo?

Pamela balançou, mas permaneceu em pé.

— Estou com fome.

— Isso é um bom sinal. — Con sorriu e embora esse não fosse o momento ou lugar para Sin apreciar a masculinidade crua que ele jogou quando fez isso, bem, ela definitivamente o apreciou. — Estou indo pegar um pouco de sangue, mas eu quero que você vá para o Underworld General.

— O hospital demônio?

— Sim. — Ele pegou alguns tubos de borracha de sua bolsa.
— Você encontrará o símbolo médico dentro do Harrowgate.

Enquanto Sin observava Con drenar sangue, ela esperou que isso fosse o começo do fim para essa doença. O pesadelo tinha durado muito tempo, de maneira que muitas pessoas morreram.

Quando Con terminou, Sin ajudou Pamela a ficar em pé, dobrando-a para proteger a warg da visão de seus amigos e familiares abatidos. Agarrando o ombro de Pamela, ela guiou-a em direção ao caminho para o Harrowgate, mas congelou quando seu couro cabeludo começou a formigar com consciência. Eles estavam sendo observados.

— Sin!

Ao grito de Con, ela girou, sentiu o sussurro de uma espada quando nave-gou ao passar por sua orelha, ouviu um baque e um grito, e Pamela caiu, um machado arremessado destinado para Sin incorporou entre os olhos de Pamela. Oh... *merda!*

Tudo ao redor, a floresta veio à vida quando assassinos se lançaram e lançaram suas armas. Sin mergulhou atrás do galpão, Con em seus calcanhares. Uma demônio fêmea Croucher saltou dos galhos de uma árvore, seus três olhos focados em Sin com intenção mortal. Con moveu-se em um borrão de movimen-to, deslizando para trás do demônio para envolver seu braço ao redor da gargan-ta enquanto Sin empurrou uma adaga no terceiro olho da assassina. O grito da Croucher foi cortado por uma torção das mãos de Con e pelo estalar de seu pe-coço. Ele liberou-a e ela desabou no chão.

Foi muito fácil. Essa fêmea era uma amadora, mas os outros não seriam.

Con deve ter chegado à mesma conclusão porque ele agarrou a mão de Sin e puxou-a para dentro da floresta.

— Nós temos que correr!

Os sons de perseguição estavam quentes atrás deles e então, do nada, um cavalo gritou. Sin e Con giraram ao redor e, puta merda, isso não poderia ficar pior...

— Esse é o cara que vi em minha casa — Con respirou. — Só... diferente. Sua armadura está manchada.

Manchada não era a palavra que Sin usaria. Estava suja, gasta e escorria lama negra das rachaduras. Seu cavalo, um enorme animal branco com olhos carmesim, estava esmagando os assassinos com seus cascos.

O objetivo cavaleiro mortal enviava flechas perfurando gargantas, cabe-ças e corações.

— Agora nós temos que correr mais rápido — Con latiu e, sim, ela com-cordava. De todo o coração.

— Há uma cabana a poucos quilômetros para cima na

montanha — ele disse, enquanto disparavam pela floresta. — Pertence a um mago ancião meu amigo. Não é protegido por feitiço Haven, mas é protegido contra demônios.

Sin abaixou em um galho, mas pegou outro no queixo.

— Em caso de você não ter notado, *eu sou* um demônio.

— Eu posso levá-la através de seu campo místico minado.

Ela esperava que sim, mas baseado na forma como o dia estava indo, ela não estava contando muito com isso.

†††††

O pai de Eidolon, Resniak, não era um macho fácil de conversar. E apesar de Eidolon permitir a muito poucas pessoas agitá-lo, Resniak, um corpulento demônio Judicia cuja expressão estava severamente presa, fazia o intestino de Eidolon torcer em nós e foi sempre assim. Não importava que Resniak não fosse seu pai biológico (o macho criara Eidolon como seu próprio filho e os Judicia eram pais rigorosos).

— Favores não são algo concedido pelos Negociadores da Justiça — Ele dizia enquanto parava em pé no escritório de Eidolon, preenchendo-o com mais do que seu grande corpo verde e pares gigantes de chifres. Sua presença vigorosa sugava todo o ar e deixava o peito de Eidolon apertado, como se o oxigênio fosse um prêmio.

— Estou ciente disso, Pai. E eu admito que meu pedido é baseado no fato de que Sin é minha irmã. Mas o pedido é razoável. Ela tem direito a uma investigação.

Resniak preguiçosamente acariciou as pontas de sua barba negra.

— Uma investigação pode ser feita enquanto ela está presa.

— Concordo — Eidolon saiu do chão. Sem mais discussão. Ou

seu pai acharia seu pedido lógico, ou ele não iria.

Lógico. Era algo com que Eidolon crescera, mas como um demônio Seminus puro-sangue, instinto e emoção superaram a lógica nos piores momentos possíveis. E nos melhores momentos. Logicamente, ele deveria ter matado Tayla na primeira vez que ele a viu, quando ela viera a seu hospital machucada depois de matar demônios. Ao invés disso, ele ficara fascinado e seu desejo por ela destruiu a lógica e o bom senso.

Graças aos deuses.

O tempo esticava e o nível de oxigênio no escritório continuava em queda livre. Finalmente, seu pai concordou secamente.

— Eu não posso garantir nada. Mas verei o que posso fazer. Quanto à punição que você, Wraith e Conall encaram por interferir com a prisão de Sin, eu posso fazer um apelo pela suspensão até depois que a epidemia acabar — Ele saiu sem sequer um adeus, mas ir tentar puxar alguns pauzinhos para tirar Sin de problemas era o mesmo que alguém invadir uma grande festa e dizer “eu te amo” e Eidolon desabou em sua cadeira com alívio.

Ele ouviu passos no corredor, rezou para que não fosse seu pai voltando, e ligou seu computador.

— *E.* Eu esperei até que o embaixador Vulcano tivesse ido embora. Nós temos um problema.

— Eu não quero saber. E pare de chamar os Judicia de vulcanos — Eidolon não olhou para cima de seu computador.

Talvez se fingisse que Wraith não estava lá...

— Então eu tenho dois problemas para você.

Eidolon finalmente olhou para cima para ver Wraith e Kynan parados na porta de seu escritório, ambos parecendo como se o Armagedon estivesse próximo. E como o Armagedon estivera próximo não muito tempo atrás, isso era sério.

— O que é?

Kynan entrou, sua boca definida em uma linha sombria, seus

olhos azuis piscando.

— Estão falando que somente wargs transformados são afetados pela praga. — Apesar da voz de Ky ser sempre rouca pelos danos sofridos durante seus dias de Exército, estava ainda mais áspera do que o normal agora. — Eles estão culpando os wargs nascidos pelo surto e wargs nascidos estão usando essa oportunidade para destruir os wargs transformados.

— Merda — Eidolon respirou. — Nós precisamos preparar o serviço de emergência para um fluxo de pacientes e contar para nossa equipe transforma-da. — Embora os membros transformados da equipe ainda estivessem isolados para evitar infecção, isolamento não os protegeria necessariamente do extermí-nio.

Kynan afundou em uma cadeira e chutou seus pés com botas na mesa de Eidolon. Engraçado como o humano estava confortável desde que fora encanta-do por anjos e estava agora impenetrável para prejudicar. Então de novo, o cara sempre esteve razoavelmente confortável em sua própria pele.

— Eu já contei a Shade. Runa deve estar segura na caverna, mas ele ainda está entrando em modo de bloqueio total.

Sem dúvida ele estava. Eidolon não hesitaria em fazer o mesmo com Tayla.

— Há mais — Wraith disse, porque sim, claro que havia mais. — Con não estava respondendo seu celular, então eu fui a sua casa para checar Sin.

Eidolon franziu a testa. Estranho. Wraith não checava ninguém pela bon-dade de seu coração.

— E?

A forma como Wraith mudou seu peso e não encontrou o olhar de Eidolon enviou um tremor de medo por Eidolon.

— A casa foi explodida. Nada além de cinzas e fumaça.

Eidolon congelou.

— O quê?

Wraith enfiou a mão no bolso da calça de couro, alisando sua arma.

— Foi realmente fodido, *E*. Parece que a casa foi incendiada. O chão foi todo rasgado pelos bombeiros, mas eu fiz uma varredura da área. Encontrei vestígios de pegadas, poderia ser os assassinos atrás de Sin. Também encontrei rastros de cavalo indo e vindo do Harrowgate.

— Cavalo do Inferno? — Kynan perguntou.

Wraith balançou seu cabelo loiro. Ele amarrrou seu cabelo atrás com uma tira de couro e as pontas batiam violentamente contra seu casaco.

— Seus cascos carbonizaram o chão. Essas eram trilhas regulares. Grande, como cascos de Clydesdale.

— Wraith — Eidolon clareou a garganta, mas isso não livrou do grosso em sua voz.

— Você acha que Sin e Con estão mortos?

Wraith deixou escapar uma longa respiração e o coração de Eidolon despencou a seus pés. Quando Wraith finalmente falou, sua voz era forte e clara.

— Eu encontrei evidência de um conflito perto do Harrowgate. Con não sobreviveu por séculos sendo um estúpido e Sin tem instinto. Minha intuição diz que eles saíram.

Desde que a intuição de Wraith estava geralmente certa e era tudo o que eles tinham para continuar, Eidolon relaxou.

— Lore sabe?

— Não. Eu liguei para ele poucos minutos atrás para ver se ele ouviu sobre Sin. Ele não ouviu, mas eu não disse a ele sobre a casa. Não vi nenhuma razão para enlouquecê-lo até que soubéssemos alguma coisa.

— Concordo. — Eidolon checkou seu relógio. Ainda várias

horas até de manhã, quando Wraith retornaria para casa e não deixaria seu filho e a compa-nheira vampira até o anoitecer de novo. Não a menos que fosse uma emergên-cia. — Você pode fazer o que puder para rastrear Sin e encontrar o que está por trás do ataque à casa de Con?

Wraith acentiu.

— Há mais uma coisa. Quem quer que seja que incendiou a casa usou fogo infernal. Eu pude cheirá-lo nas cinzas.

O estômago de Eidolon torceu-se.

— Alguém está seriamente com vontade de matar Sin e Con.

— O que é fogo infernal? — Kynan perguntou.

— É como gasolina do submundo — Wraith disse. — A merda é massiva-mente poderosa, mas o que é especial sobre isso é que ele chama os espíritos do fogo nas chamas.

— Os quais caçam qualquer um dentro do alcance do calor — Eidolon terminou. — Seu uso é proibido no reino humano. Então, o responsável estava disposto a arriscar ser pego e queimado vivo pelos Negociantes da Justiça. — Eidolon amaldiçoou. — Temos que encontrar Sin.

— Eu estou nisso — Wraith saiu pela porta, mas Eidolon o deteve.

— Na saída, diga a Bastien que eu preciso vê-lo.

— Beleza — Wraith decolou, deixando *E* com Kynan.

Os olhos de Kynan estavam calmos, avaliando. Como Tayla gostava de dizer, quando você olhava para ele, você sabia que ele estava lendo a situação cerca de dez segundos antes de acontecer.

— Você chamou o R-XR? — Enquanto funcionando como um regente local no Aegis, Kynan trabalhou com a unidade paranormal do Exército, o Regimento de Polícia-X[1], por anos depois de ser atacado por um demônio enquanto servia em uma unidade do Exército regular, como um médico.

— Eles vão estar no modo controle de danos.

— Sim — suspirou Kynan. — Isto está determinado a se espalhar para o mundo humano. O Aegis precisa se envolver no controle de danos, também. Eu vou dirigir-me ao QG para uma conferência.

— O que você acha que eles vão fazer?

— Eu não sei. — Kynan passou as mãos pelo seu cabelo escuro espetado, bagunçando ainda mais. — Mantivemos um monte de wargs transformados sob vigilância para certificar-nos que se acorrentassem durante a lua cheia, mas podemos acabar prendendo-os em vez de monitorá-los. — Ele riu. — Quão estranho é isso? Não muito tempo atrás, estávamos matando-os e agora pode-mos estar salvando-os.

— Você acha que os Guardiões irão proteger os lobisomens? Uma coisa é não matá-los, mas outra é protegê-los ativamente.

Kynan parecia perturbado.

— Sim. Houve um incidente que fará meu argumento um pouco mais difícil. — Ele mudou seus pés fora da mesa, abriu as pernas e apoiou os braços sobre as coxas, quando ele se inclinou para frente, seu olhar era ainda mais acentuado agora, seu condicionamento militar vindo à tona. — Um Guardião recentemente se mostrou como um lobisomem. Lembra quando eu perguntei se você sabia de algum warg que mudava durante a lua nova? Bem, o que quer que ela seja, sua célula levou ao pé da letra e perseguiu-a para o Canadá. Perderam-na, mas um Guardião está morto. No topo de tudo o que está acontecendo no Aegis...

Eidolon xingou. Kynan não precisou terminar a frase. Muito do que estava acontecendo era culpa de Tayla.

Correntes subterrâneas de discordância infiltraram-se através das fileiras do Aegis com o fato de que Tayla, um meio-demônio, não era apenas um Gardião, mas também um Regente à frente de uma das grandes células. Kynan casou com Gem, irmã de Tay, o que agitou o pote ainda mais. E então, dois meses atrás, Tay colocou um vampiro na folha de pagamento dos Guardiões chamado Kaden[2], que foi transformado em vampiro após ser capturado Durante um ataque

Aegis em um ninho.

Agora Guardiões estão quietos, enquanto outros estavam clamando por mudança. Esta notícia do lobisomem poderia fazer a panela já fervente, trans-bordar.

— Tayla com certeza tem uma maneira de agitar as coisas — Kynan disse, como se estivesse lendo a mente de Eidolon.

— Tayla não seria Tayla se ela não estivesse sempre no meio de uma tempestade de merda. — E Eidolon não via nenhuma outra maneira.

— Você salvou a vida dela, *E*. — A voz grave de Kynan estava quieta. — Ela estava indo por uma estrada ruim e você tirou-a dela.

Um sóbrio e agradável calor encheu o peito de Eidolon.

— Ela salvou-me também.

— Você é um grande porre — Kynan disse, quando ele se levantou e Eidolon quase riu. Tayla o acusou mais de uma vez da mesma coisa. — Se você precisar de alguma ajuda com Sin, avise-me.

— Eu poderia aceitá-lo nisso. Boa sorte com o Sigil e sua lobisomem desonesta. — Kynan saiu, passando por Bastien em seu caminho para fora.

A porta de Eidolon estava movimentada hoje.

— Bastien. Obrigado pela visita.

O warg balançou a cabeça, fazendo seu tufo de cabelos castanhos encara-colados saltar em seus olhos.

— O que você precisa, senhor?

— Eu soube que a guerra civil está irrompendo entre *pricolici* e *varcolac*. Você sabe alguma coisa sobre isso?

Os dedos de Bastien apertaram-se no punho da caixa de ferramentas, que ele parecia ter sempre na mão, mas fora isso, ele não mostrou nenhuma reação.

— Não, senhor. Eu não tenho mais contato com meu bando.

— Eu só quero ter a certeza que está seguro. E que isso não irá afetar seu trabalho.

— Você quer dizer, se vou tentar prejudicar os wargs transformados que vêm para o hospital?

— Sim.

Por um longo momento, o lobisomem olhou para o chão e, quando ele finalmente levantou seu olhar, seus olhos castanhos normalmente suaves estavam ferozes.

— Minha lealdade é para com este hospital, Doutor. Eu não vou decepcioná-lo.

Cara, Eidolon amava este lugar. A gestão de um hospital é composta por dezenas de espécies diferentes, muitos dos quais eram inimigos naturais, o que poderia se complicar, mas no final, eles estavam aqui porque queriam ajudar os outros e Eidolon tinha muito orgulho disso. E pessoas como Bastien, que alguns gostavam de dizer que era *apenas* um zelador, eram o coração da instalação e tão importante quanto o cirurgião mais talentoso.

— Obrigado, Bastien. Que bom que você está de volta.

Após o warg mancar para longe, seu pé manco batendo no chão mais forte que o outro, Eidolon discou o telefone. Arik, irmão de Runa e um membro da cúpula do R-XR, respondeu no segundo toque.

— O que você quer, demônio?

Arik não era sempre o cara mais amigável.

— Eu quero saber se você está ciente de que os wargs nascidos estão prontos para cometer genocídio sobre os transformados.

Arik xingou.

— Eu ia ligar para você para falar sobre isso. Tivemos relatos isolados de wargs atacando wargs, mas não há confirmação ainda sobre se é ou não violência de nascidos sobre os transformados.

— Wraith confirmou isso e ele não se engana com merdas como essa.

— Nós vamos ficar de olho nisso — Arik disse. — Tem algo de novo sobre a FS?

— Talvez, mas eu não quero compartilhar nada até que eu ouça de minha irmã.

Houve um silêncio quebradiço. Esses caras não gostavam de ser manti-dos no escuro, especialmente se quem os mantivesse lá fosse um demônio. E mesmo que a irmã de Arik, Runa, fosse acoplada com Shade, o cara ainda não se acostumou muito com isso.

Finalmente, Arik suspirou.

— Eu acho que eu deveria trazer Runa para D.C.

— Você quer levá-la para a sede R-XR? — Eidolon riu. — Boa sorte com isso. Você vai precisar de uma divisão blindada inteira para afastá-la de Shade.

— Eu vou conseguir uma, se eu tiver que fazer.

Eidolon jogou o copo de cliques de papel em sua mesa e começou a jogá-los de volta, um por um.

— Você sabe que eles não podem ser separados.

— Shade e as crianças podem vir também. Eu não posso deixá-la desprotegida.

— Confie em mim. O único lugar mais seguro do que a caverna é o hospital e se não fosse pelo fato de que eu estou recebendo dúzias de wargs doentes, eles estariam aqui. Você tem o mesmo problema lá. Você pode ser capaz de protegê-la de wargs nascidos, mas você está trabalhando com o vírus. Você pode garantir que não vai de alguma forma encontrar seu caminho para ela? — Silêncio foi a resposta de E. — Exatamente.

— Eidolon... Eu não tenho certeza se eu realmente tenho uma escolha nesse sentido.

Um arrepiou subiu pela coluna de Eidolon.

— Você foi obrigado a trazê-la.

— Não era uma ordem. Mais uma sugestão com palavras fortes.

— Por quê?

— Para sua própria proteção — Arik disse e quando Eidolon estava prestes a xingá-lo por esta besteira, Arik acrescentou, — e porque sua capacidade de transformar-se à vontade pode fornecer alguma resistência a FS ou nos ajudar a encontrar uma cura.

Ela pode mudar à vontade por causa do R-XR. Eles a usaram como um teste para uma cura para a licanthropia experimental, o que não funcionou, mas havia dado a ela a capacidade de se transformar em um lobisomem a qualquer momento que ela quisesse. Eidolon já tinha considerado seu DNA alterado na equação da FS, havia realizado testes com seu sangue e com o vírus, mas ainda não viu resultados encorajadores.

— Eu vou pedir para Shade enviar amostras de sangue. Talvez você tenha melhor sorte do que eu. Mas não se atreva a tentar levá-la — ele advertiu.

Arik amaldiçoou.

— Eu vou me segurar enquanto eu puder. Atualize-me sobre o resto o mais rápido possível.

— Você faça o mesmo. — Eidolon pausou, lembrando-se da questão de Ky sobre a nova geração de Wargs. Pode ser uma pista sobre uma nova direção de teste. — Arik... você sabe alguma coisa sobre lobisomens que mudam Duran-te a lua nova em vez da cheia?

— Não.

— Isso é o que eu pensava. Mantenha-me informado sobre a outra merda.

Arik desligou quando o bip de Eidolon disparou. Mais três

wargs doentes deram entrada. Mais cinco estão sendo levados... mortos. Mas não por causa da doença. Trauma.

Parecia que a guerra civil estava em pleno andamento.

[1] No original, Ranger-X Regiment (R-XR).

[2] Kaden tem um conto. Chama-se Eternity Embraced

Onze

Tudo doía. Kar gemeu. O calor rodeava-a, embora o frio atravessasse seu calor uma ou outra vez. Abriu os olhos. Piscou. Voltou a piscar outra vez, com a esperança de estar vendo coisas.

Não. Parecia estar em uma espécie de... sotão? Uma masmorra? O fogo colocado em uma parede deixou-a ver o chão de terra pisada, coberto em alguns lugares por palha. As paredes eram de troncos e pedras e uma áspera laje de pedra estava pregada em uns enormes anéis, dos quais pendiam grossos cadeados. Um gancho para carne pendia do teto.

Isto era um buraco de contenção para lobisomens. Sabia por que tinha um.

Sua memória voltou em uma série de golpes em seu cérebro. Esteve fugindo do Aegis. Procurando Luc. Foi presa. Tiro. E depois Luc estava ali. Na verdade, tiveram uma conversa, mesmo que os detalhes fossem um pouco confusos.

Ela cheirou o ar, respirou um bocado de odor de madeira queimada misturada com o perfume almiscarado de warg e o perfume muito masculino de Luc.

Algo bateu em cima dela, seguido pelo rangido de uma porta se abrindo. Gemendo, girou sobre suas costas apertando com força seus dentes enquanto a dor atravessava seu lado direito. Luc, com calças jeans e uma camisa de flanela azul, descia pelas escadas com uma xícara fumegante, que cheirava a uma rica e substanciosa sopa em suas mãos.

— Está acordada — Suas palavras saíram como um grunhido.

— Sim — disse ela roucamente.

— Esta grávida?

— Sim.

Oh, meu Deus, eu contei para ele. Suas lembranças agitaram-se e o mesmo fez seu estômago. Ele perguntou se ela mataria o bebê se nascesse humano e sua voz foi tão fria como o sopro do vento através de seu rosto. A coisa era que o bebê provavelmente nasceria humano, não porque o pai fosse transformado, mas sim porque ela era. Ele acreditava que ela era *Varcolac* porque viu a marca que foi tatuada nela por um feiticeiro especializado em marcas místicas.

Felizmente, durante sua festa de sexo no Egito, Luc não a colocou em dúvida, como um warg ela pôde infiltrar-se no Aegis, mas então, não havia pedido nada dela, nem sequer seu nome.

Luc afastou seu cabelo preto de seu rosto e ajoelhou-se a seu lado.

— Eu te trouxe um pouco de guisado.

O aroma saboroso do cordeiro encheu suas narinas e mesmo que a boca se enchesse de água, ela não tinha vontade de comer. Queria voltar a dormir apesar da dor que a atormentava e de sua pele estar tão sensível que doía deitar na cama cheia de nódulos de onde podia sentir cada pedaço individual da palha.

— Não tenho muita fome.

Ele dobrou a almofada atrás dela para elevar sua cabeça e colocou uma colher de guisado em seus lábios.

— Você precisa comer para que eu possa dar-lhe algum remédio. Não se preocupe — ele disse quando ela abriu a boca para protestar. — Não machucará o bebê. — Aproveitou-se de sua boca aberta para enfiar a comida.

Ainda que não tivesse fome, gemeu ante o sabor.

— Está bom.

— Não é difícil colocar um pouco de carne, água e batata em uma panela. — Afundou a colher na xícara e pegou um pedaço de carneiro. — Você comerá tudo isso.

Sua ordem a irritou e mesmo que mal tivesse energia, retorceu-se tentando sentar-se.

— Agradeço que tenha salvado minha vida, mas não precisava matar o Guardião e...

— Eu não lhe salvei ainda.

Um calafrio a atravessou, lutando contra a febre e fazendo-a suar frio.

— O que você não me está contando?

— Você ainda poderia morrer. Provavelmente.

— Não adoce nada.

Sua expressão estava desprovida de emoção, lembrando-se do quão friamente eficiente ele foi ao chantageá-la para que fizesse sexo com ele. Mas essa conduta gelada transformou-se em algo quente e apaixonado, uma vez que a guerra dos demônios acabou e a luxúria o tomou.

— Eu nunca faço isso.

Tomou um bocado que ele oferecia, mais para se dar a chance de pensar do que qualquer outra coisa.

— Quais são minhas opções? — Apesar de tentar conservar seu nível de voz, teve um pequeno tremor humilhante pendendo no final de sua pergunta.

— Precisamos levar-lhe ao Underworld General.

O hospital de demônios? O pensamento a assustou mais do que a morte.

— Não sei...

— Não há escolha. Já montei um trenó na parte traseira de minha motoneve. Sairemos depois da meia noite quando estiver completamente escuro e com a esperança de que não tenham Guardiões esperando para nos emboscar. — A colher arranhava a xícara enquanto ele pescava outro bocado. — Se estivéssemos mais perto da lua cheia, você poderia transformar-se. Curar suas feridas.

Um curioso calor percorreu sua pele e ela soube que se realmente pudesse transformar-se durante a lua cheia, eles ou destroçariam um ao outro ou despedaçar-se-iam na noite com paixão. Ela apostava no último.

O calor transformou-se em uma cócega e ela ofegou. Oh meu Deus, como podia ter esquecido?

— Luc, que dia é hoje?

Ele franziu a testa.

— Por quê?

— Por que — interrompeu-se com outro suspiro. A dor, a sensibilidade que havia sentido... não eram pela ferida. Sua pele esticou-se e seus músculos contraíram-se duramente. — Oh, merda.

Os olhos de Luc ampliaram-se.

— Kar... — sua voz era um grunhido, mortífero, misturado com um pouco de ansiedade. — Diga-me que não está fazendo o que eu acho que está fazendo.

— Quem me dera pudesse — sussurrou.

Grunhindo, ele levantou-se de um pulo e jogou-se para trás.

— Não — ele negou com a cabeça, os dentes descobertos. — Você não é...

— Eu sou... — repentinamente começaram a se abrir as articulações com um pequeno som explosivo e os músculos afastaram-se a rasgos do osso, ela apertou os dentes diante dessa agonia abrasadora. — Eu sou uma... Warg Feast.



Uma Warg Feast.

Xingando violentamente, Luc agarrou um dos cadeados da parede e enganchou a argola ao redor do tornozelo de Kar quando ela se curvou e se contorceu. Os sons de seus ossos rangendo, sua pele rasgando e seu pelo emergindo encheu o pequeno espaço e ele xingou ainda mais alto para que ela pudesse ouvir cada maldita sílaba.

Uma fodida Warg Feast!

Jesus. Ele subiu as escadas de três em três degraus e foi embora correndo para seu quarto, onde abriu a gaveta de sua escrivaninha e procurou a Beretta. Na parte posterior da gaveta havia uma pequena caixa de madeira talhada a mão e no interior havia seis balas de prata.

Precisava de apenas uma.

Desagradáveis grunhidos ecoavam de baixo, assim como o som de garras na pedra. As correntes estavam feitas para segurá-los, mas ela era uma criatura diferente. Era mais forte, cruel, violenta. O pior de tudo, a mordida de um warg Feast era venenosa para outros wargs. Apenas um roçar de seus dentes mataria um lobisomem normal em segundos.

Os Wargs Feast eram os monstros de jardim nos armários dos lobisomens.

Por isso, tanto *Varcolac* como *Pricolici* treinavam equipes especiais para encontrar os wargs Feast durante as noites de lua nova, depois de terem se transformado, porque eram impossíveis de detectar enquanto estavam em forma humana. Como resultado destas desalmadas equipes de execução, eles foram caçados quase até a extinção, seus corpos tão vulneráveis a uma bala de prata como qualquer lobisomem. Eram tão raros, de fato, que Luc nunca topou com um.

Até agora.

Oh, ele sentiu o lobo nela, mas ela escondeu seu segredo *especial* muito bem.

Desgraçada! Os passos de Luc eram pesados enquanto saía de seu dormitório. Lá fora, o estrondo da neve na escuridão golpeava a janela e o vento assobiava como que tentando chamar sua atenção. Embaixo do tablado, os latidos de Kar conseguiram o que o vento não conseguiu e ele apertou seu agarre na pistola.

Ela está grávida.

Foda-se! Não importava. Ela era uma assassina.

Como você.

Ignorando sua voz interna, que alguns poderiam chamar de consciência, mas a dele foi embora há muito tempo, levantou o alçapão. Os rosnados de Kar ficaram mais fortes e violentos. Moveu-se cuidadosamente pelas escadas, a arma em sua mão, o dedo pronto sobre o gatilho.

Ela estava no canto, seu pelo vermelho brilhando sob a luz do fogo.

Ela era enorme, a maior fêmea que já viu, e quando ela se ergueu sobre suas robustas pernas, elevou-se sobre ele. Raras vezes chegou a ver uma completa transição warg através de seus olhos humanos, inclusive quando o fez, teve pouco tempo para admirá-lo já que sua própria transição o pegava desprevenido.

Mas agora... agora ele podia apreciar a poderosa forma de Kar, sua estrutura muscular e seu pelo liso e brilhante. Sua enorme cabeça baixa, seu olhar agudo e inteligente rastreando-o quando ele se jogou para um lado, procurando o melhor ângulo para conseguir um tiro certo. Ele podia ser um idiota brutal, mas não queria que ela sofresse.

Sem aviso prévio, ela balançou-se.

Em um só movimento suave, balançou para cima e apontou em seu amplo peito. Ela parou em seco provocando um som metálico de correntes e caiu em quatro patas com um sopro.

Ele amaldiçoou enquanto a confusão girava nos olhos azuis dela, tornando-os turvos. Por quê? Ela deveria estar furiosa, tentando destroçá-lo membro a membro.

Um gemido baixo e aflito veio do mais profundo de seu peito.

Como um paramédico, ele estava acostumado às queixas de dor de seus pacientes. Em sua maior parte, ele havia endurecido, escolhera um campo de força para que o sofrimento não o afetasse e ele se mantivesse adequadamente neutro. Ou talvez simplesmente não lhe importasse. Era difícil dizer.

Mas a tristeza no semblante de Kar, de alguma forma, penetrou em sua insensibilidade e enquanto ela ia para trás, ele franziu a testa. Depois soltou uma maldição em uma longa respiração.

Ela está grávida. Merda. Não tinha nem ideia se a gravidez deixava as fêmeas mais dóceis. Qual era seu jogo? Ela viera ao Canadá para matá-lo, mas perdeu sua chance quando ele a prendeu antes que ela pudesse?

Não querendo matá-la até saber a verdade, baixou a arma.

— Você — murmurou. — Realmente tem a fodida sorte de eu estar de bom humor.

Doze

Na hora em que Con e Sin chegaram a casa com segurança, estava completamente escuro e nada estava os perseguindo tão de perto, apesar de terem visto um par de aves de rapina voando sobre eles, suas asas de couro de três metros e meio, roçando as copas das árvores enquanto procuravam por Sin. Con odiava as malditas criaturas que deram origem à lenda do Homem Mariposa; eram difíceis de matar e fediam a carne podre. Provavelmente porque eles gostavam de usar as peles de suas vítimas.

Sin estava ainda com a atenção presa no modo assassino, mas, de vez em quando, seu olhar ficava assustado e sua máscara de *não mexa comigo* caía. O assassinato de uma dúzia de wargs abalou-a e Con imaginava a frequência com que isso acontecia.

Ele tentou não pensar nisso enquanto estudava a cabana de dois andares situada nas margens de um lago montanhoso.

— Não parece que Rivesta esteja em casa. — E, outra vez, a feiticeira mestiça Nightlash raramente estava. Ela tinha uma dúzia de casas, espalhadas pelo mundo todo e em Sheoul, e ela preferia os climas mais quentes. Para junho, estava extremamente frio.

— Como você a conhece?

— Amiga de família — ele respondeu.

Ela levantou uma sobrancelha negra.

— Amiga *íntima* de família?

— Uma vez.

Rivesta não era sua feiticeira comum. Ela herdara um traço de crueldade, mas seu lado humano balanceava isso e a deixava frágil o bastante para saber com quem ela devia e não devia transar.

O que significava que dormir com ela era quase tão perigoso quanto levar uma Nightlash sangue-puro para a cama.

Ele encontrou um dos amuletos dela pendurado no ramo de um abeto. Ele fez um gesto para Sin.

— Dê-me sua mão.

Sin deu a mão, sem argumentar e isso disse a ele mais do estado mental dela do que qualquer coisa, e sua garganta deu um nó. Não muito tempo atrás, ele teria ficado feliz pelo silêncio e cooperação dela. Agora ele queria aquele demoniozinho mal-humorado de volta.

Xingando para si mesmo, ele pegou o pulso dela. A pulsação dele acelerou enquanto ele levantava a mão dela até sua boca e punha os dedos dela entre seus lábios. Os olhos negros dela brilharam quando ele furou a ponta dos dedos com a presa. O sangue dela em sua boca e ele quase grunhiu. Rapidamente, antes de se perder em luxúria, ele abriu seu próprio dedo e tocou com os dois no saco de musselina sobre suas cabeças. O sangue dos dois infiltrou-se no amuleto e houve um estalo, um clarão e eles tinham cinco segundos para atravessar o limite invisível.

Eles correram para a varanda da frente e um estalo atrás deles avisou que a barreira estava fechada novamente.

Cuidadosamente, ele abriu a porta. O feitiço de Rivesta funcionava contra criaturas sobrenaturais, mas não contra humanos, o que significava que caçadores ou ladrões ou invasores poderiam quebrá-lo.

— Eu checo lá em cima e você aqui embaixo — ele disse e Sin sumiu como um fantasma.

Droga, ela era incrível e ele encontrou-se olhando para ela, seu coração mais acelerado do que deveria estar.

Chamando-se de todos os tipos de idiota e mais alguns tipos extras de retardado, ele desejou que sua pulsação desacelerasse e subiu na escada espiral. Ele verificou o quarto e o banheiro, e encontrou-se com Sin no andar de baixo, onde ela estava parada no meio da grande sala, olhando para a fria lareira e se abraçando como se estivesse congelada.

No chão estavam os restos esmagados de seu celular.

— Acabou a bateria. A capa estava rachada.

— Então você o puniu — ele disse ironicamente, mas a bateria descarregada não era boa notícia. Agora eles não tinham como pedir ajuda.

— Hey — ele alcançou-a e, como sempre, ela afastou-se e ele deixou o braço cair. — Vamos ficar bem. Nada vai passar pela barreira de Rivesta — Pelo menos, não até os assassinos que estão atrás dela perceberem que podem mandar humanos. — Por que não descansa um pouco e eu penso em um plano para nos tirar daqui.

— Dormir é para os fracos e você pode parar de tratar-me como uma criança — ela girou e produziu uma adaga do nada, ou pelo que ele pôde ver. — Vou lá fora patrulhar a área.

— Sin — ele disse cansado. — Pare. Você disse que está drenada. Precisa descansar.

Ela parou, mas ficou encarando a porta. Em algum momento, ela amarrou o cabelo em um nó apertado cuja ponta ficava pendurada sobre uma tatuagem tribal pontuda na nuca e ele de repente quis libertar aquelas tranças e en-terrorar o rosto nelas. Nela.

— Preciso fazer *algo*.

— Ir lá fora e matar-se não é algo.

Ela deu a volta nele, toda descontrolada, de pé, e sim, cuidado com o que deseja.

— Você viu aquelas pessoas, Con? — Ela gesticulou para a janela e para a selva lá fora. — Você está se esquecendo daquela

criança assassinada? Quem se importa comigo? Quem dá a mínima se eu vivo ou morro? São aquelas pessoas que importam!

— Droga, Sin. Sim, elas importam. Mas você também. As pessoas se importam. — Ela bufou e ele agarrou-a, usou cada quilo de compostura que tinha para não balançá-la. — Seus irmãos se importam...

— Eles querem se importar, mas não se importam. Como podem? — Ela afastou as mãos dele e deu um passo para trás. — Tudo o que fiz foi causar problemas a eles. Tudo bem, tem o Lore. Ele talvez se importe um pouco, mas agora ele é casado e não precisa de mim.

— Confie em mim — Con disse. — Eles se importam e eles precisam *sim* de você.

A dúvida queimou nos olhos dela, mas abruptamente, a luz tremeluziu e ele soube que ela estava pensando na criança warg outra vez.

— Não importa — ela tirou o mapa do bolso. — Vamos para a Alemanha. Houve um surto perto de Berlim.

— Nós não podemos simplesmente sair dançando pela porta da frente. Precisamos de um plano. Rivesta escondeu saídas. Vamos encontrá-las e bolar um jeito de nos tirar daqui. Só tome fôlego antes. Será melhor se pudermos esperar pela primeira luz. — Muitos demônios podiam ver melhor à noite do que de dia e a hora em que eles estavam mais cegos era enquanto o sol estava surgindo no horizonte.

Ela olhou para ele, um dedo afagando o punho da lâmina e ele pergun-tou-se se ela estava considerando a ideia de esfaqueá-lo. Então, como se um interruptor tivesse sido acionado, ela fez a lâmina e o mapa desaparecerem, e a raiva sumiu de sua expressão. Ela era a fêmea mais mercurial que ele já conhe-cera.

— Preciso de um minuto — ela disse rispidamente. — Sozinha.

Ele soltou um suspiro frustrado.

— Vou assaltar a cozinha e ver o que temos. Fique na casa —
Quando ela se enrijeceu a seu comando, ele adicionou. — Estou falando sério, Sin. Se você tentar sair, eu *vou* te espancar como te falei no hospital.

A luz da batalha faiscou nos olhos dela, desencadeando uma reação primitiva dentro dele, uma reação que exigiu uma capitulação dela... debaixo dele. Ele nunca devia ter ameaçado espancá-la, pois agora sua mão formigava com a expectativa, seu pau endureceu e seu corpo inteiro se preparou para sexo.

— Gostaria de ver você tentar — a voz rouca de Sin disparou direto para a virilha dele, que estava com todo seu sangue, pois o cérebro estava passando por vários cenários de espancamento agora.

— Eu não tento, Sin. Eu *faço*. Lembre-se disso.

— Tanto faz — ela murmurou, enquanto dava uma meia-volta rápida e saía da cozinha. Ele observou a retirada reboiativa, que não fez nada para esfriar o calor em suas veias.

Apesar de ser a última coisa que ele quisesse fazer, virou-se e começou a tocar no armário, que estava lotado de enlatados e caixas. O freezer estava quase tão abarrotado quanto o armário, mas a maior parte com carne crua não identificável. Com uma careta, ele fechou a porta. Ele já comeu algumas coisas questionáveis em sua vida, mas nunca se sabe o que os demônios consideram ser comida.

A geladeira continha, na maior parte, garrafas de água, refrigerante e cerveja. Con pegou duas Cocas e voltou para a sala de estar, onde Sin estava sentada no sofá.

O cheiro de sangue estava carregado no ar.

A *dermoire* dela contorcia-se e um corte fino no formato perfeito da letra Z cortava um símbolo circular em seu ombro pela metade. O sangue gotejava pelo corte, mas era uma ferida profunda de quinze centímetros em seu bíceps que chamou a atenção dele.

Ele soltou os refrigerantes na grande mesa de jantar e foi até ela.

— O que você fez?

— Deixe-me em paz.

Ignorando-a, ele pegou o braço dela e pressionou.

— Você tem que parar com isso, Sin. Onde está a faca? —
Como ela ficou quieta, ele gritou. — Cadê a maldita faca?

— Não tem nenhuma! — Ela gritou, soltando-se dele. O corte cresceu mais um pouco e ficou mais largo, como se estivesse sendo cortado por *dentro*. Puta merda.

Antes que ela pudesse detê-lo, ele deslizou a língua sobre a ferida e, instantaneamente, ela fechou-se.

— Seu idiota! — Sin ficou de pé, olhou para o braço e, logo embaixo de onde o corte estava, outra começou, crescendo rapidamente de uma linha pequena de meio centímetro para uma de cinco centímetros em questão de segundos.

— O que você está fazendo? — Con tentou agarrá-la, mas ela desviou como uma dançarina.

— Eu disse para deixar-me em paz.

Acalme-se. Simplesmente recue. O gosto dela ainda estava em sua língua, intensificando cada um de seus sentidos e emoções, o que incluía raiva, e ela não precisava dele revoltado. O traseiro teimoso dela iria se calar mais do que, bem, uma ostra.

— Não até você me dizer o que está acontecendo.

Ela olhou para cima, para as vigas de madeira, por um bom tempo antes de dizer suavemente: — É minha culpa.

— Sua o quê?

— É como a maior parte de minha culpa surge — ela olhou de volta para ele. — Eu me treinei para não sentir isso. Culpa, pesar, arrependimento. Mas eles precisam ser libertados, então se apresentam na forma de dor.

Con soltou um suspiro cortante. Ele ouviu sobre isso antes (manifestação de certas emoções em forma de sintomas físicos ao

invés de emoção verdadeira). E se era isso que estava acontecendo, ela estava sentindo *muita culpa*. O sangue escorria pelo braço e pingava no chão, mas ela parecia não notar. Quando ele chegou perto dela, ela o contornou para afastar-se dele.

De saco cheio e frustrado, ele se jogou sobre ela, derrubou-a sobre as almofadas do sofá, puxou seu braço e outra vez lambeu a ferida para fechá-la.

— Pare com isso! — Ela desvencilhou-se, jogando a perna para cima para causar algum estrago em suas partes, mas ele estava pronto e prendeu as pernas dela com seu peso.

— Droga, Sin, você precisa sentir.

— Não, não preciso — ela levantou a cabeça, tentando morder o braço dele, mas ele se mexeu e os dentes dela morderam o ar. — Você acha que eu conseguiria fazer meu trabalho se me desmanchasse em lágrimas cada vez que eu matasse alguém?

A fúria passou rasgando por ele. Ele não poderia (não iria) julgá-la por seu trabalho. Ele também não era nenhum anjo. Mas ela estava se enganando e enganando todas as vítimas da epidemia que ela começara.

— Então cada um que morreu por causa da doença que você causou não consegue nada?

— Nada? — Ela perguntou, incrédula. — Eu *sangro* por eles.

— Sério? — Ele olhou para o braço dela, que tinha outro corte aberto. — Você acha que tem sangue suficiente para cobrir as mortes de todos os wargs que passaram pelo hospital? E aquela criança que acabamos de ver morta?

— Cala a boca — ela falou.

Ele passou a língua sobre o sangue de novo e ela resistiu, mas ele não se moveu.

— Você vai sentir isso, Sin. Eu te prometo.

— *Vá se danar.*

— Sinta — ele disse, a voz baixa e mais severa do que ele pretendia. — Lembre-se de todos que morreram.

— Não.

O braço dela se cortou. Ele lambeu.

— Eu não vou deixar você sangrar. *Sinta*.

— Fale por você — ela rebateu. — Quão mal você se sente quando você chuta seus amigos humanos na sarjeta com mentiras.

— Não estamos falando de mim, Sin.

— Você quer que eu fique infeliz? — Ela gritou. — Você me odeia tanto assim?

— Não! — Ele gritou em resposta. — Eu me importo tanto assim — ele congelou, incapaz de acreditar que acabara de dizer isso.

Sin piscou, seus cílios exuberantes emoldurando a surpresa em seus olhos. Então ela bateu nele com a mão livre, forte o bastante para ranger os dentes dele.

— Seu idiota. Seu idiota mentiroso. Eu entendo que você tem uma grande dívida com Eidolon, mas eu não sou tão idiota a ponto de cair numa mentira dessas.

— Jesus. Eu não disse que estava apaixonado por você nem nada disso — Oh, não mesmo. Nunca. — Mas eu não te odeio mais. — E *quando* isso aconteceu, ele não tinha certeza.

— Por que não?

— Você pode até ter começado a epidemia, mas você não tinha a inten-ção.

Sob ele, o corpo dela relaxou, só um pouco.

— Então por que você quer que eu sinta toda essa culpa?

— Porque não é só culpa que você está prendendo dentro de si

mesma. É tudo. Você precisa liberar isso e aprender a confiar em seus sentimentos.

A pele dela se cortou.

— Não — Um pouco de firmeza escapou por sua voz, mas claramente não foi o bastante.

Abaixando mais o peso sobre ela para mantê-la contida, ele arrastou a língua em seu braço.

— Desista, Sin. Sinta.

— Eu... Se eu pensar sobre aquela criança, as coisas que eu fiz... — seu corpo inteiro começou a tremer e os olhos ficaram líquidos.

Vê-la, em tamanho conflito, o arranhou e ele afastou-se calmamente, e ela o jogou no chão. Com velocidade quase vampírica ela ficou de pé e saiu correndo pelas escadas.

Ele ficou de pé, agarrou-a, e girou-a para ficar de frente para ele.

— Sem besteira, Sin. Sinta o que você fez — ele pegou a mão dela e a pressionou contra o peito, onde o coração dela pulsava dolorosamente rápido. O dele também estava. — Permita-se sentir algo por outra pessoa.

— Eu te odeio — a voz dela estava tão tremida que ele mal conseguia entendê-la.

— Isso já é alguma coisa — ele disse suavemente.

Abruptamente, os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Con... — ela engoliu em seco, várias vezes.

— Deixe acontecer.

— Estou... com medo.

Em um impulso, ele a envolveu nos braços.

— Libere.

Por um tempo insuportavelmente longo, ela tremeu. E então ela deu um gemido agonizante, apavorado, animalesco, que deixou o coração dele apertado.

— Isso dói — ela gemeu. — *Oh, Deus.*

Os soluços dela ficaram mais fortes e rápidos, e ele achou que deveria estar tomando alguma medida de prazer da dor dela, mas tudo que ele queria fazer era parar isso. Talvez ele tivesse cometido um grande erro. Ele quase a libertou, quase pediu desculpas, mas quando ela começou a empurrá-lo, ele apertou os braços em volta dela. Ela era forte e, como a luta dela ficava mais frenética, ele precisou esmagá-la contra ele.

— Libere! — Ela tentou se jogar para trás, tentou chutá-lo, arranhá-lo, mordê-lo. Ele aceitou, deixou-a fazer o estrago que quisesse. — Deixe... ir... — A ordem saiu como um gemido e uma súplica, e quando a luta dela diminuiu, ela começou a soluçar de novo.

— Sin — ele sussurrou no cabelo dela. — Shh... — Relaxando um pouco o aperto, ele pôs um dedo sob o queixo trêmulo dela e levantou seu rosto. Olhos negros nadavam em lágrimas que deixavam uma trilha sobre as bochechas.

Sem pensar, ele beijou seu rosto molhado, primeiro um lado, depois o outro.

— Não — Ela grunhiu, mas seu corpo caiu contra o dele. E quando ele pressionou os lábios contra os dela, ela se agarrou a ele como se ele fosse uma jangada e ela estivesse se afogando.

Ele lambeu os lábios dela, facilitando a entrada, sem querer forçar isso. Nos braços dele, ela se sentia pequena, frágil, de um jeito que ela nunca se sentiu, um jeito que ele não acreditava ser possível, e alguns instintos malucos sobressaíram, fazendo-o querer cuidar dela, mimá-la e deixá-la forte outra vez.

Apesar dela não participar ativamente do beijo, ela também não estava lutando e ele teve seu momento, mordiscando sua boca, afagando seus lábios, seus dentes, até finalmente, sua língua. Ele começou com um ritmo suave para dentro e para fora de sua boca e,

devagar, bem devagar, o calor surgiu e ela começou a responder.

As mãos de Sin afagavam as costas dele, tentativamente no começo, mas quando o beijo se aprofundou, intensificou-se, seu toque ficou mais firme, até que ela esfregava não só as palmas das mãos contra ele, mas também os seios contra o peito dele.

— É isso — ele sussurrou contra os lábios dela. — Toque-me.

Sin baixou a mão até o zíper dele, mas ele pegou seu pulso para detê-la.

— Não aí. Não ainda.

— Mas...

Ele calou-a com outro beijo, esse ainda mais urgente, enquanto a carrega-va para o chão. Com uma mão, ele segurava as nádegas e a envolvia embaixo dele, e com a outra, ele segurou a cabeça dela, contendo-a para o beijo.

As coxas dela o seguraram em um forte aperto, sua vagina suave se esfregando, mexendo os quadris dele para frente mesmo que ele quisesse manter essa coisa toda em paz. Mas os quadris dele já estavam cheios, seu sangue animal espesso e quente em suas veias, e as montanhas, a selva em volta deles, chamavam sua natureza primitiva.

Isso exigia que ele a pegasse com segurança, uma rude ligação que faria os dois gritarem. E enquanto ela chegava ao orgasmo, ele tomaria seu sangue, também...

A ideia o fez ficar tanto quente quanto frio. Ele queria nada mais que se preencher com ela enquanto ele a preenchia. Mas, como sempre, no fundo de sua mente estava o medo do vício, algo que ele sabia estar precariamente perto.

Ele não podia ser responsável por outra morte causada por sua incauta fome por sangue feminino.

A língua lisa de Sin passou por uma das presas dele e então subiram e desceram, afagando, e ele gemeu, esquecendo-se de tudo, exceto dela. Nesse momento, ele precisava se concentrar em fazê-la se sentir bem. Em fazê-la se esquecer dos terrores do dia e dos terrores ainda por vir.

A coisa mais difícil que ele já fizera foi evitar arrancar as roupas dela e mergulhar dentro dela, especialmente quando ela começou a se balançar contra ele, sua carne magra ondulando em ondas sinuosas. Um “*não*” suavemente pronunciado acompanhava cada movimento de seus quadris. O corpo dela queria, mas a mente ainda não aceitara isso. Se ele fizesse o que o corpo exigia, uma transa rápida, dura, ela estaria a bordo. Mas a ternura a assustava.

— Fácil — ele murmurou, enquanto deixava uma trilha de beijos pelo queixo, até o pescoço, onde a pulsação dela batia loucamente sob os lábios dele. — Se você realmente não quer isso, eu paro. Mas é sua hora, não é?

Ele sabia que não era. Oh, ela estava manifestando as vibrações de “*transe comigo*” comuns dos súcubos, mas não em quantidades desesperadas, no estilo “*pegue-me agora*”. Mas ela estava nervosa, com medo e precisava de uma desculpa para fazer isso porque ela queria, não porque ela necessitava.

— Sim — ela falou ríspidamente, a mentira pareceu ficar presa em sua garganta.

— Então eu cuido de você — ele murmurou. O problema, ele percebeu enquanto sua fome emergia, seria cuidar de si mesmo.

†††††

Sin estava muito assustada.

Era preciso muito para assustá-la. Mas de alguma forma esse dâmpiro sexy que ela beijava mexia com a ansiedade e a necessidade de que isso fosse além da parte física. Ele a forçou a confrontar emoções que ela nunca quisera experimentar e ela ainda estava cambaleante por isso, tentando enfiar aqueles sentimentos de volta na caixa em que estavam trancados por tanto tempo.

Sexo frio e pesado a ajudaria a fazer isso acontecer.

Con inclinou-se para trás, só um pouco, para que ele pudesse tirar a blusinha e o sutiã dela, as finas correias de couro da adaga, e depois as botas, calças e as bainhas das coxas e dos tornozelos. Ele fez

uma pilha bagunçada com as armas, algo que a deixou nervosa, mas então ele a tocou novamente e as armas ficaram esquecidas. O coração dela sibilava pela caixa torácica enquanto ele deslizava seus dedos longos e talentosos por seus seios. Ela inspirou, inalando os cheiros almiscarados do desejo masculino e da batalha que ainda ocorria na pele bronzeada de Con. A luxúria agarrou-a, transformou seus músculos em gelatina e deixou sua vagina molhada.

Contorcendo-se, ela deixou a cabeça cair no chão de madeira dura com um palavrão frustrado.

— Pare de provocar — ela foi para as calças dele outra vez, mas ele impe-diu-a, seu aperto no pulso dela impiedoso, quase ao ponto de doer.

— Vou fazer amor com você, Sin. Não vamos transar. Vamos devagar, com muitas daquelas preliminares que eu falei para você.

O peito dela se constringiu com alarme.

— Por quê?

Ele fez um som que era algo entre uma risada e um ronronar.

— Só você questionaria brincadeiras eróticas extendidas — os dedos dele cavucaram entre as pernas dela, passando como plumas sobre os lábios carnudos de sua vagina. — E eu pretendo transformar você em meu playground pessoal.

Oh, Jesus.

— Eu... não posso — ela não sabia como. Mas, mais que isso, fazer amor deixá-la aberta, vulnerável. Transar era fácil, dois corpos de chocando para alcançar um breve momento de prazer. Fazer amor envolvia emoções emaranhadas e mentes se encontrando até o orgasmo ser mais que físico... E ela não era nada boa nisso.

— Você pode e você vai fazer — ele tirou os jeans, deixando o corpo magro e corado nu, os olhos prateados brilhando à luz da lua que jorrava pelas janelas, as presas faiscando molhadas. Pequenos músculos se flexionaram em seu pescoço, braços, abdômen, onde uma linha fina de cabelos loiros atraía o olhar dela. Seu pau estava tão rígido que se curvava para o estômago, as veias pulsando com a intensidade de seu desejo. Ele parecia um deus, um demônio, um

animal selvagem que pretendia ter o que queria.

E ainda, havia uma ternura latente na expressão e no toque dele enquanto ele rondava pelo corpo dela. Alguma coisa deu um solavanco no peito dela. O coração, algo que ela acreditava estar completamente isolado, estava reagindo a esse homem de um jeito que nunca fez antes.

O pânico a envolveu e com um grito, ela empurrou-o e engalfinhou-se para ficar apoiada nas mãos e nos joelhos. O terror deixou-a constrangida e ela escorregou tentando ficar de pé. Um grunhido baixo e perigoso soou atrás dela, e ela gritou antes do corpo pesado de Con cobri-la e deixá-la de barriga no chão. Uma mão puxou os braços dela sobre a cabeça, prendendo-a, enquanto a outra entrava entre as pernas dela.

— Por favor, Con — ela implorou, mas não tinha certeza do que estava suplicando. Ela tentou soltar os pulsos, mas seus quadris levantavam-se de encontro com os dedos dele enquanto eles a penetravam.

A respiração dele estava quente e desesperada contra o ouvido dela, e ela percebeu que ele havia mordido sua orelha e usava a boca como uma forma de contê-la. Ela fez um som de igual desespero, uma súplica de alto tom por mais. Por menos. Ela não sabia qual.

O fato de que ela fizera tanto barulho era um sinal de que estava com problemas.

Ela sempre foi calada em suas paixões, mas Con tinha um jeito de persuadi-la, quer ela gostasse ou não... E, *oh, sim*, ela gostava daquilo...

Ele a controlou com o peso do corpo, suas pernas fortes que prendiam as dela, e aqueles dedos que começaram um deslizar erótico para dentro e para fora da vagina dela. Ela não gozaria com o que ele estava fazendo, mas ele podia deixá-la tão perto que ela poderia explodir no momento em que ele a penetrasse mesmo se uma gota de lubrificação escorresse da ponta do pau dele.

Gemendo, ela inclinou a bunda na direção de seu pau, que pendia pesadamente na dobra das coxas dela.

— Ainda não — Ele murmurou. — Quase — Sua língua fez um movimento lento e molhado em volta da orelha dela. — Você

promete ser boa? — Ele apertou a mão em volta dos pulsos dela para enfatizar.

— Sim — ela grunhiu. — Só me foda.

A risada profunda dele vibrou deliciosamente os órgãos dela.

— Não vai ter nada disso.

— Então eu quero muito matar você agora.

Desta vez, a risada dele foi silenciosa, mas ela sentiu no subir e descer dos ombros dele atrás dela. Cuidadosamente, ele soltou-a e desceu pelo corpo dela. Seus lábios beijaram a coluna dela, sua língua lambia a pele dela e suas presas raspavam o quadril dela. Mas que... Ela tentou levantá-lo, mas ele pôs a palma da mão nas costas dela e pressionou-a para baixo enquanto passava a outra mão sob a barriga dela para levantar só o quadril.

Quando ele mordiscou a nádega dela, ela gritou.

— O que você está fazendo?

— Beijando sua bela bunda — E então sua língua estava entre as pernas dela e ela gritou com a sensação maravilhosa. A ponta da língua moveu-se rapidamente sobre o clitóris dela e então escorregou para afundar em um calor escorregadio.

— Oh, Deus — ela tremeu com a sacudida da língua dele enquanto ele repetia a sequência. Cada mexida, cada movimento, cada empurrão penetrante arrancava um som diferente dela e, caramba, por que ela alguma vez pensou que aquela preliminar era uma ridícula perda de tempo?

— Você gosta assim? — Ele disse contra sua carne íntima, a vibração rugindo através dela e levando-a tão perto do orgasmo quanto ela poderia chegar sem sêmen a preenchendo.

A frustração pôs um limite na resposta dela, que era mais que um grito.

— Sim!

De repente, ele girou-a para que ela ficasse de costas no chão,

as pernas abertas e a boca dele entre elas. Um ronronar animal emergiu dele enquanto ele lambia e chupava, e ela gritou quando ele empurrou dois dedos dentro dela.

— Con, eu preciso... Preciso... de você.

Ele levantou a cabeça, a prata em seus olhos girando com calor derretido.

— Preliminares antes.

— Mas eu não consigo gozar assim.

O sorriso dele era crueldade pura.

— Sim — ele insistiu. — Você pode — ele levantou de entre as pernas dela, bloqueando a luz da lua que jorrava das janelas da frente. Seu pau era uma coluna grossa e sombria contra sua pele bronzeada e a garganta dela apertou e a boca ficou seca quando ele o empunhou e começou a bombar.

Segurando o olhar dela com o seu, ele pegou a mão dela e substituiu a dele pela dela.

— Acaricie.

Ela nem considerou a ideia de desobedecer a seu comando gutural. Ela apertou a carne dura dele desde a base até a ponta enquanto ele empurrava contra o pulso dela. A respiração dele ficou mais irregular, os movimentos menos coordenados e ele jogou a cabeça para trás e soltou um rugido que chaco-alhou a casa. O gozo esguichou na barriga dela, um creme que formigava. Ele tremeu, teve espasmos, até finalmente ele apertar o pulso dela e fazê-la parar.

Ele ainda estava duro, seu pau pulando na mão dela.

— Eu posso controlar quanto sêmen eu libero — ele suspirou.

— Um benefício de ser um dampiro.

Um de muitos benefícios, ela estava descobrindo.

— Isso é tão legal — ela arqueou o quadril e envolveu as pernas nas coxas dele. — Você ainda pode gozar dentro de mim, certo?

— Eu vou gozar dentro de você — ele disse. — Mas não agora.

— Que droga! — Ela bateu nele, só um pouco de brincadeira, mas ele pegou sua mão, beijou as juntas dos dedos e mergulhou de volta para entre suas pernas. A língua dele era um chicote impiedoso em sua pele macia e inchada, e quando ela estava prestes a começar a soluçar de frustração, ele alisou sua barriga e passou o dedo na piscina quente de umidade que ele havia deixado ali.

Os lábios dele grudaram em seu clitóris e ele chupou forte, a língua circulando e movendo-se rapidamente... E então ele inseriu um dedo profundamente em sua vagina. Foi como se um raio tivesse atingido. Cada célula de seu corpo explodiu de êxtase, seu sangue ferveu e o prazer disparou coluna acima e chegou a sua boca na forma de grito. O dedo dele girou dentro dela enquanto a boca continuava trabalhando em sua carne e ela gozou outra vez, e outra vez e outra vez, seu corpo sacudindo descontroladamente, até que finalmente, piedosamente, ele parou e ela ficou fraca no chão.

Ele engatinhou pelo corpo dela, os músculos tensos se juntando enquanto ele se movia.

— Não terminei com você, coração — ele grunhiu. — Não. Estou. Nem. Perto.

Um tremor chacoalhou o corpo dela com a corrente de posse na voz dele. Ele não terminou porque não conseguiu dela o que ele queria. E quando ela olhava para o olhar aquecido dele, ela soube o que ele queria.

Sua alma.

Treze

As palavras quebradas e sussurradas de Sin “Eu não posso” quando ele disse que eles iam fazer amor em vez de ficarem atacadados fazendo sexo violento e sujo esmurraram Con. Ele sabia naquele momento que nunca ninguém fizera isso com ela, não mostraram para ela qualquer tipo de compai-xão ou atenção durante o sexo e ela não saberia como lidar com isso, aceitá-lo ou sentir-se merecedora. Durante muito tempo, ele entendeu que seu duro exte-rior era uma defesa contra as coisas que ela fez e viu no trabalho, mas agora ele visualizou algo dentro dela, uma quantia muito baixa de autoestima.

E a culpa, pelo menos parcial disso, era de Con.

Suas próprias palavras, ditas logo antes da primeira vez que tiveram sexo, voltaram com força total. Ela perguntou por seus motivos e ele fora bem claro. *Eu não quero conhecer você. Eu quero foder com você.*

Quantas vezes ela ouviu isso em sua vida? A resposta ele sabia, *muitas*, e ao mesmo tempo que ele não poderia apagar todas elas, ele poderia compensar sua própria vergonhosa insensibilidade.

— Eu vejo você, Sin — ele sussurrou. — Eu vejo você.

Ele não sabia se ela escutara, mas antes que pudesse recuperar-se dos meia dúzia de clímax que ele lhe dera, Con levantou-se, pegou-a nos braços e afundou suas presas em sua garganta. Ela ofegou, um som doce e feminino que quase o derrubou sobre os joelhos novamente. Subiu os degraus de dois em dois em direção ao quarto,

caíram os dois na cama. Em algum momento, ela pegou uma de suas adagas, ele perguntou-se se ela achava que precisava se proteger dele... ou se este era um hábito que criara pela vida perigosa que levava.

Gentilmente, ele extraiu a lâmina de sua mão. Ela não protestou, embora tenha prestado bastante atenção para onde ele levou o punhal, na mesa de cabeceira.

Usando sua coxa para separar suas pernas, ele afundou entre elas. Seu eixo escorregou entre suas dobras inchadas e, instantaneamente, ela trancou suas pernas em sua cintura, pedindo, tentando-o. Seu picante sangue misturan-do-se com o sabor de seus orgasmos, alimentando seu desejo.

Seu estômago e nádegas apertados, e ele concentrando-se em manter o controle, ao deslizar lentamente para dentro dela, em vez de ser rápido, transando com ela no colchão como o instinto exigia dele. Ele fez as coisas devagar até este ponto e não ia parar agora.

Ainda não.

Seu núcleo quente em volta dele, sugando e retalhando seu controle. Seu corpo cantarolou com luxúria e nova energia com o sangue dela. No fundo, a conexão com ela intensificou-se. Sentiu-se drogado, querendo... precisando... de mais. Era como se cada engolir o fizesse ter mais fome em vez de saciá-lo. Oh, isso era ruim, muito ruim...

A *dermoire* de Sin iluminou-se, juntando-se ao calor de suas veias.

— Quase, Con — ela respirava. — Está quase desaparecendo.

Ele teve que parar. Foi apenas um momento. Ela deve ter percebido sua relutância, porque seu cabelo arrepiou-se.

— Desta vez, vamos terminá-lo.

Da última vez, ele teve força de vontade para afastar-se, mas então, ele não se havia enterrado profundamente nela. Agora, ele estava impotente, um escravo de seu sangue. Ele engoliu em seco, uma e outra vez, sabendo que ele atravessara uma linha.

— Está feito — ela engasgou. — O vírus... se... foi.

Ele mal ouviu. O êxtase havia assumido, o sugado para um turbilhão que não poderia escapar. Mais... ele precisava de mais.

Sin gritou com o prazer que a dominava. Tinha o perigo de se viciar... A vítima não sentiria nada, mas a euforia e o orgasmo eram drenados com a morte.

Deus, não!

Com rugiu quando ele rasgou sua garganta com as presas. Seu corpo todo convulsionou e o desejo imediato começou novamente. Ele passou sua língua sobre os furos, saboreando o gosto, ele jamais teria o suficiente de Sin.

Frustração, raiva, luxúria combinados em um humor cáustico, mas de alguma forma ele conseguiu manter-se calmo ao invés de bombear dentro dela com estocadas fortes. Mas de certa forma o ritmo suave foi uma punição. Forçando-a a aceitar a bondade de forma cruel. Isso definitivamente não era o que ela queria.

— Mais — ela gemeu e ele intencionalmente puxou-a para trás, seguran-do-a na extremidade.

— Eu sou o primeiro? — Ele sussurrou, alguma parte profunda e egoísta dele querendo saber com certeza, queria ouvi-la dizer que ele era o único homem que até aquele momento havia feito amor com ela.

Ela jogou a cabeça para trás, expondo o pescoço longo e gracioso, derra-mando o cabelo que era como seda preta sobre o edredom de cetim vermelho.

— Con...

— Diga-me. — Ele debruçou-se sobre ela, tomou seu peito na boca e sugou até ela gemer. — Eu... sou... o... primeiro?

— Sim. — A palavra saiu quase inaudível, mas carregada de emoção: tristeza, raiva, tristeza. Por um momento, ele pensou que ela iria quebrar, mas depois de um momento ela cravou os dedos em sua bunda, ele estremeceu de prazer. — Agora, por favor...

Ele deveria sentir-se vitorioso, mas sentiu-se como um bastardo. Furioso consigo mesmo, com ela, com todo mundo, ele

soltou-se, martelando dentro dela e o resultado foi eletrizante. Um grito rasgou sua garganta e ele explodiu em um milhão de pedaços. Sin juntou-se a ele, o efeito de liberar sua semente dentro dela foi magnífico. Ela quebrou, contraiu o corpo, seu núcleo ordenhan-do-o completamente.

Quando acabou, quando seus sentidos voltaram ao normal, ele percebeu que embaixo dele, ela enrijeceu. Ele inalou, necessitando saber onde estavam suas emoções, e sim, misturado com o cheiro de sexo havia uma nota acre de raiva.

Bem, você queria que ela sentisse. Disse que iria fazer acontecer. Prometeu que iria acontecer.

Pela primeira vez em sua vida, ele desejava ter quebrado uma promessa.

†††††

— Seu filho da puta — Sin falou.

— Sim, eu sou um filho da puta por fazer você gozar.

— Não é disso que estou falando e você sabe — Sentia-se nua, bem mais que fisicamente, de qualquer maneira. Ele, de qualquer forma, arrancou parte de sua blindagem emocional, deixando uma ferida exposta.

Con levantou a cabeça e ela viu tristeza em seu olhar, antes dele descan-sar a testa na dela, de olhos fechados.

— Diga-me.

Ele não precisava dizer qualquer coisa. Ela sabia o que queria. Ela tremia, e ele simplesmente segurou-a, quebrando-a com a força de sua vontade e a força de seu abraço.

— Eles... me deixam.

Seus olhos se abriram.

— Quem deixou você?

— Todo mundo — ela sussurrou. — Se eu me preocupo com eles, ou se quero que eles se preocupem comigo, eles não podem. Eles me deixam. — Deus, ela não podia acreditar que estava derramando suas entranhas dessa forma. A laceração emocional que ele fizera estava sangrando, um constante fluxo de palavras que ela não conseguia parar.

Suavemente, rolou-os de lado e sua mão acariciava suas costas, persuadindo que ela falasse.

— Você tem Lore.

— Ele deixou-me também.

— Lore? O que aconteceu? — Ele colocou o rosto em seu peito, a melhor coisa que poderia ter feito, porque ela não podia falar olhando para ele. Quando ela não disse nada, porque ela não encontrava as palavras, ele acariciou sua garganta. — Comece com algo fácil. Como quando você era uma criança.

Ela quase riu, porque não foi nada fácil.

— Vamos. — Sua voz era rouca. Comandando, mas de alguma forma encorajadora. — Conte-me sobre seus pais.

— Oh, isso é uma boa. — Sin olhava para seus peitorais bem desenvolvidos enquanto falava. — Minha mãe era humana. Ela ficou louca. Ela fodeu um demônio que havia convocado e quando soube que estava grávida ela tentou abortar. Ela não conseguiu e ela acabou dando a luz a mim e a Lore.

— Ela sabia que vocês eram demônios?

— Sim. Ela acreditava piamente que ela fodeu Satanás. Todo mundo achava que ela era louca. Então, depois que ela tentou nos matar, abandonando-nos na neve ainda recém-nascidos, meus avós nos adotaram, batizaram-nos de Sinead e Lore, e trancaram-na em um asilo.

— Você cresceu pensando que era humana?

— Sim. — Às vezes, quando os médicos achavam que os tratamentos de sua mãe estavam dando resultado e ela estava melhor, eles permitiam que Lore e Sin a visitassem. Mas as visitas sempre davam errado. — A única vez que questionamos foi quando começamos a ver nossa mãe e, quando ninguém estava por perto, ela nos dizia que desejava que estivéssemos mortos. Que éramos a semente do diabo.

A mão de Con congelou em suas costas e ele jurou.

— Isso deve ter doído.

Ela deu de ombros, mas sim, havia machucado. Lore lidara com isso muito bem, mas Sin chorava por dias após as visitas.

— Meus avós ajudaram-nos com ela.

— Seus avós parecem pessoas boas.

— Eles eram — Quando ela se esforçava bastante, Sin ainda podia sentir o cheiro dos biscoitos caseiros da avó. Conseguia lembrar-se dos abraços, as histórias antes de dormir. O segredo e os risos compartilhados entre seus avós. Eles amavam-se muito. Eles nunca foram ricos, mas os tempos difíceis só os aproximavam.

— E então minha mãe fugiu do hospital. Lore e eu tínhamos dezoito anos, dois dias antes de nosso décimo novo aniversário e ainda vivíamos com nossos avós, quando ela chegou e os matou. A única razão pela qual ela não nos matou também, foi que eu rolei quando ela estava tentando esfaquear meu coração. A faca entrou em meu ombro. Eu gritei e Lore veio de seu quarto para impedi-la.

Con pressionou um beijo em sua cabeça e era tão carinhoso, tão íntimo, que ela respirou fortemente. Con pareceu perceber o que havia feito, seu grande corpo ficou todo tenso, como se ele não acreditasse em suas próprias ações.

— Sinto muito — disse, mas se ele estava arrependido de beijá-la assim ou sobre seu passado ela não sabia.

De qualquer forma ele deixou-a desconfortável. E talvez um pouco... exci-tada.

— Está tudo bem, sem problemas. — Mas sua bravata era falsa e ela per-guntou-se se ele sabia disso. A verdade é que, em todo o tempo, ela foi devasta-da além do consolo. Ela teve algum tipo de choque que durou semanas. Se não fosse Lore forçá-la a comer, a viver, ela poderia ter morrido. — Lore cuidou de mim. Ficamos na casa pouco mais de um ano e depois descobrimos que tudo que ela dizia sobre nós era verdade.

Ela nunca esqueceria aquela noite. Era lua cheia. Assustador. Seu braço direito começou a queimar e ela assistiu com horror como os vergões queima-vam sua pele. Lore viera para casa de seu emprego em uma fábrica e ele apare-ceu com o rosto contorcido de dor, seu braço queimando como o dela.

— Algumas das memórias são escuras. — Ela traçou com os dedos as costelas de Con, tinha necessidade de colocar as mãos para trabalhar, porque ela não poderia alcançar sua adaga, que ela gostava de manusear num hábito nervoso. — Mas algumas são cristalinas. Nós desenvolvemos nossas *dermoires*, e uma desesperada... necessidade. Lore tinha o pior. Ele lutou com o que estava acontecendo com ele e teve uma fúria selvagem. — Ela estremeceu, lembrando como sua pele ficou vermelha, as veias salientes. Seus olhos, brilhando fogo carmesim, tinham como alvo a morte. — Eu acho que a raça Sems é uma espécie de loucura durante seu primeiro ciclo de maturação e eles precisam de muito sexo para passar por isso. Lore... Isso era diferente para ele. — Pelo menos, foi diferente, enquanto ele estava dentro de casa. Depois que ele saiu, ela só poderia adivinhar o que ele havia feito. — Ele destruiu a casa. Não sei como sobrevivi, achei que ia morrer. Saí de casa depois dele, mas voltei antes dele. Um par de dias, eu acho. Quando ele voltou... — ela tomou uma respiração profunda e irregular.

“— *Onde você estava?*

— *Eu não sei. Em toda parte. Em nenhum lugar.* — *Olhou em torno da cozinha.* — *Eu fiz isso?* — *Ela balançou a cabeça.*

— *Sinead, desculpe-me.* — *Ele colocou o rosto nas mãos.* — *Eu... matei e... eu fiz coisas terríveis.*

— *Eu também* — *ela sussurrou. Os dois dias passados em favelas*

irlandesas de Boston deixaram-na abalada. Sua cabeça levantou e ele estendeu a mão para ela. Ela encolheu-se longe dele, não querendo que ele a tocasse, estava suja, mas ele não compreendeu e seu rosto caiu. — Eu sinto muito...

— Eu preciso... — ela não pôde terminar. Ela só queria subir e deitar na cama e rezar para que quando ela acordasse novamente, tudo isso fosse apenas um pesadelo.”

Ela foi para a cama e quando ela se levantou na manhã seguinte, Lore tinha ido embora. A nota sobre a mesa dizia: — Eu não poderia arriscar ferir você. Eu amo você.

— Ele arrumou as malas e partiu. Eu não o vi novamente por mais de três quartos de século.

— Setenta e cinco anos? Jesus. O que aconteceu com você?
— Quando ela não respondeu, porque sua garganta havia se fechado, Con levantou o rosto e pousou os lábios nos dela, devastando-a e fazendo o nó em sua garganta ainda maior. — Você pode me contar. Por favor, Sin.

Ela teve que engolir várias vezes antes de sua voz retornar. Finalmente, ela enfiou o rosto dela contra ele e disse: — Eu te disse... Saí de casa por um par de dias logo após nossa mudança estranha, logo após Lore me machucar.

Con enrijeceu.

— Ele não...

— Não... Deus, não. Ele ficou furioso, insano, mas não havia nada sexual. — Com Con relaxado, ela continuou. — Depois disso, eu precisava de algo, mas eu não sabia o quê. — Ela agarrou-se a Con como se estivesse se afogando. — Eu era virgem. Eu nunca havia sentido excitação antes. Não assim, de qualquer maneira. E o sexo não era algo que minha avó já tivesse discutido comigo. Tudo que eu sabia era que, dentro, eu estava em chamas. Eu sentia cólicas e dores, e imediatamente me sentia atraída por cada homem que eu via.

Ela fechou os olhos, odiando lembrar o pior momento de sua vida.

— Eu estava apavorada. Acabei em uma das favelas irlandesas de Boston... — Estava febril, com dor. Ela agarrou as mãos de vários homens, implorando para eles fazerem algo, que ela nem sabia como colocar em palavras. Ela foi poupada do físico, Lore durante a transformação sofreu, mas sem dúvida ela parecia uma pessoa louca e um homem golpeou-a com força suficiente para fazer sangrar seu nariz. Outro foi seduzido pelos feromônios que ela vinha colocando para fora, mas quando ele tentou levá-la para um beco, uma mulher, supostamente sua esposa, parou entre eles e Sin foi obrigada a fugir.

Ela finalmente chegou à parte mais degradada da favela, que cheirava a matadouros e a fumaça, e dois bandidos jovens a levaram para trás de uma loja da esquina e deram a ela o que ela precisava. Ela chorou por horas, amontoada atrás de algumas caixas, confusa, com medo, fisicamente saciada, mas mentalmente atormentada.

— Deus — Con sussurrou e ela percebeu que falara em voz alta. — Essa foi sua introdução ao sexo?

— Oh, não foi de todo ruim — disse ela, incapaz de manter o sarcasmo fora de voz. — Imagina meu choque quando eles atingiram o clímax... e eu também. — Uma lágrima quente escorreu de seu olho. Ela era nojenta. A horrível criatura que saía, não importa quem, ou o que, a fodesse e o quanto a machucassem.

— Você não pode lutar contra sua natureza, Sin. Você é o que é.

— Então não há nada sobre si mesmo que você odeie?

— Sim — ele olhou para o chão. — Sim, há. O que aconteceu depois disso? Você buscou sua própria espécie? Ou tentou?

— Eu não sabia qual era minha espécie e eu nunca tive a chance de descobrir. — Ela mexeu os dedos dos pés contra os dele, como uma coisa íntima, curiosamente aleatória para fazer. Principalmente porque ela nunca, nem uma vez, permaneceu na cama com um homem como esse. Estava esfregando os dedos como amantes normais fazem? — Depois que Lore me deixou para meu bem, eu senti-me suja e nojenta, não era digna de ficar na casa de meus avós por mais tempo. Eu vaguei ao redor da cidade, vivendo como um cão vadio. Você sabe, sob pontes e fazendo truques para conseguir comida.

Ela hesitou, medindo a reação dele, mas tudo o que fez foi acariciá-la em círculos suaves. Relaxando um pouco, ela continuou.

— Um dia, um homem aproximou-se de mim. Ele estava bem vestido, falava com um sotaque europeu e disse que poderia cuidar de mim. Eu estava faminta e desesperada, e fui com ele. Acontece que ele era um demônio. Um traficante de escravos. Eu nunca sequer soube de que espécie ele era (ele era *ter'taceo*, então ele nunca pareceu nada além de humano). — Retomou as carícias nas costas de Con, contando suas costelas. — Ele foi bom no início, até eu confiar nele. E então ele começou a usar-me. Uma vez que aprendemos a extensão de meu dom e de minha necessidade de sexo, eu tornei-me seu prêmio assassino.

Novamente, ela esperou para ver a reação dele, nenhuma veio.

— Ele lidou com um monte de demônios e eu economizei o suficiente para fazer isso. — Ela esfregou a mão sobre a tatuagem na parte de trás do pescoço. — É encantado. O demônio imbuído com mágica para aliviar minha necessidade de sexo.

Con arrastou um dedo sobre o padrão e ela gostou de sentir seu carinho.

— Sinto muito, mas não funcionou.

Ela franziu a testa.

— Ele fez um bom trabalho. Você deveria ter me visto antes.

Con seguiu com as carícias leves e soltou uma leve maldição.

— O que aconteceu depois?

— Eu fiquei com ele por 30 anos e então ele vendeu-me para outra pessoa depois que eu tentei escapar muitas vezes. Meu novo mestre era desagradável. Ele bloqueou-me totalmente, negando-me sexo.

Desta vez, a maldição de Con saiu forte e desagradável.

— Por quê?

Seu estômago se revirou com a memória da impotência e humilhação.

— Castigo, diversão. Eu não sei. Ele esperava eu me contorcer no chão, implorando por socorro. — Ela riu amargamente. — Era assim, eu não me importava se o alívio vinha na forma de sexo ou de uma bala.

Mas o que a experiência ensinou era que ela nunca mais ficaria a mercê de qualquer pessoa quando o assunto fosse sexo. Agora que estava livre, ela nunca mais seria a propriedade, especialmente de alguém que seria o fornecedor da mesma coisa que ela precisava para sobreviver. Ninguém jamais teria tanto controle sobre ela novamente.

— Onde ele está? — Gelo poderia ter se formado com as palavras de Con. — Vou arrancar sua medula espinhal e estrangulá-lo com ela.

— Ah, que doce. — Ela aconchegou-se a ele, algo que ela nunca fez antes com ninguém, mas agora não era o tempo de pensar muito sobre isso. — Mas ter acabado com ele foi a primeira coisa que fiz ao assumir a associação de assassinos. — Ela pagou muito bem a Lycus para fazer este trabalho.

Lentamente, a tensão foi drenada para fora dos músculos de Con e ele soltou um suspiro longo e trêmulo.

— Como você acabou aí?

— O idiota vendeu-me a Detharu, o assassino mestre, depois Idess o matou.

— Se Idess o matou, porque não é ela a responsável pelos assassinos?

Sin contorceu-se um pouco, antes de se concentrar e ficar quieta.

— Idess não era preparada para o trabalho, por isso me ofereci.

— Mas você quer?

Ela mexeu os dedos, sentiu o peso do anel. Sentiu-o mais pesado que o usual.

— É um show grande para alguém como eu.

Ela realmente não respondeu a pergunta, mas Con não insistiu.

— Então como você se encontrou com Lore de novo?

— Ele se juntou a Deth 20 anos mais tarde. E foi minha culpa

— Ela se meteu em alguns graves problemas com Deth e ficou desesperada o bastante para procurar Lore. A amargura foi construída ao longo dos anos, de muitas maneiras, ela esperava que ele a rejeitasse, apenas para dar a ela mais motivos para odiá-lo por deixá-la.

Mas ele estava disposto a fazer qualquer coisa para compensar seu abandono e ele concordou em ajudar a encontrar um caminho para sair de seu contrato com Deth. Infelizmente, não havia uma maneira e ele entrou como um assassino, a fim de salvar sua vida.

— Eu perdi a paciência e matei um dos amigos de Deth. Ele vender-me-ia a uma galeria de sangue...

— *Uma o quê?* — Con rosnou e ela jurou que ouviu o barulho de suas presas rasgando sua gengiva.

— Parece que você está familiarizado com as galerias.

— Você poderia dizer isso — ele murmurou. — Eu fiz um monte de merda em minha vida.

E frequentar lugares onde as drogas estavam disponíveis para qualquer um que estivesse disposto a desistir de sua vida, de seu sangue e órgãos para alimentar vamps, seria muito estúpido na opinião de Sin. Ela foi a umas poucas, em busca de alvos e, enquanto a maioria tinha normas e regras rígidas, como a forma como você podia matar a presa, eles ainda eram pouco mais que fossas subterrâneas. E eram realmente ruins, onde a presa não era exatamente voluntária, as vítimas raramente sobreviviam mais de um par de dias nas mãos e garras dos vamps e demônios que as utilizavam.

— Bem, obviamente, eu não fui vendida. Lore se comprometeu com Deth para me salvar.

— Ele deve amar muito você se ele fez isso.

— Ele se sentia culpado por ter me deixado do jeito que ele fez. E você sabe o que é a merda sobre a coisa toda? — Ela falou como se tudo isso não fosse um monte de coisa fedida e gosmenta. — No começo, eu estava apenas feliz que desde que ele foi amarrado a Deth, ele não poderia me deixar de novo. — As palavras brotaram de sua garganta como ácido, ela se enrolou em si mesma, Con iria deixá-la de qualquer maneira. — Eles sempre me deixam, Con. Sempre.

Catorze

O maldito Harrowgate não queria abrir. O que significava que um humano estava próximo e Lore teria que esperar até que o humano (ou humanos) deixasse a área. Ótimo. Ele atrasar-se-ia para o café da amanhã com Idess em seu restaurante italiano favorito.

Ele bateu a bota no chão de pedra. Encarou as paredes, que pulsavam com contornos néon do mapa das ruas de Roma. Havia três Harrowgates na área, mas este não era somente mais próximo ao café, mas também era o único que estava acima da terra. Ele poderia ser forçado a sair em um dos Harrowga-tes nos esgotos e vir a pé nesta direção.

Merda.

Ele estava prestes a pressionar um dos outros símbolos do Harrowgate quando o portão cintilou e abriu em um beco. Ele saiu rapidamente, as estúpidas porcarias são conhecidas por se solidificar e cortar para fora os membros das pessoas. Ou pior, cortar as pessoas no meio.

Era final da manhã na capital da Itália e enquanto Lore emergia por entre os prédios e seguia em uma calçada alinhada por lojas no distrito Trastevere, o aroma do café e alimentos assados fazia cócegas em suas narinas e fazia seu estômago rosnar. Toda vez que ele comia aqui com Idess, ele sentia-se como um maldito rei. Antes de se conhecerem, contentava-se com sanduíches de presunto e fast food barato. Seu anjo apresentou-o às coisas mais finas da vida e rapidamente ele estava ficando mal acostumado.

Ele caminhou pela calçada, tecendo pela multidão de pessoas... e então parou. Seu couro cabeludo formigou e sua adrenalina disparou, algo definitiva-mente não estava certo. Ele passou trinta anos como um assassino e tinha um sexto sentido dos infernos e um instinto de autopreservação, e seu sensor “oh, merda” estava nas alturas.

Casualmente, ele entrou em uma porta lateral, colocando suas costas contra o prédio. Seu pelo eriçou-se enquanto ele olhava a rua e seu coração parou quando viu Idess se movendo em direção a ele, seu andar normalmente sexy e reboativo estava rígido e forçado. Um *ter'taceo*, um demônio em um terno humano chamado Marcel, caminhava ao lado dela, uma mão segurando seu braço e a outra no bolso. Lore sabia exatamente o que o assassino (um dos de Sin) estava escondendo, porque Lore trabalhara com Marcel: uma caneta que disparava um parafuso retrátil de seis polegadas destinado a passar pelo olho e atravessar o crânio, ou o coração. Era uma maneira rápida, relativamente sem sangue, de matar se usado corretamente e Marcel nunca errava.

Entrando de modo furtivo, o que significava controlar sua respiração, seus pensamentos e até mesmo seus batimentos cardíacos, Lore misturou-se com a multidão. Ele passou por Idess, cujo olhar nunca hesitou em olhar para frente, mesmo estando ciente da presença de Lore. Ele manteve-se atento para qualquer um que pudesse trabalhar com Marcel, Lycus em particular. O warg e o demônio Sensor já fizeram vários trabalhos em conjunto matando ao longo dos anos... Algumas dessas mortes só por diversão.

Tirando a luva de sua mão direita, Lore girou lentamente na multidão e acomodou-se atrás de Marcel, cuja altura pouco notável, aparência e um cabelo castanho parecido com o de rato faziam com que ele se tornasse praticamente invisível em um grupo de pessoas. Mas Idess era alta, deslumbrante e ela definitivamente se destacava. Homens a olhavam com luxúria, mulheres com inveja e Lore iria usar cada pedaço de suas habilidades de disfarce para tirá-la de lá e matar Marcel.

Era uma boa coisa que somente um roçar dos dedos pudesse acabar com o cara (Lore nem mesmo teria que aumentar seu dom de matar, o que era legal, porque Marcel não merecia a energia que iria precisar para isso). Ninguém que tocasse a mulher de Lore merecia.

Lore permitiu-se um sorriso sinistro enquanto ele *acidentalmente* esbar-rava em Marcel e permitia que sua mão se

encostasse ao braço do demônio. Instantaneamente, o cara caiu e, na correria resultante das pessoas que pararam para ajudar, Lore agarrou Idess e rapidamente deslizou para um beco e entrou no Harrowgate. Ele não estava preocupado com o corpo (como um *ter'taceo*, Marcel não iria se desintegrar; mais provável que ele fosse levado para um hospital humano e então para um necrotério humano, e ninguém notaria a diferença).

Uma vez dentro do Harrowgate, Lore não permitiu que Idess dissesse uma única palavra enquanto colocava seus braços ao redor dela e beijava-a desesperadamente até que ambos estavam sem fôlego.

— O que aconteceu? — Ele finalmente disse, enquanto pegava seu longo rabo de cavalo castanho, que estava preso por fitas douradas com espaçamento de seis centímetros e colocou-o por cima de seu ombro. — O que ele queria? Ele machucou você? — Se tivesse, Lore iria se arrepender de não ter causado muito mais dor no bastardo antes que ele morresse.

— Estou bem. — Ela esticou-se e passou por ele para tocar no símbolo na parede que iria levá-los para o Underworld General. — Ele disse que eu iria ser isca. Para Sin.

— Filho da mãe. — Lore colocou sua luva novamente para evitar quais-quer acidentes no hospital. Idess e seus irmãos eram imunes a seu toque, mas o resto estava em risco.

Idess curvou sua mão ao redor da cintura dele, seus olhos amendoados da cor de mel estavam cheios de preocupação enquanto ela olhava para ele.

— Você ouviu alguma coisa dela?

Ele balançou a cabeça.

— Não é incomum não ouvir falar dela por dias, mas com assassinos atrás dela...

— Ela ficará bem. Ela é durona. Eu sei bem — ela disse ironicamente e Lore sorriu apesar de sua preocupação. Sin e Idess brigaram e os resultados não foram bonitos.

Sin era durona, esperta e difícil de matar. Mas obviamente, as pessoas tentando matá-la melhoraram seu jogo e não demoraria muito

antes que o rolar dos dados fosse a favor dos bandidos.

O Harrowgate abriu no departamento de emergência, mas Lore não saiu.

— Fique aqui, bebê — ele disse para Idess. — É o lugar mais seguro para você ficar até que essa coisa toda acabe.

Ela cruzou os braços sobre o peito e seu olhar foi automaticamente para os seios dela, que estavam bem cheios por seus bíceps. Sim, ele era um demônio do sexo. Atire nele.

— O que você vai fazer? E olhos para cima, moço.

Pego no flagra.

— Eu vou caçar. — Ele deu um beijo rápido nos lábios dela e então um gentil empurrão para ela sair do portão. — Eu vou ver quantos assassinos eu posso derrubar antes que eles peguem Sin.

— Tome cuidado.

— Sempre, anjo. Sempre — Ele sorriu enquanto o portão se fechava com um brilho.

†††††

O corpo inteiro de Kar estava pegando fogo. Não com febre, mas com necessidade. Cara, ela odiava acordar na manhã depois da transformação da lua Feast, mas normalmente ela acordava sozinha em sua própria casa. Desta vez, ela estava no covil de um homem, nua e cercada pelo cheiro dele.

Ela também estava viva.

Luc não a matou.

Ela sentou rápido e encontrou-se olhando em seus furiosos olhos dourados. Ele estava agachado em cima dela, nu como ela. Lobisomens sempre saíam de suas transições excitados e, claramente, Luc estava reagindo a ela, pronto para responder a seu chamado.

Sua mão levantou-se e de repente ela estava deitada de barriga para baixo, o corpo pesado dele fixando-a no piso. Ele segurou-a deitada, controlando-a com um aperto em seu pescoço e queixo enquanto ele levantava os quadris dela.

Ela sufocou um gemido e a vontade de esfregar seu traseiro contra a ereção dele. Outra vontade ainda mais violenta acumulou-se nela e ela lançou seu braço para trás e o arranhou na coxa. Ele beliscou o lóbulo de sua orelha entre os dentes em resposta, uma mordida de punição que só a fez querer que ele mordesse com mais força.

— Por que você não me contou? — Ele falou roucamente contra sua orelha. — Quem te mandou? — Os quadris dele balançaram para trás e, em seguida, foram com tudo para frente. Ele entrou nela, enterrando-se o caminho inteiro até suas bolas e ela gritou com a invasão erótica.

— Ninguém me mandou — ela gemeu. — Eu juro.

Ele retirou-se novamente, até que somente a grossa cabeça dele estava dentro dela e ela estremeceu, enfiando seus quadris para trás para tomar mais dele. Ele a negou isso, segurando-se fora de alcance.

— Eu não acredito em você.

Ela rosnou de frustração.

— É verdade, seu idiota.

Ele penetrou novamente com um golpe cruel e ela quase chegou ao clímax. Seus lábios roçaram na bochecha dela.

— Eu poderia matar você agora. Precisaria apenas do toque de minhas mãos.

— Você me deixaria gozar primeiro? — Ela não acreditava que havia acabado de dizer isso, mas seu corpo gritava pela liberação, balançava bem na beira e ele estava apenas sendo cruel.

— Nós dois vamos gozar. — Os dentes dele se enfiaram na nuca dela, segurando-a da maneira mais primitiva possível enquanto ele a penetrava... lentamente. Muito lentamente para ela conseguir o que ela queria, maldito. Depois de vários torturantes minutos, ele

soltou sua mordida. — Como isso aconteceu?

— Como o que aconteceu? — Ela perguntou entre respirações ofegantes.

Luc manteve uma mão em seu queixo, mas deslizou a outra pela barriga dela e entre suas pernas.

— Sua transformação.

Certo. Ele mexeu o dedo sobre o nó apertado de nervos dela e ela gemeu.

— Meu parceiro Aegis e eu estávamos lutando contra um lagarto. — *Oh, sim, bem aí...* — Depois que nós o matamos, eu encontrei uma mulher acorren-tada no porão dele. Ela implorou para que eu a matasse. Disse que ela iria se transformar em um lobisomem em alguns minutos. Eu pensei que ela estava louca. Ainda faltavam semanas até a lua cheia. — Pausando para recuperar seu fôlego, ela contorceu-se, procurando o toque elusivo de Luc. — Ela transformou-se e mordeu-me. — Agradecidamente, a parceira de Kar, Emilia, estava procurando no sótão da mansão, então ela não presenciou o ataque.

— E você não contou para o Aegis?

Filho da mãe. Como ele podia soar tão calmo e natural enquanto Kar mal conseguia fazer seus pulmões funcionarem?

— Luc, por favor...

Erguendo-se, ele agarrou os quadris dela com as duas mãos e martelou dentro dela. *Finalmente, oh, finalmente!* O som molhado do pênis dele deslizando dentro de seu interior misturou-se com o estalo do fogo e o estalo da carne deles juntando-se e ela nunca ouvira algo tão erótico em sua vida. Seu sexo contraiu-se com o começo de seu orgasmo e Luc pegou com o punho seu cabelo, puxou sua cabeça para trás e inclinou seu rosto para o lado para beijá-la.

Foi bruto, um beijo para punir e dominar, e funcionou. Ela estava mais do que pronta para submeter-se a ele contanto que aliviasse sua deliciosa ago-nia.

Ele mordiscou seu lábio inferior com seus dentes afiados, impulsionando-a até a beira do clímax.

— Eu perguntarei mais uma vez. Você veio até aqui para me matar?

As palavras brutas e guturais a enviaram ao limite.

— Não! — Seu grito de negação e prazer preencheu o pequeno porão e então ele se juntou a ela, rosnando em sua boca e enchendo seu interior com sua quente semente.

Seu orgasmo prolongou-se, um dos benefícios de tornar-se um warg eram orgasmos mais longos e mais fortes. Ela pensou que talvez ele tivesse gozado de novo, também, mas ela estava muito focada em seu próprio prazer e, quando tudo acabou, ele caiu em cima dela.

Quando ela conseguiu respirar novamente, ela empurrou-o para longe e moveu-se, levando o lençol com ela. Uma pontada de náusea a fez ficar zozza quando ela se sentou e ele estremeceu enquanto enfiava as pernas debaixo dela e puxava o lençol para cobrir seus seios.

Luc esticou-se e puxou o lençol até a cintura dela.

— Não se esconda de mim.

Ela puxou o lençol de volta.

— Não me diga o que fazer.

Ele esticou seu corpo longo e musculoso e apoiou-se nos cotovelos. Entre as pernas dele, seu sexo grosso estava ainda semiereto, na coxa dele, apesar dela tentar não encarar.

— Você procurou-me, não o contrário. E você mentiu para mim.

Mais do que você pensa. Culpa e raiva por ter sido chamada atenção fez com que as bochechas dela ficassem quentes e, com um rosnado, ela arrancou o lençol para que ele ficasse amontoado em seu colo. Apesar de terem feito amor, o olhar dele aquecia enquanto ele olhava seus seios, o suave inchaço de sua barriga.

— Boa menina — ele ronronou. — Agora, diga-me o que

aconteceu depois que você foi mordida.

— Por quê?

— Estou curioso. Eu nunca encontrei um Warg Feast antes. Você sabia o que havia mordido você?

Mesmo ela não estando com frio, ela estremeceu.

— Não realmente. Ela parecia com um lobisomem, mas eu sabia que ela não poderia ser. Quer dizer, não era lua cheia, certo? E quando nada aconteceu comigo durante a lua cheia, eu imaginei que estava a salvo. — E aliviada. Ser mordida por qualquer criatura do submundo, especialmente demônios, normalmente acabava em resultados desagradáveis.

— Você contou para alguém?

— Meu pai. — Ela cerrou os punhos no lençol para não ficar mexendo nele. — Ele é um Guardião. Ele é a razão para eu estar no Egito em primeiro lugar. Sabe, quando nós nos conhecemos. Nós estivemos lá para treinamento. — Ela foi criada no Texas, nascida de uma mãe americana e um pai italiano, mas depois que seus pais se divorciaram quando ela era uma adolescente, seu pai a levou para Itália com ele. Foi lá que ele contou a verdade para ela do que ele fazia para viver e ela juntou-se à organização caçadora de demônios logo que saiu da escola.

— E?

— E ele não sabia o que havia me mordido. Ele pesquisou, mas no meio tempo, eu transformei-me na noite de lua nova. Eu estava apavorada. Acordei na Espanha, sem ideia de como cheguei lá. Havia uma mulher comigo... Ela era um Warg Feast também. Ela explicou o que estava acontecendo... Bem depois disso, eu fiquei com essa estranha sensação por dentro. Eu podia sentir dezenas de outros como eu. Ela levou-me para alguém que colocou uma marca de warg nascido em mim para que ninguém que sentisse o lobisomem em mim suspei-tasse no que eu me transformara. Ela disse que nós precisávamos permanecer escondidas e em segredo porque não podíamos deixar o Aegis saber de nós e os lobisomens normais iriam nos caçar.

A voz de Luc ficou mais profunda e seus olhos brilharam.

— Foi por isso que os Wargs Feast foram feitos para nos matar.

— Os primeiros foram — concordou, um pouco insegura.

— Então você está dizendo que vocês não querem nos matar?

— Oh, nós queremos matar vocês. É instinto. — Ela suspirou.
— É isso que nos torna tão diferentes dos lobisomens normais. Você pode se transformar se quiser caçar... Caçar basicamente qualquer coisa que se move. Nós queremos somente caçar outros lobisomens. O que significa que nós normalmente não atacamos humanos, o que nos permite permanecer em segredo. E raros. Nossos números estão diminuindo rapidamente.

Um sorriso perverso curvou um dos cantos da boca de Luc.

— Então talvez você devesse morder as pessoas para fazer mais de vocês.

Ela fez uma careta.

— Eu nunca colocaria ninguém para passar por isso. — Quando ele desviou o olhar, somente um lampejo de seus olhos na direção do chão, a suspeita surgiu. — Você já transformou alguém?

— Não intencionalmente — ele murmurou.

Normalmente não era.

— Você reivindicou os Primeiros Direitos?

Primeiros Direitos, de acordo com a lei warg, afirmavam que um warg que transformava outro tinha o direito legal de por um ano reivindicar o recém warg transformado como um parceiro, ou matá-lo sem consequência. Claro, o termo *parceiro* era mais precisamente descrito como *escravo de sexo*, quando reivindicado sob *Primeiros Direitos*. Ela ouviu muitas mulheres tomadas sob as cláusulas dos *Primeiros Direitos* sendo detidas em correntes até entrarem na época de reprodução e ficarem grávidas, que era como um vínculo verdadeiro e permanente era formado.

— Nah. Ela caçou-me para matar-me, mas ela já estava vinculada a meu chefe, Shade.

— Seu chefe? Isso deve ter sido estranho.

Ele deu de ombros e arrastou as juntas sobre sua panturrilha exposta e sua pele arrepiou-se com seu toque.

— Seu parceiro era um Warg Feast?

Seu coração deu um grande baque. Sua boca ficou seca igual as cinzas na fogueira e, desta vez, quando ela puxou seu lençol para cima, foi porque ela precisava de um escudo, algum tipo de barreira, mesmo fraca como estava, entre ela e o homem em sua frente.

— Kar?

Ela ensaiara isso, tinha uma história sobre seu parceiro e como eles ficaram juntos e como ele morreu, mas agora sua mente dera um branco e seu coração martelava, e a única coisa que ela conseguiu foi deixar escapar “eu não tive um”.

Luc ficou muito quieto. Até mesmo o ar ao redor dele pareceu morrer.

— Então... nenhuma febre de reprodução?

Ela podia praticamente ver as rodas girando na cabeça dele. Se ela tivesse ficado grávida fora da época de reprodução, ela poderia ter ficado grávida a qualquer momento. O que significava...

Luc avançou no tapete e agarrou os ombros em um aperto que machuca-va, seus olhos piscando.

— Quem é o pai, Kar? — Sua garganta fechou-se, tornando a fala impôssível e ele deu a ela uma sacudidela. — *Quem?*

— Você — Ela finalmente sussurrou. — Este bebê é seu.

Jesus. Luc caiu para trás, quase tropeçando na beirada do tapete. Filha da mãe! Ele era tão cuidadoso em sua vida, sempre escolhia parceiras que não estavam nem próximas de sua época. E se a parceira dele fosse de uma espécie que não possuísse épocas, ele ainda podia sentir a fertilidade delas, podia notar quando qualquer mulher estava madura para reprodução. Mas por alguma razão ele não conseguiu saber se Kar estava fértil quando eles foderam como animais por aquela meia hora.

— Como? — Ele perguntou, sua voz jogou tudo para o inferno. — Eu teria sentido sua fertilidade.

— Minhas menstruações pararam quando eu me transformei. Eu pensei que era infértil. Só depois que fiquei grávida que meus colegas Feast me contaram que a fertilidade e gravidez são aleatórias.

— Aleatórias. — Ele riu sem humor. — Isso é ótimo.

— Foda-se. — Kar atrapalhou-se para ficar de pé, pegando o lençol para colocá-lo ao redor de si mesma. — Não é como se eu tivesse feito isso de propósito.

Não, ela provavelmente não fez. E ele sabia que estava sendo um bundão, mas ela o cegou com as notícias e, realmente, ele nunca foi nada a não ser um bundão. Ele ficou de pé e ela encolheu-se para longe dele, como se estivesse com medo de que ele fosse bater nela e ele percebeu o quão insanamente furioso ele deveria parecer. Ele cuidadosamente acobertou sua expressão e concentrou-se em manter sua voz nivelada.

— O bebê é o verdadeiro motivo para você estar aqui, não é? Não tem nada a ver com a epidemia.

— Não, eu estou aqui por causa da FS. Eu tenho medo pelo meu filho e você trabalha no Underworld General. — Ela respirou irregularmente e ele percebeu que ela estava mais pálida do que o normal. — E depois que o Aegis descobriu sobre mim, eu precisava de ajuda e você era minha maior esperança.

Ele estreitou seus olhos para ela.

— Foi por isso que você não me atacou quando você se transformou? — Ele pensou que o comportamento dela foi estranho, mas agora fazia sentido.

— Eu acho que sim. Fêmeas grávidas normalmente não tentam rasgar ao meio os pais de seus filhotes.

Pai. Virando-se, ele enfiou a mão no cabelo, várias vezes.

— Merda — ele sussurrou. — Só... Merda.

— Foi isso que me meteu nessa bagunça em primeiro lugar. — Ela apertou o lençol dela ainda mais, como se a fina coisa pudesse protegê-la. — Olha, eu não quis causar problemas a você. Se você me deixar ficar pelas próximas duas noites da lua nova, eu irei embora depois disso. Eu só não posso perambular lá fora ou matarei wargs.

Ir embora? Cara, ele poderia não querer que isso acontecesse, mas aconteceu e de maneira alguma ela iria embora com seu filho.

Sim, porque ele era um material ótimo para pai.

Ele pegou seu jeans do chão onde o deixara quando tirou a roupa. Ele sabia que ela acordaria com uma luxúria pós-transformação e, verdade seja dita, o desejo dela o afetou também. No espaço apertado do porão, ele foi dominado pelo cheiro de uma fêmea em necessidade. E ele não foi um cavalheiro por oferecer seus serviços.

— Você não irá para lugar nenhum — ele disse, entrando no jeans.

— Como?

— Exatamente que eu acabei de dizer. — Ele colocou sua camisa de flanela. — Você planejava me contar? Se o Aegis não tivesse descoberto seu segredo, você teria me achado para me contar que eu havia te engravidado?

A luz teimosa dos olhos dela era resposta o bastante.

— Você não iria me contar — ele grunhiu.

— Oh, por favor — ela zombou. — Não faça de conta que

você é a parte ofendida aqui. Você chantageou-me a foder com você e depois você foi embora sem nem ao menos olhar para trás. Você nem mesmo perguntou meu nome.

Isso foi por que ele ouviu outro Guardião dizer o nome dela, então ele sabia... Mas sim, ele esteve um pouco no lado silencioso.

— O quê? Você queria meu número de telefone? Você queria sair em um encontro? Porque você não perguntou nada para mim também.

— Você nem me deu uma chance! Você estava vestido e tinha ido embora antes que eu encontrasse minha calcinha. Você certamente não se incomodou em virar-se e dizer algo como, *“Ei, se você acabar grávida, eu gostaria de saber”*.

— Bem, agora eu sei.

— E? Você vai se casar comigo? — Sarcasmo venenoso encobria cada pa-lavra. — Fazer eu me mudar para sua cabana e construir um berçário?

Casamento? Um berçário? O que ele iria fazer era ficar cheio de urticá-rias. Ele não se permitiu querer nada assim até Ula e, quando ela foi morta, também foi morto seu desejo de uma família. Ele tornou-se perverso naquele dia e nunca cavou seu caminho de volta da espiral de raiva.

— Sim — ela disse amargamente. — Foi isso que eu pensei. Eu contei a você porque eu precisava de ajuda. Mas eu não espero nada mais de você.

— É meu filho — ele falou entre dentes. — Você não vai levá-lo para lu-gar nenhum.

— Veja — ela cuspiu. — É exatamente por isso que eu não queria que acontecesse. Uma criança não é uma propriedade. Só porque é seu não faz de você um pai. Meu pai me tratava como uma posse, nada a não ser uma sucesso-ra para ele no Aegis e eu nunca vou permitir que meu filho seja criado dessa forma. É melhor não ter um pai do que um pai ruim.

Ela falara de seu pai antes, mas não com o mesmo ressentimento e a sus-peita surgiu.

— Ele é a razão do Aegis descobrir a seu respeito.

— Sim. — Ela piscou e Luc pensou que talvez ela estivesse tentando evitar que as lágrimas caíssem. — Eu realmente acho que ele estava tentando arrumar ajuda para mim. Ele ouviu que o R-XR estava fazendo experimento com curas.

— Mas o Aegis virou-se contra você.

Ela assentiu.

— Minha célula sentiu-se traída. Como se eu fosse algum tipo de espiã.

Sim, Luc podia imaginar que quando a organização que caçava bandidos sobrenaturais há milhares de anos descobrisse que um lobisomem estava conhecidamente trabalhando para eles, eles não levariam isso pelo lado bom.

— Eu mantereí você segura, mas isso significa que você vai ficar comigo. Sem fugir sozinha.

Um rubor tomou conta dela e ela balançou, mas quando ele a alcançou, ela saiu de seu alcance.

— É só enjoo matinal — ela disse e então limpou sua garganta. — Se eu vou ficar, nós precisamos falar sobre isso.

Luc começou a ir para as escadas.

— Nós vamos — Quando ele pudesse se acostumar com tudo isso.

— Quanto antes melhor. Além do período de nove meses, há uma praga e os Guardiões Aegis estão atrás de mim.

— Eu sei.

— Mas?

Cristo, o cara não podia conseguiu um momento de paz?

— Mas eu não sou muito de conversa.

De repente, ela estava na frente dele, olhos brilhando de raiva.

— Bem, que pena. Há algumas coisas de que você não pode fugir.

Fugir? Ele não fugiu de nada desde que se transformou. Antes disso, no entanto...

— Eu não sou covarde — ele grunhiu.

— Sério? Porque eu não sabia que fugir de todas as mulheres de sua vida fosse um sinal de coragem. Ou estou errada? Já houve alguém com quem você não apenas fodeu e fugiu para evitar um compromisso emocional?

A fúria acendeu-o, deixando seu maxilar tão duro que ele pensou ter ouvido algum barulho de seus molares quebrando.

— Você não sabe nada sobre mim — ele falou entre dentes.

— Eu conheço seu tipo. O Aegis está cheio deles. Então me diga, quão perto eu estou?

Muito perto. Perto demais. Ele passou uma vida inteira evitando conexões emocionais. Até mesmo como um paramédico, ele não precisava se envolver com seus pacientes. Eles eram seus por alguns momentos, mas ele os deixava e nunca pensava neles novamente.

Até mesmo Ula, a mulher que ele queria que se tornasse sua parceira, foi mais um escape da solidão do que uma parceria de amor. Ele gostou dela, acha-va-a desafiadora, mas amor? Nem mesmo perto.

— Deixe quieto, Kar.

Ela riu.

— Não é de se admirar que você viva nessa desolação gelada. A terra é igual a seu coração, não é?

Ignorando sua provocação, Luc subiu os degraus, precisando sair de perto, mas sabendo que ela acertara bem na mosca.

Havia algumas coisas da qual você não podia fugir.

Quinze

Eles sempre me deixam, Con. Sempre.

As últimas palavras de Sin antes que ela adormecesse permaneceram com Con, ele quase a chacoalhara para acordá-la e dizer que não partiria. Mas seria uma mentira, porque ele nunca se prendeu a nada. Então, por que diabos ele sentiu que deveria dizer isso a ela?

Porque Sin vivera em um pesadelo acordada, é por isso. Quando ador-meceu, ele pensou em tudo que ela disse, teve pesadelos sobre isso e agora, en-quanto rondava a casa à luz cinzenta do começo da manhã, buscando todas as saídas secretas, ele não conseguia parar de pensar. Sin ainda estava dormindo, mas ele sabia que ela despertara várias vezes durante a noite.

Uma vez, ela sentou-se por causa de um sonho, ofegando e segurando as mãos sobre suas orelhas, como se tentando bloquear alguma coisa. Outra vez, ela apanhara sua adaga de osso de Gargantua da mesa de cabeceira e segurou-a contra o peito, embalando-a como um ursinho de pelúcia, antes de cair no sono.

Essas imagens o assombravam tanto quanto as coisas que ela dissera.

Ela não era uma assassina, porque queria ser. Ela fora vendida para isto. Ela não era a mestre de seu covil, porque queria ser. Ela fez isso para poupar a companheira de seu irmão. E porque ela era quem era (durona, forte, determi-nada) ela fizera o melhor das situações. Instintos de autopreservação não permitiram que ela sentisse pena de si mesma ou sentisse qualquer coisa, ou, provavelmente, até mesmo

pensar muito sobre o que fizera ou teve que fazer.

E ele fora e derrubara a única defesa que ela possuía para se proteger.

Fodido idiota.

— Hey — Ele virou-se, incapaz de acreditar que ela o pegara de surpresa. Ela estava parada na base das escadas, vestida, cabelo molhado amarrado com um laço que a favorecia, um tímido toque de cor em seu rosto. Ela não se parecia uma assassina a sangue frio, forte como enxofre. Provavelmente porque ela não era uma assassina a sangue frio como uma vez pensara. Não, ela parecia uma mulher que foi bem amada pela primeira vez e não sabia como lidar com isto.

Sim, bem, nem ele. Ele esteve com um monte de fêmeas. As várias cópulas não foram nada demais além de uma noite onde sequer trocaram nomes. Mas ele também fez amor com mulheres sensuais e experientes que ele gostava. Ele passou horas na cama com elas, horas conversando, brincando, fazendo coisas *reais* de encontros. Mas, com a única exceção de tantos séculos atrás que terminara em desastre, ele sempre mantinha as relações casuais.

Subitamente, essa coisa com Sin não parecia casual.

As coisas que ela compartilhara o arrasaram. Ela possuía loucas habilidades quando se referia a matar e sobreviver, mas possuía pouca prática com emoções ou relacionamentos e estava perdida. No entanto, ela se abriu, confiou nele com um pedaço de seu passado e ele sabia o quão monumental isto fora para ela.

Ele cometeu um erro ao persuadir que ela soltasse qualquer coisa. Ela precisava de suas paredes e quem diabos ele era para tentar quebrá-las?

Um bastardo arrogante, isso sim.

Ela fora um desafio. Um quebra-cabeça que ele queria resolver, um código que queria decifrar.

Belo trabalho, otário.

Ele teve um amigo humano, uma vez, lá atrás, durante a Guerra Civil. John cuidou de um coioote ferido até ele recuperar a saúde, ensinou-o a confiar em humanos apesar da advertência de Con para espantá-lo, jogar pedras nele... Qualquer coisa que fosse preciso

para mantê-lo seguro. E um dia, o coiole se aproximou do homem errado e foi morto.

Con esperava que ele não tivesse criado um coiole em Sin.

— Olá... Con? — Sin acenou com a mão na frente do rosto dele.

— Ah, hey. Sinto muito. — Ele fez um gesto para o fogão. — Eu fiz café da manhã. — Se ovos e batatas desidratadas podem ser considerados comida.

Sem palavras, ela deslizou por ele e ele sentiu o cheiro fresco de sabonete de lavanda de seu banho, e por baixo das notas florais estava o penetrante aroma mundano do amor que fizeram. O sangue dele se agitou e aqueceu, mas ele manteve seus instintos básicos presos quando Sin pegou os ovos e batatas em um prato e engoliu de uma vez cada mordida. Quando ele empilhou mais em seu prato, ela não discutiu.

— Você já pensou sobre quem está atrás de você?

Ela olhou para ele, uma sobancelha escura levantada.

— Um... assassino? — Seus dedos deslizaram distraidamente sobre o próprio peito e ele acompanhou o movimento com olhos gananciosos. — Falando disso, eu perdi outro esta manhã.

— Eu deveria oferecer minhas condolências?

Ela bufou.

— Dificilmente.

Ele apoiou um quadril no balcão e cruzou os braços sobre o peito.

— Bem, aqui está a questão. Entendo que eles querem seu anel, mas isso não explica o cara do cavalo que tentou matá-la e depois a salvou. Também não explica minha casa.

— Eu sei — ela murmurou. — Alguém que quer meu trabalho não iria explodir uma casa comigo dentro. Tornaria encontrar

o anel quase impossível.

Então, alguém a queria morta e não pelo anel. Mas por quê? A menos que...

— Valko — ele rosnou.

— O líder *pricolici*?

Ele assentiu.

— Com você morta, ele pode esperar que nenhuma cura surgirá para os transformados — Raiva o invadiu, tornando-se ainda mais potente pelo fato de que ele não possuía provas de sua suspeita e pelo fato de que não podia fazer qualquer coisa sobre isso no momento.

Sin era um inferno de muito mais controlada do que ele, encolhendo os ombros enquanto terminava de comer, dando tempo para ele se acalmar. Ele observou enquanto ela lavava a louça, levando um tempo extraordinariamente longo.

Ela estava protelando.

Finalmente, depois de afastar seu prato e garfo, limpar a pia e secar o balcão, ela virou-se.

— Obrigada.

Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans.

— Foi apenas café da manhã.

— Não é disso que estou falando. — Ela olhou para as botas. Elas esta-vam gastas, surradas ao inferno. Con nunca usara um par de sapatos por tempo suficiente para eles terem essa aparência. — Eu tenho sido uma idiota com você, mas de alguma forma você conseguiu encarar. Você me ajudou quando estaria bem dentro de seu direito me matar pelo que fiz aos wargs. Então... Hum... Obrigada.

Coiote.

Sua admissão fez seu coração rachar, totalmente aberto. Ele deve atirar pedras nela, devia pensar apenas em maneiras de fazê-la

levantar suas defesas novamente, mas em vez disso, ele estava pensando em envolvê-la em seus braços e nunca deixá-la partir.

Você vai deixá-la partir. Quando o caixão dela for baixado ao chão. Porra.

Pedras. Ele precisava atirar pedras. Talvez seixos.

— Sin...

Ela levantou uma mão.

— Tanto faz. Eu terminei de falar sobre isso. Nós devíamos ir

— Ela esbarrou ao passar por ele e no momento em que se tocaram, foi como se um choque elétrico passasse por ele. Seu cérebro entrou em curto-circuito e sem pensar, ele a puxou contra si e tentou ignorar o som que seus sentidos vampiros captaram: o *baque sibilante* do batimento cardíaco dela. Eles definitivamente precisavam ir. Eles precisavam contatar Eidolon, também, que estaria provávelmente enlouquecendo por agora. Mas o corpo de Con estava surtando, suas presas se empurravam para baixo e se ele pudesse conseguir um gostinho dela primeiro... Ele se inclinou, lentamente...

— Hey. — Sin bateu as mãos em seu peito. — Ah... Você precisa se alimentar?

A veia na garganta dela martelou e o pulso se tornou um rugido em seus ouvidos.

— Con?

Um banho vermelho coloriu sua visão, a cor de merlot[1]. Ou sangue.

— *Con!* — Ela deu um tapa forte o suficiente para balançar sua cabeça para trás e limpá-la o suficiente para pensar. — O que está acontecendo? Eu posso sentir sua fome, mas é estranho.

— Droga — Afastando-se dela, ele esfregou a mão sobre o rosto e quis saber como diabos explicaria isso.

— Hey. Desembucha, o que está acontecendo com você?

Ela merecia saber a verdade. Ele exigiu muito dela e era hora

de retribuir, mesmo que tivesse de derramar outro dos muitos segredos dâmpiros que mantiveram sua raça envolta em mistério e, para pessoas de fora, muito aterrada e estável. Nada poderia estar mais longe da verdade.

— Você sabe como eu disse que dâmpiros não se vinculam uns com os outros? — Sua voz estava rouca, como se cada palavra estivesse sendo arrastada de entre seus lábios. — É porque os machos se tornam viciados em sangue. Se nos alimentamos de um hospedeiro mais do que algumas vezes, forma raízes.

— Então... Por que isso seria uma coisa ruim se o casal se vinculasse?

— Porque o homem pode perder o controle e matar a mulher enquanto se alimenta. — Merda, era difícil falar disso e não porque ele estava violando alguma antiga regra dâmpira. Ele estava muito íntimo com as consequências do vício. — É por isso que existem muito poucos casais dâmpiros vinculados.

— Como poderia haver *qualquer um*? — Seus olhos se arregalaram com curiosidade e, pela primeira vez, ele podia ver um pouco de Eidolon nela enquanto se aprofundava no mistério. — Os machos vinculados se alimentam de outros machos e fêmeas para não ficarem viciados em suas companheiras?

Ele quase riu.

— Isso só funciona temporariamente. Eventualmente o vício acontece porque a alimentação e o sexo estão interligados. Nesse ponto, os machos inje-tam um veneno que liga a fêmea a ele e ele a ela, e que acaba com o vício.

— Então qual é o problema?

— Há uma pegadinha. — Estranho como nada de bom vem sem amarras. — Nós não produzimos o líquido de vinculação até que nos tornamos viciados. Então, seu controle é eliminado e o que você anseia é a onda que você vai ter quando morrem. Então, ao invés de injetar o líquido da vinculação, você corre o risco de drenar a fêmea e matá-la em vez disso.

Ela enganchou seus polegares nos bolsos da frente e apoiou um quadril contra a soleira de madeira da cozinha como se estivesse se acomodando para uma conversa longa. Que não ia acontecer.

— Você soa como se soubesse algo sobre isso.

— Foi como minha mãe morreu. Meu pai a matou.

Mil anos atrás, antes de os dois clãs dampiros se fundirem, seus pais pertenciam a clãs separados, ambos de sangue real. Esperava-se que por meio da vinculação de seus pais, os clãs se unissem pacificamente. Isto correu bem... Con e seus irmãos mais novos, Dubdghall e Eoin, foram concebidos sem seu pai sucumbir ao vício, principalmente porque ele tomou seus prazeres (sexo e sangue) de outras fêmeas, exceto durante os períodos de fertilidade de sua mãe. E então, durante o quarto período de sua mãe, seu pai perdeu o controle e, em vez de vincular-se a ela, drenou-a.

— Oh, uau — ela disse, seus olhos escuros se movendo do alvorecer que se iluminava rapidamente de volta para ele. — O que aconteceu com seu pai?

— A morte da fêmea termina com vício, mas ele não conseguia viver com o que fizera. Ele se destruiu — Esse foi o eufemismo do século. O pai de Con se queimou vivo.

Sin rolou o lábio inferior entre os dentes, subitamente parecendo um pouco pensativa e, pela segunda vez nas últimas horas, vulnerável.

— Alguma vez você já...

Por um longo tempo, ele considerou sua resposta. Por um tempo ainda mais longo, ele considerou mentir. E então ele atirou a resposta como a rocha que ele precisava jogar.

— Sim.

— Você se vinculou a ela?

— Não — Ele não tivera a chance... Inferno, ele não queria. Ele queria sangue e sexo dela, mas não um compromisso de vida. E mesmo assim... o desejo pelo sexo ainda não fora uma fração tão

intensa quanto o que ele queria de Sin.

— Ela morreu?

— Sim.

— Sua culpa?

— Sim.

Ele esperava que ela reagisse com repugnância, mas ela inclinou a cabeça, olhou para ele e então deu um aceno definitivo.

— Eu matei alguns caras depois que dormi com eles. A maioria foi porque eles tentaram me matar. — Ela deu de ombros.

— Isso acontece. Você não se deve punir.

Foi sua vez de encará-la. Toda vez que ele pensava que a entendera, ela girava cento e oitenta graus e reagia da maneira exatamente oposta do que ele antecipara. Ele adorava isso. Ninguém jamais o manteve na ponta dos pés do jeito que ela fazia. Mesmo que ela fosse totalmente irritante sobre isso.

— Eu sabia das coisas, Sin. Eu sabia o que aconteceria se me alimentasse dela muitas vezes e mesmo assim o fiz. Eu queria levar a alimentação até o limite, para ver quão longe eu poderia chegar sem cruzar a linha. Eu brinquei com a vida dela e foi ela quem perdeu.

— E isso foi há quanto tempo? Você fez novamente?

— Foi há oito séculos e não. — Ele a prendeu com os olhos, garantindo que ela entendesse o que ele estava dizendo. — Até você.

Oh, sim, ela entendeu, inalou uma respiração irregular e engoliu em seco.

— Você está...

— Perto — Perto demais, porra. Mesmo agora, ele estava avançando em direção a ela, sua boca salivando.

— E o que, exatamente, isso quer dizer?

— Isso significa que sou subjugado pelo seu sangue. *Apenas seu sangue*. Eventualmente, alimentar-me de qualquer outra pessoa vai me deixar enjoado. Provavelmente já deixe. O vício cresce a cada alimentação. É como uma droga. Vou precisar de mais e mais, até que eu não possa parar.

— E a única maneira de sair é matar a fêmea ou vincular-se?

— É possível se desintoxicar. Mas isso leva um tempo longo e miserável. Alguns vampiros morreram antes que o vício cedesse — Afastar o hábito não era fácil e mesmo uma vez que acontecesse, vampiros não poderiam sequer estar na mesma sala que a fêmea cujo sangue os viciara, ou começaria de novo, ainda mais feroz.

— Bem, eu acho que é uma coisa boa que o vírus esteja fora de seu sangue.

— Graças aos deuses. — Ele apontou para a porta dos fundos antes que se perdesse para a tentação de novo. — É melhor irmos. — Ele fez uma pausa. — Quanto tempo antes de você precisar de sexo novamente?

— Várias horas, provavelmente. Você parece ter um suco poderoso.

Era uma coisa tão masculina inchar-se de orgulho com isso e, pode após-tar, porra, que ele o fez.

— Eu não estou surpreso.

Ela revirou os olhos.

— Claro que você não está.

— Ah, hey... — ele a olhou com curiosidade, percebendo que o que ele estava prestes a perguntar a ela provavelmente não a atingiria do modo errado, mas não tinha certeza se realmente queria saber a resposta. — E quanto a vampiros? Vamps puros. O... suco deles... funciona para você?

— Funciona — ela disse e ele teve que reprimir um rosar às imagens indesejáveis queimando em seu cérebro. — O efeito só não

dura muito tempo.

Não era surpreendente. Vampiros não produzem esperma, mas desde que ingerem sangue e outros líquidos que desejem beber, seus corpos produ-ziam líquidos como qualquer outra pessoa. Eles poderiam chorar, urinar, cuspir, e ejacular, tudo em quantidades menores.

— Por que você pergunta?

— Curiosidade.

Ela começou a seguir em direção à porta escondida na parte traseira da casa com um agitar de sua cabeça.

— Vocês da medicina são demasiadamente curiosos sobre coisas assim.

Engraçado, mas mesmo ele tendo trabalhando como paramédico por anos, ele nunca se considerara *da medicina*. O trabalho fora... Um trabalho. Um passatempo com um bônus de um enorme elemento de perigo envolvido, o que era legal. Mas agora que ele pensava sobre isso, a vida se infiltrara em sua corrente sanguínea e o fato de que metade de seus programas favoritos de TV estivesse no canal Discovery Health deveria ter sido uma pista.

A outra metade de seus programas favoritos estava no canal Playboy. Ele mentalmente mediu Sin para uma fantasia de enfermeira safada e quando ela lançou um olhar sensual por cima do ombro, mas continuou andando, seu traseiro balançando tentadoramente, ele soube que fora pego.

— Eu sou uma súcubo — ela gritou em uma voz provocante e melodiosa. — Eu sei o que você está pensando.

— Claro que sabe — ele murmurou, enquanto abria a porta que estava escondida do lado de fora por uma grade cruzada coberta por videiras. Quando eles saíram, ele parou, cheirou o vento, mas não havia nada de anormal no ar fresco da manhã.

— Você sente alguma coisa?

— Não — ela disse, — mas... — Ela cortou com um *ops* e ele virou-se para ela, um grito dele passou de alguma forma por seu

coração, que havia atolado na garganta.

Sin cambaleou para trás, seu rosto pálido e torcido pela dor, seu peito cedeu com o que parecia a bola oito de uma mesa de sinuca (com espinhos). Era uma arma demônio, projetada para perfurar armaduras e crânios. Uma vez que a vítima fosse empalada, os pontos seriam adentrar, lentamente, de modo que a vítima morresse em dor excruciante.

Sin caiu de joelhos, a boca trabalhando silenciosamente. Medo o estrangulou enquanto ele se colocava sob seus braços e a arrastava para dentro da casa.

— Sin? *Sin!* Aguenta firme. Apenas... aguenta firme — *Merda!* Ele a deitou no tapete trançado na sala de estar tão delicadamente quanto pode. Sangue escorria de sua boca e cada respiração ofegava ruidosamente através de suas vias aéreas se fechando.

Oh, deuses, ela não podia morrer agora. Ela passara por muito, levava uma vida miserável e merecia coisa melhor do que isso. Lutando contra o desejo de entrar em pânico, ele recorreu a todo seu treinamento médico e alcançou no profundo seu distanciamento clínico, o qual ele sempre teve no tratamento de pacientes.

Não funcionou. Por dentro, ele estava apavorado. Por fora, ele estava suando descontroladamente. Mas pelo menos sua voz estava nivelada e espera-va que Sin estivesse enganada.

— Eu não posso remover a coisa — ele disse calmamente. — Você vai sangrar completamente. Eu vou conseguir ajuda.

Seus dedos trêmulos se fecharam em torno do pulso dele.

— Não — Ela respondeu asperamente. — Muito... perigoso.

— Se eu não for, você vai morrer. — Desta vez, sua voz não estava tão calma.

— Não... me... deixe.

Eles sempre me deixam. Um caroço se formou em sua garganta.

— Ouça-me, Sin. Eu juro, eu vou voltar. Eu não deixarei você.

Uma única lágrima escorreu por seu rosto quando ele apertou

sua mão e inclinou-se para roçar os lábios nos dela. Uma raiva profunda e primitiva cresceu dentro dele. Ele traria seus irmãos e iria rasgar o bastardo que fizera isso com ela.

†††††

As batidas na porta do apartamento de Eidolon começaram quando ele se preparava para partir para o hospital. A esta hora da manhã, batidas não eram boas. Ele estava começando tarde, mas ele ficara acordado até as três da manhã com um departamento de emergência lotado. Wargs doentes e feridos foram apertados em cada canto e fissura, e quando ele estava saindo, demônios feridos chegaram também (demônios apanhados na escalada da guerra civil warg).

A única coisa boa que acontecera nas últimas horas foi que seu pai conseguira para Eidolon, Wraith e Con um adiamento da tortura, mexeu uns pauzinhos e fez os Carceris se afastarem até que os Negociadores da Justiça pudessem determinar se o Conselho Warg possuía ou não um caso contra Sin. Não era muito, mas pelo menos ela não precisava correr dos carcereiros demo-nios por agora.

Ele só desejava que pudesse ouvir algo dela.

Tayla respondeu antes que ele o fizesse, mas seu grito o colocou em alta velocidade e correu pelo corredor, quase tropeçando em Mange quando o cão correu entre os quartos, perseguindo Mickey, o furão de Tayla. Eidolon amaldi-çoou quando viu Con de pé no hall de entrada, ensanguentado e segurando o braço em um ângulo estranho.

— O que aconteceu? Onde está Sin? — Eidolon pegou Con pelo pulso e alimentou seu dom nele. Con sibilou quando a dor começou.

— Ligue para seus irmãos. Venha comigo. Ela está morrendo.

— Deixem comigo — Tay disse enquanto abria seu celular.

— Eu os farei nos encontrar no Harrowgate da Rua 84.

O desejo de correr para resgatar Sin foi quase esmagador, mas

depois de anos tirando Wraith de situações mortais, ele aprendeu a ficar preparado.

— Conte-me o que aconteceu — ele disse com uma calma que não sentia, mas Con se agitou para longe.

— Nós temos que ir. Agora!

Os olhos do cara estavam selvagens, seu pânico agitou Eidolon tanto quanto qualquer coisa. Con sempre foi controlado. Gentil, mas firmemente, Eidolon o empurrou contra a parede e recomeçou o processo de cicatrização.

— Escute-me. Você não será bom para ela se estiver morto. Isto só vai levar um minuto.

— Ela pode não ter um minuto — Con rangeu, mas não lutou.
— Ela foi atingida por um *exomangler*. Ele está a rasgando em dois.

A pressão sanguínea de Eidolon foi ao fundo do poço. Ele viu os danos causados por essas coisas e não era bonito.

— O que aconteceu com você?

— Tive que passar por uma floresta cheia de assassinos, todos alinhados para matar Sin.

Tay veio pelo corredor, com os cabelos vinho em um rabo de cavalo. Ela estava vestida para a batalha, incluindo calças de couro vermelho, casaco e armas escondidas em todos os lugares.

— Todos seus irmãos estão a caminho.

Eidolon deu um suspiro de alívio. Ele esperava Lore e Wraith, mas Shade era duvidoso. Ele não gostaria de deixar Runa e as crianças.

— Wraith está deixando Serena e Stewie com Runa, e Kynan vai ficar na caverna, também.

Bom. Nada iria passar por Ky. Eidolon consultou o relógio. Gem estava de plantão no hospital, então sem preocupações, e Idess estava praticamente vivendo no UG por causa da sobrecarga de almas que precisam de orientação para fora do hospital e para a luz. Era

também o lugar mais seguro para ela agora que era basicamente humana e os assassinos atrás de Sin tomaram um novo rumo para buscá-la usando a família.

A última ferida de Con foi selada e eles estavam saindo. Eles encontra-ram-se com os irmãos de Eidolon no Harrowgate assim que o celular de *E* tocou. Gem.

Ele abriu o telefone.

— Rápido.

— A doença está afetando nascidos wargs agora — Gem disse.

O peito de Eidolon contraiu e ele mal podia falar.

— O que aconteceu?

— É o Bastien. — Houve um raro engate em sua voz. — Parece se mover mais rápido do que a linhagem original. *E*... Ele não vai sobreviver.

Santo inferno.

— Eu estarei aí assim que puder.

O sinal sonoro de chamada em espera soou quando ele entrou no Harrowgate e ele mudou.

— É o Arik. Nós temos problemas.

— Obrigado, mestre do óbvio. Meu hospital foi invadido por vítimas do conflito warg. Eu tenho que ir...

— Não é isso. FS... Está afetando nascidos wargs agora.

Eidolon bateu a mão sobre um pedaço brilhante na pedra negra que equivalia a um botão de Espera na porta do Harrowgate, que, se fechado, cortaria o sinal do telefone.

— Foda-me, eu sei.

— Não nesta vida. — Arik respirou fundo. — Nossos

especialistas estão pirando. Nascidos wargs compartilham grande parte do código genético com os lobisomens. Lobisomens compartilham uma grande quantidade de material genético com leopardo e outros metamorfos. E como você sabe, todos os metaformos estão relacionados de alguma forma a qualquer coisa que possam se transformar.

Adrenalina gelada escorria para o sistema de Eidolon.

— Você acha que a FS vai atingir outras espécies.

— Sim. E uma vez que aconteça, não há nada para impedi-la de atingir os seres humanos.

Ou a qualquer outra criatura no planeta.

Incluindo Sems.

†††††

Alguém atropelara Kar com um caminhão enquanto ela dormia. Tinha que ser o que acontecera, porque ela acordara no sofá de Luc se sentindo como, bem, que fora atropelada por um caminhão.

Ela o seguiu ao andar de cima e o ignorou batendo o pé a seu redor enquanto tomava banho e se vestia com um suéter e uma camisa de flanela verde dele, ambos os quais a engoliam completamente. Ele jogou uma tigela de guisado para ela, encarou enquanto ela comia e então observou, de olhos arregalados, quando ela prontamente vomitou tudo.

A coisa do enjoo matinal foi estranho. Ela teve alguns episódios de náuseas por volta de quando descobriu que estava grávida, mas ela estava muito bem desde então. Ela teria debitado tudo na conta dos nervos, exceto que agora ela estava tão miserável que a morte começava a parecer boa.

— Kar? — A voz profunda de Luc era um murmúrio estranhamente re-confortante em seu ouvido. — Você estava gemendo em seu sono... *Put a que pariu*, você está quente.

— Não quente — ela murmurou. — Fria. Preciso de um cobertor.

Ela o ouviu se pôr em confusão ao redor, sentiu um cobertor cair sobre ela e então ele estava empurrando sua cabeça para cima.

— Ei. Eu tenho algum Tylenol. Você precisa tomá-lo.

Seu estômago rolou. E então ela tossiu... Tão forte que suas costelas gritaram.

— Luc... Eu estou com uma infecção? Da bala?

— Você não devia. Curou-se com sua transformação. — Ele franziu a testa enquanto levantava suas pálpebras com o dedão. — Suas pupilas estão dilatadas. — Ele se afundou ao lado do sofá e retirou o cobertor de seu peito. — Eu vou dar uma olhada em você.

Ela sentiu sua camisa sendo desabotoada e, apesar de seu sofrimento, ela sorriu.

— Qualquer desculpa para colocar suas mãos em mim.

— Eu não preciso de uma desculpa. Você é fácil.

— Seu... — Os olhos dela se abriram de uma vez, mas quando ela viu o raro sorriso transformando seus lábios, ela soube que ele a estava provocando. O que foi estranho, porque ela não o teria tomado como o tipo brincalhão. — Você deveria sorrir mais vezes.

— Não posso. — Ele resmungou quando abriu a blusa para expor seu peito. — Meu rosto pode congelar assim.

Ela riu, mas logo gritou com a dor que se torceu através de seu abdômen.

— Merda. — Luc puxou suas mãos para longe dela. — Eu machuquei você?

— Não — Ela resmungou. — Dói sorrir.

Seu olhar varreu-a com a intensidade de uma máquina de

raios-X e de repente ela sentiu que estava vendo todo o caminho através dela.

— Sinto muito. Sobre tudo.

Sobre o bebê, era o que ele queria dizer.

— Não sinta. — Ela engoliu e fez careta para a dor súbita. — O sexo foi ótimo. Você foi apenas meu segundo, mas foi tão bom... — Engoliu seco nova-mente, outra careta. — E o bebê é a melhor coisa e a mais normal que aconteceu comigo nos últimos anos.

Luc desviou o olhar, por isso era impossível dizer o que ele estava pensando enquanto terminava de desabotoar sua camisa. Ele abriu as abas para revelar uma estranha contusão em torno de seu umbigo... E a cor fugiu de seu rosto.

— O quê? — Ela sussurrou. — O que é isso?

— FS. Jesus Cristo, eu acho que você tem o vírus.

[1] Tipo de uva escura para vinhos da região Bordeaux (França) ou o vinho tinto feito desse tipo de uva.

Dezesseis

Sangramento maciço. Contusão pulmonária. Pneumotórax.

As vozes e as palavras estranhas perfuraram a névoa de dor de Sin. Pen-sou ter ouvido Con e talvez Shade. Ou Eidolon? Uma agonia repentina, quente, eletrificou seu corpo e ela gritou. E continuou gritando.

Até que a escuridão a tomou.

Acordar levou bastante tempo. Entre o zumbido em suas orelhas e a dor crua em sua garganta, parecia como se tivesse sido presa em um estado de vazio por uma eternidade. Gradualmente, tornou-se ciente que estava com dor, sedenta e em uma cama. Piscou, abrindo seus olhos. Estava no quarto mestre de Rivesta. Seus irmãos estavam ao lado dela. Todos. E Tayla. E Con.

— O que... aconteceu? — Sua voz soou oxidada. Aumentou. E subiu ainda mais quando Con se afundou na cama ao lado dela e tomou sua mão. Seus dedos deslizaram sobre seu pulso como se para verificar sua pulsação, mas ao contrário dos tempos passados, havia mais ternura do que profissionalismo em seu toque. — Por que estão todos aqui?

— Um dos assassinos de Bantazar atingiu-a com anexomangler — Lore disse. — Ele está morto.

— Muito morto. — Wraith roncou e Lore levantou-se. — Inatividade maciça.

Sin podia somente imaginar. E cara, sua imaginação era muito boa. Bantazar era realmente um assassino de classe-A e seus assassinos não eram melhores. Provavelmente ainda estava irritado por ela não ter oferecido a ele a chance de dizer os nomes dos mestres assassinos que estavam oferecendo o grande contrato do lobisomem.

Friccionou seu peito, onde recordou ter sido batida por algo que pareceu como uma bala de canhão. Com exceção de um pouco de ternura, nunca saberia que teve quase um túnel perfurado através dela.

Mas... A espera... A ternura... havia algo mais profundo lá e abruptamente, extraiu uma respiração áspera. Era a sensação de perder muitos assassinos. Infelizmente, não saberia quem até que voltasse ao covil ou falasse com alguém que soubesse.

Agora, não era importante, em todo o caso. Menos pessoas tentando matá-la era uma boa coisa.

Colocou os assassinos inoperantes fora de sua mente e moldou seu olhar entre seus irmãos.

— Então todos vocês vieram?

— É o que nós fazemos — Eidolon disse simplesmente.

Uh-huh. Havia um porém. Precisava haver.

— Okay, então você me curou. Obrigada. O que agora?

Wraith levantou o olhar que estudava seu punhal de osso de Gargantua.

— Como você escapou do fogo infernal?

— Fogo Infernal? — Franziu a testa e então esse estrondo horrível que ouviu na casa de Con perfurou sua memória como se o som estivesse em seu ouvido. — Santa merda, a casa de Con foi destruída?

Con amaldiçoou.

— Eu devia ter sabido. Eu vi o que essa merda faz.

— Eu também — Wraith disse. — Mas eu nunca vi qualquer um escapar.

— O túnel de escape de Con — Sin murmurou. — O calor não nos poderia alcançar antes que nós estivéssemos fora dele.

— Nós estávamos tão distantes da casa para os espíritos nos agarrarem.

— Alguém a quer realmente morta — Wraith disse.

— Okay, então agora que você conservou minha vida e indicou o óbvio, por que ainda estão aqui?

Todos trocaram olhares que não poderiam ser bons. Finalmente, Shade limpou sua garganta.

— Con disse que você curou um warg.

— Também disse-lhe o que aconteceu com ela?

— Sim — Eidolon disse. — Mas eu não estou certo quanta diferença sua sobrevivência faria. O vírus se transformou. Está afetando wargs nascidos agora.

A informação perfurou um buraco nela mais eficientemente do que o anexomangler. Expirou vacilante e tentou manter sua voz acima de um sussur-ro.

— Então e agora?

— Nós vamos ter que tomar algumas medidas drásticas. Nós não temos recursos para desperdiçar mais tempo procurando wargs contaminados e está ficando demasiado perigoso para você. Eu coloquei o Carceris fora de sua bunda temporariamente, então nós a traremos ao hospital e encontraremos alguns voluntários para contaminar e curar então, assim posso trabalhar em como matar o vírus.

— Conseguir voluntários para serme contaminados com uma doença fatal não será fácil. — Con deslocou-se no colchão, fazendo com que ela rolasse para ele um pouco mais. O contato a consolou, ela então desejou que ele se deitasse ao lado dela.

— Quer que eu busque um voluntário? — Wraith perguntou e Sin teve um sentimento que seu *voluntário* não seria tão voluntário assim.

A boca de Con apertou.

— Eu posso mostrar-lhe alguns membros do Conselho de Wargs que eu gostaria de *voluntariar*.

— Nós não vamos forçar ninguém. — Sin levantou e fez careta. Alguém a vestiu com roupas que não eram dela. Que fez sentido, dado que tudo que possui estava no covil de assassinos. Mas quem teve a brilhante ideia de vesti-la em uma medonha blusa, cor-de-rosa floral? *Com glitter*. Pelo menos as calças de brim serviram. — Eu já fodi os povos o suficiente com isto.

— E quanto a Luc? — Wraith sentou na cadeira da cabeceira, espalhando os pés, abrindo os braços largamente, como se não tivesse uma preocupação no mundo. — Ele está com os dias contados.

Lore levantou ao redor dele.

— Por que isso?

— Ele me fez jurar matá-lo quando perdesse sua humanidade. O que praticamente aconteceu quando a escória Aegi matou aquela que ele escolheu para ser sua companheira.

— Hey — Tayla rosnou. — A escória Aegi está presente, você sabe.

Wraith sorriu e Sin teve a impressão que os dois tinham muito prazer em se alfinetar.

— Então digamos que temos nosso voluntário — disse. — Curo a doença, e uma trégua é dada na guerra civil. O Conselho de Wargs ainda querará minha cabeça?

Con alcançou uma jarra de água que estava na cabeceira e entregou a ela.

— Eu falarei com eles.

— E as chances deles aceitarem recuar? — Shade perguntou.

A expressão de Con era desagradável.

— Não boas. — Afagou a parte traseira de sua mão distraidamente, mas Sin observou que os olhos de seus irmãos

acompanharam a ação. Impossível dizer o que pensavam. Bem, Wraith ficou claramente divertido, mas os outros... não tanto. — Assim que você encontrar um voluntário e nós confirmarmos uma cura, eu irei. Eu tenho um pouco de influência e alguns dos membros me devem.

Os olhos de Sin piscaram. Estava disposto a usar alguns favores para ela? Todos estes indivíduos estavam dispostos a ajudá-la? Mais uma vez, a emoção oprimiu-a e ela saltou fora da cama.

— Eu preciso de um jarro de água.

Nem se preocupou de que tinha um em sua mão. Ela precisava sair de lá. Estava em sobrecarga emocional e curto-circuito era um perigo.

Desceu as escadas, dois degraus de cada vez, e arremessou-se na cozinha, onde ficou em um canto, arfando, querendo saber o que estava acontecendo com ela. Não soube quanto tempo esteve lá quando ouviu alguém vir pelas escadas. Muito suave para alguns dos homens.

Tayla.

— Eu estou surpresa que mandaram você — Sin disse quando Tay entrou na cozinha. — Eu estava apostando em Lore ou Shade.

— Eu tive que convencer aqueles dois a ficar. — Tay rolou seus olhos. — O que era mais fácil do que convencer Con a não vir atrás de você.

Por qualquer motivo, isso deixou Sin alegre e entusiasmada.

— Eidolon, naturalmente, quis vir verificar seus sinais vitais. Eu penso que Wraith apenas quis se divertir com você.

Sin bufou.

— E você?

A mão de Tayla deixou cair seu coldre da coxa, onde a empunhadura de um punhal projetou-se de seu compartimento de couro e Sin enrijeceu instintivamente. Mas os dedos dela jogaram somente com o punho de madeira lustroso. Ainda, seu olhar era constante, sem medo, focalizado como raios laser verdes e a maneira

que estudava Sin eram quase adversários.

— Wraith e eu não concordamos muito — disse lentamente, — mas nossas mentes encontram-se (debilmente) quando se trata de proteger a família.

Okay, Sin sabia onde isto estava indo.

— E você está com medo de que eu possa ferir meus irmãos. Sim, sim, Wraith já me deu o discurso sobre “feri-los e arrepende-me”, então conserve seu fôlego.

Os dedos de Tayla continuaram a acariciar a arma.

— Olhe, eu sei que você não quer conversar...

— Você não sabe nada — Sin estalou.

Uma sobrancelha arqueada acima.

— Eu acho que você estaria surpresa.

— Sério? Por que você não compartilha?

Tayla subiu na mesa e dobrou suas mãos em seu colo como se preparan-do-se para uma leitura agradável, longa. Ótimo.

— Okay, o negócio é o seguinte. Minha mãe era uma viciada. Eu nasci no assoalho de um abandonado armazém, viciada à heroína. Eu cresci em abrigos adotivos e nas ruas. Eu fui abusada. Eu usei drogas. Eu roubei. Eu estava sempre em muitos problemas. Quando eu era uma adolescente, eu vi minha mãe ser rasgada em pedaços por um demônio. Um Soulshredder. Após isso, eu fiquei muito irritada. Eu juntei-me ao Aegis e matei cada demônio, vampiro e metamorfo que eu poderia colocar minhas mãos. Por fim, encontrei Eidolon, descobri que eu tinha uma irmã gêmea e aprendi que o demônio que torturou minha mãe era também meu pai. Que tal isso para começar?

Cristo. Os maravilhosos olhos esmeraldas de Tayla eram de um guerreiro. Não podia ser tão velha quanto Sin, mas lutara duramente para sobreviver. O respeito relutante para sua cunhada abrandou a atitude de Sin.

— Você tem minha atenção.

— Bom. Porque me irritaram por muito tempo. O mundo, seres humanos e demônios. Eu odiei tudo e todos.

— Sim, bem, essa é a diferença entre você e eu — Sin disse, cruzando seus braços sobre seu peito. — Eu não odeio o mundo.

— Não. Você apenas se odeia. — Antes que Sin pudesse mesmo tentar negar aquilo, Tay perguntou, — O que você pensa de Lore?

Sin piscou ante a mudança rápida de assunto.

— Quê?

— Lore. Você respeita seus sentimentos? Você acha que ele é um juiz de mau caráter?

— Eu sempre confiei em seu julgamento. Por quê?

— Porque o ama. Então se é um bom juiz de caráter...

Sin rolou seus olhos.

— Por favor. Poupe-me da conversa de psicologia e de vitalidade. Eu não irei acabar com minha vida ou qualquer coisa. Eu estou livre agora e a vida é boa.

— Con é parte dela? De sua boa vida?

As borboletas voaram no estômago de Sin. A sensação era esquisita, quase induzindo ao pânico, mas ao mesmo tempo, era estranha... agradável.

— Eu não sei do que você está falando.

Tayla nivelou um olhar fixo em Sin.

— Eu não sou cega nem estúpida. Eu vi a maneira que você pirou quando ele ofereceu fazer algo agradável para você.

— Não importa. Não me quer. Não dessa forma.

— Quantas bandeiras de merda eu tenho que derrubar? Você não o viu quando chegou a nosso apartamento. Estava apavorado por você. Eu pensei que iria explodir de sua pele quando os meninos estavam trabalhando em você. E apenas há um minuto, eu vi como o olhou. Não pode querer admitir, mesmo para si mesmo, mas tem algo lá. Deixe-o entrar, Sin. Eu sei que é duro. Dar-me a Eidolon foi a coisa mais difícil que eu fiz. Mas eu não lamentei. Nem uma vez. Con é um bom rapaz e você pode igualmente confiar em seus irmãos.

Deus, isto estava ficando tão velho.

— Eu não preciso...

— Eu sei. Você não precisa deles. — As palavras de Tayla estavam cheias de sarcasmo. — Você não precisa de ninguém. Mas você sabe o quê? Eles preci-sam de você.

— Por que todo mundo continua dizendo isso? — Sin bateu seu copo de água, chapinhando o líquido em toda parte. — Fizeram muito bem sem mim.

Houve um longo silêncio e então Tayla sorriu, mas era um levantar triste de seus lábios.

— Não. Não fizeram. O irmão deles doente, torto, *seu* irmão, Roag, quase destruiu suas vidas. E torturou e matou a irmã de Shade. Mas de certa forma, trouxe Lore para eles. Se puderem transformar as ações de Roag em algo positivo... Deixe-me apenas dizer que eles precisam disso. — Fechou seus olhos e tomou uma respiração áspera. — Meu pai era um monstro. Eu posso ainda provar o sangue de minha mamãe em minha língua porque é tão grosso no ar. Mas por causa dele, eu tenho uma irmã. O fato de que algo minúsculo de bom saiu do horror que impôs em mim e em minha mãe manteve-me sã e evitou desperdiçar minha vida na amargura.

Sin virou, afastando-se, incapaz de pensar demais sobre o que Tayla dissera. Porque independente do quanto Tayla e Sin tivessem em comum na terra, não poderiam ser mais opostas. Sin desperdiçou sua vida na amargura.

Talvez Tayla estivesse certa. Talvez fosse hora de aceitar as boas coisas que entraram em sua vida em vez de deixá-las afastadas. Seus irmãos eram próximos e, embora as coisas tenham sido ásperas

por um tempo, a maneira que aceitaram Lore era absoluta, como se nunca tivesse faltado. Talvez eles a aceitassem também.

Uma excitação estranha começou nela, através dela. Não tivera uma família, uma família real, em mais de cem anos. Então outra vez, a mesma ideia provocou um suor frio.

E então havia Con. Disse coisas a ele que nunca dissera a ninguém. Fez coisas com ele que nunca fizera e seu corpo aqueceu-se nas memórias. Protegeu-a quando poderia ter matado-a. Forçou-a a confrontar coisas que não quis... E mesmo não sendo absolutamente legal, ninguém mais se incomodou em ir tão longe com ela. Nem mesmo Lore, que quis se aproximar, mas era demasiado receoso de empurrá-la até que se afastasse.

Con empurrou e em vez de afastar-se, o efeito foi o contrário.

— Sin? — A mão de Tayla veio para baixo no ombro de Sin.
— Você está bem?

Em vez da resposta, Sin fez uma pergunta.

— Como você deixou Eidolon entrar?

Uma explosão de afeição fluiu sobre Sin como um cobertor e esse anseio estranho, caloroso voltou.

— Descobri que era uma pessoa melhor quando estava com ele. Assim eu disse a ele meus segredos mais escuros. Eu deixei-o ver o pior de mim. E ele me quis mais do que nunca.

Sin já dissera a Con seus segredos. Viu o mal que havia nela.

E disse que não a deixaria.

Girou ao redor, olhou Tayla. Olhou as escadas que conduziam ao quarto onde seus irmãos e Con estavam. Onde cuidaram dela. Salvaram sua vida.

Estava em uma casa completamente cheia de pessoas que estavam lá por ela. O conhecimento nivelou-a. Colocou-a em seu lugar.

Realmente tinha uma família e o cordão emocional entre eles e ela ficava mais forte.

Apertado. Mas iria transformar-se num abraço, ou numa luta?

†††††

Con passeou no quarto, tecendo entre os irmãos de Sin enquanto esperava Tayla ou Sin voltar. O alívio por ela sobreviver ao ataque assassino foi temperado pelo fato que ela pareceu ter voltado a ser distante, ninguém poderia entender completamente Sin.

Talvez Tayla tenha alguma sorte. Não conhecia a guardiã bem, mas soube que era resistente e não teve uma vida fácil. Era possível que se pudesse relacionar com Sin em um nível que ninguém mais poderia.

Todos os irmãos estavam prestando atenção e especulando, mas ignorou-os.

— Aqueles bastardos que matamos fora da casa, eram todos assassinos?

Lore inclinou-se.

— Eu verifiquei suas ligações. Desses que não se desintegraram antes que eu chegasse neles, em todo o caso. Três trabalharam para dois mestres diferentes, mas os outros quatro pertenceram a Sin.

— Filho de uma cadela. — Pausou. — Você viu um cara em um garanhão?

Todos os irmãos agitaram suas cabeças.

— Por quê? — Lore perguntou.

— Eu vi o que parecia um cavaleiro em um cavalo quando minha casa foi bombardeada. Quase pegou Sin e então quando nós estávamos sob o ataque no estabelecimento dos wargs, salvou-nos. Eu estou confundido como o inferno. Você conhece todos os assassinos que trabalham a cavalo?

Lore dobrou seus braços sobre seu peito, que estava

entrecruzado por um chicote de fios carregado das armas. Nem mesmo Wraith andava armado assim. Naturalmente, Wraith não precisava estar.

— Não. E esta seria uma maneira estúpida para um assassino fazer seu trabalho. Não muito sutil.

— Nós precisamos tirar Sin daqui — Con disse. — É somente uma questão de tempo até que os assassinos atravessem a barreira de Rivesta.

Eidolon inclinou.

— Nós a levaremos ao hospital. Estará segura lá. — Virou para Wraith. — Veja se você pode encontrar Luc. Se estiver tudo bem com ele, nós podemos tentar experimentar a infecção nele.

— Não está tudo bem com ele — Wraith disse. — Mas eu verei o que eu posso fazer.

Não, Con não acreditava no oferecimento de Luc. O indivíduo só se preocupava com ele mesmo e arriscar sua vida para desconhecidos completos não estava nele. E embora Con não pudesse dizer a Luc, realmente não quis que o warg se oferecesse. Luc cresceu com ele. Como um fungo... Talvez, mas ainda... cresceu com ele.

— Como está o vírus? — Eidolon perguntou a Con. — Em você. Está sob controle?

Jesus, como poderia ter se esquecido de mencionar aquilo mais cedo?

— Ele se foi. Desde a última noite.

— Então você não se alimentará mais de Sin, certo? — Os olhos escuros de Shade pararam em Con e de algum modo... Shade sabia. Estava bem ciente do assunto do vício. Mas como?

Con olhou de relance entre os outros irmãos, mas tanto quanto podia dizer, não sabiam, nem tinham o mesmo interesse subjacente de Shade.

— Eu não preciso mais de seu sangue — ele assegurou ao

demônio. — Agora, nós devemos ir.

Shade obstruiu a porta.

— Calma aí, dampiro. — As sombras nos olhos do macho giraram loucamente e Con soube o que era antes que Shade o dissesse. — Você está bem com as alimentações. Mas e sobre o que está havendo entre vocês dois?

A boca de Wraith curvou num sorriso conhecedor.

— Duh. Está desossando-a.

— Quão sério é? — Lore perguntou e não... Isso não foi embaraçoso para todos.

— Não há nada acontecendo — Esperou que soasse mais convincente a eles do que soou a si mesmo, porque havia algo entre eles, não importava o quanto ele tentou impedir que acontecesse.

— Bom — Shade disse. — Você sabe que eu gosto de você, homem. Mas você tem... vícios. Se você a ferir...

Shade não precisou terminar sua sentença, porque o aviso nos olhos dos irmãos deixou bem claro. Con morreria. Dolorosamente.

Lore moveu-se para frente e Con enrijeceu.

— Você tem cuidado dela. Obrigado. Mas você deve saber que se você está procurando qualquer coisa à exceção de sexo com ela, você não conseguirá.

Por alguma estranha razão, aquilo o irritou. Sin era mais do que um buraco a perfurar e, embora Con entendesse o que Lore estava tentando dizer, ele ainda mudou seu temperamento para uma marcha acelerada quando sua própria vergonha tratou de aquecer seu rosto.

— Sim? — Cuspiu. — E por que é assim? Talvez seja porque você a abandonou quando ela mais precisou e agora ela pensa que todos farão o mesmo?

A temperatura no quarto caiu para níveis sub-árticos e uma gama de emoções, da culpa à fúria, cruzou o rosto de Lore.

— Você não sabe o que diabos aconteceu.

Con ficou em cima de Lore, sua raiva trouxe de volta tudo o que Sin dissera a ele. Instinto o fez querer defendê-la, vingar-se por ela e provar que Lore estava errado sobre a obtenção de nada, a não ser sexo dela. Mesmo que Lore estivesse certo.

— Eu sei que os assassinos pegaram-na, torturaram-na. Eu sei que ela aperta seu punhal como um animal encolhido quando dorme porque não se sente segura. Eu sei que você a deixou como um covarde e, em seguida, sentou-se em sua bunda sentindo pena de si mesmo enquanto ela lutava para sobreviver...

O punho de Lore bateu na mandíbula de Con. Con foi lançado para trás, conteve-se e revidou com um soco no estômago e um soco curto no queixo. Ele esquivou-se dos socos de Lore, mas tomou um chute no peito, forte o suficiente para fazê-lo sugar o ar.

— Parem! — Sin pregou Lore na parede e virou para Con, empurrando-o contra a parede oposta. — Que história é essa?

— Apenas uma pequena postura alpha. — Lore disse a Con num clarão e Con quase partiu para cima dele novamente.

Sin estreitou os olhos em ambos, então parou em Con.

— Basta ter em mente que Lore não é um warg. Ganhar uma luta não lhe dá privilégios especiais.

Con piscou e depois sorriu quando a contração da boca de Sin trouxe a realização que ela se lembrou das batalhas seguidas por sexo na aldeia warg.

Lore limpou o sangue de sua boca com as costas de sua mão nua.

— Por que diabos você está sorrindo?

— Confie em mim, você não quer saber. — Então, na frente de todos, ele agarrou e beijou Sin, não com cuidado na verdade, tendo um prazer perverso no fato de seus irmãos estarem tensos como setas.

— Você — disse ele contra seus lábios, — é tão má.

E ele estava tão ferrado.

Dezessete

Sangramento maciço. Contusão pulmonária. Pneumotórax.

As vozes e as palavras estranhas perfuraram a névoa de dor de Sin. Pen-sou ter ouvido Con e talvez Shade. Ou Eidolon? Uma agonia repentina, quente, eletrificou seu corpo e ela gritou. E continuou gritando.

Até que a escuridão a tomou.

Acordar levou bastante tempo. Entre o zumbido em suas orelhas e a dor crua em sua garganta, parecia como se tivesse sido presa em um estado de vazio por uma eternidade. Gradualmente, tornou-se ciente que estava com dor, sedenta e em uma cama. Piscou, abrindo seus olhos. Estava no quarto mestre de Rivesta. Seus irmãos estavam ao lado dela. Todos. E Tayla. E Con.

— O que... aconteceu? — Sua voz soou oxidada. Aumentou. E subiu ainda mais quando Con se afundou na cama ao lado dela e tomou sua mão. Seus dedos deslizaram sobre seu pulso como se para verificar sua pulsação, mas ao contrário dos tempos passados, havia mais ternura do que profissionalismo em seu toque. — Por que estão todos aqui?

— Um dos assassinos de Bantazar atingiu-a com anexomangler — Lore disse. — Ele está morto.

— Muito morto. — Wraith roncou e Lore levantou-se. — Inatividade maciça.

Sin podia somente imaginar. E cara, sua imaginação era muito boa. Bantazar era realmente um assassino de classe-A e seus assassinos não eram melhores. Provavelmente ainda estava irritado por ela não ter oferecido a ele a chance de dizer os nomes dos mestres assassinos que estavam oferecendo o grande contrato do lobisomem.

Friccionou seu peito, onde recordou ter sido batida por algo que pareceu como uma bala de canhão. Com exceção de um pouco de ternura, nunca saberia que teve quase um túnel perfurado através dela.

Mas... A espera... A ternura... havia algo mais profundo lá e abruptamente, extraiu uma respiração áspera. Era a sensação de perder muitos assassinos. Infelizmente, não saberia quem até que voltasse ao covil ou falasse com alguém que soubesse.

Agora, não era importante, em todo o caso. Menos pessoas tentando matá-la era uma boa coisa.

Colocou os assassinos inoperantes fora de sua mente e moldou seu olhar entre seus irmãos.

— Então todos vocês vieram?

— É o que nós fazemos — Eidolon disse simplesmente.

Uh-huh. Havia um porém. Precisava haver.

— Okay, então você me curou. Obrigada. O que agora?

Wraith levantou o olhar que estudava seu punhal de osso de Gargantua.

— Como você escapou do fogo infernal?

— Fogo Infernal? — Franziu a testa e então esse estrondo horrível que ouviu na casa de Con perfurou sua memória como se o som estivesse em seu ouvido. — Santa merda, a casa de Con foi destruída?

Con amaldiçoou.

— Eu devia ter sabido. Eu vi o que essa merda faz.

— Eu também — Wraith disse. — Mas eu nunca vi qualquer um escapar.

— O túnel de escape de Con — Sin murmurou. — O calor não nos poderia alcançar antes que nós estivéssemos fora dele.

— Nós estávamos tão distantes da casa para os espíritos nos agarrarem.

— Alguém a quer realmente morta — Wraith disse.

— Okay, então agora que você conservou minha vida e indicou o óbvio, por que ainda estão aqui?

Todos trocaram olhares que não poderiam ser bons. Finalmente, Shade limpou sua garganta.

— Con disse que você curou um warg.

— Também disse-lhe o que aconteceu com ela?

— Sim — Eidolon disse. — Mas eu não estou certo quanta diferença sua sobrevivência faria. O vírus se transformou. Está afetando wargs nascidos agora.

A informação perfurou um buraco nela mais eficientemente do que o anexomangler. Expirou vacilante e tentou manter sua voz acima de um sussur-ro.

— Então e agora?

— Nós vamos ter que tomar algumas medidas drásticas. Nós não temos recursos para desperdiçar mais tempo procurando wargs contaminados e está ficando demasiado perigoso para você. Eu coloquei o Carceris fora de sua bunda temporariamente, então nós a traremos ao hospital e encontraremos alguns voluntários para contaminar e curar então, assim posso trabalhar em como matar o vírus.

— Conseguir voluntários para serme contaminados com uma doença fatal não será fácil. — Con deslocou-se no colchão, fazendo com que ela rolasse para ele um pouco mais. O contato a consolou, ela então desejou que ele se deitasse ao lado dela.

— Quer que eu busque um voluntário? — Wraith perguntou e Sin teve um sentimento que seu *voluntário* não seria tão voluntário assim.

A boca de Con apertou.

— Eu posso mostrar-lhe alguns membros do Conselho de Wargs que eu gostaria de *voluntariar*.

— Nós não vamos forçar ninguém. — Sin levantou e fez careta. Alguém a vestiu com roupas que não eram dela. Que fez sentido, dado que tudo que possui estava no covil de assassinos. Mas quem teve a brilhante ideia de vesti-la em uma medonha blusa, cor-de-rosa floral? *Com glitter*. Pelo menos as calças de brim serviram. — Eu já fodi os povos o suficiente com isto.

— E quanto a Luc? — Wraith sentou na cadeira da cabeceira, espalhando os pés, abrindo os braços largamente, como se não tivesse uma preocupação no mundo. — Ele está com os dias contados.

Lore levantou ao redor dele.

— Por que isso?

— Ele me fez jurar matá-lo quando perdesse sua humanidade. O que praticamente aconteceu quando a escória Aegi matou aquela que ele escolheu para ser sua companheira.

— Hey — Tayla rosnou. — A escória Aegi está presente, você sabe.

Wraith sorriu e Sin teve a impressão que os dois tinham muito prazer em se alfinetar.

— Então digamos que temos nosso voluntário — disse. — Curo a doença, e uma trégua é dada na guerra civil. O Conselho de Wargs ainda querará minha cabeça?

Con alcançou uma jarra de água que estava na cabeceira e entregou a ela.

— Eu falarei com eles.

— E as chances deles aceitarem recuar? — Shade perguntou.

A expressão de Con era desagradável.

— Não boas. — Afagou a parte traseira de sua mão distraidamente, mas Sin observou que os olhos de seus irmãos acompanharam a ação. Impossível dizer o que pensavam. Bem, Wraith ficou claramente divertido, mas os outros... não tanto. — Assim que você encontrar um voluntário e nós confirmarmos uma cura, eu irei. Eu tenho um pouco de influência e alguns dos membros me devem.

Os olhos de Sin piscaram. Estava disposto a usar alguns favores para ela? Todos estes indivíduos estavam dispostos a ajudá-la? Mais uma vez, a emoção oprimiu-a e ela saltou fora da cama.

— Eu preciso de um jarro de água.

Nem se preocupou de que tinha um em sua mão. Ela precisava sair de lá. Estava em sobrecarga emocional e curto-circuito era um perigo.

Desceu as escadas, dois degraus de cada vez, e arremessou-se na cozinha, onde ficou em um canto, arfando, querendo saber o que estava acontecendo com ela. Não soube quanto tempo esteve lá quando ouviu alguém vir pelas escadas. Muito suave para alguns dos homens.

Tayla.

— Eu estou surpresa que mandaram você — Sin disse quando Tay entrou na cozinha. — Eu estava apostando em Lore ou Shade.

— Eu tive que convencer aqueles dois a ficar. — Tay rolou seus olhos. — O que era mais fácil do que convencer Con a não vir atrás de você.

Por qualquer motivo, isso deixou Sin alegre e entusiasmada.

— Eidolon, naturalmente, quis vir verificar seus sinais vitais. Eu penso que Wraith apenas quis se divertir com você.

Sin bufou.

— E você?

A mão de Tayla deixou cair seu coldre da coxa, onde a empunhadura de um punhal projetou-se de seu compartimento de couro e Sin enrijeceu instintivamente. Mas os dedos dela jogaram somente com o punho de madeira lustroso. Ainda, seu olhar era constante, sem medo, focalizado como raios laser verdes e a maneira que estudava Sin eram quase adversários.

— Wraith e eu não concordamos muito — disse lentamente, — mas nossas mentes encontram-se (debilmente) quando se trata de proteger a família.

Okay, Sin sabia onde isto estava indo.

— E você está com medo de que eu possa ferir meus irmãos. Sim, sim, Wraith já me deu o discurso sobre “feri-los e arrepender-me”, então conserve seu fôlego.

Os dedos de Tayla continuaram a acariciar a arma.

— Olhe, eu sei que você não quer conversar...

— Você não sabe nada — Sin estalou.

Uma sobrancelha arqueada acima.

— Eu acho que você estaria surpresa.

— Sério? Por que você não compartilha?

Tayla subiu na mesa e dobrou suas mãos em seu colo como se preparan-do-se para uma leitura agradável, longa. Ótimo.

— Okay, o negócio é o seguinte. Minha mãe era uma viciada. Eu nasci no assoalho de um abandonado armazém, viciada à heroína. Eu cresci em abrigos adotivos e nas ruas. Eu fui abusada. Eu usei drogas. Eu roubei. Eu estava sempre em muitos problemas. Quando eu era uma adolescente, eu vi minha mãe ser rasgada em pedaços por um demônio. Um Soulshredder. Após isso, eu fiquei muito irritada. Eu juntei-me ao Aegis e matei cada demônio, vampiro e metamorfo que eu poderia colocar minhas mãos. Por fim, encontrei Eidolon, descobri que eu tinha uma irmã gêmea e aprendi que o demônio que torturou minha mãe era também meu pai. Que tal isso para começar?

Cristo. Os maravilhosos olhos esmeraldas de Tayla eram de um guerreiro. Não podia ser tão velha quanto Sin, mas lutara duramente para sobreviver. O respeito relutante para sua cunhada abrandou a atitude de Sin.

— Você tem minha atenção.

— Bom. Porque me irritaram por muito tempo. O mundo, seres humanos e demônios. Eu odiei tudo e todos.

— Sim, bem, essa é a diferença entre você e eu — Sin disse, cruzando seus braços sobre seu peito. — Eu não odeio o mundo.

— Não. Você apenas se odeia. — Antes que Sin pudesse mesmo tentar negar aquilo, Tay perguntou, — O que você pensa de Lore?

Sin piscou ante a mudança rápida de assunto.

— Quê?

— Lore. Você respeita seus sentimentos? Você acha que ele é um juiz de mau caráter?

— Eu sempre confiei em seu julgamento. Por quê?

— Porque o ama. Então se é um bom juiz de caráter...

Sin rolou seus olhos.

— Por favor. Poupe-me da conversa de psicologia e de vitalidade. Eu não irei acabar com minha vida ou qualquer coisa. Eu estou livre agora e a vida é boa.

— Con é parte dela? De sua boa vida?

As borboletas voaram no estômago de Sin. A sensação era esquisita, quase induzindo ao pânico, mas ao mesmo tempo, era estranha... agradável.

— Eu não sei do que você está falando.

Tayla nivelou um olhar fixo em Sin.

— Eu não sou cega nem estúpida. Eu vi a maneira que você pirou quando ele ofereceu fazer algo agradável para você.

— Não importa. Não me quer. Não dessa forma.

— Quantas bandeiras de merda eu tenho que derrubar? Você não o viu quando chegou a nosso apartamento. Estava apavorado por você. Eu pensei que iria explodir de sua pele quando os meninos estavam trabalhando em você. E apenas há um minuto, eu vi como o olhou. Não pode querer admitir, mesmo para si mesmo, mas tem algo lá. Deixe-o entrar, Sin. Eu sei que é duro. Dar-me a Eidolon foi a coisa mais difícil que eu fiz. Mas eu não lamentei. Nem uma vez. Con é um bom rapaz e você pode igualmente confiar em seus irmãos.

Deus, isto estava ficando tão velho.

— Eu não preciso...

— Eu sei. Você não precisa deles. — As palavras de Tayla estavam cheias de sarcasmo. — Você não precisa de ninguém. Mas você sabe o quê? Eles preci-sam de você.

— Por que todo mundo continua dizendo isso? — Sin bateu seu copo de água, chapinhando o líquido em toda parte. — Fizeram muito bem sem mim.

Houve um longo silêncio e então Tayla sorriu, mas era um levantar triste de seus lábios.

— Não. Não fizeram. O irmão deles doente, torto, *seu* irmão, Roag, quase destruiu suas vidas. E torturou e matou a irmã de Shade. Mas de certa forma, trouxe Lore para eles. Se puderem transformar as ações de Roag em algo positivo... Deixe-me apenas dizer que eles precisam disso. — Fechou seus olhos e tomou uma respiração áspera. — Meu pai era um monstro. Eu posso ainda provar o sangue de minha mamãe em minha língua porque é tão grosso no ar. Mas por causa dele, eu tenho uma irmã. O fato de que algo minúsculo de bom saiu do horror que impôs em mim e em minha mãe manteve-me sã e evitou desperdiçar minha vida na amargura.

Sin virou, afastando-se, incapaz de pensar demais sobre o que Tayla dissera. Porque independente do quanto Tayla e Sin tivessem

em comum na terra, não poderiam ser mais opostas. Sin desperdiçou sua vida na amargura.

Talvez Tayla estivesse certa. Talvez fosse hora de aceitar as boas coisas que entraram em sua vida em vez de deixá-las afastadas. Seus irmãos eram próximos e, embora as coisas tenham sido ásperas por um tempo, a maneira que aceitaram Lore era absoluta, como se nunca tivesse faltado. Talvez eles a aceitassem também.

Uma excitação estranha começou nela, através dela. Não tivera uma família, uma família real, em mais de cem anos. Então outra vez, a mesma ideia provocou um suor frio.

E então havia Con. Disse coisas a ele que nunca dissera a ninguém. Fez coisas com ele que nunca fizera e seu corpo aqueceu-se nas memórias. Protegeu-a quando poderia ter matado-a. Forçou-a a confrontar coisas que não quis... E mesmo não sendo absolutamente legal, ninguém mais se incomodou em ir tão longe com ela. Nem mesmo Lore, que quis se aproximar, mas era demasiado receoso de empurrá-la até que se afastasse.

Con empurrou e em vez de afastar-se, o efeito foi o contrário.

— Sin? — A mão de Tayla veio para baixo no ombro de Sin.
— Você está bem?

Em vez da resposta, Sin fez uma pergunta.

— Como você deixou Eidolon entrar?

Uma explosão de afeição fluiu sobre Sin como um cobertor e esse anseio estranho, caloroso voltou.

— Descobri que era uma pessoa melhor quando estava com ele. Assim eu disse a ele meus segredos mais escuros. Eu deixei-o ver o pior de mim. E ele me quis mais do que nunca.

Sin já dissera a Con seus segredos. Viu o mal que havia nela.

E disse que não a deixaria.

Girou ao redor, olhou Tayla. Olhou as escadas que conduziam ao quarto onde seus irmãos e Con estavam. Onde cuidaram dela. Salvaram sua vida.

Estava em uma casa completamente cheia de pessoas que estavam lá por ela. O conhecimento nivelou-a. Colocou-a em seu lugar.

Realmente tinha uma família e o cordão emocional entre eles e ela ficava mais forte.

Apertado. Mas iria transformar-se num abraço, ou numa luta?

†††††

Con passou no quarto, tecendo entre os irmãos de Sin enquanto esperava Tayla ou Sin voltar. O alívio por ela sobreviver ao ataque assassino foi temperado pelo fato que ela pareceu ter voltado a ser distante, ninguém poderia entender completamente Sin.

Talvez Tayla tenha alguma sorte. Não conhecia a guardiã bem, mas soube que era resistente e não teve uma vida fácil. Era possível que se pudesse relacionar com Sin em um nível que ninguém mais poderia.

Todos os irmãos estavam prestando atenção e especulando, mas ignorou-os.

— Aqueles bastardos que matamos fora da casa, eram todos assassinos?

Lore inclinou-se.

— Eu verifiquei suas ligações. Desses que não se desintegraram antes que eu chegasse neles, em todo o caso. Três trabalharam para dois mestres diferentes, mas os outros quatro pertenceram a Sin.

— Filho de uma cadela. — Pausou. — Você viu um cara em um gara-nhão?

Todos os irmãos agitaram suas cabeças.

— Por quê? — Lore perguntou.

— Eu vi o que parecia um cavaleiro em um cavalo quando minha casa foi bombardeada. Quase pegou Sin e então quando nós estávamos sob o ataque no estabelecimento dos wargs, salvou-nos. Eu estou confundido como o inferno. Você conhece todos os assassinos que trabalham a cavalo?

Lore dobrou seus braços sobre seu peito, que estava entrecruzado por um chicote de fios carregado das armas. Nem mesmo Wraith andava armado assim. Naturalmente, Wraith não precisava estar.

— Não. E esta seria uma maneira estúpida para um assassino fazer seu trabalho. Não muito sutil.

— Nós precisamos tirar Sin daqui — Con disse. — É somente uma quês-tão de tempo até que os assassinos atravessem a barreira de Rivesta.

Eidolon inclinou.

— Nós a levaremos ao hospital. Estará segura lá. — Virou para Wraith. — Veja se você pode encontrar Luc. Se estiver tudo bem com ele, nós podemos tentar experimentar a infecção nele.

— Não está tudo bem com ele — Wraith disse. — Mas eu verei o que eu posso fazer.

Não, Con não acreditava no oferecimento de Luc. O indivíduo só se preocupava com ele mesmo e arriscar sua vida para desconhecidos completos não estava nele. E embora Con não pudesse dizer a Luc, realmente não quis que o warg se oferecesse. Luc cresceu com ele. Como um fungo... Talvez, mas ainda... cresceu com ele.

— Como está o vírus? — Eidolon perguntou a Con. — Em você. Está sob controle?

Jesus, como poderia ter se esquecido de mencionar aquilo mais cedo?

— Ele se foi. Desde a última noite.

— Então você não se alimentará mais de Sin, certo? — Os olhos escuros de Shade pararam em Con e de algum modo... Shade

sabia. Estava bem ciente do assunto do vício. Mas como?

Con olhou de relance entre os outros irmãos, mas tanto quanto podia dizer, não sabiam, nem tinham o mesmo interesse subjacente de Shade.

— Eu não preciso mais de seu sangue — ele assegurou ao demônio. — Agora, nós devemos ir.

Shade obstruiu a porta.

— Calma aí, dampiro. — As sombras nos olhos do macho giraram loucamente e Con soube o que era antes que Shade o dissesse. — Você está bem com as alimentações. Mas e sobre o que está havendo entre vocês dois?

A boca de Wraith curvou num sorriso conhecedor.

— Duh. Está desossando-a.

— Quão sério é? — Lore perguntou e não... Isso não foi embaraçoso para todos.

— Não há nada acontecendo — Esperou que soasse mais convincente a eles do que soou a si mesmo, porque havia algo entre eles, não importava o quanto ele tentou impedir que acontecesse.

— Bom — Shade disse. — Você sabe que eu gosto de você, homem. Mas você tem... vícios. Se você a ferir...

Shade não precisou terminar sua sentença, porque o aviso nos olhos dos irmãos deixou bem claro. Con morreria. Dolorosamente.

Lore moveu-se para frente e Con enrijeceu.

— Você tem cuidado dela. Obrigado. Mas você deve saber que se você está procurando qualquer coisa à exceção de sexo com ela, você não conseguirá.

Por alguma estranha razão, aquilo o irritou. Sin era mais do que um buraco a perfurar e, embora Con entendesse o que Lore estava tentando dizer, ele ainda mudou seu temperamento para uma marcha acelerada quando sua própria vergonha tratou de aquecer seu rosto.

— Sim? — Cuspiu. — E por que é assim? Talvez seja porque você a abandonou quando ela mais precisou e agora ela pensa que todos farão o mesmo?

A temperatura no quarto caiu para níveis sub-árticos e uma gama de emoções, da culpa à fúria, cruzou o rosto de Lore.

— Você não sabe o que diabos aconteceu.

Con ficou em cima de Lore, sua raiva trouxe de volta tudo o que Sin dissera a ele. Instinto o fez querer defendê-la, vingar-se por ela e provar que Lore estava errado sobre a obtenção de nada, a não ser sexo dela. Mesmo que Lore estivesse certo.

— Eu sei que os assassinos pegaram-na, torturaram-na. Eu sei que ela aperta seu punhal como um animal encolhido quando dorme porque não se sente segura. Eu sei que você a deixou como um covarde e, em seguida, sentou-se em sua bunda sentindo pena de si mesmo enquanto ela lutava para sobreviver...

O punho de Lore bateu na mandíbula de Con. Con foi lançado para trás, conteve-se e revidou com um soco no estômago e um soco curto no queixo. Ele esquivou-se dos socos de Lore, mas tomou um chute no peito, forte o suficiente para fazê-lo sugar o ar.

— Parem! — Sin pregou Lore na parede e virou para Con, empurrando-o contra a parede oposta. — Que história é essa?

— Apenas uma pequena postura alpha. — Lore disse a Con num clarão e Con quase partiu para cima dele novamente.

Sin estreitou os olhos em ambos, então parou em Con.

— Basta ter em mente que Lore não é um warg. Ganhar uma luta não lhe dá privilégios especiais.

Con piscou e depois sorriu quando a contração da boca de Sin trouxe a realização que ela se lembrou das batalhas seguidas por sexo na aldeia warg.

Lore limpou o sangue de sua boca com as costas de sua mão nua.

— Por que diabos você está sorrindo?

— Confie em mim, você não quer saber. — Então, na frente de todos, ele agarrou e beijou Sin, não com cuidado na verdade, tendo um prazer perverso no fato de seus irmãos estarem tensos como setas.
— Você — disse ele contra seus lábios, — é tão má.

E ele estava tão ferrado.

Dezoito

— Bem?

Luc jogou uma tora no fogo e lançou um olhar para Kar por cima do ombro, que estava enrolada em um cobertor no sofá. O fogo rugia quente e Luc havia movido o sofá para perto da lareira, mas ela ainda estava com frio. Era tudo o que podia fazer para não se deitar com ela e adicionar seu calor a seu corpo. Ele queria (se ela tivesse FS, ele já fora exposto). Mas ela não o deixava chegar perto.

O curioso era que ela não estava tão doente como ela deveria estar se tivesse contraído a doença. Talvez não fosse FS. Ou talvez Wargs Feast se afetassem de forma diferente. De qualquer maneira, ele precisava entrar em contato com Eidolon. Ele ligou para o hospital e para o apartamento de *E*, mas nada. E ninguém parecia saber onde ele estava.

Inferno, ele não conseguia entrar em contato com nenhum dos irmãos. Ou Con. Se ele não pudesse contactar Eidolon em breve, ele teria que fazer uma corrida para o Harrowgate à luz do dia, com assassinos ou não.

— Luc, nós precisamos conversar.

— Você está doente. Você precisa descansar.

Ela esforçou-se para sentar-se e ele ficou de pé para ajudá-la.

— Não me toque — disse ela, mas era tarde demais. Ele ajudou-a a sentar-se e recuou.

— Kar, você realmente precisa descansar. Se isto for FS...

— Se for FS — ela disse calmamente, — então o que eu

preciso fazer é conversar.

Bem, isso o manteve alerta. Ela queria manter sua mente fora disso tudo e ele seria um grande bastardo se não permitisse.

— Ok, sim. Sobre o que você quer falar?

Ela olhou-o como se ele fosse um idiota. Como as fêmeas conseguiam isso mesmo quando estavam com círculos de exaustão sob seus olhos e com erupções de febre no rosto, ele não fazia ideia.

— Você ainda está cantando essa mesma música? Eu posso nomear menos coisas que nós *não* temos necessidade de falar do que as que nós temos.

— Isso é sobre o garoto? Porque eu não vejo como grande problema. Você fica aqui, tem-no e nós o criamos.

Kar escondeu o rosto entre as mãos e balançou a cabeça.

— Quanto tempo se passou desde que você era um humano?

Ele piscou com isso.

— Eu tinha 24 quando fui mordido. Isso foi em 1918.

Foi sua vez de piscar.

— Uau. Você é velho.

— Obrigado — ele murmurou.

— Como você conseguiu não engravidar mais ninguém em todo esse tempo? — Ela estreitou os olhos para ele. — Ou você tem um monte de filhotes correndo por aí?

Ele jogou mais lenha no fogo, apesar de não precisar.

— Não, eu não tenho filhos.

— Você lembra como era ser criança? Ter pais?

O fogo crepitava e sibilava como se o insultasse responder às perguntas idiotas de Kar. Ele agarrou um gancho para fogo e golpeou

as toras.

— Foi há muito tempo.

— Isso não foi o que eu perguntei — disse ela calmamente.

— A virada do século não era um tempo bom para ser o oitavo filho de uma família pobre — Nem um pouco. Ele foi criado em uma fazenda no Centro-Oeste, foi introduzido ao trabalho árduo, antes que tivesse três anos. Seus pais eram tão bons quanto eles poderiam ter sido, mas quando cada hora do dia era usada com o trabalho, quer na fazenda ou na cozinha, não havia muito tempo para jogos ou carinhos. Aos dezesseis anos, ele saiu de casa, juntou-se à carreira militar e nunca olhou para trás.

Exceto... que ele tinha. Os soldados com quem ele lutara na França se tornaram a família unida que ele nunca teve. Pelo menos, até quando eles começaram a morrer em batalha. Um massacre deixou-o sozinho e ferido, vagando pela floresta, na tentativa de escapar do inimigo. Ele foi encontrado, mas não por um inimigo humano.

Um lobisomem o atacou. Ele conseguiu combatê-lo, mas depois ficou deitado por lá, tão mutilado que assim que o inimigo humano o encontrou, eles deixaram-no para morrer.

Ele transformou-se em um lobisomem naquela noite, curou suas feridas e acordou na manhã seguinte deitado entre os restos de uma dúzia de soldados americanos.

Soldados que ele matou.

Doente, assustado e confuso, ele foi dado como desertor. Ele mal se lembrava de como sobreviveu depois de tudo, agindo apenas por instinto e pelo desejo de matar o monstro que o infectou. Três anos mais tarde, seu reprodutor estava morto e Luc retornou aos Estados Unidos.

— O que aconteceu? — Kar perguntou.

— Eu fui para a guerra, fui mordido por um warg e quando cheguei em casa, eu descobri que quatro de meus irmãos e irmãs e minha mãe morreram de gripe. Meu irmão mais velho foi morto em um acidente na agricultura. E meu pai cuidava do que restava de sua

mente.

Luc tentou ajudar, acorrentou-se no celeiro em noites de lua cheia, mas em seu terceiro mês, ele libertou-se, matou o gado e mordeu seu irmão mais novo, Jeremias. O que aconteceu depois levou Luc aos limites e a uma existência solitária.

Jeremias transformou-se em um lobisomem na noite seguinte, matou seu pai e irmã. Quando acordou e percebeu o que fizera, ele tirou sua própria vida.

Luc caiu no chão e recostou-se contra as almofadas do sofá.

— E por causa de mim, porque eu mordi meu irmão, eu perdi o resto de minha família.

— Hey — Kar disse gentilmente, enquanto deitava sua mão em seu ombro. O gesto íntimo e confortante surpreendeu a Luc e fez sua garganta se fechar um pouco. Ela tinha todos os motivos para odiá-lo, usá-lo para a proteção e nada mais, mas ela ainda estava tentando tirar o melhor proveito de uma situação de merda.

— O quê? — Ele afastou-se, torcendo-se de modo que ficou de frente para ela.

— Eu sei que você não quer isso. Um bebê também não estava exatamente em minha lista de coisas a fazer. — Ela esfregou sua barriga e um sorriso minúsculo frisou em sua boca. — Mas eu amo o pequeno guri agora. Eu quero isso e eu vou fazer de tudo para protegê-lo. Isso significa que eu vou protegê-lo de você, também.

— Você acha que eu iria prejudicar meu próprio filho?

— Não intencionalmente. Você seria protetor, feroz e possessivo. Mas Luc, se você não puder amá-lo, se você não puder se conectar com ele, você irá prejudicá-lo.

Luc olhou para o fogo. As chamas lamberam as toras, comendo a madeira e colocando para fora tanto calor que certamente poderia derreter a parede de gelo dentro dele. Kar estava certa. O garoto provavelmente seria humano, seriam necessários pais que pudessem amá-lo.

Foi esse um dos motivos pelo qual aceitara tão bem ter filhotes

com Ula, ela era *pricolici*, de modo que a prole teria sido levantada ao mundo mais duro dos wargs, onde os machos existiam para proteger, não criar.

Luc poderia definitivamente proteger.

Criar? Ele fechou os olhos, mas eles se abriram quando Kar pegou sua mão e colocou-a em sua barriga.

— Você não pode senti-lo ainda. Não é nem mesmo uma batida. Mas está lá. Seu bebê.

Algo dentro dele rachou um pouco. Mas essa fissura minúscula parecia um terremoto em sua alma. *Seu bebê*. E se ele não gostasse? E se ele não pudes-se amá-lo? Ele retirou sua mão para longe como se essa coisa dentro fosse uma víbora.

— Eu... ah... — ele saltou sobre seus pés, uma perda completa. Então ele girou para a porta. — Você ouviu isso?

Kar olhou para cima, sua expressão cheia de ceticismo. Sem dúvida, ela achou que ele estava tentando pular fora da conversa.

— Ouvi o quê?

— Eu não sei. Poderia ser um ramo de uma árvore caindo — A tempestade acabara deixando apenas o silêncio em seu rastro. Ele diminuiu cautelosa-mente para a janela, mas se manteve de costas para a parede como se olhasse para fora.

Kar pressionou-se sobre seus pés.

— Você vê alguma coisa?

Um brilho de metal contra o campo branco lhe trouxe arrepios.

— Fique abaixada.

Kar afundou-se em seus quadris suavemente, sua formação Aegis e instintos wargs manifestando-se.

— O que é isso?

— Eu acho que os assassinos encontraram você.

— Droga — ela respirava. — Onde estão suas armas?

— Você quer dizer, além do fuzil e espingarda apoiados ao lado da porta, as seis espingardas e pistolas nas outras paredes e o arco no canto em pé?

Ela deu-lhe um olhar seco.

— Sim, além dessas.

— Eu tenho um baú cheio de variadas lâminas em meu quarto e, no andar de baixo, na caixa de metal, eu tenho dinamites.

— Sério? — Perguntou ela e quando ele sorriu, ela retribuiu o sorriso. — Demais.

Ele quase riu, algo que ele não fazia há muito tempo. Mas porra, quantas mulheres realmente se iluminavam como lanternas quando você mencionava que havia explosivos em casa?

— Eu preciso que você desça e fique quieta. Vou ver se eu posso tirá-los daqui.

— Eu acho que não.

— Faça-o — ele latiu. — O porão é escondido, eles poderiam suspeitar que você está aqui, mas mesmo que eles entrem, o que eles não vão, eles não serão capazes de encontrá-la.

— Luc, eu não acho que isso seja uma boa ideia. — Ela olhou para a arma perto da porta. — Eu posso estar grávida, mas eu não sou impotente.

— Isso não é porque você está grávida — Mulheres humanas grávidas são tratadas como se fossem feitas de vidro, mas antes mesmo dele ter sido transformado, ele sabia que elas eram mais duras do que isso. Ele viu sua mãe passar por três gestações, trabalhando tão duro na fazenda quanto seu pai, até ela entrar em trabalho de parto. E as mães wargs eram ainda mais duras do que isso, lutavam e caçavam até o dia de darem à luz.

— Então o quê? — De repente, ela endureceu e um rosnado

baixo e letal retumbou em seu peito.

— Kar? O que é isso?

— Lobisomens. — Seus olhos brilharam e seus lábios empalideceram em seus dentes. — Não são os Aegis. São wargs. Eu os sinto. Um monte deles.

Um bloco de gelo caiu na boca do estômago Luc.

— Exterminadores. As equipes enviadas para destruir os Wargs Feast — E então ele sentiu... uma onda de violência batendo sobre ele como um tsunami erguendo-se para fora do inferno. Seu sangue trovejou em suas veias, sua pele ficou apertada e suas articulações esticadas ao ponto da dor.

— Luc — Kar ofegou e ele virou-se para ela. Ela dobrou-se, apertando seu estômago. — Eu sinto... uma mudança. É como se eu precisasse... matar.

Quando muitos wargs uniam-se para lutar, todos mudavam, não impor-tava a época do mês, a hora do dia. Kar definitivamente não precisava estar lá fora, matando com sua mordida venenosa.

— Vá para abaixo! — Sua voz estava distorcida, como um rosnado, mas ela entendeu e arrastou-se até o porão. Com as pontas longas em garra de suas mãos, ele fechou a escotilha e rolou o tapete sobre ele.

Cambaleando, ele abriu a porta, mesmo com seu corpo cerrado, à beira de se contorcer em sua forma animal.

A floresta ao redor tornara-se viva, repleta de movimentos. De um lado, *varcolac*, distinguível dos nascidos wargs por seus tamanhos variados e cores de pele, e do outro lado, *pricolici*, maioria escura, todos fortes e prontos para carregar os outros.

— Que diabos! — Luc balançou a cabeça em direção ao grito. Seis seres humanos (Guardiões, se sua riqueza de armas fosse qualquer indicação) estavam perto do rio, no meio do que estava prestes a ser um unhas e dentes do inferno.

Luc saiu exatamente quando os dois lados dos wargs

encontraram-se. Os Guardiões entraram em ação, enviando flechas para a briga. Mas um mirou em Luc, treinado em pistola.

O único pensamento de Luc enquanto a bala atravessava seu peito foi que durante anos ele não se importou se vivesse ou morresse. Agora ele importava-se, mas poderia ser tarde demais.

†††††

O Harrowgate abriu-se para a neve no chão, a luz do sol cegando no céu, com o limpo e nítido estalo de tiros no vento.

Con lidou com a neve profunda em suas canelas quase correndo, com Wraith em seus calcanhares. Sin, E, Lore e Shade estavam logo atrás. Tayla voltou para a UG para encontrar os médicos.

Não seja tarde demais. Não seja tarde demais...

Ao chegarem mais perto, o som inconfundível de batalha vibrou no ar. Gritos, grunhidos de gelar o sangue e o cheiro de sangue guiaram-nos. A cabana de Luc estava talvez cinquenta metros à frente quando os músculos de Con bloquearam-se e ele engasgou e tropeçou em seus próprios pés quando trombou em uma árvore. Sin pegou-o, seu forte corpo pronto contra o dele.

— O que há de errado? Con?

Ele não podia responder. Sua garganta havia se fechado e o único som que ele podia fazer era um rosnado. Ele estava se transformando e não havia nada que pudesse fazer para deter a transformação. Ele só poderia diminuir os danos e, o mais rápido que pôde, ele retirou sua camisa e sua calça.

— O que está acontecendo? — A voz de Sin parecia distante e depois Eidolon tirou-a de perto.

— A batalha dos wargs. Ele está se transformando. Ele vai ficar bem. Temos que ir. — O som de tiros interrompeu-o e então madeiras em pedaços pulverizaram ao lado da cabeça de Sin. — Merda! Assassinos.

Assassinos que tentaram matar Sin.

Eles tentaram matar minha mulher.

Não importava que o pensamento fosse insano. Que não fosse verdade. Que nunca poderia ser verdade. Algo escuro alcançou-o e agarrou-se a Con, espremendo os pensamentos racionais de seu cérebro, e antes mesmo dele estar totalmente transformado, ele lançou-se ao grupo dos humanos engajados na batalha com dezenas de wargs. A cena foi um caos. Wargs lutando entre si e os assassinos na neve que virou uma lama rosa, sangrenta.

Ele saltou, com água na boca enquanto se preparava para morder um assassino. No ar, uma massa cinzenta de pele colidiu com ele. Os dentes do warg fixaram-se em seu ombro e suas garras cavaram as costelas de Con e, suficientemente louco, foi o assassino condenado que levou a lâmina que separou a cabeça do warg de seu pescoço, provavelmente salvando a vida de Con.

Vagamente, ele ouviu a ordem de Eidolon para seus irmãos reunirem os Guardiões sem matá-los, algo sobre Tay e Ky querendo-os vivos, e em seguida outro *pricolici* atingiu Con e nada mais importava que não fosse a batalha. O aperto dos ossos entre seus dentes, o gosto de sangue em sua língua.

Ele não sabia quanto tempo a batalha durara quando sentiu uma picada em seu flanco. Girando, ele virou para sua fonte... Sin?

Ela estava a poucos metros de distância, um arco mirado em sua direção. Uma escaldante agonia roubou sua respiração enquanto seu corpo virava do avesso, torcendo-se e transformando-se até que ele estava de volta a sua forma humana. Ela teria o atingido com um dardo do Aegis de metamorfose e, caramba, a mudança doeu por acontecer em uma velocidade não natural assim. Ele caiu de joelhos, a neve gelada raspando sua pele nua. Um rosnado pavoroso soou atrás dele e Sin, movendo-se com uma graça felina, lançou-se como uma estrela da manhã no próximo warg enquanto atirava com seu arco. As lesões não seriam fatais, mas os wargs caídos no chão estavam incapacitados por ela pelo seu ótimo golpe.

— Você é... boa para caramba — ele falou asperamente.

O rosado induzido pelo frio em seu rosto deu-lhe uma expressão fresca e brincalhona enquanto ela jogava sua roupa.

— Eu sou feita de coisas incríveis. — Ela ofereceu uma mão.

— Desculpe o dardo, mas Eidolon não sabe qual destes lobisomens é Luc e ele precisa de sua ajuda. — Ele poderia ser macho e não aceitar sua ajuda, mas nesse momento sua perna não estava estável, ele foi machucado por uma dúzia de garras e feridas de mordidas, e, realmente, ele pegaria isso como desculpa para tocá-la. — Eu pensei que se transformando você se curasse.

O mundo inclinou-se e girou um pouco, e, merda, parando o passeio, ele estava pronto para ir embora.

— Nós todos nos curamos em níveis diferentes, dependendo de nossa espécie e do tipo de feridas. Confie em mim, eu me curei bastante com essa mudança. — Não tanto quanto ele teria gostado, mas pelo menos ele não estava sangrando. Ele resmungou e levantou-se. Todos em volta, a batalha desenrola-va-se e Sin derrubou outro warg com um tiro sobre o ombro enquanto ele arrancava o dardo de sua coxa e o jogava ao chão. — Alguém já verificou a caba-na de Luc?

— Não que eu saiba. — Ela franziu a testa. — Parece que os *varcolac* estão recuando.

Sim, eles estavam. O chão estava cheio de corpos e de wargs feridos, alguns dos quais começavam a mudança à medida que a batalha diminuía. Ele puxou sua calça jeans e colocou a camisa sobre a cabeça.

— Vamos lá. Vamos procurar na cabana.

Sin balançou a cabeça.

— Eu vou ajudar os meninos. Vá você. — Antes que ele pudesse argu-mentar, ela estava fora e em ação.

— Sin — ele chamou por ela. — Tenha cuidado. Você ainda tem assassi-nos atrás de você.

Ela lhe acenou com uma mão e derrubou um warg com a outra.

Cristo. A fêmea dar-lhe-ia um ataque cardíaco.

Dezenove

— Bem?

Luc jogou uma tora no fogo e lançou um olhar para Kar por cima do ombro, que estava enrolada em um cobertor no sofá. O fogo rugia quente e Luc havia movido o sofá para perto da lareira, mas ela ainda estava com frio. Era tudo o que podia fazer para não se deitar com ela e adicionar seu calor a seu corpo. Ele queria (se ela tivesse FS, ele já fora exposto). Mas ela não o deixava chegar perto.

O curioso era que ela não estava tão doente como ela deveria estar se tivesse contraído a doença. Talvez não fosse FS. Ou talvez Wargs Feast se afetassem de forma diferente. De qualquer maneira, ele precisava entrar em contato com Eidolon. Ele ligou para o hospital e para o apartamento de *E*, mas nada. E ninguém parecia saber onde ele estava.

Inferno, ele não conseguia entrar em contato com nenhum dos irmãos. Ou Con. Se ele não pudesse contactar Eidolon em breve, ele teria que fazer uma corrida para o Harrowgate à luz do dia, com assassinos ou não.

— Luc, nós precisamos conversar.

— Você está doente. Você precisa descansar.

Ela esforçou-se para sentar-se e ele ficou de pé para ajudá-la.

— Não me toque — disse ela, mas era tarde demais. Ele ajudou-a a sentar-se e recuou.

— Kar, você realmente precisa descansar. Se isto for FS...

— Se for FS — ela disse calmamente, — então o que eu

preciso fazer é conversar.

Bem, isso o manteve alerta. Ela queria manter sua mente fora disso tudo e ele seria um grande bastardo se não permitisse.

— Ok, sim. Sobre o que você quer falar?

Ela olhou-o como se ele fosse um idiota. Como as fêmeas conseguiam isso mesmo quando estavam com círculos de exaustão sob seus olhos e com erupções de febre no rosto, ele não fazia ideia.

— Você ainda está cantando essa mesma música? Eu posso nomear menos coisas que nós *não* temos necessidade de falar do que as que nós temos.

— Isso é sobre o garoto? Porque eu não vejo como grande problema. Você fica aqui, tem-no e nós o criamos.

Kar escondeu o rosto entre as mãos e balançou a cabeça.

— Quanto tempo se passou desde que você era um humano?

Ele piscou com isso.

— Eu tinha 24 quando fui mordido. Isso foi em 1918.

Foi sua vez de piscar.

— Uau. Você é velho.

— Obrigado — ele murmurou.

— Como você conseguiu não engravidar mais ninguém em todo esse tempo? — Ela estreitou os olhos para ele. — Ou você tem um monte de filhotes correndo por aí?

Ele jogou mais lenha no fogo, apesar de não precisar.

— Não, eu não tenho filhos.

— Você lembra como era ser criança? Ter pais?

O fogo crepitava e sibilava como se o insultasse responder às perguntas idiotas de Kar. Ele agarrou um gancho para fogo e golpeou

as toras.

— Foi há muito tempo.

— Isso não foi o que eu perguntei — disse ela calmamente.

— A virada do século não era um tempo bom para ser o oitavo filho de uma família pobre — Nem um pouco. Ele foi criado em uma fazenda no Centro-Oeste, foi introduzido ao trabalho árduo, antes que tivesse três anos. Seus pais eram tão bons quanto eles poderiam ter sido, mas quando cada hora do dia era usada com o trabalho, quer na fazenda ou na cozinha, não havia muito tempo para jogos ou carinhos. Aos dezesseis anos, ele saiu de casa, juntou-se à carreira militar e nunca olhou para trás.

Exceto... que ele tinha. Os soldados com quem ele lutara na França se tornaram a família unida que ele nunca teve. Pelo menos, até quando eles começaram a morrer em batalha. Um massacre deixou-o sozinho e ferido, vagando pela floresta, na tentativa de escapar do inimigo. Ele foi encontrado, mas não por um inimigo humano.

Um lobisomem o atacou. Ele conseguiu combatê-lo, mas depois ficou deitado por lá, tão mutilado que assim que o inimigo humano o encontrou, eles deixaram-no para morrer.

Ele transformou-se em um lobisomem naquela noite, curou suas feridas e acordou na manhã seguinte deitado entre os restos de uma dúzia de soldados americanos.

Soldados que ele matou.

Doente, assustado e confuso, ele foi dado como desertor. Ele mal se lembrava de como sobreviveu depois de tudo, agindo apenas por instinto e pelo desejo de matar o monstro que o infectou. Três anos mais tarde, seu reprodutor estava morto e Luc retornou aos Estados Unidos.

— O que aconteceu? — Kar perguntou.

— Eu fui para a guerra, fui mordido por um warg e quando cheguei em casa, eu descobri que quatro de meus irmãos e irmãs e minha mãe morreram de gripe. Meu irmão mais velho foi morto em um acidente na agricultura. E meu pai cuidava do que restava de sua

mente.

Luc tentou ajudar, acorrentou-se no celeiro em noites de lua cheia, mas em seu terceiro mês, ele libertou-se, matou o gado e mordeu seu irmão mais novo, Jeremias. O que aconteceu depois levou Luc aos limites e a uma existência solitária.

Jeremias transformou-se em um lobisomem na noite seguinte, matou seu pai e irmã. Quando acordou e percebeu o que fizera, ele tirou sua própria vida.

Luc caiu no chão e recostou-se contra as almofadas do sofá.

— E por causa de mim, porque eu mordi meu irmão, eu perdi o resto de minha família.

— Hey — Kar disse gentilmente, enquanto deitava sua mão em seu ombro. O gesto íntimo e confortante surpreendeu a Luc e fez sua garganta se fechar um pouco. Ela tinha todos os motivos para odiá-lo, usá-lo para a proteção e nada mais, mas ela ainda estava tentando tirar o melhor proveito de uma situação de merda.

— O quê? — Ele afastou-se, torcendo-se de modo que ficou de frente para ela.

— Eu sei que você não quer isso. Um bebê também não estava exatamente em minha lista de coisas a fazer. — Ela esfregou sua barriga e um sorriso minúsculo frisou em sua boca. — Mas eu amo o pequeno guri agora. Eu quero isso e eu vou fazer de tudo para protegê-lo. Isso significa que eu vou protegê-lo de você, também.

— Você acha que eu iria prejudicar meu próprio filho?

— Não intencionalmente. Você seria protetor, feroz e possessivo. Mas Luc, se você não puder amá-lo, se você não puder se conectar com ele, você irá prejudicá-lo.

Luc olhou para o fogo. As chamas lamberam as toras, comendo a madeira e colocando para fora tanto calor que certamente poderia derreter a parede de gelo dentro dele. Kar estava certa. O garoto provavelmente seria humano, seriam necessários pais que pudessem amá-lo.

Foi esse um dos motivos pelo qual aceitara tão bem ter filhotes

com Ula, ela era *pricolici*, de modo que a prole teria sido levantada ao mundo mais duro dos wargs, onde os machos existiam para proteger, não criar.

Luc poderia definitivamente proteger.

Criar? Ele fechou os olhos, mas eles se abriram quando Kar pegou sua mão e colocou-a em sua barriga.

— Você não pode senti-lo ainda. Não é nem mesmo uma batida. Mas está lá. Seu bebê.

Algo dentro dele rachou um pouco. Mas essa fissura minúscula parecia um terremoto em sua alma. *Seu bebê*. E se ele não gostasse? E se ele não pudes-se amá-lo? Ele retirou sua mão para longe como se essa coisa dentro fosse uma víbora.

— Eu... ah... — ele saltou sobre seus pés, uma perda completa. Então ele girou para a porta. — Você ouviu isso?

Kar olhou para cima, sua expressão cheia de ceticismo. Sem dúvida, ela achou que ele estava tentando pular fora da conversa.

— Ouvi o quê?

— Eu não sei. Poderia ser um ramo de uma árvore caindo — A tempestade acabara deixando apenas o silêncio em seu rastro. Ele diminuiu cautelosa-mente para a janela, mas se manteve de costas para a parede como se olhasse para fora.

Kar pressionou-se sobre seus pés.

— Você vê alguma coisa?

Um brilho de metal contra o campo branco lhe trouxe arrepios.

— Fique abaixada.

Kar afundou-se em seus quadris suavemente, sua formação Aegis e instintos wargs manifestando-se.

— O que é isso?

— Eu acho que os assassinos encontraram você.

— Droga — ela respirava. — Onde estão suas armas?

— Você quer dizer, além do fuzil e espingarda apoiados ao lado da porta, as seis espingardas e pistolas nas outras paredes e o arco no canto em pé?

Ela deu-lhe um olhar seco.

— Sim, além dessas.

— Eu tenho um baú cheio de variadas lâminas em meu quarto e, no andar de baixo, na caixa de metal, eu tenho dinamites.

— Sério? — Perguntou ela e quando ele sorriu, ela retribuiu o sorriso. — Demais.

Ele quase riu, algo que ele não fazia há muito tempo. Mas porra, quantas mulheres realmente se iluminavam como lanternas quando você mencionava que havia explosivos em casa?

— Eu preciso que você desça e fique quieta. Vou ver se eu posso tirá-los daqui.

— Eu acho que não.

— Faça-o — ele latiu. — O porão é escondido, eles poderiam suspeitar que você está aqui, mas mesmo que eles entrem, o que eles não vão, eles não serão capazes de encontrá-la.

— Luc, eu não acho que isso seja uma boa ideia. — Ela olhou para a arma perto da porta. — Eu posso estar grávida, mas eu não sou impotente.

— Isso não é porque você está grávida — Mulheres humanas grávidas são tratadas como se fossem feitas de vidro, mas antes mesmo dele ter sido transformado, ele sabia que elas eram mais duras do que isso. Ele viu sua mãe passar por três gestações, trabalhando tão duro na fazenda quanto seu pai, até ela entrar em trabalho de parto. E as mães wargs eram ainda mais duras do que isso, lutavam e caçavam até o dia de darem à luz.

— Então o quê? — De repente, ela endureceu e um rosnado

baixo e letal retumbou em seu peito.

— Kar? O que é isso?

— Lobisomens. — Seus olhos brilharam e seus lábios empalideceram em seus dentes. — Não são os Aegis. São wargs. Eu os sinto. Um monte deles.

Um bloco de gelo caiu na boca do estômago Luc.

— Exterminadores. As equipes enviadas para destruir os Wargs Feast — E então ele sentiu... uma onda de violência batendo sobre ele como um tsunami erguendo-se para fora do inferno. Seu sangue trovejou em suas veias, sua pele ficou apertada e suas articulações esticadas ao ponto da dor.

— Luc — Kar ofegou e ele virou-se para ela. Ela dobrou-se, apertando seu estômago. — Eu sinto... uma mudança. É como se eu precisasse... matar.

Quando muitos wargs uniam-se para lutar, todos mudavam, não impor-tava a época do mês, a hora do dia. Kar definitivamente não precisava estar lá fora, matando com sua mordida venenosa.

— Vá para abaixo! — Sua voz estava distorcida, como um rosnado, mas ela entendeu e arrastou-se até o porão. Com as pontas longas em garra de suas mãos, ele fechou a escotilha e rolou o tapete sobre ele.

Cambaleando, ele abriu a porta, mesmo com seu corpo cerrado, à beira de se contorcer em sua forma animal.

A floresta ao redor tornara-se viva, repleta de movimentos. De um lado, *varcolac*, distinguível dos nascidos wargs por seus tamanhos variados e cores de pele, e do outro lado, *pricolici*, maioria escura, todos fortes e prontos para carregar os outros.

— Que diabos! — Luc balançou a cabeça em direção ao grito. Seis seres humanos (Guardiões, se sua riqueza de armas fosse qualquer indicação) estavam perto do rio, no meio do que estava prestes a ser um unhas e dentes do inferno.

Luc saiu exatamente quando os dois lados dos wargs

encontraram-se. Os Guardiões entraram em ação, enviando flechas para a briga. Mas um mirou em Luc, treinado em pistola.

O único pensamento de Luc enquanto a bala atravessava seu peito foi que durante anos ele não se importou se vivesse ou morresse. Agora ele importava-se, mas poderia ser tarde demais.

†††††

O Harrowgate abriu-se para a neve no chão, a luz do sol cegando no céu, com o limpo e nítido estalo de tiros no vento.

Con lidou com a neve profunda em suas canelas quase correndo, com Wraith em seus calcanhares. Sin, E, Lore e Shade estavam logo atrás. Tayla voltou para a UG para encontrar os médicos.

Não seja tarde demais. Não seja tarde demais...

Ao chegarem mais perto, o som inconfundível de batalha vibrou no ar. Gritos, grunhidos de gelar o sangue e o cheiro de sangue guiaram-nos. A cabana de Luc estava talvez cinquenta metros à frente quando os músculos de Con bloquearam-se e ele engasgou e tropeçou em seus próprios pés quando trombou em uma árvore. Sin pegou-o, seu forte corpo pronto contra o dele.

— O que há de errado? Con?

Ele não podia responder. Sua garganta havia se fechado e o único som que ele podia fazer era um rosnado. Ele estava se transformando e não havia nada que pudesse fazer para deter a transformação. Ele só poderia diminuir os danos e, o mais rápido que pôde, ele retirou sua camisa e sua calça.

— O que está acontecendo? — A voz de Sin parecia distante e depois Eidolon tirou-a de perto.

— A batalha dos wargs. Ele está se transformando. Ele vai ficar bem. Temos que ir. — O som de tiros interrompeu-o e então madeiras em pedaços pulverizaram ao lado da cabeça de Sin. — Merda! Assassinos.

Assassinos que tentaram matar Sin.

Eles tentaram matar minha mulher.

Não importava que o pensamento fosse insano. Que não fosse verdade. Que nunca poderia ser verdade. Algo escuro alcançou-o e agarrou-se a Con, espremendo os pensamentos racionais de seu cérebro, e antes mesmo dele estar totalmente transformado, ele lançou-se ao grupo dos humanos engajados na batalha com dezenas de wargs. A cena foi um caos. Wargs lutando entre si e os assassinos na neve que virou uma lama rosa, sangrenta.

Ele saltou, com água na boca enquanto se preparava para morder um assassino. No ar, uma massa cinzenta de pele colidiu com ele. Os dentes do warg fixaram-se em seu ombro e suas garras cavaram as costelas de Con e, suficientemente louco, foi o assassino condenado que levou a lâmina que separou a cabeça do warg de seu pescoço, provavelmente salvando a vida de Con.

Vagamente, ele ouviu a ordem de Eidolon para seus irmãos reunirem os Guardiões sem matá-los, algo sobre Tay e Ky querendo-os vivos, e em seguida outro *pricolici* atingiu Con e nada mais importava que não fosse a batalha. O aperto dos ossos entre seus dentes, o gosto de sangue em sua língua.

Ele não sabia quanto tempo a batalha durara quando sentiu uma picada em seu flanco. Girando, ele virou para sua fonte... Sin?

Ela estava a poucos metros de distância, um arco mirado em sua direção. Uma escaldante agonia roubou sua respiração enquanto seu corpo virava do avesso, torcendo-se e transformando-se até que ele estava de volta a sua forma humana. Ela teria o atingido com um dardo do Aegis de metamorfose e, caramba, a mudança doeu por acontecer em uma velocidade não natural assim. Ele caiu de joelhos, a neve gelada raspando sua pele nua. Um rosnado pavoroso soou atrás dele e Sin, movendo-se com uma graça felina, lançou-se como uma estrela da manhã no próximo warg enquanto atirava com seu arco. As lesões não seriam fatais, mas os wargs caídos no chão estavam incapacitados por ela pelo seu ótimo golpe.

— Você é... boa para caramba — ele falou asperamente.

O rosado induzido pelo frio em seu rosto deu-lhe uma expressão fresca e brincalhona enquanto ela jogava sua roupa.

— Eu sou feita de coisas incríveis. — Ela ofereceu uma mão.

— Desculpe o dardo, mas Eidolon não sabe qual destes lobisomens é Luc e ele precisa de sua ajuda. — Ele poderia ser macho e não aceitar sua ajuda, mas nesse momento sua perna não estava estável, ele foi machucado por uma dúzia de garras e feridas de mordidas, e, realmente, ele pegaria isso como desculpa para tocá-la. — Eu pensei que se transformando você se curasse.

O mundo inclinou-se e girou um pouco, e, merda, parando o passeio, ele estava pronto para ir embora.

— Nós todos nos curamos em níveis diferentes, dependendo de nossa espécie e do tipo de feridas. Confie em mim, eu me curei bastante com essa mudança. — Não tanto quanto ele teria gostado, mas pelo menos ele não estava sangrando. Ele resmungou e levantou-se. Todos em volta, a batalha desenrola-va-se e Sin derrubou outro warg com um tiro sobre o ombro enquanto ele arrancava o dardo de sua coxa e o jogava ao chão. — Alguém já verificou a caba-na de Luc?

— Não que eu saiba. — Ela franziu a testa. — Parece que os *varcolac* estão recuando.

Sim, eles estavam. O chão estava cheio de corpos e de wargs feridos, alguns dos quais começavam a mudança à medida que a batalha diminuía. Ele puxou sua calça jeans e colocou a camisa sobre a cabeça.

— Vamos lá. Vamos procurar na cabana.

Sin balançou a cabeça.

— Eu vou ajudar os meninos. Vá você. — Antes que ele pudesse argu-mentar, ela estava fora e em ação.

— Sin — ele chamou por ela. — Tenha cuidado. Você ainda tem assassi-nos atrás de você.

Ela lhe acenou com uma mão e derrubou um warg com a outra.

Cristo. A fêmea dar-lhe-ia um ataque cardíaco.

Vinte

— Bem?

Luc jogou uma tora no fogo e lançou um olhar para Kar por cima do ombro, que estava enrolada em um cobertor no sofá. O fogo rugia quente e Luc havia movido o sofá para perto da lareira, mas ela ainda estava com frio. Era tudo o que podia fazer para não se deitar com ela e adicionar seu calor a seu corpo. Ele queria (se ela tivesse FS, ele já fora exposto). Mas ela não o deixava chegar perto.

O curioso era que ela não estava tão doente como ela deveria estar se tivesse contraído a doença. Talvez não fosse FS. Ou talvez Wargs Feast se afetassem de forma diferente. De qualquer maneira, ele precisava entrar em contato com Eidolon. Ele ligou para o hospital e para o apartamento de *E*, mas nada. E ninguém parecia saber onde ele estava.

Inferno, ele não conseguia entrar em contato com nenhum dos irmãos. Ou Con. Se ele não pudesse contactar Eidolon em breve, ele teria que fazer uma corrida para o Harrowgate à luz do dia, com assassinos ou não.

— Luc, nós precisamos conversar.

— Você está doente. Você precisa descansar.

Ela esforçou-se para sentar-se e ele ficou de pé para ajudá-la.

— Não me toque — disse ela, mas era tarde demais. Ele ajudou-a a sentar-se e recuou.

— Kar, você realmente precisa descansar. Se isto for FS...

— Se for FS — ela disse calmamente, — então o que eu

preciso fazer é conversar.

Bem, isso o manteve alerta. Ela queria manter sua mente fora disso tudo e ele seria um grande bastardo se não permitisse.

— Ok, sim. Sobre o que você quer falar?

Ela olhou-o como se ele fosse um idiota. Como as fêmeas conseguiam isso mesmo quando estavam com círculos de exaustão sob seus olhos e com erupções de febre no rosto, ele não fazia ideia.

— Você ainda está cantando essa mesma música? Eu posso nomear menos coisas que nós *não* temos necessidade de falar do que as que nós temos.

— Isso é sobre o garoto? Porque eu não vejo como grande problema. Você fica aqui, tem-no e nós o criamos.

Kar escondeu o rosto entre as mãos e balançou a cabeça.

— Quanto tempo se passou desde que você era um humano?

Ele piscou com isso.

— Eu tinha 24 quando fui mordido. Isso foi em 1918.

Foi sua vez de piscar.

— Uau. Você é velho.

— Obrigado — ele murmurou.

— Como você conseguiu não engravidar mais ninguém em todo esse tempo? — Ela estreitou os olhos para ele. — Ou você tem um monte de filhotes correndo por aí?

Ele jogou mais lenha no fogo, apesar de não precisar.

— Não, eu não tenho filhos.

— Você lembra como era ser criança? Ter pais?

O fogo crepitava e sibilava como se o insultasse responder às perguntas idiotas de Kar. Ele agarrou um gancho para fogo e golpeou

as toras.

— Foi há muito tempo.

— Isso não foi o que eu perguntei — disse ela calmamente.

— A virada do século não era um tempo bom para ser o oitavo filho de uma família pobre — Nem um pouco. Ele foi criado em uma fazenda no Centro-Oeste, foi introduzido ao trabalho árduo, antes que tivesse três anos. Seus pais eram tão bons quanto eles poderiam ter sido, mas quando cada hora do dia era usada com o trabalho, quer na fazenda ou na cozinha, não havia muito tempo para jogos ou carinhos. Aos dezesseis anos, ele saiu de casa, juntou-se à carreira militar e nunca olhou para trás.

Exceto... que ele tinha. Os soldados com quem ele lutara na França se tornaram a família unida que ele nunca teve. Pelo menos, até quando eles começaram a morrer em batalha. Um massacre deixou-o sozinho e ferido, vagando pela floresta, na tentativa de escapar do inimigo. Ele foi encontrado, mas não por um inimigo humano.

Um lobisomem o atacou. Ele conseguiu combatê-lo, mas depois ficou deitado por lá, tão mutilado que assim que o inimigo humano o encontrou, eles deixaram-no para morrer.

Ele transformou-se em um lobisomem naquela noite, curou suas feridas e acordou na manhã seguinte deitado entre os restos de uma dúzia de soldados americanos.

Soldados que ele matou.

Doente, assustado e confuso, ele foi dado como desertor. Ele mal se lembrava de como sobreviveu depois de tudo, agindo apenas por instinto e pelo desejo de matar o monstro que o infectou. Três anos mais tarde, seu reprodutor estava morto e Luc retornou aos Estados Unidos.

— O que aconteceu? — Kar perguntou.

— Eu fui para a guerra, fui mordido por um warg e quando cheguei em casa, eu descobri que quatro de meus irmãos e irmãs e minha mãe morreram de gripe. Meu irmão mais velho foi morto em um acidente na agricultura. E meu pai cuidava do que restava de sua

mente.

Luc tentou ajudar, acorrentou-se no celeiro em noites de lua cheia, mas em seu terceiro mês, ele libertou-se, matou o gado e mordeu seu irmão mais novo, Jeremias. O que aconteceu depois levou Luc aos limites e a uma existência solitária.

Jeremias transformou-se em um lobisomem na noite seguinte, matou seu pai e irmã. Quando acordou e percebeu o que fizera, ele tirou sua própria vida.

Luc caiu no chão e recostou-se contra as almofadas do sofá.

— E por causa de mim, porque eu mordi meu irmão, eu perdi o resto de minha família.

— Hey — Kar disse gentilmente, enquanto deitava sua mão em seu ombro. O gesto íntimo e confortante surpreendeu a Luc e fez sua garganta se fechar um pouco. Ela tinha todos os motivos para odiá-lo, usá-lo para a proteção e nada mais, mas ela ainda estava tentando tirar o melhor proveito de uma situação de merda.

— O quê? — Ele afastou-se, torcendo-se de modo que ficou de frente para ela.

— Eu sei que você não quer isso. Um bebê também não estava exatamente em minha lista de coisas a fazer. — Ela esfregou sua barriga e um sorriso minúsculo frisou em sua boca. — Mas eu amo o pequeno guri agora. Eu quero isso e eu vou fazer de tudo para protegê-lo. Isso significa que eu vou protegê-lo de você, também.

— Você acha que eu iria prejudicar meu próprio filho?

— Não intencionalmente. Você seria protetor, feroz e possessivo. Mas Luc, se você não puder amá-lo, se você não puder se conectar com ele, você irá prejudicá-lo.

Luc olhou para o fogo. As chamas lamberam as toras, comendo a madeira e colocando para fora tanto calor que certamente poderia derreter a parede de gelo dentro dele. Kar estava certa. O garoto provavelmente seria humano, seriam necessários pais que pudessem amá-lo.

Foi esse um dos motivos pelo qual aceitara tão bem ter filhotes

com Ula, ela era *pricolici*, de modo que a prole teria sido levantada ao mundo mais duro dos wargs, onde os machos existiam para proteger, não criar.

Luc poderia definitivamente proteger.

Criar? Ele fechou os olhos, mas eles se abriram quando Kar pegou sua mão e colocou-a em sua barriga.

— Você não pode senti-lo ainda. Não é nem mesmo uma batida. Mas está lá. Seu bebê.

Algo dentro dele rachou um pouco. Mas essa fissura minúscula parecia um terremoto em sua alma. *Seu bebê*. E se ele não gostasse? E se ele não pudes-se amá-lo? Ele retirou sua mão para longe como se essa coisa dentro fosse uma víbora.

— Eu... ah... — ele saltou sobre seus pés, uma perda completa. Então ele girou para a porta. — Você ouviu isso?

Kar olhou para cima, sua expressão cheia de ceticismo. Sem dúvida, ela achou que ele estava tentando pular fora da conversa.

— Ouvi o quê?

— Eu não sei. Poderia ser um ramo de uma árvore caindo — A tempestade acabara deixando apenas o silêncio em seu rastro. Ele diminuiu cautelosa-mente para a janela, mas se manteve de costas para a parede como se olhasse para fora.

Kar pressionou-se sobre seus pés.

— Você vê alguma coisa?

Um brilho de metal contra o campo branco lhe trouxe arrepios.

— Fique abaixada.

Kar afundou-se em seus quadris suavemente, sua formação Aegis e instintos wargs manifestando-se.

— O que é isso?

— Eu acho que os assassinos encontraram você.

— Droga — ela respirava. — Onde estão suas armas?

— Você quer dizer, além do fuzil e espingarda apoiados ao lado da porta, as seis espingardas e pistolas nas outras paredes e o arco no canto em pé?

Ela deu-lhe um olhar seco.

— Sim, além dessas.

— Eu tenho um baú cheio de variadas lâminas em meu quarto e, no andar de baixo, na caixa de metal, eu tenho dinamites.

— Sério? — Perguntou ela e quando ele sorriu, ela retribuiu o sorriso. — Demais.

Ele quase riu, algo que ele não fazia há muito tempo. Mas porra, quantas mulheres realmente se iluminavam como lanternas quando você mencionava que havia explosivos em casa?

— Eu preciso que você desça e fique quieta. Vou ver se eu posso tirá-los daqui.

— Eu acho que não.

— Faça-o — ele latiu. — O porão é escondido, eles poderiam suspeitar que você está aqui, mas mesmo que eles entrem, o que eles não vão, eles não serão capazes de encontrá-la.

— Luc, eu não acho que isso seja uma boa ideia. — Ela olhou para a arma perto da porta. — Eu posso estar grávida, mas eu não sou impotente.

— Isso não é porque você está grávida — Mulheres humanas grávidas são tratadas como se fossem feitas de vidro, mas antes mesmo dele ter sido transformado, ele sabia que elas eram mais duras do que isso. Ele viu sua mãe passar por três gestações, trabalhando tão duro na fazenda quanto seu pai, até ela entrar em trabalho de parto. E as mães wargs eram ainda mais duras do que isso, lutavam e caçavam até o dia de darem à luz.

— Então o quê? — De repente, ela endureceu e um rosnado

baixo e letal retumbou em seu peito.

— Kar? O que é isso?

— Lobisomens. — Seus olhos brilharam e seus lábios empalideceram em seus dentes. — Não são os Aegis. São wargs. Eu os sinto. Um monte deles.

Um bloco de gelo caiu na boca do estômago Luc.

— Exterminadores. As equipes enviadas para destruir os Wargs Feast — E então ele sentiu... uma onda de violência batendo sobre ele como um tsunami erguendo-se para fora do inferno. Seu sangue trovejou em suas veias, sua pele ficou apertada e suas articulações esticadas ao ponto da dor.

— Luc — Kar ofegou e ele virou-se para ela. Ela dobrou-se, apertando seu estômago. — Eu sinto... uma mudança. É como se eu precisasse... matar.

Quando muitos wargs uniam-se para lutar, todos mudavam, não impor-tava a época do mês, a hora do dia. Kar definitivamente não precisava estar lá fora, matando com sua mordida venenosa.

— Vá para abaixo! — Sua voz estava distorcida, como um rosnado, mas ela entendeu e arrastou-se até o porão. Com as pontas longas em garra de suas mãos, ele fechou a escotilha e rolou o tapete sobre ele.

Cambaleando, ele abriu a porta, mesmo com seu corpo cerrado, à beira de se contorcer em sua forma animal.

A floresta ao redor tornara-se viva, repleta de movimentos. De um lado, *varcolac*, distinguível dos nascidos wargs por seus tamanhos variados e cores de pele, e do outro lado, *pricolici*, maioria escura, todos fortes e prontos para carregar os outros.

— Que diabos! — Luc balançou a cabeça em direção ao grito. Seis seres humanos (Guardiões, se sua riqueza de armas fosse qualquer indicação) estavam perto do rio, no meio do que estava prestes a ser um unhas e dentes do inferno.

Luc saiu exatamente quando os dois lados dos wargs

encontraram-se. Os Guardiões entraram em ação, enviando flechas para a briga. Mas um mirou em Luc, treinado em pistola.

O único pensamento de Luc enquanto a bala atravessava seu peito foi que durante anos ele não se importou se vivesse ou morresse. Agora ele importava-se, mas poderia ser tarde demais.

†††††

O Harrowgate abriu-se para a neve no chão, a luz do sol cegando no céu, com o limpo e nítido estalo de tiros no vento.

Con lidou com a neve profunda em suas canelas quase correndo, com Wraith em seus calcanhares. Sin, E, Lore e Shade estavam logo atrás. Tayla voltou para a UG para encontrar os médicos.

Não seja tarde demais. Não seja tarde demais...

Ao chegarem mais perto, o som inconfundível de batalha vibrou no ar. Gritos, grunhidos de gelar o sangue e o cheiro de sangue guiaram-nos. A cabana de Luc estava talvez cinquenta metros à frente quando os músculos de Con bloquearam-se e ele engasgou e tropeçou em seus próprios pés quando trombou em uma árvore. Sin pegou-o, seu forte corpo pronto contra o dele.

— O que há de errado? Con?

Ele não podia responder. Sua garganta havia se fechado e o único som que ele podia fazer era um rosnado. Ele estava se transformando e não havia nada que pudesse fazer para deter a transformação. Ele só poderia diminuir os danos e, o mais rápido que pôde, ele retirou sua camisa e sua calça.

— O que está acontecendo? — A voz de Sin parecia distante e depois Eidolon tirou-a de perto.

— A batalha dos wargs. Ele está se transformando. Ele vai ficar bem. Temos que ir. — O som de tiros interrompeu-o e então madeiras em pedaços pulverizaram ao lado da cabeça de Sin. — Merda! Assassinos.

Assassinos que tentaram matar Sin.

Eles tentaram matar minha mulher.

Não importava que o pensamento fosse insano. Que não fosse verdade. Que nunca poderia ser verdade. Algo escuro alcançou-o e agarrou-se a Con, espremendo os pensamentos racionais de seu cérebro, e antes mesmo dele estar totalmente transformado, ele lançou-se ao grupo dos humanos engajados na batalha com dezenas de wargs. A cena foi um caos. Wargs lutando entre si e os assassinos na neve que virou uma lama rosa, sangrenta.

Ele saltou, com água na boca enquanto se preparava para morder um assassino. No ar, uma massa cinzenta de pele colidiu com ele. Os dentes do warg fixaram-se em seu ombro e suas garras cavaram as costelas de Con e, suficientemente louco, foi o assassino condenado que levou a lâmina que separou a cabeça do warg de seu pescoço, provavelmente salvando a vida de Con.

Vagamente, ele ouviu a ordem de Eidolon para seus irmãos reunirem os Guardiões sem matá-los, algo sobre Tay e Ky querendo-os vivos, e em seguida outro *pricolici* atingiu Con e nada mais importava que não fosse a batalha. O aperto dos ossos entre seus dentes, o gosto de sangue em sua língua.

Ele não sabia quanto tempo a batalha durara quando sentiu uma picada em seu flanco. Girando, ele virou para sua fonte... Sin?

Ela estava a poucos metros de distância, um arco mirado em sua direção. Uma escaldante agonia roubou sua respiração enquanto seu corpo virava do avesso, torcendo-se e transformando-se até que ele estava de volta a sua forma humana. Ela teria o atingido com um dardo do Aegis de metamorfose e, caramba, a mudança doeu por acontecer em uma velocidade não natural assim. Ele caiu de joelhos, a neve gelada raspando sua pele nua. Um rosnado pavoroso soou atrás dele e Sin, movendo-se com uma graça felina, lançou-se como uma estrela da manhã no próximo warg enquanto atirava com seu arco. As lesões não seriam fatais, mas os wargs caídos no chão estavam incapacitados por ela pelo seu ótimo golpe.

— Você é... boa para caramba — ele falou asperamente.

O rosado induzido pelo frio em seu rosto deu-lhe uma expressão fresca e brincalhona enquanto ela jogava sua roupa.

— Eu sou feita de coisas incríveis. — Ela ofereceu uma mão.

— Desculpe o dardo, mas Eidolon não sabe qual destes lobisomens é Luc e ele precisa de sua ajuda. — Ele poderia ser macho e não aceitar sua ajuda, mas nesse momento sua perna não estava estável, ele foi machucado por uma dúzia de garras e feridas de mordidas, e, realmente, ele pegaria isso como desculpa para tocá-la. — Eu pensei que se transformando você se curasse.

O mundo inclinou-se e girou um pouco, e, merda, parando o passeio, ele estava pronto para ir embora.

— Nós todos nos curamos em níveis diferentes, dependendo de nossa espécie e do tipo de feridas. Confie em mim, eu me curei bastante com essa mudança. — Não tanto quanto ele teria gostado, mas pelo menos ele não estava sangrando. Ele resmungou e levantou-se. Todos em volta, a batalha desenrola-va-se e Sin derrubou outro warg com um tiro sobre o ombro enquanto ele arrancava o dardo de sua coxa e o jogava ao chão. — Alguém já verificou a caba-na de Luc?

— Não que eu saiba. — Ela franziu a testa. — Parece que os *varcolac* estão recuando.

Sim, eles estavam. O chão estava cheio de corpos e de wargs feridos, alguns dos quais começavam a mudança à medida que a batalha diminuía. Ele puxou sua calça jeans e colocou a camisa sobre a cabeça.

— Vamos lá. Vamos procurar na cabana.

Sin balançou a cabeça.

— Eu vou ajudar os meninos. Vá você. — Antes que ele pudesse argu-mentar, ela estava fora e em ação.

— Sin — ele chamou por ela. — Tenha cuidado. Você ainda tem assassi-nos atrás de você.

Ela lhe acenou com uma mão e derrubou um warg com a outra.

Cristo. A fêmea dar-lhe-ia um ataque cardíaco.

Vinte e Um

— Bem?

Luc jogou uma tora no fogo e lançou um olhar para Kar por cima do ombro, que estava enrolada em um cobertor no sofá. O fogo rugia quente e Luc havia movido o sofá para perto da lareira, mas ela ainda estava com frio. Era tudo o que podia fazer para não se deitar com ela e adicionar seu calor a seu corpo. Ele queria (se ela tivesse FS, ele já fora exposto). Mas ela não o deixava chegar perto.

O curioso era que ela não estava tão doente como ela deveria estar se tivesse contraído a doença. Talvez não fosse FS. Ou talvez Wargs Feast se afetassem de forma diferente. De qualquer maneira, ele precisava entrar em contato com Eidolon. Ele ligou para o hospital e para o apartamento de *E*, mas nada. E ninguém parecia saber onde ele estava.

Inferno, ele não conseguia entrar em contato com nenhum dos irmãos. Ou Con. Se ele não pudesse contactar Eidolon em breve, ele teria que fazer uma corrida para o Harrowgate à luz do dia, com assassinos ou não.

— Luc, nós precisamos conversar.

— Você está doente. Você precisa descansar.

Ela esforçou-se para sentar-se e ele ficou de pé para ajudá-la.

— Não me toque — disse ela, mas era tarde demais. Ele ajudou-a a sentar-se e recuou.

— Kar, você realmente precisa descansar. Se isto for FS...

— Se for FS — ela disse calmamente, — então o que eu

preciso fazer é conversar.

Bem, isso o manteve alerta. Ela queria manter sua mente fora disso tudo e ele seria um grande bastardo se não permitisse.

— Ok, sim. Sobre o que você quer falar?

Ela olhou-o como se ele fosse um idiota. Como as fêmeas conseguiam isso mesmo quando estavam com círculos de exaustão sob seus olhos e com erupções de febre no rosto, ele não fazia ideia.

— Você ainda está cantando essa mesma música? Eu posso nomear menos coisas que nós *não* temos necessidade de falar do que as que nós temos.

— Isso é sobre o garoto? Porque eu não vejo como grande problema. Você fica aqui, tem-no e nós o criamos.

Kar escondeu o rosto entre as mãos e balançou a cabeça.

— Quanto tempo se passou desde que você era um humano?

Ele piscou com isso.

— Eu tinha 24 quando fui mordido. Isso foi em 1918.

Foi sua vez de piscar.

— Uau. Você é velho.

— Obrigado — ele murmurou.

— Como você conseguiu não engravidar mais ninguém em todo esse tempo? — Ela estreitou os olhos para ele. — Ou você tem um monte de filhotes correndo por aí?

Ele jogou mais lenha no fogo, apesar de não precisar.

— Não, eu não tenho filhos.

— Você lembra como era ser criança? Ter pais?

O fogo crepitava e sibilava como se o insultasse responder às perguntas idiotas de Kar. Ele agarrou um gancho para fogo e golpeou

as toras.

— Foi há muito tempo.

— Isso não foi o que eu perguntei — disse ela calmamente.

— A virada do século não era um tempo bom para ser o oitavo filho de uma família pobre — Nem um pouco. Ele foi criado em uma fazenda no Centro-Oeste, foi introduzido ao trabalho árduo, antes que tivesse três anos. Seus pais eram tão bons quanto eles poderiam ter sido, mas quando cada hora do dia era usada com o trabalho, quer na fazenda ou na cozinha, não havia muito tempo para jogos ou carinhos. Aos dezesseis anos, ele saiu de casa, juntou-se à carreira militar e nunca olhou para trás.

Exceto... que ele tinha. Os soldados com quem ele lutara na França se tornaram a família unida que ele nunca teve. Pelo menos, até quando eles começaram a morrer em batalha. Um massacre deixou-o sozinho e ferido, vagando pela floresta, na tentativa de escapar do inimigo. Ele foi encontrado, mas não por um inimigo humano.

Um lobisomem o atacou. Ele conseguiu combatê-lo, mas depois ficou deitado por lá, tão mutilado que assim que o inimigo humano o encontrou, eles deixaram-no para morrer.

Ele transformou-se em um lobisomem naquela noite, curou suas feridas e acordou na manhã seguinte deitado entre os restos de uma dúzia de soldados americanos.

Soldados que ele matou.

Doente, assustado e confuso, ele foi dado como desertor. Ele mal se lembrava de como sobreviveu depois de tudo, agindo apenas por instinto e pelo desejo de matar o monstro que o infectou. Três anos mais tarde, seu reprodutor estava morto e Luc retornou aos Estados Unidos.

— O que aconteceu? — Kar perguntou.

— Eu fui para a guerra, fui mordido por um warg e quando cheguei em casa, eu descobri que quatro de meus irmãos e irmãs e minha mãe morreram de gripe. Meu irmão mais velho foi morto em um acidente na agricultura. E meu pai cuidava do que restava de sua

mente.

Luc tentou ajudar, acorrentou-se no celeiro em noites de lua cheia, mas em seu terceiro mês, ele libertou-se, matou o gado e mordeu seu irmão mais novo, Jeremias. O que aconteceu depois levou Luc aos limites e a uma existência solitária.

Jeremias transformou-se em um lobisomem na noite seguinte, matou seu pai e irmã. Quando acordou e percebeu o que fizera, ele tirou sua própria vida.

Luc caiu no chão e recostou-se contra as almofadas do sofá.

— E por causa de mim, porque eu mordi meu irmão, eu perdi o resto de minha família.

— Hey — Kar disse gentilmente, enquanto deitava sua mão em seu ombro. O gesto íntimo e confortante surpreendeu a Luc e fez sua garganta se fechar um pouco. Ela tinha todos os motivos para odiá-lo, usá-lo para a proteção e nada mais, mas ela ainda estava tentando tirar o melhor proveito de uma situação de merda.

— O quê? — Ele afastou-se, torcendo-se de modo que ficou de frente para ela.

— Eu sei que você não quer isso. Um bebê também não estava exatamente em minha lista de coisas a fazer. — Ela esfregou sua barriga e um sorriso minúsculo frisou em sua boca. — Mas eu amo o pequeno guri agora. Eu quero isso e eu vou fazer de tudo para protegê-lo. Isso significa que eu vou protegê-lo de você, também.

— Você acha que eu iria prejudicar meu próprio filho?

— Não intencionalmente. Você seria protetor, feroz e possessivo. Mas Luc, se você não puder amá-lo, se você não puder se conectar com ele, você irá prejudicá-lo.

Luc olhou para o fogo. As chamas lamberam as toras, comendo a madeira e colocando para fora tanto calor que certamente poderia derreter a parede de gelo dentro dele. Kar estava certa. O garoto provavelmente seria humano, seriam necessários pais que pudessem amá-lo.

Foi esse um dos motivos pelo qual aceitara tão bem ter filhotes

com Ula, ela era *pricolici*, de modo que a prole teria sido levantada ao mundo mais duro dos wargs, onde os machos existiam para proteger, não criar.

Luc poderia definitivamente proteger.

Criar? Ele fechou os olhos, mas eles se abriram quando Kar pegou sua mão e colocou-a em sua barriga.

— Você não pode senti-lo ainda. Não é nem mesmo uma batida. Mas está lá. Seu bebê.

Algo dentro dele rachou um pouco. Mas essa fissura minúscula parecia um terremoto em sua alma. *Seu bebê*. E se ele não gostasse? E se ele não pudes-se amá-lo? Ele retirou sua mão para longe como se essa coisa dentro fosse uma víbora.

— Eu... ah... — ele saltou sobre seus pés, uma perda completa. Então ele girou para a porta. — Você ouviu isso?

Kar olhou para cima, sua expressão cheia de ceticismo. Sem dúvida, ela achou que ele estava tentando pular fora da conversa.

— Ouvi o quê?

— Eu não sei. Poderia ser um ramo de uma árvore caindo — A tempestade acabara deixando apenas o silêncio em seu rastro. Ele diminuiu cautelosa-mente para a janela, mas se manteve de costas para a parede como se olhasse para fora.

Kar pressionou-se sobre seus pés.

— Você vê alguma coisa?

Um brilho de metal contra o campo branco lhe trouxe arrepios.

— Fique abaixada.

Kar afundou-se em seus quadris suavemente, sua formação Aegis e instintos wargs manifestando-se.

— O que é isso?

— Eu acho que os assassinos encontraram você.

— Droga — ela respirava. — Onde estão suas armas?

— Você quer dizer, além do fuzil e espingarda apoiados ao lado da porta, as seis espingardas e pistolas nas outras paredes e o arco no canto em pé?

Ela deu-lhe um olhar seco.

— Sim, além dessas.

— Eu tenho um baú cheio de variadas lâminas em meu quarto e, no andar de baixo, na caixa de metal, eu tenho dinamites.

— Sério? — Perguntou ela e quando ele sorriu, ela retribuiu o sorriso. — Demais.

Ele quase riu, algo que ele não fazia há muito tempo. Mas porra, quantas mulheres realmente se iluminavam como lanternas quando você mencionava que havia explosivos em casa?

— Eu preciso que você desça e fique quieta. Vou ver se eu posso tirá-los daqui.

— Eu acho que não.

— Faça-o — ele latiu. — O porão é escondido, eles poderiam suspeitar que você está aqui, mas mesmo que eles entrem, o que eles não vão, eles não serão capazes de encontrá-la.

— Luc, eu não acho que isso seja uma boa ideia. — Ela olhou para a arma perto da porta. — Eu posso estar grávida, mas eu não sou impotente.

— Isso não é porque você está grávida — Mulheres humanas grávidas são tratadas como se fossem feitas de vidro, mas antes mesmo dele ter sido transformado, ele sabia que elas eram mais duras do que isso. Ele viu sua mãe passar por três gestações, trabalhando tão duro na fazenda quanto seu pai, até ela entrar em trabalho de parto. E as mães wargs eram ainda mais duras do que isso, lutavam e caçavam até o dia de darem à luz.

— Então o quê? — De repente, ela endureceu e um rosnado

baixo e letal retumbou em seu peito.

— Kar? O que é isso?

— Lobisomens. — Seus olhos brilharam e seus lábios empalideceram em seus dentes. — Não são os Aegis. São wargs. Eu os sinto. Um monte deles.

Um bloco de gelo caiu na boca do estômago Luc.

— Exterminadores. As equipes enviadas para destruir os Wargs Feast — E então ele sentiu... uma onda de violência batendo sobre ele como um tsunami erguendo-se para fora do inferno. Seu sangue trovejou em suas veias, sua pele ficou apertada e suas articulações esticadas ao ponto da dor.

— Luc — Kar ofegou e ele virou-se para ela. Ela dobrou-se, apertando seu estômago. — Eu sinto... uma mudança. É como se eu precisasse... matar.

Quando muitos wargs uniam-se para lutar, todos mudavam, não impor-tava a época do mês, a hora do dia. Kar definitivamente não precisava estar lá fora, matando com sua mordida venenosa.

— Vá para abaixo! — Sua voz estava distorcida, como um rosnado, mas ela entendeu e arrastou-se até o porão. Com as pontas longas em garra de suas mãos, ele fechou a escotilha e rolou o tapete sobre ele.

Cambaleando, ele abriu a porta, mesmo com seu corpo cerrado, à beira de se contorcer em sua forma animal.

A floresta ao redor tornara-se viva, repleta de movimentos. De um lado, *varcolac*, distinguível dos nascidos wargs por seus tamanhos variados e cores de pele, e do outro lado, *pricolici*, maioria escura, todos fortes e prontos para carregar os outros.

— Que diabos! — Luc balançou a cabeça em direção ao grito. Seis seres humanos (Guardiões, se sua riqueza de armas fosse qualquer indicação) estavam perto do rio, no meio do que estava prestes a ser um unhas e dentes do inferno.

Luc saiu exatamente quando os dois lados dos wargs

encontraram-se. Os Guardiões entraram em ação, enviando flechas para a briga. Mas um mirou em Luc, treinado em pistola.

O único pensamento de Luc enquanto a bala atravessava seu peito foi que durante anos ele não se importou se vivesse ou morresse. Agora ele importava-se, mas poderia ser tarde demais.

†††††

O Harrowgate abriu-se para a neve no chão, a luz do sol cegando no céu, com o limpo e nítido estalo de tiros no vento.

Con lidou com a neve profunda em suas canelas quase correndo, com Wraith em seus calcanhares. Sin, E, Lore e Shade estavam logo atrás. Tayla voltou para a UG para encontrar os médicos.

Não seja tarde demais. Não seja tarde demais...

Ao chegarem mais perto, o som inconfundível de batalha vibrou no ar. Gritos, grunhidos de gelar o sangue e o cheiro de sangue guiaram-nos. A cabana de Luc estava talvez cinquenta metros à frente quando os músculos de Con bloquearam-se e ele engasgou e tropeçou em seus próprios pés quando trombou em uma árvore. Sin pegou-o, seu forte corpo pronto contra o dele.

— O que há de errado? Con?

Ele não podia responder. Sua garganta havia se fechado e o único som que ele podia fazer era um rosnado. Ele estava se transformando e não havia nada que pudesse fazer para deter a transformação. Ele só poderia diminuir os danos e, o mais rápido que pôde, ele retirou sua camisa e sua calça.

— O que está acontecendo? — A voz de Sin parecia distante e depois Eidolon tirou-a de perto.

— A batalha dos wargs. Ele está se transformando. Ele vai ficar bem. Temos que ir. — O som de tiros interrompeu-o e então madeiras em pedaços pulverizaram ao lado da cabeça de Sin. — Merda! Assassinos.

Assassinos que tentaram matar Sin.

Eles tentaram matar minha mulher.

Não importava que o pensamento fosse insano. Que não fosse verdade. Que nunca poderia ser verdade. Algo escuro alcançou-o e agarrou-se a Con, espremendo os pensamentos racionais de seu cérebro, e antes mesmo dele estar totalmente transformado, ele lançou-se ao grupo dos humanos engajados na batalha com dezenas de wargs. A cena foi um caos. Wargs lutando entre si e os assassinos na neve que virou uma lama rosa, sangrenta.

Ele saltou, com água na boca enquanto se preparava para morder um assassino. No ar, uma massa cinzenta de pele colidiu com ele. Os dentes do warg fixaram-se em seu ombro e suas garras cavaram as costelas de Con e, suficientemente louco, foi o assassino condenado que levou a lâmina que separou a cabeça do warg de seu pescoço, provavelmente salvando a vida de Con.

Vagamente, ele ouviu a ordem de Eidolon para seus irmãos reunirem os Guardiões sem matá-los, algo sobre Tay e Ky querendo-os vivos, e em seguida outro *pricolici* atingiu Con e nada mais importava que não fosse a batalha. O aperto dos ossos entre seus dentes, o gosto de sangue em sua língua.

Ele não sabia quanto tempo a batalha durara quando sentiu uma picada em seu flanco. Girando, ele virou para sua fonte... Sin?

Ela estava a poucos metros de distância, um arco mirado em sua direção. Uma escaldante agonia roubou sua respiração enquanto seu corpo virava do avesso, torcendo-se e transformando-se até que ele estava de volta a sua forma humana. Ela teria o atingido com um dardo do Aegis de metamorfose e, caramba, a mudança doeu por acontecer em uma velocidade não natural assim. Ele caiu de joelhos, a neve gelada raspando sua pele nua. Um rosnado pavoroso soou atrás dele e Sin, movendo-se com uma graça felina, lançou-se como uma estrela da manhã no próximo warg enquanto atirava com seu arco. As lesões não seriam fatais, mas os wargs caídos no chão estavam incapacitados por ela pelo seu ótimo golpe.

— Você é... boa para caramba — ele falou asperamente.

O rosado induzido pelo frio em seu rosto deu-lhe uma expressão fresca e brincalhona enquanto ela jogava sua roupa.

— Eu sou feita de coisas incríveis. — Ela ofereceu uma mão.

— Desculpe o dardo, mas Eidolon não sabe qual destes lobisomens é Luc e ele precisa de sua ajuda. — Ele poderia ser macho e não aceitar sua ajuda, mas nesse momento sua perna não estava estável, ele foi machucado por uma dúzia de garras e feridas de mordidas, e, realmente, ele pegaria isso como desculpa para tocá-la. — Eu pensei que se transformando você se curasse.

O mundo inclinou-se e girou um pouco, e, merda, parando o passeio, ele estava pronto para ir embora.

— Nós todos nos curamos em níveis diferentes, dependendo de nossa espécie e do tipo de feridas. Confie em mim, eu me curei bastante com essa mudança. — Não tanto quanto ele teria gostado, mas pelo menos ele não estava sangrando. Ele resmungou e levantou-se. Todos em volta, a batalha desenrola-va-se e Sin derrubou outro warg com um tiro sobre o ombro enquanto ele arrancava o dardo de sua coxa e o jogava ao chão. — Alguém já verificou a caba-na de Luc?

— Não que eu saiba. — Ela franziu a testa. — Parece que os *varcolac* estão recuando.

Sim, eles estavam. O chão estava cheio de corpos e de wargs feridos, alguns dos quais começavam a mudança à medida que a batalha diminuía. Ele puxou sua calça jeans e colocou a camisa sobre a cabeça.

— Vamos lá. Vamos procurar na cabana.

Sin balançou a cabeça.

— Eu vou ajudar os meninos. Vá você. — Antes que ele pudesse argu-mentar, ela estava fora e em ação.

— Sin — ele chamou por ela. — Tenha cuidado. Você ainda tem assassi-nos atrás de você.

Ela lhe acenou com uma mão e derrubou um warg com a outra.

Cristo. A fêmea dar-lhe-ia um ataque cardíaco.

Vinte e Dois

As botas de Con pareciam estar cheias de chumbo enquanto ele marchava pelas terras rochosas do santuário dampiro na Escócia do norte. A brisa noturna trazia com ela o cheiro do oceano, o sabor de ar salgado e o fedor de wargs nervosos.

Chalés de telhados de palha pontilhavam a paisagem musgosa, mas era para a grande estrutura de madeira no estilo de uma fortificação que Con estava se dirigindo. Na base da colina gramada, onde neblina ficara como sopa em uma tigela, pesados cavaletes de mesa e cadeiras eram visíveis na névoa como picos de montanhas escapando de uma cobertura de nuvens. Não importava o tempo, dampiros preferiam estar do lado de fora, fosse conduzindo reuniões de negócios ou celebrando um feriado.

Agora, os membros do Conselho de Dampiros estavam reunidos na área, assim como vários membros do Conselho Warg, inclusive Valko e Raynor. Enquanto Con se aproximava, a sensação familiar de sua pele apertando-se intensificou-se.

— *Conall* — a voz profunda de Valko estalou como um chicote e todos viraram-se para Con. — Onde você esteve? Você sabia que tem uma guerra acontecendo? Os malditos *varcolac* nos atacaram.

Raynor virou-se para Valko.

— Porque *alguém* deixou escapar o fato de que só nós somos afetados pelo vírus! Você sabia que isso aconteceria e agora você está usando os ataques como uma desculpa para nos exterminar.

Valko zombou.

— Não foram os *pricolici* que vazaram a informação. Mas nós vamos terminar essa guerra. Seus vira-latas estão prontos na corrida pela batalha no Canadá...

— Não — Con interrompeu. — O Aegis e o exército humano vão acabar com isso. O vírus sofreu uma mutação e está afetando os *pricolici* agora.

Cada gota de cor sumiu do rosto de Valko nesse momento.

— O quê? Tem certeza?

— Muita.

As pernas de Valko pareceram ceder e ele afundou em um banco.

— Você encontrou uma cura? Uma vacina? Onde está Sin?

Ouvir o nome de Sin vindo de uma escória warg levantou o temperamen-to de Con.

— Por que você se importa? Você a queria morta.

Os olhos de Valko quase saltaram do crânio.

— Ela está morta?

Con não respondeu.

— Diga-me quem você contratou, Valko — ele foi em direção ao warg, preparado para arrancar uma confissão dele, mas Raynor o bloqueou.

— Alguma vacina foi desenvolvida?

— Está perto — Con disse firmemente. — E a ironia é que, se a vacina funcionar, é tudo por causa da Warg Fest que vocês tentaram matar.

Isso calou todos, todos exceto Bran, que deu uma risada alta até que alguém chamou seu nome.

Uma fêmea alta e esguia galopava na direção deles, suas longas

pernas comendo terra.

— Milorde — ela arfou enquanto parava na frente deles. — Tem um problema... uma fêmea de demônio na propriedade.

Uma lambida de mal-estar passou por Con, mas ele se segurou, pois de jeito nenhum Sin teria vindo aqui...

— Ela exige ver Conall — a garota terminou e Con disse um palavrão.

— Que droga! — Os palavrões de Sin carregados pelo vento, e apesar da ansiedade de Con que aumentava, ele sentiu um vislumbre de um sorriso tocar seus lábios. Pelo menos, até ele vê-la, lutando contra o aperto de dois grandes machos, um fio de sangue no canto de sua boca.

A raiva rolou como uma tempestade, turvando desde seu intestino e chocando-se em seu crânio. Os pés dele estavam se movendo antes que seu cérebro banhado a fúria soubesse o que estava acontecendo. Ele atravessou a grama seca, cada passo separando as gavinhas finas de névoa que tocavam o chão.

— Solte-a — ele rugiu.

Enric deu um passo para trás, mas o outro, Baine, apertou-a mais forte. Sin aproveitou a vantagem de ter um braço livre e cobriu-o com um gancho de direita e uma joelhada na virilha. Baine caiu no chão, uma mão apertando o rosto, a outra segurando as bolas. Enric bateu em Sin, mas Con, seu sangue ainda correndo quente, agarrou-o e derrotou-o com uma série de golpes. Ele ia matar Enric por tocar em Sin. Ele ia rasgar seus...

— Con! — Sin segurou o braço dele, interrompendo seu ataque enquanto os membros do Conselho das três sociedades vinham correndo.

O corpo ainda preso pela batalha e clamando para transformar seus companheiros dapiros em adubo[1], Con balançou-se de pé, esperando que alguém se mexesse na direção dele ou de Sin. Ela permaneceu na frente dele, suas tranças caídas sobre os ombros e sobre a blusinha sem mangas de couro preto que ela usava. Uma luz selvagem brilhou em seus olhos igualmente pretos, assim como algo tão primitivo quanto algo que chamava pelo macho nele: desejo. E,

quando ele sentiu o cheiro do sangue dela, fome.

Ele devia ter se afastado dela. Em vez disso, ele diminuiu a distância entre eles.

— Você não deveria estar aqui.

— Eu precisava te encontrar — ela lambeu os lábios, a ponta cor-de-rosa de sua língua capturando o sangue no canto da boca. O olhar dele focou-se no ato, a virilha dele encheu-se de calor e seus caninos pulsaram, e ele sentiu-se confuso, inclinando-se para ela, com água na boca, o pau endurecendo.

Ele mal conseguiu grunhir: — Por quê?

— Eu não podia deixar você fazer aquele negócio de juramento — ela falou em um sussurro, seu rosto inclinado para cima e ele quis beijá-la, reivindicar por ela bem ali contra o pano de fundo robusto onde seu povo esteve se encontrando por séculos. — Não consigo suportar a ideia de você perder sua liberdade.

Bran bateu as mãos, o som duro chamando a atenção de Con.

— Tirem-na daqui.

Raynor alcançou Sin, e oh, *não mesmo*. Con colocou-se entre os dois, as presas à mostra. Ele não disse uma maldita palavra. Não precisou. Raynor recuou, mas o ódio surgiu em seus olhos. Um ódio gelado e antigo para o qual Con não tinha explicação, mas no momento ele não dava a mínima.

Dando uma volta, ele pegou o braço de Sin e marchou com ela para longe do grupo. Céus, a pele dela era quente em sua mão e isso radiava direto para sua virilha.

— Você precisa ir embora — a voz dele era gutural, mal controlada. — Agora.

— Não — ela manteve-se firme e parou os dois.

Ele piscou.

— Não?

— Eu... — o olhar dela caiu para o chão e ela mudou o peso do corpo e de repente ele foi atingido por uma explosão de necessidade que saiu dela em uma onda de choque atômica. — Está na hora. Eu... eu preciso de você.

O orgulho feroz de macho o fez inflar como um galo.

— Você não *precisa* de mim — ele apertou os pulsos para evitar agarrá-la, beijá-la, fazer aquelas coisas públicas que ele disse que nunca faria. — Você poderia ter qualquer um se fosse o caso. Você me *quer*.

Ela bufou, uma resposta automática sem dúvida, mas então seu queixo tremeu, suavizando sua aparência, e, mais uma vez, ele sentiu-se um idiota.

— Sim, tudo bem? Eu quero você, eu sei que você tem aquele... — ela baixou a voz, — problema, mas podemos encontrar um jeito de contornar isso. Você não tem que me morder...

A mente dele deu uma pancada só de pensar nisso e, de repente, ele pôde ouvir o batimento do coração dela, o açoite do sangue dela correndo como corredeiras através das embarcações e, em volta dele, ele sentiu Bran e alguns outros dâmpiros aproximando-se.

— Afaste-se dela, Con — Bran gritou. Havia uma adaga em sua mão e ele estava concentrado em Sin. Os dedos gelados do *déjà vu* envolveram Con, estrangulando-o. A morte da mãe de Con pelos dentes do pai, o Conselho de Dâmpiros assumiu uma posição firme no vício.

Nenhuma outra tentativa de reabilitação.

Eles mataram a fonte, o que matou os desejos. Con não mentiu quando disse a Sin que era responsável pela morte de Eleanor. Ele só não matara a fêmea de transmorfo de leopardo.

Bran fizera isso com uma lâmina através do tronco cerebral. Eles nem deram a Con a chance de se conectar com ela.

Con empurrou Sin para detrás dele e recuou os dois na direção do Harrowgate.

— Eu cuido disso, Bran.

— Você conhece a lei — o machão disse.

— Eu *vou* cuidar disso.

— Vejo que vai cuidar — Bran disse, enquanto passava um dedo pela borda da lâmina. — Ou eu cuido.

†††††

Sin não fazia ideia da loucura que isso tudo fora, mas manteve a boca fechada enquanto ela e Con entravam no Harrowgate, manteve a boca fechada enquanto batia levemente no mapa até o portão abrir na extremidade leste de Londres, manteve a boca fechada enquanto ele rigidamente a conduzia para um apartamento a meio quarteirão de distância.

Enquanto ele fechava a porta atrás dele, ela estudava o comportamento tenso, o jeito como as feições cinzeladas dele aguçavam-se ainda mais quando ele estava nervoso. Mas ela não podia dizer se a raiva era direcionada a ela ou não.

A pergunta foi respondida quando ele a espreitou, toda a energia sensual e os músculos ondulados presos nos jeans gastos e em uma camiseta preta justa. Os lábios dele desceram aos dela e ela abriu para ele, encontrou a língua dele enquanto revestia seu corpo contra o dele. O desejo rugiu através dela, flamejando quente, mais quente do que já esteve com outra pessoa, mesmo no auge da necessidade dela. Esse era diferente. Tão puro quanto a neve em que eles fizeram amor.

Con a abraçou forte e, enquanto suas mãos afagavam as costas dela, elas não se dispersaram. Ele arrastou a boca pelo queixo dela, desceu para o pescoço, e então a beijou ali, bem em cima da jugular.

— Aquilo foi estupidez, Sin — ele murmurou contra a pele dela. — Você não devia ter ido para a Escócia.

— Estamos aqui, não estamos? Onde deveríamos estar.

O corpo inteiro dele ficou tenso e ele afastou-se.

— É. Mas... — o olhar dele baixou até a mão esquerda dela e ele pegou-a. — Que diabos? — Ele olhava para os dedos dela, ou, mais precisamente, para o dedo que faltava. A voz dele diminuiu para um ruído gutural. — O que aconteceu? Quem fez isso com você?

— Eu fiz isso comigo — ela disse gentilmente. — Eu desisti de meu anel mestre de assassina.

— Oh Jesus. Precisamos levar você para o hospital...

— Não há nada que possa ser feito e você sabe disso. Está curado — ela abanou os dedos. — E eu tenho nove de reserva.

Con fechou os olhos e quando os abriu eles estavam o cinza sombrio de uma nuvem sobrecarregada de chuva.

— Lamento.

— Não lamente. Você estava certo. Só porque eu não tinha dono não queria dizer que eu não era uma prisioneira. — Ela olhou a grande cama que era praticamente o único móvel do estúdio e arrastou-o para ela. — Agora — ela provocou, — estou pronta para mais daquelas preliminares que você esteve falando.

Ele interrompeu-a, parando subitamente a alguns passos da cama. Ela virou-se para encará-lo e tomou um fôlego apreciável quando o viu, seu olhar sombrio e predatório, as presas estendidas. Ele parecia meio selvagem, totalmente primitivo e, Deus, ele era tão gostoso. As narinas dele alargaram-se e os lábios separaram-se, e ela perguntou-se o que ele estava pensando.

Um olhar para a virilha dele lhe deu uma *grande* dica do estado da mente dele.

E rápido assim, ela esqueceu-se das preliminares, pois ela precisava dele dentro dela. *Agora mesmo*. Ela alcançou-o e assobiou.

— Você alimentou-se recentemente? — Ela perguntou, a ideia dele nutrir-se de outra pessoa acertando-a no estômago. É claro que ele teve que se alimentar. O problema do vício mantê-lo-ia para sempre longe de poder jantá-la. Bem, ele acabara de decidir pelo sangue empacotado, já que ele *não* enfiaria aquelas presas em outra

pessoa. — Con?

— Não — ele respondeu. — Estou faminto, Sin. Não só por sangue... por você.

Por ela. Ele a queria. Ele não só precisava dela; ele a *queria*, da mesma forma que ele a fez admitir querê-lo. Uma surpreendente sacudida de alegria pôs a pulsação dela em alta velocidade, mas isso era um atalho por uma explosão de calor e desejo que saía dele. A luxúria rasgou através dela em um emaranhado contorcido e ela gemeu. A visão dela alternadamente aguçava e embaçava, e o cheiro de um macho desperto na frente dela fluía através dela como um xarope afrodisíaco.

Ela deu um passo na direção dele, mas suas pernas ficaram como borracha e seus pés grudaram no chão. A fraqueza significava que ela foi tão longe que, a esse ponto, ela não tinha força nem para chegar a um Harrowgate para encontrar um homem. Que bom que Con estava ali, que bom que ele era quem ela queria e que bom que ele gostava de pegar pesado.

[1] Em inglês mulch, que é uma mistura que é colocada no solo para melhorar a agricultura.

Vinte e Três

As botas de Con pareciam estar cheias de chumbo enquanto ele marchava pelas terras rochosas do santuário dampiro na Escócia do norte. A brisa noturna trazia com ela o cheiro do oceano, o sabor de ar salgado e o fedor de wargs nervosos.

Chalés de telhados de palha pontilhavam a paisagem musgosa, mas era para a grande estrutura de madeira no estilo de uma fortificação que Con estava se dirigindo. Na base da colina gramada, onde neblina ficara como sopa em uma tigela, pesados cavaletes de mesa e cadeiras eram visíveis na névoa como picos de montanhas escapando de uma cobertura de nuvens. Não importava o tempo, dampiros preferiam estar do lado de fora, fosse conduzindo reuniões de negócios ou celebrando um feriado.

Agora, os membros do Conselho de Dampiros estavam reunidos na área, assim como vários membros do Conselho Warg, inclusive Valko e Raynor. Enquanto Con se aproximava, a sensação familiar de sua pele apertando-se intensificou-se.

— *Conall* — a voz profunda de Valko estalou como um chicote e todos viraram-se para Con. — Onde você esteve? Você sabia que tem uma guerra acontecendo? Os malditos *varcolac* nos atacaram.

Raynor virou-se para Valko.

— Porque *alguém* deixou escapar o fato de que só nós somos afetados pelo vírus! Você sabia que isso aconteceria e agora você está usando os ataques como uma desculpa para nos exterminar.

Valko zombou.

— Não foram os *pricolici* que vazaram a informação. Mas nós

vamos terminar essa guerra. Seus vira-latas estão prontos na corrida pela batalha no Canadá...

— Não — Con interrompeu. — O Aegis e o exército humano vão acabar com isso. O vírus sofreu uma mutação e está afetando os *pricolici* agora.

Cada gota de cor sumiu do rosto de Valko nesse momento.

— O quê? Tem certeza?

— Muita.

As pernas de Valko pareceram ceder e ele afundou em um banco.

— Você encontrou uma cura? Uma vacina? Onde está Sin?

Ouvir o nome de Sin vindo de uma escória warg levantou o temperamen-to de Con.

— Por que você se importa? Você a queria morta.

Os olhos de Valko quase saltaram do crânio.

— Ela está morta?

Con não respondeu.

— Diga-me quem você contratou, Valko — ele foi em direção ao warg, preparado para arrancar uma confissão dele, mas Raynor o bloqueou.

— Alguma vacina foi desenvolvida?

— Está perto — Con disse firmemente. — E a ironia é que, se a vacina funcionar, é tudo por causa da Warg Fest que vocês tentaram matar.

Isso calou todos, todos exceto Bran, que deu uma risada alta até que alguém chamou seu nome.

Uma fêmea alta e esguia galopava na direção deles, suas longas pernas comendo terra.

— Milorde — ela arfou enquanto parava na frente deles. — Tem um problema... uma fêmea de demônio na propriedade.

Uma lambida de mal-estar passou por Con, mas ele se segurou, pois de jeito nenhum Sin teria vindo aqui...

— Ela exige ver Conall — a garota terminou e Con disse um palavrão.

— Que droga! — Os palavrões de Sin carregados pelo vento, e apesar da ansiedade de Con que aumentava, ele sentiu um vislumbre de um sorriso tocar seus lábios. Pelo menos, até ele vê-la, lutando contra o aperto de dois grandes machos, um fio de sangue no canto de sua boca.

A raiva rolou como uma tempestade, turvando desde seu intestino e chocando-se em seu crânio. Os pés dele estavam se movendo antes que seu cérebro banhado a fúria soubesse o que estava acontecendo. Ele atravessou a grama seca, cada passo separando as gavinhas finas de névoa que tocavam o chão.

— Solte-a — ele rugiu.

Enric deu um passo para trás, mas o outro, Baine, apertou-a mais forte. Sin aproveitou a vantagem de ter um braço livre e cobriu-o com um gancho de direita e uma joelhada na virilha. Baine caiu no chão, uma mão apertando o rosto, a outra segurando as bolas. Enric bateu em Sin, mas Con, seu sangue ainda correndo quente, agarrou-o e derrotou-o com uma série de golpes. Ele ia matar Enric por tocar em Sin. Ele ia rasgar seus...

— Con! — Sin segurou o braço dele, interrompendo seu ataque enquanto os membros do Conselho das três sociedades vinham correndo.

O corpo ainda preso pela batalha e clamando para transformar seus companheiros dapiros em adubo[1], Con balançou-se de pé, esperando que alguém se mexesse na direção dele ou de Sin. Ela permaneceu na frente dele, suas tranças caídas sobre os ombros e sobre a blusinha sem mangas de couro preto que ela usava. Uma luz selvagem brilhou em seus olhos igualmente pretos, assim como algo tão primitivo quanto algo que chamava pelo macho nele: desejo. E, quando ele sentiu o cheiro do sangue dela, fome.

Ele devia ter se afastado dela. Em vez disso, ele diminuiu a distância entre eles.

— Você não deveria estar aqui.

— Eu precisava te encontrar — ela lambeu os lábios, a ponta cor-de-rosa de sua língua capturando o sangue no canto da boca. O olhar dele focou-se no ato, a virilha dele encheu-se de calor e seus caninos pulsaram, e ele sentiu-se confuso, inclinando-se para ela, com água na boca, o pau endurecendo.

Ele mal conseguiu grunhir: — Por quê?

— Eu não podia deixar você fazer aquele negócio de juramento — ela falou em um sussurro, seu rosto inclinado para cima e ele quis beijá-la, reivindicar por ela bem ali contra o pano de fundo robusto onde seu povo esteve se encontrando por séculos. — Não consigo suportar a ideia de você perder sua liberdade.

Bran bateu as mãos, o som duro chamando a atenção de Con.

— Tirem-na daqui.

Raynor alcançou Sin, e oh, *não mesmo*. Con colocou-se entre os dois, as presas à mostra. Ele não disse uma maldita palavra. Não precisou. Raynor recuou, mas o ódio surgiu em seus olhos. Um ódio gelado e antigo para o qual Con não tinha explicação, mas no momento ele não dava a mínima.

Dando uma volta, ele pegou o braço de Sin e marchou com ela para longe do grupo. Céus, a pele dela era quente em sua mão e isso radiava direto para sua virilha.

— Você precisa ir embora — a voz dele era gutural, mal controlada. — Agora.

— Não — ela manteve-se firme e parou os dois.

Ele piscou.

— Não?

— Eu... — o olhar dela caiu para o chão e ela mudou o peso

do corpo e de repente ele foi atingido por uma explosão de necessidade que saiu dela em uma onda de choque atômica. — Está na hora. Eu... eu preciso de você.

O orgulho feroz de macho o fez inflar como um galo.

— Você não *precisa* de mim — ele apertou os pulsos para evitar agarrá-la, beijá-la, fazer aquelas coisas públicas que ele disse que nunca faria. — Você poderia ter qualquer um se fosse o caso. Você me *quer*.

Ela bufou, uma resposta automática sem dúvida, mas então seu queixo tremeu, suavizando sua aparência, e, mais uma vez, ele sentiu-se um idiota.

— Sim, tudo bem? Eu quero você, eu sei que você tem aquele... — ela baixou a voz, — problema, mas podemos encontrar um jeito de contornar isso. Você não tem que me morder...

A mente dele deu uma pancada só de pensar nisso e, de repente, ele pôde ouvir o batimento do coração dela, o açoite do sangue dela correndo como corredeiras através das embarcações e, em volta dele, ele sentiu Bran e alguns outros dâmpiros aproximando-se.

— Afaste-se dela, Con — Bran gritou. Havia uma adaga em sua mão e ele estava concentrado em Sin. Os dedos gelados do *déjà vu* envolveram Con, estrangulando-o. A morte da mãe de Con pelos dentes do pai, o Conselho de Dâmpiros assumiu uma posição firme no vício.

Nenhuma outra tentativa de reabilitação.

Eles mataram a fonte, o que matou os desejos. Con não mentiu quando disse a Sin que era responsável pela morte de Eleanor. Ele só não matara a fêmea de transmorfo de leopardo.

Bran fizera isso com uma lâmina através do tronco cerebral. Eles nem deram a Con a chance de se conectar com ela.

Con empurrou Sin para detrás dele e recuou os dois na direção do Harrowgate.

— Eu cuido disso, Bran.

— Você conhece a lei — o machão disse.

— Eu *vou* cuidar disso.

— Vejo que vai cuidar — Bran disse, enquanto passava um dedo pela borda da lâmina. — Ou eu cuido.

†††††

Sin não fazia ideia da loucura que isso tudo fora, mas manteve a boca fechada enquanto ela e Con entravam no Harrowgate, manteve a boca fechada enquanto batia levemente no mapa até o portão abrir na extremidade leste de Londres, manteve a boca fechada enquanto ele rigidamente a conduzia para um apartamento a meio quarteirão de distância.

Enquanto ele fechava a porta atrás dele, ela estudava o comportamento tenso, o jeito como as feições cinzeladas dele aguçavam-se ainda mais quando ele estava nervoso. Mas ela não podia dizer se a raiva era direcionada a ela ou não.

A pergunta foi respondida quando ele a espreitou, toda a energia sensual e os músculos ondulados presos nos jeans gastos e em uma camiseta preta justa. Os lábios dele desceram aos dela e ela abriu para ele, encontrou a língua dele enquanto revestia seu corpo contra o dele. O desejo rugiu através dela, flamejando quente, mais quente do que já esteve com outra pessoa, mesmo no auge da necessidade dela. Esse era diferente. Tão puro quanto a neve em que eles fizeram amor.

Con a abraçou forte e, enquanto suas mãos afagavam as costas dela, elas não se dispersaram. Ele arrastou a boca pelo queixo dela, desceu para o pescoço, e então a beijou ali, bem em cima da jugular.

— Aquilo foi estupidez, Sin — ele murmurou contra a pele dela. — Você não devia ter ido para a Escócia.

— Estamos aqui, não estamos? Onde deveríamos estar.

O corpo inteiro dele ficou tenso e ele afastou-se.

— É. Mas... — o olhar dele baixou até a mão esquerda dela e ele pegou-a. — Que diabos? — Ele olhava para os dedos dela, ou, mais precisamente, para o dedo que faltava. A voz dele diminuiu para um ruído gutural. — O que aconteceu? Quem fez isso com você?

— Eu fiz isso comigo — ela disse gentilmente. — Eu desisti de meu anel mestre de assassina.

— Oh Jesus. Precisamos levar você para o hospital...

— Não há nada que possa ser feito e você sabe disso. Está curado — ela abanou os dedos. — E eu tenho nove de reserva.

Con fechou os olhos e quando os abriu eles estavam o cinza sombrio de uma nuvem sobrecarregada de chuva.

— Lamento.

— Não lamente. Você estava certo. Só porque eu não tinha dono não queria dizer que eu não era uma prisioneira. — Ela olhou a grande cama que era praticamente o único móvel do estúdio e arrastou-o para ela. — Agora — ela provocou, — estou pronta para mais daquelas preliminares que você esteve falando.

Ele interrompeu-a, parando subitamente a alguns passos da cama. Ela virou-se para encará-lo e tomou um fôlego apreciável quando o viu, seu olhar sombrio e predatório, as presas estendidas. Ele parecia meio selvagem, totalmente primitivo e, Deus, ele era tão gostoso. As narinas dele alargaram-se e os lábios separaram-se, e ela perguntou-se o que ele estava pensando.

Um olhar para a virilha dele lhe deu uma *grande* dica do estado da mente dele.

E rápido assim, ela esqueceu-se das preliminares, pois ela precisava dele dentro dela. *Agora mesmo*. Ela alcançou-o e assobiou.

— Você alimentou-se recentemente? — Ela perguntou, a ideia dele nutrir-se de outra pessoa acertando-a no estômago. É claro que ele teve que se alimentar. O problema do vício mantê-lo-ia para sempre longe de poder jantá-la. Bem, ele acabara de decidir pelo sangue empacotado, já que ele *não* enfiaria aquelas presas em outra

pessoa. — Con?

— Não — ele respondeu. — Estou faminto, Sin. Não só por sangue... por você.

Por ela. Ele a queria. Ele não só precisava dela; ele a *queria*, da mesma forma que ele a fez admitir querê-lo. Uma surpreendente sacudida de alegria pôs a pulsação dela em alta velocidade, mas isso era um atalho por uma explosão de calor e desejo que saía dele. A luxúria rasgou através dela em um emaranhado contorcido e ela gemeu. A visão dela alternadamente aguçava e embaçava, e o cheiro de um macho desperto na frente dela fluía através dela como um xarope afrodisíaco.

Ela deu um passo na direção dele, mas suas pernas ficaram como borracha e seus pés grudaram no chão. A fraqueza significava que ela foi tão longe que, a esse ponto, ela não tinha força nem para chegar a um Harrowgate para encontrar um homem. Que bom que Con estava ali, que bom que ele era quem ela queria e que bom que ele gostava de pegar pesado.

[1] Em inglês mulch, que é uma mistura que é colocada no solo para melhorar a agricultura.

Vinte e Quatro

Sharla ÚltimoNomeNãoImporta esfregou seu corpo nu contra o de Con, expondo seu esbelto pescoço.

— Tome-me, Conall.

Ele precisava. Muito. Seu corpo não estava respondendo ao convite sexual dela, mas ele poderia forçar a si mesmo pelo menos a tomar o sangue. A falta de alimentação estava deixando-o fraco, mas até agora, seu estômago rebelara-se contra tudo que ele colocou para dentro, desde comida até alguns goles de sangue que ele tomou de um humano macho vagabundo ontem à noite depois que chutou Sin.

O fato de que ele a expulsou para salvar a vida dela não o fez se sentir melhor sobre isso.

As mãos de Sharla deslizaram sobre seu peito nu e então para baixo, sobre seu tenso abdômen para o cós de seu jeans. Ela era prática... como um cisne, uma humana que de boa vontade se submeteu ao sangue e às necessida-des sexuais de vampiros em troca da embriaguez que eles davam, ela sabia o que era esperado dela. Mas Con não queria nada do que ela corajosamente oferecia.

Ele ainda não tinha certeza de como conseguiu entrar no Revenant, um clube gótico subterrâneo, não com círculos negros sob os olhos e buracos profundos em suas bochechas, sinais clássicos de vampiros com fome extrema que normalmente significava não ter acesso. Clubes não se poderiam permitir ter seus clientes rasgados por comedores fora de controle. Mas ele supôs que o fato de que ele era um frequentador o dera um passe livre e não levou muito tempo até que os cisnes encontrassem-no. Ele viu outros vampiros alimentarem-se de Sharla, sabia que ela poderia lidar com grosseiros.

Suas presas estenderam-se e ele perguntou-se se ela poderia também lidar com perigosos.

Inclinando a cabeça dela, Sharla ficou na ponta de seus pés para que sua garganta estivesse apenas a alguns centímetros de seus lábios. Seu sangue baqueava através de suas veias, enchendo seus ouvidos com a música mais doce. Ele apenas desejou que Sin desempenhasse isso.

— Estou pronta — Sua voz estava rouca, necessitada e cheia de desespero fútil, e ele perguntou-se se ele provaria drogas no sangue dela.

Con engoliu em seco, o que parecia estranho pela forma que sua boca estava molhada. Ele precisava disto, mas isso parecia tão errado, como se ele estivesse sendo infiel com Sin.

De certa forma, ele supôs, ele estava.

Os dedos de Sharla apertaram seus quadris, incitando-o.

A porta voou aberta. Colidiu na parede forte o suficiente para rebocar e cair no tapete. Con girou, instintivamente colocando a humana atrás dele. Seu coração bateu forte, sua respiração raspou em sua garganta e quando ele olhou para os olhos duros e gelados do macho em frente a ele, ele soube que estava morto.

Os olhos de Shade moveram-se para Sharla.

— Saia.

— Vá se foder, seu babaca — ela cuspiu, saindo de trás de Con, mas ficando perto. Ela era bocuda, mas não estúpida.

Con agarrou seu ombro e assentiu.

— Vá.

Olhando para Shade, ela recolheu suas roupas e empurrou por ele, não se preocupando em se vestir. Shade fechou a porta e Con preparou-se para uma luta. Em seu estado enfraquecido, Con não se poderia colocar muito em batalha, e Shade chutaria sua bunda. A coisa era, ele não poderia trazer à luz muito *dou-uma-merda*.

— Estou surpreso que você esteja sozinho — Con disse. — Pensei que todos vocês gostariam de matar um pedaço de mim.

— Por quê? Por tentar vincular-se com Sin contra sua vontade,

ou por machucá-la?

— Ambos.

— Tão sedutor quanto parece, não estou aqui para matá-lo. Ela nos implorou que não fizéssemos e nós devemos a você por salvar a vida dela — Shade cavou no bolso de sua jaqueta e tirou uma bolsa de sangue, que ele jogou na cama.

Con respirou fundo.

— Isso é...

— De Sin.

Surpresa balançou Con para trás. Seu corpo inteiro tremeu e levou tudo o que tinha para não lançar-se sobre isso. Mas ele definitivamente não podia afastar seu olhar daquilo.

— Não posso. Estou tentando desintoxicar.

— Você está uma bagunça. Beba. Volte para o hospital comigo e nós podemos desintoxicar você lá. Você terá uma melhor chance de sucesso e será muito mais rápido e um inferno de muito menos doloroso. Nós temos tido muita experiência com Wraith.

— Eu resolverei. Não posso ir ao hospital. — Não com Sin em volta. Seria como agitar uma bandeira vermelha em frente a um touro. — E não vou tocar nisso.

— Não seja um idiota. Beba a porra do sangue.

— Não.

Shade veio para ele e Con encontrou-o, de frente. Eles estavam nariz com nariz, peito com peito e Con podia sentir a agressão saindo de Shade. O demônio queria derramar sangue tanto quanto Con queria bebê-lo.

— Você é completamente suicida? — Ele rosnou. — Você está sofrendo e não precisa. Sin não gostaria de vê-lo assim.

Sin provavelmente amaria vê-lo assim.

— Para trás, Shade — A adrenalina de Con subiu em uma maré de raiva, sua fome no pico, sua fúria de si mesmo atingindo o ponto máximo, criando um temperamento cáustico que o tinha pronto para bater os dentes do demônio.

Shade empurrou o peito de Con.

— Seu estúpido filho da puta. Você sabe que se desintoxicar sozinho é arriscado como a merda e a única razão do caralho para estarmos deixando-o vivo é sabermos que não é um perigo para Sin, então beba!

Con balançou e foi adiante. Punhos voaram e móveis quebraram enquanto jogavam um no outro ao redor do quarto. A força diminuída de Con tornou-se um fator e não demorou muito para que Shade estivesse arreganhando-o, o antebraço sobre sua garganta enquanto apertava a sacola na boca de Con. Con balançou sua cabeça, seus dentes firmemente cerrados, mas o cheiro embriagador de Sin estava em toda a unidade e suas presas alongaram-se não importando quão forte ele desejasse que se retraísse.

Shade foi implacável em sua determinação e ele manteve pressão na bolsa, arranhando para frente e para trás na boca de Con. Finalmente o plástico rasgou na ponta de um dos caninos e uma gota de sangue pingou sobre sua língua. O corpo inteiro de Con sacudiu como se uma corrente elétrica tivesse disparado através dele.

Fim de jogo. Louco da vida com necessidade, ele agarrou o pulso de Shade e segurou sua mão firme enquanto ele mordida profundamente a sacola. A essência de Sin fluíu para sua garganta, iluminando-o por dentro. Ele gemeu ao sentir o gosto, ao sentir o alívio da fome dolorosa que o dominara com força. Ele desejou que Sin estivesse ali. Desejava poder afundar em seu corpo enquanto devastava sua garganta. Ele tomá-la-ia forte e rápido, ouvindo seus gritos de prazer... seus gritos.... seu sangue.

Con... pare. A voz quase penetrou sua alimentação agitada. Sin estava debaixo dele, seus esforços ineficazes contra sua nova força e necessidade.

Hey, saia de mim. Não, não estava acontecendo. Ele teria que morder novamente, porque a veia em que ele estava tinha acabado... Talvez ele tivesse drenado-a. Terror brotou através de sua sede de sangue, perfurando o vício.

— Con! Merda! — Voz masculina. Profunda.

Con piscou, saindo de sua névoa para ver Shade abaixo dele. A ereção de Con empurrava forte contra a coxa de Shade, e sim... não era legal.

Ofegante e tremendo como uma folha, Con saiu de cima dele.

— Ah... Eu não... Isso foi, ah... Não foi para você.

— Eu espero que não, porra! — Shade murmurou. Ele rolou facilmente para seus pés, aparentemente imperturbável, mas então, ele era um demônio do sexo e Con duvidou muito que o tivesse perturbado quando chegou a isso. E ver como Con era milhares de anos mais velho e fizera muita coisa, não o deve ter perturbado, também. Exceto que Shade era o irmão da mulher que ele desejava e... Eca.

Con permaneceu no chão, sentado sobre seus quadris. Esfregou suas mãos sobre seu rosto, de repente exausto.

— Deuses, eu odeio isso.

— Venha para o hospital — O casaco preto de couro de Shade rangeu enquanto ele cruzava seus braços sobre o peito e Con sabia que esse argumento era fracassado. Mas sua cabeça dura não poderia ceder facilmente.

— Não posso.

— Você deixou Sin aquecendo para você e então a esmagou debaixo de suas botas — a voz profunda de Shade caiu uma oitava.

— O mínimo que você pode fazer é ficar limpo. E, amigo, eu te disse, largue o vício para que você não seja um perigo para Sin, ou nós vamos colocá-lo no chão.

Justo e não menos do que Con merecia.

— A desintoxicação... vai ser feia. Você terá que me manter enjaulado ou acorrentado.

— Sou um especialista nisso. — Havia um brilho de humor negro nos olhos de Shade enquanto ele apontava para a porta. —

Vamos.

†††††

Sin precisava de sexo.

A necessidade não era tão ruim ainda a ponto de doer, mas não teria muito tempo antes das cólicas, suor e náuseas baterem nela. Ela adiou porque a ideia de estar com alguém que não fosse Con a deixou doente.

Isso a fez chorar, também, mas ela não estava prestes a admitir para ninguém. Nem mesmo Lore.

Ela passou a noite na casa dele, um barracão na Carolina do Norte que ele raramente utilizava agora que vivia na Itália com Idess. Felizmente, ele ficou longe, mesmo que provavelmente ele soubesse que tinha estado lá. Ainda assim, ele e os outros três irmãos tentaram falar com ela a cada quinze minutos e ela finalmente teve que desligar o telefone apenas para manter sua sanidade. Esta manhã quando verificou suas mensagens, ela encontrou quarenta.

Ela deletou todas, sem ouvir. Mas a mensagem de texto que ela acabara de receber de Shade enquanto estava sentada no bar em um clube demônio fez seu coração parar. Aparentemente, Con estava no UG e seria melhor se ela ficasse longe.

Sem problema. Ser sentida pelo demônio bonito e de pele carmesim Sora atrás dela era o que ela queria fazer de qualquer maneira.

Seu coração bateu em sua caixa torácica, chamando-a de mentirosa.

As mãos fortes de Sora agarraram seu quadril, seu amplo peito cobrindo suas costas e a saliência em seus jeans era uma insistente picada em sua bunda. Não muito tempo atrás, ela teria respondido, teria transado com ele no banheiro ou na pista de dança, fazendo uso de seu rabo multi-talentoso por agora. Em vez disso, tudo o que ela podia pensar era em Con.

— Bastardo — ela rosnou em sua caneca de cerveja.

— Isso não é coisa para se dizer ao homem que fará você gritar seu nome — ele disse, enquanto cheirava seu pescoço. Seus dentes tilintavam contra a corrente ao redor da garganta dela e ela jurou que a sentiu apertar.

Ela esvaziou sua cerveja enquanto as mãos dele deslizavam sob sua saia de couro, a ponta de seus dedos roçando o material de seda de sua calcinha.

Dor correu como um raio através dela, propagando da mão do homem todo o caminho até seus órgãos, que de repente sentiu como se eles estivessem mudando, reorganizando, amarrando-se em nós. Ofegante, ela saltou do banco do bar e correu para fora, onde o único e mofado cheiro de Bangkok fez seu estômago se rebelar na calçada. O que diabos estava acontecendo com ela?

Tomando grandes goles de ar poluído, ela inclinou-se contra a lateral do prédio, que abrigava uma prostituição subterrânea e um salão de drogas em frente, e o clube de demônios atrás. Os sons da vida noturna obscena abafaram o pulso latejante nos ouvidos de Sin; eram quatro horas da manhã e essa parte da cidade ainda estava viva. Cada vício, cada fetiche, não importa quão ilegal e repugnante, poderia ser satisfeito em Bangkok e a verdade universal permanecia em vigor aqui: perversidade preferia a cobertura da escuridão.

Enquanto a náusea diminuía, a necessidade de Sin voltava na frente e no centro, uma presença dolorida e tremente. Ela nunca odiara mais o que ela era do que agora. Antes de Con, seu corpo era uma ferramenta, algo tão impessoal como martelo. Agora parecia seu, como se ela finalmente o possuísse, controlas-se-o, e a ideia de compartilhar com qualquer um senão Con...

Foda-se. *Restabeleça-se.* Ela roçou o segurança na porta e caminhou diretamente para a multidão de pessoas contorcendo-se na pista de dança. Luzes induzindo convulsões piscavam ao ritmo Techno-pop da música enquanto Sin se aliviava contra um grande homem Bedim. Eles eram uma raça sensual de pele escura cujos jovens do sexo masculino foram forçados a sair de suas comunidades há dez anos para experimentar a vida fora. Ao retornarem, eles receberiam um harém de mulheres, mas até então, eles precisavam encontrar prazer em outros lugares.

Ele virou-se para ela, seu sorriso masculino, algo que deveria ter iniciado seus motores. Seu corpo estava cheio de necessidade, mas enquanto ele alisava seus braços nus, apenas calafrios se seguiram.

— Toque-me — ela resmungou e ele sorriu, mudando suas mãos para os seios.

Instantaneamente, seu estômago rebelou-se novamente e ela afastou-se dele, ofegante, orando para que ela não perdesse o resto de seu jantar líquido na pista de dança. Rapidamente, ela agarrou-se a outro homem e balançou-se ao redor dele. Ela espalmou sua virilha... e perdeu. Totalmente explodiu pedaços sobre as calças apertadas de zebra dele. Que, realmente, precisava ser tirada de sua miséria, porque olá, anos 80 já passaram.

Humilhação balançou-a e ela cambaleou para fora do bar. Sua luxúria não diminuiu e também tinha fome por Con. Ele vinculara-se com ela depois de tudo?

Um pensamento horrível a envolveu. Quando um macho Sems vinculava-se a uma fêmea, eles não poderiam sequer transar com qualquer outra fêmea além de sua companheira. E se as fêmeas Sems passassem por algo semelhante? Algo que a fizesse incapaz de nunca dormir com outro homem?

Sua cabeça nadava com as possibilidades horríveis, ela saltou para um Harrowgate para UG.

Quando ela saiu, viu Tayla falando com Serena, que segurava um contorcido Stewie em seus braços. Sabendo que pelo menos um de seus irmãos estaria perto, Sin olhou em volta e, como previsto, Eidolon, vestido em seu usual uni-forme verde, surgiu de uma das salas de exame.

Sin marchou até ele.

— Onde está Con?

Eidolon entregou uma prancheta a uma enfermeira.

— Ele está desintoxicando. Você não pode vê-lo.

— Não me importo se ele está dançando balé em uma cafeteria. Eu preciso dele.

— Sin, não pode. Você só vai colocá-lo de volta...

— Eu não me importo! — Ela praticamente gritava agora e

suas cunha-das dirigiam-se para ela. Droga. Ela não precisava de mais testemunhas para sua fraqueza e vergonha. Ela iria encontrar Con sozinha. Ela empurrou, passando por seu irmão, mas ele agarrou seu braço e balançou-a de volta.

— Não vou deixar você perto dele.

— Então você pode me ver morrer — Ela afastou-se dele, incapaz de suportar seu toque, não porque fazia mal a ela, mas porque ela não conseguia lidar com carinho agora.

Seus olhos estreitaram-se.

— Do que você está falando?

— Lembra quando eu disse que Con tentou vincular-se comigo? Bem, parece que ele não apenas *tentou*. *Ele fez*.

Por um momento, Eidolon ficou em pé ali, franzindo a testa e então seus olhos alargaram-se.

— Então você não pode...

— Não. Não posso.

— Merda.

— Exatamente. Agora onde ele está?

Vinte e Cinco

Con não esperava ser hospedado em um quarto como se estivesse na suíte do hotel Hilton ou qualquer outro, mas ele imaginava que os irmãos Sem iriam pelo menos providenciar aquecimento.

Não tanto.

Aparentemente, temperatura super gelada ajudava a apressar a desintoxicação do vício de sangue. Como, Con não sabia, mas ele meio que suspeitava que os meninos estivessem torturando-o e isso estava funcionando. Ele estava congelando todo. Bem, ele congelava quando ele não estava ardendo em febre.

Con sentia calafrios no avental que *E* jogou para ele, ele andou de lá para cá no quarto, onde toda a mobília esperada foi retirada. Ele estava acorrentado no chão com uma algaema em volta de seus tornozelos que o permitia andar ao redor, mas somente durante pequenos períodos de lucidez, como este que vivenciava agora. Normalmente, ele era um animal irritado e violento, e quando ele sentia o início da fome tomá-lo, ele apertava um botão de chamada e um dos irmãos, junto com vários assistentes, amarravam-no na cama, sedavam-no e comprimiam um tubo de alimentação para baixo em sua garganta.

O sangue humano que era forçado em seu estômago mantinha-o vivo, mesmo quando a maioria voltava.

Merda, ele estava miserável. Ele olhava-se no espelho do banheiro e mal reconhecia sua face magra ou os profundos olhos que o encaravam de volta. Ele estava tão fraco que depois de apenas um par de minutos caminhando ele precisava descansar, mas então, seu

período de lucidez durava somente cerca de cinco minutos, de qualquer maneira.

Ele olhou para seu relógio. E em cerca de noventa segundos ele voltaria à insanidade, onde nada além de fome, violência e Sin existia.

Sin.

Ele ansiava por ela. Seu corpo todo se sentia machucado e o centro de seu peito apertava-se, falando que seu desejo era mais do que físico. Ele sentia sua falta, não conseguia parar de pensar sobre pequenas coisas idiotas, como o jeito que ela sorria. Como ela comia. Como sua voz abaixava e suavizava quando ele a tocava. Santo inferno, ele daria tudo para estar com ela como uma pessoa normal.

Mas isso nunca poderia acontecer e ele era o maior estúpido por sequer fantasiar sobre isso. O melhor que ele poderia esperar era ficar limpo e passar o resto de sua vida governando o clã dampiro. Participando dos rituais matinais com as fêmeas que ele provavelmente nunca gostaria.

A porta se abriu e Eidolon avançou para dentro.

— Vá para a cama.

Era um pouco cedo, mas Con não tinha energia para argumentar. Ele deitou firmemente enquanto Eidolon o amarrou... Mais forte do que o normal.

Con encarou.

— O quê, circulação em minhas extremidades é uma opção agora?

Eidolon puxou com força a alça de couro que cruzava sobre seu peito.

— Sin está aqui para vê-lo.

— O quê? — A voz de Con estava sufocada e não tinha nada a ver com a última amarra que Eidolon apertava sobre seu pescoço.

— Não! Você não pode deixá-la...

— Tarde demais. — Sin moveu-se para dentro do quarto do

jeito que ela sempre fazia, como uma nuvem de tempestade que agitava tudo e todos a sua volta. Ela estava embrulhada como um presente em couro preto, desde seu top de zíper e espartilho sem mangas e minissaia combinando com as botas lustradas que iam até seus joelhos, revelando a extensão torneada das coxas que ele lembrava-se de tocar. Beijar. Lembrava-se dessas pernas o envolvendo em torno de sua cintura e descansando nos dois lados de sua cabeça.

Febre caiu sobre ele, suas presas desceram em suas gengivas, sua visão apontou em sua direção como um olhar de laser e seu corpo inteiro forçou contra as amarras.

— Saia.

Eidolon obedeceu, mesmo que ele não fosse o receptor pretendido da ordem de Con. Ele, no entanto, lançou a Con um olhar ameaçador de advertência antes de fechar a porta atrás dele.

— Wow — Sin disse, suas botas de salto estalando sobre o chão à medida que ela se aproximava. — Eu não esperava uma festa nem nada, mas eu imaginei que você seria capaz de lidar com um oi.

— Eu estou falando sério — ele rangeu. — Saia.

— Bem, você sabe de uma coisa? — Ela amarrou seu cabelo para cima em um nó. — Eu gostaria, exceto que você se ligou a mim ou algo do tipo e eu preciso pegar emprestado seu pinto por um minuto.

Seu pau pulou em excitação pela novidade, mas Con franziu.

— Eu não posso ter me ligado a você. O vício teria acabado.

— Mesmo? Então me explique porque tocar outros caras me dá enjoo?

Tocar? Outros caras? Ele sabia que ela precisava fazê-lo, mas ouvi-la dizendo, saber que ela tentou... Uma terrível pressão comprimiu-se na cavidade de seu peito e em sua cabeça, e então ele ouviu um tipo de mostro no quarto...

— Hey — ele piscou com a forte dor aguda em seu peito, viu

Sin parada em seu lado, sua palma aberta e pronta para bater de novo. — Esse grito de fúria e tentativa de sair de suas amarras não é atraente. — Ela alcançou o cós e os botões do avental. Ele já estava duro, dolorosamente também, e pronto, agora ele percebeu o porquê de Eidolon deixar a correia de seu quadril desamarrada.

— Desculpe-me — ele disse, instintivamente tentando levantar seu quadril para ajudá-la a arrancar suas calças, mas Eidolon deixou sua perna e cintura amarradas muito apertadas para qualquer movimento. — *Eu quero afundar meus dentes em sua garganta e beber até que você grite para eu parar...*

Ele tinha acabado de dizer isso? Fan-foda-tástico. Parecia que ele estava entrando em breves momentos de clareza seguido por divertidos momentos de insanidade assassina.

Sin ergueu suas escuras sobrelanceiras para ele.

— Você realmente sabe como encantar uma garota. — Rolando seu lábio inferior entre seus dentes, ela voltou para seu quadril, onde seu pau agora estava livre, o cós de seu avental cirúrgico acomodado desconfortavelmente sob suas bolas. Por alguma razão ela pareceu hesitante em tocá-lo.

— O que... — ele engoliu, dentes apertados, por que ele estava em um momento de existência não homicida e ele queria continuar nele. — O que está errado?

— Nada. — Ela balançou sua cabeça vivamente e então agarrou seu eixo. Sentir seu calor, sua palma macia nele o fez gemer e seu sorriso aliviado o fez gemer de novo.

— Agora, Sin — ele sussurrou. — Antes que eu perca o controle de novo.

Ela não argumentou. Ela retirou suas calças, com cuidado para ela não se prender em seus dois coldres da coxa, levantou sua camisa e subiu na cama. Montada sob seu quadril, ela o guiou para dentro dela.

Oh, sim... Ela estava quente e molhada e seu corpo foi feito para isso. Feito para ele.

— Sin...

— Shh. — Ela jogou sua cabeça para trás e o conduziu. — Eu não posso... escutar sua voz. Não nesse momento. — Com cada deslize de seu sexo por seu eixo, sua bota raspava contra seu quadril. Ele queria tocá-la, pegar um punhado de sua mecha de cabelo azul escuro e a segurar para seu beijo, sua mordida.

Ele uivou de frustração, seus dedos enrolaram em sua palma tão forte que doía. Mas o prazer aumentava, as ondas cresciam amplamente e o impactava rapidamente enquanto ela se embalava sob ele. Ela bateu suas mãos em seu peito, cravando-o com suas unhas, agarrando-o à medida que pequenos choramingos saíam de seus lábios semiabertos.

Isso foi bom, estupidamente bom. Ele fez um grande esforço, tentando bombear seus quadris, coincidir com o ritmo dela. Seus dedos esticaram-se, mas tudo o que podia alcançar era o cabo de uma de suas adagas. Se ele pudesse obtê-las, ele poderia cortar-se livre. Então, ele poderia tê-la do jeito que ele queria...

— Por favor — ela engasgou. — Goze.

Seu corpo obedeceu, um escravo de seu desejo. Seu clímax foi tão arden-temente quente que seu prazer era quase doloroso. Sin gritou, seu corpo se arqueou, um longo e gracioso trabalho de arte. Com o orgasmo (na verdade, ele achava que ela alcançara uns três ou quatro) diminuindo ela estremeceu e desabou sobre seu peito. Em seu interior, seu coração foi à loucura, como se pudesse chegar até ela. Mas ainda algo mais profundo, algo mais sinistro despertou, a necessidade de cravar os dentes nela e drenar até sua última gota de sangue. Se ela se inclinasse mais para cima, só um pouco mais, ela estaria na faixa de sua boca...

— Con?

— Hmm? — Só mais um pouco...

— O que nós vamos fazer?

Fazer? Ele iria prová-la... Isso é o que ele ia fazer. Sin engoliu em seco alto o suficiente para ele ouvir. Ele engoleria também, grandes goles acetina-dos... *Pare com isso!*

— Con? Existe alguma maneira de sair desta ligação?

Ligação. *Ligação.* Merda! Chocado de seus maus pensamentos, ele respirou forte. Pesar e dor e cerca de um milhão de outras emoções torceram sobre ele. Eles estavam realmente fodidos. Seu pau contorceu-se dentro dela com calor, como se em adição ao silêncio, *literalmente*. Ela precisava de sexo e poderia fazê-lo apenas com dele, mas ele estava viciado em seu sangue e poderia matá-la se não estivesse preso. Eles estavam juntos por uma vida inteira de, bem... isso.

E isso se assumisse que seu clã não iria caçá-la e matá-la.

— Não — Ele resmungou.

Ela levantou sua cabeça, seus líquidos olhos negros.

— Portanto, para o resto de minha vida, eu estou basicamente acorrenta-da a você como eu estou a... — Ela parou, mas no mesmo momento, ele percebeu o colar em seu pescoço. Era um colar dos wargs, desenvolvido pelos mesmos demônios que originalmente criaram os Wargs Feast.

— *Que. Merda. É. Essa?* — *Sua voz era tão escura, tão deformada que ele mesmo mal conseguia entendê-la e Sin sentou-se rapidamente.* — *Quem escreveu isso?*

Seus dedos voaram até tocar o colar e então ela puxou-os de volta e os mexeu para fora dele.

— *É apenas uma coleira de cão. Moda atual.*

— *Não mente para mim, porra!* — *Ele rugiu. Ele ia matar o filho da puta. Quem quer que fosse, ele estava morto. Exceto que Con não poderia matá-lo. Não poderia nem mesmo se alimentar do bastardo com seus próprios dentes, porque qualquer coisa que fizesse com seu mestre, a dor seria sentida por Sin.*

Sin colocou sua roupa de baixo.

— *Con, está tudo bem.*

— *Besteira de merda de tudo bem!* — *Deus, ele queria derramar um pouco de sangue e foi realmente um alívio que não era o de Sin que ele queria derramar.* — *Diga-me.*

Sin evitou contato com os olhos enquanto ela puxava para cima seu uniforme

— Raynor.

— Como? — Con perguntou entre os dentes cerrados. — Como ele Che-gou até você? — Com seu ódio e medo da escravidão, não havia nenhuma maneira dela se inscrever para uma vida de propriedade por nada menos do que uma ameaça de morte.

Mas ela não temia sua própria morte... Então ela estava protegendo alguém.

— Quem ele ameaçou matar, Sin? Um de seus irmãos? Diga-me. Agora. — Dor nublou seus olhos enquanto ela finalmente se virou para ele e seu estômago apertou-se. — Eu? É a mim?

— Sable — ela sussurrou. — Sable e seu filho. Talvez você como um bônus. Raynor sabe. Você também deve saber que a pessoa que explodiu sua casa e tentou me matar é um warg nascido chamado Lycus. Eu só não sei o *porquê* ele queria me ver morta assim.

— Valko. — Ele soltou uma sequência longa e vil de maldições em várias línguas. — Eu apostaria minha vida que Valko o colocou nessa situação. Ele a queria morta, para que você não pudesse ajudar a encontrar uma cura para a doença.

A raiva de sua alma destruída fez seu sangue virar ácido e corroer parte do que restava de sua lucidez. Ele foi traído pelo Conselho dos Wargs, sua família estava em perigo e Sin, que, finalmente, depois de uma centena de anos, escapara do vínculo de um monstro, agora era vinculada a dois. A raiva montou, e junto com ela a necessidade de se alimentar, seu olhar vidrou na garganta de Sin.

Isso precisava acabar e enquanto ele não tinha certeza de como tirar Sin de seu vínculo com Ray, ele sabia exatamente como tirá-la do que a amarrava a ele. Porque ele mentiu. *Existia* uma saída. Seus dedos acariciaram o punhal que ele conseguiu retirar de sua bainha e deixou escorrer embaixo de sua perna. Antes de ele cair completamente dentro do buraco negro da sede de sangue, ele rosnou: — Chame Eidolon. E Luc.

Ela assentiu com a cabeça, fazendo as extremidades de seu rabo de cavalo balançar contra a tatuagem de seu pescoço que ele sempre quis lambe. Ele ofegou, respirando através da loucura que o sufocava. Ele não podia deixá-la sair sem a deixar saber...

— Sin, eu... merda... — Ele respirou fundo, sugando por três vezes maciças quantidades de ar e então parou de respirar quando seus dedos se fecharam em torno dele.

— O que foi?

— Aquelas coisas que eu disse... no apartamento. Não quis dizê-los. Eu tive que libertar você... para que meu clã não a matasse.

Lágrimas nadaram nas profundezas negras de seus olhos.

— Oh, Con — ela sussurrou. — Nós nunca poderemos ficar juntos se eu não estiver ligada a você, poderemos?

— Não — Ele suspirou.

Sua garganta, cremosa e deliciosa, trabalhou uma dura engolida.

— Então... vincule-se a mim. Faça-o. Para acabar sendo para ambos os lados.

Jesus. O que ela estava pedindo, apenas... Jesus. Seus próprios olhos ardiam com a magnitude do que ela acabara de dizer. Depois de toda a luta, ela estava disposta a entregar-se a ele, para dar a única coisa que ela orara por toda sua vida: sua liberdade.

Con *nunca* poderia tirar isso dela.

— Sim — Ele mentiu e não era que ele estava ficando bom nisso? — Não agora... Estou com fome. Mais tarde. Você precisa... confiar em mim. — Ele apertou a mão dela, superconsciente de seu pulso sob as pontas de seus dedos. — Minha...

Ela disse algo, mas ele não sabia o quê. Uma névoa vermelha lavou sua visão e seu cérebro tornou-se totalmente animal para pensar. Tudo o que soube depois foi fome e ódio.

Con estava um desastre. Não importava o que Eidolon fizesse, o vampiro ficava mais violento e mais fraco. Muito pouco do sangue ficava dentro e Eidolon estava tão desesperado que ele ainda tentou alimentar o cara com o sangue de Lore, esperando que a semelhança com Sin tivesse algum tipo de efeito positivo.

Nada.

Então, em um momento estranho, de um transe de clareza, Con dissera sobre o novo vínculo de Sin com Raynor e, em seguida, pediu para tirar e armazenar amostras de tudo, de sangue, saliva e até de seu sêmen. Agora Eidolon estava do lado de fora da porta do quarto de Con, com Gem, Shade, Wraith e Kynan, esperando que qualquer coisa que Luc esivesse fazendo lá dentro acabasse. Con foi lacônico sobre suas razões para a retirada das amostras e ver Luc, e Eidolon teve que se perguntar se a mente de Con começava a se perder.

Eidolon esperava que não. Con jurou que ia quebrar o “vínculo que deu errado com Sin” e que era melhor ser verdade. Quanto ao outro vínculo, aquele com o lobisomem... Eidolon forçou sua raiva para permanecer branda e lenta até que Wraith e Lore tivessem alguma informação útil sobre o cara e o colar que ele usou em Sin.

— Hey. — Falando do demônio, Lore apareceu em um canto, uma pilha de papéis em sua mão enluvada. — Tenho algumas informações sobre este chupador Raynor.

Wraith levantou uma sobrancelha.

— Você usou seus contatos assassinos?

— E a Internet. — Lore sorriu. — Sério, eu tenho certeza que a invenção do ciber espaço foi trabalho do diabo.

Eidolon não duvidava disso.

— Onde está Sin?

— Ela está na creche, ajudando Serena e Runa com as

crianças.

A creche era uma nova adição do hospital, ideia de Serena. Ela e Runa passavam tanto tempo no UG que fazia sentido criar um lugar seguro para os bebês brincarem. Além disso, fazia a vida mais fácil para os funcionários com crianças. Serena ajudava quando ela e Wraith não estavam fora em uma caça ao tesouro, ou apenas uma caça. Runa agora dirigia esse departamento e Idess ajudava já que ela trabalhava no hospital de qualquer maneira.

Eidolon ainda balançava sua cabeça em espanto cada vez que entrava na creche para encontrar Wraith ou Shade dando carinho e alimentando os bebês. Shade sempre adorou crianças, mas Wraith... *E* nunca pensou que ele veria o dia em que Wraith estaria confortável e feliz com uma criança frágil em seus braços.

Em parte Eidolon não podia esperar para chegar a vez de Tayla estar grávida. Seu instinto Seminus para reproduzir com sua companheira estava ficando mais intenso e Tay finalmente começava a concordar, agora que sua irmã gêmea, Gem, carregava seu bebê. Só de pensar em sua companheira crescendo pelo seu filho deixava Eidolon inquieto e Tayla estava provavelmente com sorte que ela não estivesse aqui agora, ou ele a teria contra a parede, fazendo seu melhor para que isso acontecesse.

Gem parou de tocar em uma de suas mechas pretas azuladas para deixar suas mãos em sua barriga.

— Lore, o que você descobriu?

— Que esse cara é bom em manter suas mãos limpas. — Lore entregou os papéis para Shade passar ao redor. — Sua foto está aí, residência suspeita, locais favoritos. Ele é dono de um feirão de automóveis em Pittsburgh que está dando um bom lucro. Ele tem um monte de inimigos, mas eles fugiram como moscas. Nada pode ser fixado a ele, mas seu rastro cheira a assassinos.

— E você saberia — Kynan murmurou, mas foi uma gozação bem-humorada e os lábios de Lore contorceceram-se à medida que ele virou-se para o humano. Eles costumavam ser amargos inimigos e apesar deles não serem exatamente amigos, eles se deram bem e normalmente se encontravam no ginásio da UG de vez em quando.

Eidolon virou-se para Wraith, que mexia com seu iPhone.

— Você descobriu mais alguma coisa sobre o colar em volta do pescoço de Sin?

— Não — Ele disse, sem tirar os olhos do aparelho. — Os demônios que fizeram isso são, tipo, lendários. Eu não posso encontrar qualquer prova de que existiam.

— Bem — disse Gem, — até dois dias, nós não tínhamos provas de que os Wargs Feast também existiam.

Sim, isso foi um choque total. Luc e Kar estavam agora ficando na casa de Nova York de Shade e Runa até que Tayla e Kynan conseguissem tirar do Aegis a ordem de morte contra Kar. Até agora, fazer isso tinha uma baixa prioridade (o Aegis e os militares ainda tentavam decidir se apagar os wargs era um curso desejável de ação, mesmo que a vacina de Eidolon tenha sido bem testada e estivesse sendo fabricada com a ajuda de USAMRIID). Para complicar as coisas, estava o fato de que ambas as agências paranormais estavam envolvidas por desenvolvimentos preocupantes, aparentemente não relacionados ao vírus warg no mundo humano.

O rio Nilo corria vermelho e embora os cientistas tenham determinado que a causa era a floração de algas tóxicas vermelhas, eles não podiam explicar como isso aconteceu da noite para o dia. Pior, as toxinas estavam sendo espalhadas pelo vento e os efeitos normalmente leves em seres humanos e animais (irritações respiratórias) tornaram-se mortais. Naturalmente, graças ao aparecimento da FS, o Aegis e o R-XR foram rápidos em culpar demônios também sobre o novo problema.

Shade cruzou seus braços sobre o peito.

— Então o que você está dizendo é que você não sabe como remover o colar ou libertar Sin de sua ligação com o warg.

— É isso o que eu estou dizendo — resmungou Wraith. Ele odiava não encontrar o que procurava. Apesar dele ter tido apenas um par de horas, ele não era o demônio mais paciente do mundo e, com a liberdade de Sin, e, possivelmente, sua vida em jogo, a ferida de Wraith especialmente se apertou. — Hoje à noite, Serena e eu podemos espionar em torno da região de Horun Sheoul. A maioria das lendas sobre os wargs Feast e seus criadores se originaram lá.

A porta do quarto de Con abriu-se e Luc saiu.

— Está feito — Sua voz estava estranhamente rouca.

— Ah, o que está feito?

Luc olhou para Eidolon e ele podia jurar que os olhos do warg estavam um pouco vermelhos, sua cor estava definitivamente manchada, um raro sinal de emoção no warg normalmente imperturbável.

— Ele não te disse? — Quando *E* balançou a cabeça, Luc praguejou. — Aquele merda. Ele me obrigou a fazer isso, *E*.

Alarme soou através Eidolon.

— *Fazer o quê?* — Ele não esperou Luc responder, abriu a porta, deu três passos e congelou.

— *Anéis de merda do inferno.* — Shade correu para a cama de Con, seu braço brilhando e Eidolon despediu seu dom também. — Que porra é essa que você fez, Luc?

— Você não pode ajudá-lo — disse Luc. — Eu quebrei seu pescoço depois de ter empurrado a lâmina através de sua caixa torácica. Pensei que você soubesse.

Eidolon tremeu com fúria demoníaca enquanto se virava para o paramé-dico e ele soube que seus olhos tornaram-se vermelhos.

— Por que ele fez isso e, caramba, por que você o ajudou?

— Ele disse algo sobre quebrar uma ligação com Sin e mantê-la segura. Eu devia a ele, eu devo tudo a vocês por salvarem minha vida. Por salvarem Kar e o bebê. Então ele me pediu para fazer isso e eu fiz. — A voz de Luc teve apenas um ligeiro tremor que a maioria não notaria. — Ele me fez jurar que levaria seu corpo para seu clã dentro de uma hora.

— Oh meu Deus. — Cada cabeça se voltou para Sin, que estava na porta, a mão sobre sua boca e horror em seus olhos. — Ele não está... Ele não pode estar...

Lore pegou-a em seus braços quando ela se quebrou em um

alto e fino gemido de tristeza que cortou o coração de Eidolon como uma lâmina de bisturi. Sua ligação com seus irmãos de raça sempre foi forte, mas ele nunca teve a mesma ligação física com Lore ou Sin. Mas pela primeira vez, ele sentiu Sin. Sentiu sua dor.

E quando ele olhou para seus irmãos, ele viu que eles sentiram isso também.

†††††

— Con! — Sin gritou seu nome várias vezes. Sua garganta doía e seus olhos pareciam como se fossem sair de sua cabeça a partir da pressão de seus gritos, mas tudo o que importava era chegar a ele. Ela saiu dos braços de Lore e correu para o lado de Con, seus pés escorregando no sangue que se juntou no chão. — Não, Con, não!

Atordoadada, apavorada e desesperada, ela agarrou a mão de Lore.

— Traga-o de volta! — Ela empurrou as mãos de Lore para coxa de Con. Ele ainda estava quente. Havia uma chance. Existia! — *Faça isso.*

— Eu não posso, Sin. — Lore gentilmente retirou seus dedos para fora dele. — A lâmina... É seu punhal de osso de Gargantua.

Impossível. Sua mão foi automaticamente para a bainha vazia em sua coxa. Oh, Deus. Aquele filho da puta tirou-o de alguma forma.

Luc limpou sua garganta.

— Ele fez-me usá-la. Disse que desta forma Lore não poderia trazê-lo de volta. Algo sobre a adaga ter propriedades mágicas que impedem o dom de Lore.

Sin mal ouviu a explicação de Luc, mal ouvia alguma coisa além dos gritos silenciosos em seus ouvidos.

— Seu bastardo!

Ela lançou-se em Luc, mas Shade pegou-a antes que o alcançasse. Ainda assim, a intenção de prejudicar Luc estava lá e a magia Haven agiu, fazendo a escrita nas paredes pulsar enquanto a dor rasgava em seu crânio como garras em seu cérebro. A agonia apagou sua visão e ela bateu no chão com o barulho de seus joelhos e gritos. Os braços de Shade apertaram-se a seu redor. E então, através da batida de sua cabeça, ela sentiu os outros, Eidolon, Wraith e Lore, ajeitando-se ao chão em torno dela. Alguém pegou sua mão. Alguém encostou em seu ombro. E então alguém... Wraith, ela percebeu, enfiou sua cabeça contra o peito enquanto seu mundo quebrava em um milhão de peças.

Vinte e Seis

Durante mil anos, Con teve pavor das três noites de lua cheia que o convertiam em uma criatura temida por humanos e demônios igualmente. Não era que ele odiasse ser a criatura, ou inclusive odiasse a agonia que acompanha-va a transformação, o que ele depreciava eram os trinta segundos de vulnerabilidade que acompanhavam a troca.

Agora, enquanto abria os olhos para olhar o céu escuro e a lua crescente, ofereceu uma saudação silenciosa, porque a noite era agora seu novo melhor amigo, e o dia era seu inimigo ao menos que o ritual se completasse. Instintivamente, pegou um bocado de ar, apesar de não ser necessário. Colocou a mão sobre seu coração, embora soubesse que não bateria.

Uma bota deu um empurrão na cadeira e ele moveu sua cabeça para a plataforma cerimonial em busca de seu amigo de infância, um homem nervoso cujo cabelo estava coberto por um lenço azul.

— Hey — Bom, ao menos sua voz continuava funcionando.

Aed sorriu.

— Como se sente estando em sua segunda vida?

Fazendo uma careta pela rigidez de seus músculos, Con se sentou.

— Sinto-me como quem desperdiçou a primeira.

— Melhor compensar com essa, ayeach? — O sotaque de Aed era uma mistura de escocês, dinamarquês e algo que tinha a metade

de um som, como uma algazarra para Con, que, diferente de seu velho amigo, passou tempo suficiente com humanos no mundo moderno para cultivar um sotaque que não soasse como se viesse diretamente de Beowulf.

— Sim. — Con provou seus novos membros, entendendo-os quando se sentou na plataforma de madeira e pele de veado, mas sentia-se muito parecido ao que fora antes que houvesse *ido à noite*.

— Luc. O warg que me trouxe...

— Deram-lhe uma passagem segura. Está longe.

Bem. Homem, esse maldito warg não queria fazer o que Con pedia. Con foi obrigado a lembrar que Luc devia a ele depois de salvá-lo da avalanche, por não falar que Con estivera ali para ajudar na cabana, salvando não apenas Luc, mas Kar e o bebê também. Claro, Luc não aceitara com facilidade. Suas últimas palavras foram, “*odeio você por isso, filho da puta*”.

Com fez uma careta de dor pela aguda pontada de fome no estômago.

— E você teve a honra de ver meu nascimento — Um nascimento vampi-ro. E um que estava obrigado a ocorrer em terreno dampiro. Se Con não fosse trazido aqui antes do anoitecer, sua vida teria terminado para sempre. Nada de segundas oportunidades. Que era o que aconteceu com sua filha séculos atrás.

Con grunhiu em assentimento, Aed agachou-se, arrastou uma espada através do pulso e o efeito em Con foi instantâneo. Suas presas perfuraram para baixo, a boca umedeceu-se e um grunhido baixo e faminto elevou-se em seu peito.

O sangue de um dampiro era necessário para essa parte do ritual, era crucial para dar uma camada adicional de proteção, algo que o separaria dos vampiros regulares (imunidade à água benta e capacidade de caminhar ao sol, que ao que parece se remontava às lendas mais antigas de vampiros). Com ainda seria suscetível a outras ameaças para vampiros (fogo, decapitação, estacas de madeira), mas... sim, quem não era?

Con apertou o braço de seu amigo e levou seu pulso a boca. Era bom, mas nada seria melhor que Sin.

Maldita seja.

O que ela estaria pensando agora mesmo? Desejou ter sido capaz de dizer a ela sobre a segunda oportunidade dampira, mas tudo o que podia fazer era tentar contatar Sin, nesses últimos segundos de lucidez que ia voltar. Que ela era sua, mas desta vez, não haveria nenhum laço de sangue ou de magia ou colares de vínculos.

Agora já não era dampiro, Con seria desterrado para sempre das terras dampiras, enviado para a noite com seus irmãos antes dele, como seu primo Aisling, a quem se supunha deveria ter substituído no Conselho Dampiro.

Já não precisava servir aos dampiros e sentia como se um enorme peso fosse tirado de seus ombros. Espalmou o peito, onde seu coração já não batia e sorriu. Filho da puta, isso era o que desejou desde o princípio. O porquê foi tão irresponsável com sua vida. Oh, desejou divertir-se, fazer tudo o que podia, mas o medo nunca esteve em jogo.

Porque no fundo, sabia que a morte era somente temporária. Sim morre-ria, poderia voltar e então estaria livre da vida dampira para sempre.

Excelente.

Atualmente seria governado pelo Conselho de Vampiros, sua história sobre como foi convertido em um vampiro, seria desconhecida. Inclusive os vampiros não sabiam nada da segunda oportunidade de um dampiro.

— É o suficiente, aí garoto. — Aed agarrou Con pelo cabelo e afastou-o de seu pulso. Ele passou a própria língua pela ferida para selar e logo ajudou Con a levantar-se. — E agora o quê?

— Agora — Con disse sombriamente. — Vou matar um homem lobo e reclamar minha mulher.

†††††

Sin sentia-se como o inferno e não aparentava muito melhor.

Não desejou deixar o hospital e, Deus, quão louco era que até não muito tempo atrás fizera todo o possível para evitar o lugar e agora a única coisa que queria fazer era ficar?

Sua família estava ali. E era tudo o que restara de Con. Era curioso como perdê-lo a fez se dar conta que, emparelhada ou não, ela estava vinculada a ele. Ele apropriou-se de seu coração e, agora que tinha ido, este pulsava como um pacote inútil em seu peito vazio, um órgão perdido e sem razão para bater.

Bom, isso não era de tudo verdade. Sempre ficava a vingança.

Ela não sabia quanto tempo demoraria, mas faria Raynor pagar por sua dor. A ideia a fez descobrir seus dentes em um tipo de careta semelhante a um sorriso severo enquanto ia a pé pelas ruas pigmentadas na periferia de Pittsburgh. Suas chamadas chegaram em forma de dor que irradiava desde o colar enquanto estava no escritório de Eidolon, aonde passara a noite. Nunca ficou sozinha, seus irmãos se asseguraram que um deles sempre estivesse com ela.

Era Eidolon quem estava ali quando chegou a chamada e ficou furioso, mas enquanto acompanhara-a até o Harrowgate, com as mãos atrás de suas costas e seu rosto contraído pela concentração, ela viu uma faísca de maldade em seus olhos que lhe gelaria até os ossos se houvesse pensado que sua mente estava trabalhando contra ela.

— Deixe-nos saber sua localização — ele dissera. — Leve seu tempo para chegar ali e tente que Raynor exponha seus planos genocidas.

— Não entendo...

— Apenas faça — Ele enfiou-a no Harrowgate, deixando-a amaldiçoando e quase chorando, de novo. Não por causa de Eidolon, mas sim porque tudo parecia lembrar Con. O Harrowgate, porque ela esteve ali com ele. O hospital, porque ele trabalhara ali. Os jeans, porque ele foi morto vestido com eles.

Oh, Deus.

Desesperada para não perdê-lo, pediu que ele completasse o vínculo com ela. E em seu lugar, ele suicidara-se e não precisava de um neurocirurgião para saber o porquê. Ele não desejou que ela perdesse sua liberdade. Foi tão maldita-mente insistente que ninguém ia ser dono dela outra vez, que nunca seria o único provedor da única

coisa que ela precisava para sobreviver e ele levou a sério. Ele fez o último sacrifício para honrar o que ela dissera.

E ela nunca teve a oportunidade de dizer a ele que a razão por que queria o vínculo não era porque não tinha outra opção. Era porque o amava.

Ela. O. Amava.

Isso era algo que nunca pensou que pudesse acontecer e dera-se conta muito tarde. Se pudesse voltar o tempo, a seu apartamento, ela mudaria tudo. Ela seria dele, ele seria seu e não estaria morto. Era possível, inclusive, que um vínculo mais forte com Con houvesse evitado que Raynor tivesse qualquer poder sobre ela.

Era tão idiota!

Alimentada pelo ódio e o remorso, parou diante da entrada com batedor metálico do depósito de sucata onde o colar a levara. Raynor estava dentro, não tinha dúvida disso. Depois de olhar a seu redor para se assegurar de que ninguém a via, tirou de sua mochila o telefone celular que Shade lhe dera e discou para Eidolon.

— Estou aqui. É um tipo de depósito de automóveis fora de Pittsburgh, perto do Harrowgate Gerunti — Sin não tinha ideia porque algumas das portas estavam nomeadas em honra a demônios, mas então, para ela não importava. Claro, seria bom encontrar uma porta Seminus.

— Bem. Tenha cuidado — Eidolon falou antes que ela pudesse dizer algo mais.

Abriu a porta irregular e avançou entre a sucata de carros. Movimento a rodeavam, gente olhando desde os recessos escurecidos e posições ocultas. Não tinha dúvida de que eram *varcolac*, patrulhando por inimigos com cachorros do depósito de sucata.

Encontrou Raynor perto do maleiro de um Corvette destruído. A fumaça de um cigarro flutuava pelo ar desde sua mão e sorria enquanto tomava uma tragada. O ódio rodava sobre ela com tal intensidade, que picava sua pele.

— Estou aqui seu puto — ela vociferou.

Ele deixou escapar um bocado de fumaça.

— Demorou muito tempo.

— O que quer? E por que estamos em um maldito depósito de sucata?

— Porque sou o dono.

Ela olhou a seu redor, abrangeu os pedaços de merda oxidada dos carros, os ratos que deslizavam rapidamente e os pneus podres.

— Deve estar muito orgulhoso. — Ele lhe deu uma bofetada tão forte que seus dentes se sacudiram e pulsaram os olhos, mas negou-se a reagir, exceto para dizer com escárnio: — Deve ter escutado como gosto dos jogos prelimina-res. — Exceto que ela não gostava. Até Con. *Oh, Deus*. Seus joelhos quase dobra-ram e teve que bloquear a fim de se manter em pé.

— Espero que goste muito, porque com sua boca, consegui-los-á sem parar.

— Que bom — ela disse secamente. — Porque me encantam os homens que tem que demonstrar sua masculinidade batendo nas mulheres. Bate em crianças e chuta gatinhos também?

Ele começou a rir.

— Você não é mulher. Você é uma abominação mestiça que ainda tem sorte de não ter sido detectada por um Purificador.

Os Purificadores eram demônios (de qualquer espécie) que caçavam mestiços por diversão ou dinheiro, ou simplesmente por um retorcido sentido de responsabilidade. No mundo dos demônios, todos os mestiços com sangue humano mereciam morrer. E ela encontrou Purificadores antes. Apenas matara-os antes que eles a matassem.

— Então, é por isso que estou aqui? Para que possa usar esse fenômeno mestiço como saco de boxe?

— Vou levar-lhe ao povo warg que visitou com Conall. Vai infectar alguns *pricolici* com algo que transmita aos outros.

A bochecha dela palpitava pelo seu golpe e ela verificou um dente com a língua.

— É completamente estúpido? Já passamos por isso antes. A última vez que fiz isso o vírus sofreu mutação. O que faz você pensar que este vai ser diferente? Poderia terminar matando a seu próprio povo.

Raynor deu uma traga em seu cigarro e Sin de repente se perguntou se os wargs transformados teriam câncer de pulmão. Esperava que sim.

— E eu te disse: não se os *pricolici* forem contidos. A versão warg de Dragaica acaba de começar. — Ao que deve ter sido um olhar de “que diabos é isso” na cara dela, ele rodou seus olhos. — O festival de verão Romeno — ele disse, como se ela devesse saber tudo sobre as festas da Romênia. — Muito importante para os wargs nascidos. Na cidade que visitou com Con acontecerá a maior reunião de *pricolici* do ano e agora que a vacina contra a FS começou, há ainda muito mais razões para celebrar. Quase todos os *pricolici* do mundo estarão ali. — Raynor fez mais uma pausa para tomar outra tragada e Sin sentiu que a bília subia até a garganta, limpando-a asperamente com repugnância e ódio. — Vamos colocar barras na porta, eles adoeceriam e morreriam dentro dos limites de suas próprias paredes. A beleza disto é que mesmo que nem todos os *pricolici* sejam destruídos, a raça será debilitada, dispersa ao vento e os *varcolac* finalmente se converterão na espécie warg dominante.

— Você — ela disse com a voz rouca, — é um doente filho da puta.

Raynor deu de ombros.

— Segundo o olho do espectador. — Franziu a testa e, ao mesmo tempo, Sin captou o som de... uma briga? Silenciada... e vinda de várias direções, mas definitivamente a luta continuava. Amaldiçoando, Raynor jogou-a de bunda no chão, agarrou o braço de Sin e arrastou-a para a parte de cima do depósito de sucata.

Do nada, apareceu Wraith, bloqueando a saída de Raynor.

— Hey. Aonde vai? — A mão de Ray tencionou-se sobre os bíceps de Sin. — Um de seus irmãos, suponho?

— Sim. O mau. Oh, espera, todos são maus. — Ela sorriu. —

Está tão fodido.

Ray grunhiu para Wraith.

— Dá-se conta que se me machucar ela sofre?

— Sim — Wraith disse arrastando as palavras. — Uma merda, porque gostaria de lhe moer a murros.

A seu redor as sombras moveram-se e delas, o resto de seus irmãos, além de Kynan, Luc, Tayla e um tipo que ela pensou que poderia ser um Guardião, rodearam-nos. *Pensou* era a palavra chave, porque o homem alto e loiro pare-cia-se para caramba com um vampiro e não acreditava que o Aegis empregava sanguessugas. Apesar de supor que se eles poderiam ter um meio demônio cuidando de uma célula, um vampiro não poderia ser um grande problema.

Sin dirigiu seu olhar para Eidolon. Junto dele encontravam-se duas mulheres Judicia, com sua pele verde inquietamente luminosa à luz da lua. Logo ela ouviu o clique das armas sendo preparadas e droga se ela não quase teve um ataque do coração.

Homens de preto com uma equipe da SWAT apareceram através do recinto como formigas. Esse seria o R-XR? Aqui? Trabalhando com demônios?

— O que está acontecendo? — Raynor praticamente gritou.

— Estão matando minha gente!

— Apenas os que nos atacam — Kynan disse. — O resto está sendo detido. Se forem membros produtivos e inocentes da sociedade, serão liberados.

Shade bufou.

— Algo me diz que muitos deles vão apodrecer em algumas instalações de campos militares.

— Libere-os e eu libero Sin — Raynor disse com ênfase e puxou-a brutal-mente contra ele.

— Sinto muito amigo — Eidolon disse friamente, — mas o momento de negociar passou quando colocou esse colar nela.

— Se me tocar...

— Sei, sei, ela morre, bla, bla — A voz de Con chegou atrás dela e Sin se virou, ou fez o melhor que pode, já que ainda era sustentada por Ray.

— Con? — Ela gaguejou.

Ele moveu-se como um fantasma através do labirinto de veículos, colo-cando a mão ao redor do pescoço de um homem brutalmente golpeado, um da aldeia warg e das terras dampirás.

— O quê? Pensou que poderia se desfazer de mim tão facilmente?

Ela sorriu tão amplamente que lhe doía e as lágrimas brotavam de seus olhos, e vá, era uma torneira ultimamente.

— Como? Oh, Deus meu, como está aqui?

Tinha algo diferente nele. Continuava sendo tão sexy como sempre, mas talvez um pouco mais pálido. E a maneira de se mover... Antes era como uma pantera em movimento. Agora, era como uma pantera fantasma... silenciosa, mas elegante e mortal. Como se os mais potentes, mais poderosos elementos fossem destilados, deixando nada mais que a graça crua e uma presença assustadora. Deus era tão ardente. Seu desejo sexual, que esteve tão morto como ela acreditava que ele estivesse nas últimas vinte horas, rugiu de novo a vida.

— É uma longa história. Quando chamei Eidolon faz uns minutos, disse que estaria aqui, então aqui estou. — Ele empurrou o macho para frente. — Trouxe algo. Este é Valko, se não se recordam. Ele vai fazer com que Lycus pare de atacar. — A mão de Con bateu na garganta do warg. — Não é assim?

Valko grunhiu.

— Não, não o farei. E se me matar sem um desafio formal, enfrentará uma sentença de morte dampirás.

— Vampira. E não vou matar você. — Con sorriu, as presas intermitentes pareciam um pouco maiores que antes. — Preciso que

viva para que possa tomar qualquer castigo que me seja imposto, e a Wraith, e a Eidolon por manter Sin fora das mãos do Carceris. — Ele olhou para Eidolon. — Aos voluntários se permite fazer isso, certo?

Eidolon sorriu.

— Diabos, sim.

— Nunca serei voluntário — Valko gritou e Eidolon deu de ombros.

— Será se quiser sua vacina FS.

— Já tenho.

— Tem uma injeção de B-12[1]. Ideia de Con. — Ele deslizou um olhar de aprovação para Con. — Bem pensado homem.

— Obrigado. — A voz de Con era agradável, como se ele não estivesse agarrando um warg enfurecido em meio a uma situação tão tensa que o ar parecia pesado. Empurrou Valko ao chão e fez um gesto para Raynor. — Liberte Sin. Esta é sua última advertência.

— Não o farei. E se você me colocar uma condenada injeção de vitamina, sua irmã morre comigo.

— Você, infelizmente, recebeu a real. — Eidolon deu um passo para frente com os demônios verdes. — E gostaria que conhecesse minhas outras irmãs, Omira e Ravan.

Certo... Sin lembrava algo sobre Eidolon ter crescido com Omira, mas Ravan nasceu muito tempo depois que ele abandonou a casa.

Raynor bufou.

— Pareço com o capitão Kirk? Porque já disse a Sin que não falo com demônios. Especialmente os verdes e feios como um rabo.

Omira riu curiosamente um som formoso, dado que na realidade ela não era tão atrativa.

— Meu irmão estava certo. Vou desfrutar disso. — Procurou dentro de sua maleta de couro e tirou uma corda fina dourada em forma de oito — Uma acusação foi feita contra você por... bom, todos os presentes. A acusação é de conspiração para cometer genocídio. Considero você culpado.

— O quê? — A voz de Raynor era estrangulada. — Não pode fazer isso! Quem é você?

Eidolon deu uns tapinhas no ombro de Omira.

— Ela é uma executora de Justiça. Sem dúvida pode fazê-lo.

Os olhos de Ray quase saíram de sua cabeça.

— Não. O Carceris deve me prender primeiro e depois...

— O Carceris é chamado apenas para capturar aqueles que têm encargos pendentes, que são procurados para serem interrogados, ou que devem ser custodiados durante uma investigação ou julgamento. — Ela moveu-se para ele. — Porque eu escutei sua conspiração, tenho a autoridade de ser juiz, júri... e carrasco.

Alguém deve ter dado um sinal silencioso, porque seus irmãos e Kynan se precipitaram sobre Ray e Con arrancou Sin das garras do warg. Ele sustentou-a com tanta força que apenas poderia respirar, mas não se importava. Não importava. A única coisa que importava era que ele estava vivo.

— Tenho-a — ele murmurou contra seu cabelo. — Sempre a terei.

Ela teria se derretido ante suas palavras, mas Raynor estava sendo machucado e em resposta doíam seus braços, as articulações sentiam-se estendidas, seus braços e pernas feridas quando os meninos tiraram Raynor do chão. Era óbvio que se estavam contendo, tentando ser amáveis, mas Ray estava lutando contra eles.

— Se me matar, ela morre — ele gritou, e sim, isso era uma preocupação.

— Apenas olhe — Con disse. — Cada membro da Judicia usa restrições similares as que têm o Carceris. Anulam toda a magia e

todas as habilidades sobrenaturais e naturais. Enquanto ele estiver usando a corda...

— O vínculo com ele será quebrado — ela terminou, em um suspiro emocionado. De alguma forma, Ray separou-se e colocou-se de pé, e bem, ela estava farta disso. — Garotos? Machuque-o! Posso suportar.

Lore dobrou o braço de Ray para trás dele e, sim, doía endemoniadamente. O grunhido de Ray foi cortado e por um instante ela pensou que um de seus irmãos tinha lhe dado um soco na garganta. Mas quando, pelo canto do olho, viu Lycus sair detrás de um guindaste e que jorros de sangue brotavam desde a garganta de Raynor, a respiração converteu-se em um nó de fogo em sua própria garganta e deu-se conta do que havia acontecido.

Ela e Raynor foram assassinados.

[1] Vitamina do complexo B.

Vinte e Sete

Durante mil anos, Con teve pavor das três noites de lua cheia que o convertiam em uma criatura temida por humanos e demônios igualmente. Não era que ele odiasse ser a criatura, ou inclusive odiasse a agonia que acompanha-va a transformação, o que ele depreciava eram os trinta segundos de vulnerabilidade que acompanhavam a troca.

Agora, enquanto abria os olhos para olhar o céu escuro e a lua crescente, ofereceu uma saudação silenciosa, porque a noite era agora seu novo melhor amigo, e o dia era seu inimigo ao menos que o ritual se completasse. Instintivamente, pegou um bocado de ar, apesar de não ser necessário. Colocou a mão sobre seu coração, embora soubesse que não bateria.

Uma bota deu um empurrão na cadeira e ele moveu sua cabeça para a plataforma cerimonial em busca de seu amigo de infância, um homem nervoso cujo cabelo estava coberto por um lenço azul.

— Hey — Bom, ao menos sua voz continuava funcionando.

Aed sorriu.

— Como se sente estando em sua segunda vida?

Fazendo uma careta pela rigidez de seus músculos, Con se sentou.

— Sinto-me como quem desperdiçou a primeira.

— Melhor compensar com essa, ayech? — O sotaque de Aed era uma mistura de escocês, dinamarquês e algo que tinha a metade de um som, como uma algazarra para Con, que, diferente de seu velho amigo, passou tempo suficiente com humanos no mundo moderno para cultivar um sotaque que não soasse como se viesse diretamente de Beowulf.

— Sim. — Con provou seus novos membros, entendendo-os quando se sentou na plataforma de madeira e pele de veado, mas sentia-se muito parecido ao que fora antes que houvesse *ido à noite*.

— Luc. O warg que me trouxe...

— Deram-lhe uma passagem segura. Está longe.

Bem. Homem, esse maldito warg não queria fazer o que Con pedia. Con foi obrigado a lembrar que Luc devia a ele depois de salvá-lo da avalanche, por não falar que Con estivera ali para ajudar na cabana, salvando não apenas Luc, mas Kar e o bebê também. Claro, Luc não aceitara com facilidade. Suas últimas palavras foram, “*odeio você por isso, filho da puta*”.

Con fez uma careta de dor pela aguda pontada de fome no estômago.

— E você teve a honra de ver meu nascimento — Um nascimento vampi-ro. E um que estava obrigado a ocorrer em terreno dampiro. Se Con não fosse trazido aqui antes do anoitecer, sua vida teria terminado para sempre. Nada de segundas oportunidades. Que era o que aconteceu com sua filha séculos atrás.

Con grunhiu em assentimento, Aed agachou-se, arrastou uma espada através do pulso e o efeito em Con foi instantâneo. Suas presas perfuraram para baixo, a boca umedeceu-se e um grunhido baixo e faminto elevou-se em seu peito.

O sangue de um dampiro era necessário para essa parte do ritual, era crucial para dar uma camada adicional de proteção, algo que o separaria dos vampiros regulares (imunidade à água benta e capacidade de caminhar ao sol, que ao que parece se remontava às lendas mais antigas de vampiros). Com ainda seria suscetível a outras ameaças para vampiros (fogo, decapitação, estacas de madeira), mas... sim, quem não era?

Con apertou o braço de seu amigo e levou seu pulso à boca. Era bom, mas nada seria melhor que Sin.

Maldita seja.

O que ela estaria pensando agora mesmo? Desejou ter sido capaz de dizer a ela sobre a segunda oportunidade dampira, mas tudo o que podia fazer era tentar contatar Sin, nesses últimos segundos de

lucidez que ia voltar. Que ela era sua, mas desta vez, não haveria nenhum laço de sangue ou de magia ou colares de vínculos.

Agora já não era dampiro, Con seria desterrado para sempre das terras dampiras, enviado para a noite com seus irmãos antes dele, como seu primo Aisling, a quem se supunha deveria ter substituído no Conselho Dampiro.

Já não precisava servir aos dampiros e sentia como se um enorme peso fosse tirado de seus ombros. Espalmou o peito, onde seu coração já não batia e sorriu. Filho da puta, isso era o que desejou desde o princípio. O porquê foi tão irresponsável com sua vida. Oh, desejou divertir-se, fazer tudo o que podia, mas o medo nunca esteve em jogo.

Porque no fundo, sabia que a morte era somente temporária. Sim morre-ria, poderia voltar e então estaria livre da vida dampira para sempre.

Excelente.

Atualmente seria governado pelo Conselho de Vampiros, sua história sobre como foi convertido em um vampiro, seria desconhecida. Inclusive os vampiros não sabiam nada da segunda oportunidade de um dampiro.

— É o suficiente, aí garoto. — Aed agarrou Con pelo cabelo e afastou-o de seu pulso. Ele passou a própria língua pela ferida para selar e logo ajudou Con a levantar-se. — E agora o quê?

— Agora — Con disse sombriamente. — Vou matar um homem lobo e reclamar minha mulher.

†††††

Sin sentia-se como o inferno e não aparentava muito melhor.

Não desejou deixar o hospital e, Deus, quão louco era que até não muito tempo atrás fizera todo o possível para evitar o lugar e agora a única coisa que queria fazer era ficar?

Sua família estava ali. E era tudo o que restara de Con. Era curioso como perdê-lo a fez se dar conta que, emparelhada ou não, ela estava vinculada a ele. Ele apropriou-se de seu coração e, agora que tinha ido, este pulsava como um pacote inútil em seu peito vazio, um órgão perdido e sem razão para bater.

Bom, isso não era de tudo verdade. Sempre ficava a vingança.

Ela não sabia quanto tempo demoraria, mas faria Raynor pagar por sua dor. A ideia a fez descobrir seus dentes em um tipo de careta semelhante a um sorriso severo enquanto ia a pé pelas ruas pigmentadas na periferia de Pittsburgh. Suas chamadas chegaram em forma de dor que irradiava desde o colar enquanto estava no escritório de Eidolon, aonde passara a noite. Nunca ficou sozinha, seus irmãos se asseguraram que um deles sempre estivesse com ela.

Era Eidolon quem estava ali quando chegou a chamada e ficou furioso, mas enquanto acompanhara-a até o Harrowgate, com as mãos atrás de suas costas e seu rosto contraído pela concentração, ela viu uma faísca de maldade em seus olhos que lhe gelaria até os ossos se houvesse pensado que sua mente estava trabalhando contra ela.

— Deixe-nos saber sua localização — ele dissera. — Leve seu tempo para chegar ali e tente que Raynor exponha seus planos genocidas.

— Não entendo...

— Apenas faça — Ele enfiou-a no Harrowgate, deixando-a amaldiçoando e quase chorando, de novo. Não por causa de Eidolon, mas sim porque tudo parecia lembrar Con. O Harrowgate, porque ela esteve ali com ele. O hospital, porque ele trabalhara ali. Os jeans, porque ele foi morto vestido com eles.

Oh, Deus.

Desesperada para não perdê-lo, pediu que ele completasse o vínculo com ela. E em seu lugar, ele suicidara-se e não precisava de um neurocirurgião para saber o porquê. Ele não desejou que ela perdesse sua liberdade. Foi tão maldita-mente insistente que ninguém ia ser dono dela outra vez, que nunca seria o único provedor da única coisa que ela precisava para sobreviver e ele levou a sério. Ele fez o último sacrifício para honrar o que ela dissera.

E ela nunca teve a oportunidade de dizer a ele que a razão por

que queria o vínculo não era porque não tinha outra opção. Era porque o amava.

Ela. O. Amava.

Isso era algo que nunca pensou que pudesse acontecer e dera-se conta muito tarde. Se pudesse voltar o tempo, a seu apartamento, ela mudaria tudo. Ela seria dele, ele seria seu e não estaria morto. Era possível, inclusive, que um vínculo mais forte com Con houvesse evitado que Raynor tivesse qualquer poder sobre ela.

Era tão idiota!

Alimentada pelo ódio e o remorso, parou diante da entrada com batedor metálico do depósito de sucata onde o colar a levava. Raynor estava dentro, não tinha dúvida disso. Depois de olhar a seu redor para se assegurar de que ninguém a via, tirou de sua mochila o telefone celular que Shade lhe dera e discou para Eidolon.

— Estou aqui. É um tipo de depósito de automóveis fora de Pittsburgh, perto do Harrowgate Gerunti — Sin não tinha ideia porque algumas das portas estavam nomeadas em honra a demônios, mas então, para ela não importava. Claro, seria bom encontrar uma porta Seminus.

— Bem. Tenha cuidado — Eidolon falou antes que ela pudesse dizer algo mais.

Abriu a porta irregular e avançou entre a sucata de carros. Movimento a rodeavam, gente olhando desde os recessos escurecidos e posições ocultas. Não tinha dúvida de que eram *varcolac*, patrulhando por inimigos com cachorros do depósito de sucata.

Encontrou Raynor perto do maleiro de um Corvette destruído. A fumaça de um cigarro flutuava pelo ar desde sua mão e sorria enquanto tomava uma tragada. O ódio rodava sobre ela com tal intensidade, que picava sua pele.

— Estou aqui seu puto — ela vociferou.

Ele deixou escapar um bocado de fumaça.

— Demorou muito tempo.

— O que quer? E por que estamos em um maldito depósito de sucata?

— Porque sou o dono.

Ela olhou a seu redor, abrangeu os pedaços de merda oxidada dos carros, os ratos que deslizavam rapidamente e os pneus podres.

— Deve estar muito orgulhoso. — Ele lhe deu uma bofetada tão forte que seus dentes se sacudiram e pulsaram os olhos, mas negou-se a reagir, exceto para dizer com escárnio: — Deve ter escutado como gosto dos jogos preliminares. — Exceto que ela não gostava. Até Con. *Oh, Deus*. Seus joelhos quase dobra-ram e teve que bloquear a fim de se manter em pé.

— Espero que goste muito, porque com sua boca, consegui-los-á sem parar.

— Que bom — ela disse secamente. — Porque me encantam os homens que tem que demonstrar sua masculinidade batendo nas mulheres. Bate em crianças e chuta gatinhos também?

Ele começou a rir.

— Você não é mulher. Você é uma abominação mestiça que ainda tem sorte de não ter sido detectada por um Purificador.

Os Purificadores eram demônios (de qualquer espécie) que caçavam mestiços por diversão ou dinheiro, ou simplesmente por um retorcido sentido de responsabilidade. No mundo dos demônios, todos os mestiços com sangue humano mereciam morrer. E ela encontrou Purificadores antes. Apenas matara-os antes que eles a matassem.

— Então, é por isso que estou aqui? Para que possa usar esse fenômeno mestiço como saco de boxe?

— Vou levar-lhe ao povo warg que visitou com Conall. Vai infectar alguns *pricolici* com algo que transmita aos outros.

A bochecha dela palpitava pelo seu golpe e ela verificou um dente com a língua.

— É completamente estúpido? Já passamos por isso antes. A

última vez que fiz isso o vírus sofreu mutação. O que faz você pensar que este vai ser diferente? Poderia terminar matando a seu próprio povo.

Raynor deu uma traga em seu cigarro e Sin de repente se perguntou se os wargs transformados teriam câncer de pulmão. Esperava que sim.

— E eu te disse: não se os *pricolici* forem contidos. A versão warg de Dragaica acaba de começar. — Ao que deve ter sido um olhar de “que diabos é isso” na cara dela, ele rodou seus olhos. — O festival de verão Romeno — ele disse, como se ela devesse saber tudo sobre as festas da Romênia. — Muito importante para os wargs nascidos. Na cidade que visitou com Con acontecerá a maior reunião de *pricolici* do ano e agora que a vacina contra a FS começou, há ainda muito mais razões para celebrar. Quase todos os *pricolici* do mundo estarão ali. — Raynor fez mais uma pausa para tomar outra tragada e Sin sentiu que a bÍlis subia até a garganta, limpando-a asperamente com repugnância e ódio. — Vamos colocar barras na porta, eles adoeceriam e morreriam dentro dos limites de suas próprias paredes. A beleza disto é que mesmo que nem todos os *pricolici* sejam destruídos, a raça será debilitada, dispersa ao vento e os *varcolac* finalmente se converterão na espécie warg dominante.

— Você — ela disse com a voz rouca, — é um doente filho da puta.

Raynor deu de ombros.

— Segundo o olho do espectador. — Franziu a testa e, ao mesmo tempo, Sin captou o som de... uma briga? Silenciada... e vinda de várias direções, mas definitivamente a luta continuava. Amaldiçoando, Raynor jogou-a de bunda no chão, agarrou o braço de Sin e arrastou-a para a parte de cima do depósito de sucata.

Do nada, apareceu Wraith, bloqueando a saída de Raynor.

— Hey. Aonde vai? — A mão de Ray tencionou-se sobre os bíceps de Sin. — Um de seus irmãos, suponho?

— Sim. O mau. Oh, espera, todos são maus. — Ela sorriu. — Está tão fodido.

Ray grunhiu para Wraith.

— Dá-se conta que se me machucar ela sofre?

— Sim — Wraith disse arrastando as palavras. — Uma merda, porque gostaria de lhe moer a murros.

A seu redor as sombras moveram-se e delas, o resto de seus irmãos, além de Kynan, Luc, Tayla e um tipo que ela pensou que poderia ser um Guardião, rodearam-nos. *Pensou* era a palavra chave, porque o homem alto e loiro pare-cia-se para caramba com um vampiro e não acreditava que o Aegis empregava sanguessugas. Apesar de supor que se eles poderiam ter um meio demônio cuidando de uma célula, um vampiro não poderia ser um grande problema.

Sin dirigiu seu olhar para Eidolon. Junto dele encontravam-se duas mulheres Judicia, com sua pele verde inquietamente luminosa à luz da lua. Logo ela ouviu o clique das armas sendo preparadas e droga se ela não quase teve um ataque do coração.

Homens de preto com uma equipe da SWAT apareceram através do recinto como formigas. Esse seria o R-XR? Aqui? Trabalhando com demônios?

— O que está acontecendo? — Raynor praticamente gritou.
— Estão matando minha gente!

— Apenas os que nos atacam — Kynan disse. — O resto está sendo detido. Se forem membros produtivos e inocentes da sociedade, serão liberados.

Shade bufou.

— Algo me diz que muitos deles vão apodrecer em algumas instalações de campos militares.

— Libere-os e eu libero Sin — Raynor disse com ênfase e puxou-a brutal-mente contra ele.

— Sinto muito amigo — Eidolon disse friamente, — mas o momento de negociar passou quando colocou esse colar nela.

— Se me tocar...

— Sei, sei, ela morre, bla, bla — A voz de Con chegou atrás dela e Sin se virou, ou fez o melhor que pode, já que ainda era sustentada por Ray.

— Con? — Ela gaguejou.

Ele moveu-se como um fantasma através do labirinto de veículos, colo-cando a mão ao redor do pescoço de um homem brutalmente golpeado, um da aldeia warg e das terras dampiras.

— O quê? Pensou que poderia se desfazer de mim tão facilmente?

Ela sorriu tão amplamente que lhe doía e as lágrimas brotavam de seus olhos, e vá, era uma torneira ultimamente.

— Como? Oh, Deus meu, como está aqui?

Tinha algo diferente nele. Continuava sendo tão sexy como sempre, mas talvez um pouco mais pálido. E a maneira de se mover... Antes era como uma pantera em movimento. Agora, era como uma pantera fantasma... silenciosa, mas elegante e mortal. Como se os mais potentes, mais poderosos elementos fossem destilados, deixando nada mais que a graça crua e uma presença assustadora. Deus era tão ardente. Seu desejo sexual, que esteve tão morto como ela acreditava que ele estivesse nas últimas vinte horas, rugiu de novo a vida.

— É uma longa história. Quando chamei Eidolon faz uns minutos, disse que estaria aqui, então aqui estou. — Ele empurrou o macho para frente. — Trouxe algo. Este é Valko, se não se recordam. Ele vai fazer com que Lycus pare de atacar. — A mão de Con bateu na garganta do warg. — Não é assim?

Valko grunhiu.

— Não, não o farei. E se me matar sem um desafio formal, enfrentará uma sentença de morte dampira.

— Vampira. E não vou matar você. — Con sorriu, as presas intermitentes pareciam um pouco maiores que antes. — Preciso que viva para que possa tomar qualquer castigo que me seja imposto, e a Wraith, e a Eidolon por manter Sin fora das mãos do Carceris. — Ele

olhou para Eidolon. — Aos voluntários se permite fazer isso, certo?

Eidolon sorriu.

— Diabos, sim.

— Nunca serei voluntário — Valko gritou e Eidolon deu de ombros.

— Será se quiser sua vacina FS.

— Já tenho.

— Tem uma injeção de B-12[1]. Ideia de Con. — Ele deslizou um olhar de aprovação para Con. — Bem pensado homem.

— Obrigado. — A voz de Con era agradável, como se ele não estivesse agarrando um warg enfurecido em meio a uma situação tão tensa que o ar parecia pesado. Empurrou Valko ao chão e fez um gesto para Raynor. — Liberte Sin. Esta é sua última advertência.

— Não o farei. E se você me colocar uma condenada injeção de vitamina, sua irmã morre comigo.

— Você, infelizmente, recebeu a real. — Eidolon deu um passo para frente com os demônios verdes. — E gostaria que conhecesse minhas outras irmãs, Omira e Ravan.

Certo... Sin lembrava algo sobre Eidolon ter crescido com Omira, mas Ravan nasceu muito tempo depois que ele abandonou a casa.

Raynor bufou.

— Pareço com o capitão Kirk? Porque já disse a Sin que não falo com demônios. Especialmente os verdes e feios como um rabo.

Omira riu curiosamente um som formoso, dado que na realidade ela não era tão atrativa.

— Meu irmão estava certo. Vou desfrutar disso. — Procurou dentro de sua maleta de couro e tirou uma corda fina dourada em

forma de oito — Uma acusação foi feita contra você por... bom, todos os presentes. A acusação é de conspiração para cometer genocídio. Considero você culpado.

— O quê? — A voz de Raynor era estrangulada. — Não pode fazer isso! Quem é você?

Eidolon deu uns tapinhas no ombro de Omira.

— Ela é uma executora de Justiça. Sem dúvida pode fazê-lo.

Os olhos de Ray quase saíram de sua cabeça.

— Não. O Carceris deve me prender primeiro e depois...

— O Carceris é chamado apenas para capturar aqueles que têm encargos pendentes, que são procurados para serem interrogados, ou que devem ser custodiados durante uma investigação ou julgamento. — Ela moveu-se para ele. — Porque eu escutei sua conspiração, tenho a autoridade de ser juiz, júri... e carrasco.

Alguém deve ter dado um sinal silencioso, porque seus irmãos e Kynan se precipitaram sobre Ray e Con arrancou Sin das garras do warg. Ele sustentou-a com tanta força que apenas poderia respirar, mas não se importava. Não importava. A única coisa que importava era que ele estava vivo.

— Tenho-a — ele murmurou contra seu cabelo. — Sempre a terei.

Ela teria se derretido ante suas palavras, mas Raynor estava sendo machucado e em resposta doíam seus braços, as articulações sentiam-se esten-didas, seus braços e pernas feridas quando os meninos tiraram Raynor do chão. Era óbvio que se estavam contendo, tentando ser amáveis, mas Ray estava lutando contra eles.

— Se me matar, ela morre — ele gritou, e sim, isso era uma preocupação.

— Apenas olhe — Con disse. — Cada membro da Judicia usa restrições similares as que têm o Carceris. Anulam toda a magia e todas as habilidades sobrenaturais e naturais. Enquanto ele estiver usando a corda...

— O vínculo com ele será quebrado — ela terminou, em um suspiro emocionado. De alguma forma, Ray separou-se e colocou-se de pé, e bem, ela estava farta disso. — Garotos? Machuque-o! Posso suportar.

Lore dobrou o braço de Ray para trás dele e, sim, doía endemoniadamente. O grunhido de Ray foi cortado e por um instante ela pensou que um de seus irmãos tinha lhe dado um soco na garganta. Mas quando, pelo canto do olho, viu Lycus sair detrás de um guindaste e que jorros de sangue brotavam desde a garganta de Raynor, a respiração converteu-se em um nó de fogo em sua própria garganta e deu-se conta do que havia acontecido.

Ela e Raynor foram assassinados.

[1] Vitamina do complexo B.

Vinte e Oito

— Você está louco? — Sin perguntou a Lore, quando eles estavam em frente à porta de Eidolon. Ele acabou de esboçar seu plano para ela e ela estava prestes a cair. — Eu sei que eles estiveram todos fraternais e tal, mas eles nunca farão isto. Nunca. E você vai se sentir como um idiota.

Lore, vestindo uma camisa preta apertada, jeans e botas de combate, deu de ombros.

— Se eles não farão, é uma escolha deles e eu entendo.

— Uh-huh. — Sin apertou os punhos em seus quadris vestidos de couro. — O que Idess tem a dizer sobre isso?

— Ela não sabe. Quero dizer, ela sabe que eu pretendo fazer, mas ela não sabe que eu vou pedir agora. Eu não quero que eles sintam qualquer tipo de pressão e eu não quero que ela se sinta mal se eles recusarem. Ela estará aqui em cerca de quinze minutos.

Sin apenas balançou a cabeça. Lore estava a um inferno de uma decepção. Seus irmãos foram um poço de apoio, sim, mas isso... isso era pedir demais.

†††††

Con já estava lá dentro, parecendo fabuloso em um jeans meia-noite e uma camisa prata de abotoar que realçava seus olhos.

Todo mundo estava lá na sala, exceto Idess. Mesmo Kynan e Gem chegaram. E falando sério, como pode uma garota grávida ficar tão bonita vestida de gótica?

Tomando a mão de Con, Sin ficou atrás de Lore, pronta para estar lá para ele quando seus irmãos recusassem seu pedido.

Runa e Shade estavam no chão com seus trigêmeos, que rastejavam e brincavam com o cão e o furão, que continuavam a roubar seus brinquedos.

Eidolon estava na cadeira de couro estofado com Tayla em seu colo, enquanto Wraith estava esparramado no sofá com uma tigela de pipoca, com os braços abertos em torno de Serena, que segurava um Stewie dormindo.

— Então, qual é? O que é esse favor que você precisa?

Os olhos de todos estavam em Lore e o coração de Sin acelerou.

— Ah... — Lore deslocou seu peso.

— Desembuche homem — Shade disse.

— Sim, isso — Lore murmurou e Sin gemeu.

— O quê? — Isso foi de Eidolon.

— Eu preciso de seu esperma — Lore deixou escapar. Shade, que estava bebendo um refrigerante, engasgou. Todos os outros ficaram boquiabertos. Sin gemeu de novo. Tato nunca foi um dos itens na personalidade de seu irmão.

Finalmente, Runa disse baixinho: — Você quer um bebê.

— Sim. — Lore olhou para o chão e o coração de Sin quebrou por ele. — Você sabe que eu sou estéril. Esta merda de mestiço. Mas Idess e eu... queremos uma família. Como não posso dar a ela, eu esperava talvez... Bem, a próxima melhor coisa seria um irmão. — Ele tomou uma respiração profunda, estremecendo. — Se vocês não quiserem, eu entendo. Está tudo bem.

Todos os irmãos se entreolharam. Em seguida, olharam para suas companheiras. Deus, Sin poderia ter cortado a tensão com uma faca. Ela agarrou a mão de Lore com a vazia.

— Hey, talvez nós devêssemos ir. Dê-lhes tempo...

— Não — Tayla disse. — Eu não acho que haja sequer o que considerar. — Ela sorriu para Eidolon, que respondeu entortando os lábios. — Se você precisa disso, você terá. — Seu sorriso ficou muito, muito perverso. — Mas você vai ter que esperar até acabarmos com isso. Nós vamos usar tudo isso por um tempo.

Eidolon iluminou-se e ele puxou Tayla para um abraço esmagador, a palma da mão foi direto para sua barriga antes de olhar para Lore.

— É, mano, você conseguiu. Talvez tão cedo como amanhã.

Wraith revirou os olhos para o casal feliz, mas depois de receber um aceno de cabeça de Serena, ele virou-se para Lore e balbuciou: — Inferno, eu vou desistir.

Shade deu de ombros.

— Sim.

Sin cedeu contra Con, aliviada, feliz e impressionada por esta família incrível. Como ela foi estúpida por não querer conhecê-los.

— Trouxe cerveja — Idess gritou do salão e quando ela entrou na sala de estar, Sin só poderia imaginar o que ela sentiria com os sorrisos que vieram de todos os cantos.

— Oh — ela respirou e cortou seu olhar para Lore. — Você... perguntou...?

Lore estendeu os braços e ela correu para ele, os olhos marejados de lágrimas de alegria.

— Obrigada — ela disse, para ninguém em particular. — Oh, obrigada.

— Sim, sim, nós somos heróis — Wraith murmurou e então um sorriso brilhante e arrogante iluminou seu rosto. — Oh, hey, eu realmente sou. Apocalipse, anjo caído, salvar o mundo...

Serena lhe deu um soco bem merecido no lado e ele disse “aiiii”.

Eidolon carinhosamente passou a mão para cima e para baixo no braço de Tayla, seus dedos acariciando a *dermoire* gravada em sua pele.

— Você pode acreditar como temos sorte? Demônios Seminus raramente tomam companheiras de vida, mas aqui estamos, todos nós acasalamos.

— E estamos vivos — acrescentou Shade.

— Isso é um choque total — Wraith jogou.

Gem riu para Wraith.

— Definitivamente, um milagre. Especialmente em seu caso, idiota.

— Não é um milagre.

Todas as cabeças chicotearam em torno de um homem alto e deslumbrante que estava na entrada da sala de estar. Sua espessa cortina de cabelo louro caía perfeitamente em torno de ombros largos, e suas calças pretas e camisa precisavam ser feitas para caber tão perfeitamente em seu corpo lindo.

— Reaver — Shade grunhiu e, bem, este foi o antigo anjo caído que lutou ao lado de Wraith em Israel. — Eu odeio quando você faz isso.

Reaver sorriu, um total derretedor de calcinha.

— Por que você acha que eu faço isso?

Eidolon apertou Tayla contra ele.

— Então, por que nossa situação não é um milagre?

— Porque tudo é predestinado, seu demônio tolo. Vocês todos desempenharam um papel na salvação do mundo e alguns de vocês têm muito mais a fazer. — Ele encolheu os ombros. — Está tudo

bem.

Wraith jogou algumas pipocas para o anjo.

— Você sabe que eu odeio a merda enigmática.

De repente, estavam todos atirando alimentos em Reaver e, enquanto eles engajavam-se no que fora provavelmente a batalha mais estranha entre anjos e demônios da história, Sin puxou Con para o corredor, longe dos risos e maldições.

— Eu não tive a oportunidade de agradecer-lhe.

— Sim, você teve.

— Por salvar minha vida, talvez. Mas não por me dar uma. — Ela estendeu a mão e segurou seu rosto. — Con, muito obrigada. Eu te amo tanto.

O calor irradiou dele e Sin perguntava-se por que ela nunca acreditara que os vampiros eram frios.

— Nós temos uma coisa boa aqui.

— Sim. — Sin pensou em seus irmãos, suas cunhadas, seus novos amigos e no fato de que em pé em frente a ela estava o companheiro mais perfeito do planeta. — Eu não consigo pensar em nada melhor.

— Isso *poderia* ficar melhor... algum dia.

Ela estreitou os olhos para ele.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer, o que Lore estava falando...

— Ah... eu não posso pedir aos meus irmãos por seus espermas. Porque com meu óvulo, isso é nojento.

Con riu, suas presas piscando sensualmente.

— Não eles. Eu.

Ela bateu em sua mão como ela fazia com seus sobrinhos.

— Querido, você é um vampiro.

— Sim, mas eu não sou um vampiro estúpido. Eu meio que planejei este cenário.

— Você tem alguns pequenos picolés?

— Isso. E eu dei amostras de tudo antes de Luc matar-me.

Seu coração deu um grande baque. Ela nunca quis filhos. Nunca sequer pensou em querê-los.

Mas como ela estava lá com o homem que amava, em uma casa cheia de família que ela nunca pensou que teria... ela percebeu que sim, ela os queria. Talvez não hoje, mas ela e Con teriam centenas de anos juntos e, nesse meio tempo, ela tinha muitos sobrinhos para brincar. Bem, é bom pensar no futuro, de qualquer maneira.

— É engraçado — ela disse, com um engate estranho em sua voz, — mas eu nunca quis estar amarrada a alguém. Nunca quis ser possuída ou pertencer a outra pessoa. Mas agora eu percebo que *pertencer* a alguém é completamente diferente. Eu pertencço a você, Con.

— E eu a você.

Ele beijou-a, selando-os com uma conexão que não a incomodava e que nunca seria quebrada.

Fim...



Esta obra foi traduzida pelo grupo de Tradução After Dark (TAD), com o intuito de propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato ebook. O grupo é ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. A Comunidade tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, a Traduções After Dark, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download do livro cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao **uso pessoal e privado**, e que deverá abster-se de postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, blog, sites e bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho do grupo, sem prévia e expressa autorização do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderão individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo-se os grupos citados no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.